

# Procissão do Senhor dos Passos

(Florianópolis, SC)



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



**PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO BRASIL**

Michel Temer

**MINISTRO DE ESTADO DA CULTURA**

Sérgio Sá Leitão

**PRESIDENTE DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO  
E ARTÍSTICO NACIONAL**

Kátia Bogéa

**DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL**

Hermano Fabrício Oliveira Guanais e Queiroz

**SUPERINTENDENTE DO IPHAN EM SANTA CATARINA**

Liliane Janine Nizzola

# Procissão do Senhor dos Passos (Florianópolis, SC)

## **Dossiê de Registro**

Iphan-SC  
2018

## **INSTRUÇÃO TÉCNICA E ELABORAÇÃO DE DOSSIÊ PARA REGISTRO DA PROCISSÃO DO SENHOR DOS PASSOS EM FLORIANÓPOLIS, SC**

### **TEXTO**

Daniela Pistorello (Apêndice 2)  
Izomar Lacerda (Apêndice 1)  
Janice Gonçalves (Texto-síntese e Apêndices 5 a 9)  
Karla F. da Fonseca Sagás (Apêndice 3)  
Tati Lourenço da Costa (Apêndice 4)

### **PESQUISA**

#### *Etapa 1:*

Marcos Monteiro Rebelo (Iphan)  
*Colaborador:* André Luís da Silva (Centro de Memória do Imperial Hospital de Caridade)

#### *Etapa 2:*

Mariela Felisbino da Silveira (Iphan)  
Mônica de Andrade Arnt (Iphan)  
Regina Helena Meirelles Santiago (Iphan)  
*Colaboradora:* Diana Dianovsky (Iphan)

#### *Etapa 3 (Convênio Iphan-UDESC):*

Janice Gonçalves (Coordenadora - LabPac/UDESC)

Daniela Pistorello

Izomar Lacerda

Karla F. da Fonseca Sagás

Tati Lourenço da Costa

#### *Bolsistas (Graduandos da UDESC):*

Ana Caroline de Andrade Himmer

Diogo César da Rocha

Fernanda de Castro Ferreira

Fernanda Schröter Freitas

Fernando Nilson Constâncio

Gabriel Ferreira Albino

João Manoel Nunes

Luiza Baldessar

Luiza Gardasz Alves da Silva

Maria Laura Assmann Sperling

Philippe Felisbino Rocha

Thiago Francisco Matos

#### *Colaboradores:*

André Luís da Silva (Centro de Memória do Imperial Hospital de Caridade)

Christian Gonçalves Vidal da Fonseca (PPGH-UDESC)

### **VÍDEO**

Ray Produtora (média metragem)

Volo Filmes & Fotografia (curta metragem)

### **FOTOGRAFIAS**

Acervo da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos (Centro de Memória Prof. Henrique da Silva Fontes); Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis - IPUF;  
Eduardo Arend; Jaison James Silva; Mara Freire;  
Monica de Andrade Arnt; Regina H. M. Santiago; Volo Filmes & Fotografia.

## Sumário

Introdução .....	9
Identificação .....	19
A devoção ao Senhor dos Passos e a Paixão de Cristo .....	19
Devoção e Irmandade .....	29
O território da Procissão .....	43
No teatro dos Passos – atos, atores, figurinos e adereços .....	57
Permanências e transformações .....	81
Vivências e memórias .....	91
O bem como objeto de registro .....	105
Recomendações de salvaguarda .....	115
Referências .....	121
Apêndices	
1. Musicalidades, Sistema Ritual e a Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis .....	133
2. Devoções e práticas religiosas em Florianópolis e Santa Catarina; devoção ao Senhor dos Passos no Brasil e em outros países .....	163
3. A sacralização do espaço urbano: a Procissão do Senhor Jesus dos Passos e as transformações urbanas de Florianópolis/SC (1765-2018) .....	209
4. Memórias e vivências – Pesquisa de Fontes Orais .....	231
5. Cronologia .....	257
6. Glossário .....	265
7. Catálogo de orações, cânticos e partituras .....	273
8. Catálogo de artefatos .....	317
9. Catálogo de imagens fotográficas .....	335





*Procissão do Senhor dos Passos: domingo (Procissão do Encontro).  
Foto superior: Saída da imagem do Senhor dos Passos da Catedral de Florianópolis, 1949.  
Foto inferior: Autoridades eclesiásticas e políticas em meio à multidão, entre a Catedral  
e a Praça XV de Novembro; ao fundo, o Palácio do Governo. Florianópolis, 1950.  
Fotógrafos não identificados. Acervo da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos  
(Centro de Memória Professor Henrique da Silva Fontes).*



*Procissão do Senhor dos Passos: domingo (Procissão do Encontro).  
Encontro da imagem do Senhor dos Passos com a imagem de Nossa Senhora das Dores,  
em frente à Catedral de Florianópolis. Foto superior: 1961. Foto inferior: 1965.  
Fotógrafos não identificados. Acervo da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos  
(Centro de Memória Professor Henrique da Silva Fontes).*



# INTRODUÇÃO

Realizada na Ilha de Santa Catarina desde o século XVIII, durante a Quaresma, a Procissão do Senhor dos Passos é uma manifestação religiosa que recobre um conjunto de práticas e rituais – entre missas, momentos de adoração de imagens sacras e procissões *stricto sensu*. Pode ser compreendida como um “sistema ritual”, conforme o antropólogo Izomar Lacerda (2018 – Apêndice 1). Sua promoção envolve, necessariamente, três instâncias: a Irmandade do Senhor Jesus dos Passos (entidade formada por pessoas não vinculadas à estrutura eclesiástica); a Igreja Católica, como instituição; os devotos do Senhor dos Passos (ou Senhor Jesus dos Passos, Nosso Senhor Jesus dos Passos ou ainda Bom Jesus dos Passos). Embora entre os devotos estejam os membros da Irmandade, o conjunto dos fiéis extrapola, em muito, os limites da entidade: acorrem aos milhares a Florianópolis, no momento máximo de expressão da devoção, que é a Procissão.<sup>1</sup> Além disso, como indicam os Livros de Ação de Graças arquivados junto ao Centro de Memória Prof. Henrique da Silva Fontes, tais devotos espalham-se por todo o Estado de Santa Catarina e por localidades das várias regiões brasileiras.

Para além dos três agentes fundamentais da Procissão – Irmandade, Igreja Católica e devotos –, há que destacar quatro elementos materiais que, desde a segunda metade do século XVIII, foram consolidados como componentes-chave do sistema ritual da Procissão do Senhor dos Passos, em Florianópolis:

a) A imagem sacra do Senhor dos Passos, chegada à capital catarinense em 1764, antes mesmo da existência da Irmandade, e abrigada na Capela do Menino Deus;

b) A imagem sacra de Nossa Senhora das Dores, doada à Irmandade em 1783 e incorporada às demais imagens da Capela do Menino Deus;

c) A Capela do Menino Deus, erigida em 1762 no Morro da Boa Vista, atualmente instalada em meio ao complexo do Imperial Hospital de Caridade, sendo *locus* privilegiado da maioria das *performances* implicadas na Procissão;

---

<sup>1</sup> O antropólogo Izomar Lacerda prefere caracterizar os devotos não ligados à Irmandade como “devotos populares” (LACERDA, 2018 – Apêndice 1).

d) A Catedral de Florianópolis, construída entre 1753 e 1773 e localizada na área central da cidade, tendo a função de receber, temporariamente, as duas imagens sacras, entre o sábado e o domingo que culminam o tempo da Procissão.<sup>2</sup>

A Capela do Menino Deus e a Catedral formam os pontos iniciais e finais de um percurso processional que em pouco mais de 250 anos conformou um território próprio, não obstante a paisagem urbana ter se transformado intensamente. Os odores do mar, que invadiam a área central, foram dissipados com os aterros sucessivos, desde o século XIX e mais decisivamente na década de 1970. Desapareceram, com o fim do porto e dos trapiches, as embarcações que à distância interagiam com a multidão da procissão. As ruas de terra do século XVIII, muito lentamente calçadas em pedra – sendo um dos primeiros calçamentos feitos justamente na subida do morro do Hospital de Caridade, em 1816 (CABRAL, 1979, v. 1, p. 147) –, são atualmente circundadas por vias asfaltadas repletas de veículos. As lanternas, tochas e círios da procissão noturna, que invadiam a noite escura da cidade oitocentista – no século XIX, fraca e esparsamente iluminada a óleo –, perdem atualmente parte de seu impacto ao interagir com a iluminação elétrica que, desde a primeira metade do século XX, passou a ser instalada em vias, prédios públicos, estabelecimentos comerciais e residências. O sentido de urgência da acelerada contemporaneidade, bem como o senso de oportunidade, reduziram a duração dos vários eventos que compõem a Procissão do Senhor dos Passos. Os problemas da grande cidade parecem ter tornado recomendável aproximar os momentos de transladação das imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, evitando que o cortejo avançasse pelas altas horas da noite. A ambiência sonora da procissão manteve o badalar dos sinos, as orações em voz alta, a música produzida por tradicionais bandas florianopolitanas, mas ganhou a transmissão sonora eletrônica, que contribui para conduzir e controlar a multidão, induzindo gestos e falas. Ao lado dos braços que se levantam em manifestações de fé e das mãos que carregam cruces ou velas, emergem celulares, que buscam captar imagens do entorno. Mudou a cidade, mudaram os fiéis, mudaram os tempos.

Não obstante as mudanças, aqueles que fazem a Procissão do Senhor dos Passos – membros da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, autoridades eclesiais e a multidão de devotos, sem esquecer os curiosos observadores-

---

<sup>2</sup> Para as datas anteriormente aludidas, foram consideradas informações contidas em diferentes autores: BAUMGARTEN, 2008, p. 297; CABRAL, 1979, v. 1, p. 427-428; FONTES, 1997-1998b, p. 19-20 e 227; FONTES, 1997-1998c, p. 207; VÁRZEA, 1984, p. 52-54; VEIGA, 2008, p. 162.

participantes – insistem em demarcar, no espaço urbano, o território dos Passos. Por um curto período, durante a Quaresma, esse território será sinalizado com faixas e bandeirolas de cor púrpura, ramos de plantas, tapetes multicoloridos, pequenos oratórios. Instalados em diferentes momentos, conforme dita o tempo da celebração, esses elementos materiais são, para os passantes, poderosos alertas de que a Procissão virá. O calçamento de pedra da maioria das ruas percorridas, assim como algumas das antigas edificações que marcam o caminho da multidão em movimento – além da Catedral, edificações como a da antiga Casa de Câmara e Cadeia, o ex-Palácio do Governo, a Igreja de São Francisco –, são referências permanentes do território processional e testemunhos materiais da longevidade da Procissão do Senhor dos Passos como bem cultural. Permanecem, igualmente, os elos que esse território estabelece com signos do poder temporal e mecanismos sociais de distinção – membros da elite política se fazem presentes, no cotidiano e nas celebrações da Irmandade, hoje como ontem. Apesar das numerosas intervenções urbanas ocorridas na área central da cidade, desde o século XIX (em geral interpretadas como formas de higienização social), das ladeiras e morros nas proximidades do Hospital de Caridade continua a convergir a gente pobre do lugar, para participar de um cortejo processional que, entre os séculos XVIII e XIX, atravessava bairros populares e mal afamados como a Toca e a Pedreira – bairros que eram, justamente, *loci* privilegiados de residência e trabalho de muitos daqueles a quem se destinava a ação caritativa da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. Nas tensões de uma sociedade desigual, são muitos os despossuídos que, sob o domínio da necessidade, da penúria, da dor e do sofrimento, ao longo do ano sobem a ladeira do Morro da Boa Vista, caminho da Capela do Menino Deus, para, junto à imagem do Senhor dos Passos, buscar amparo e esperança – e que, no tempo da Procissão, solidarizam-se com o Cristo em sofrimento, reconhecem os sentidos de seu sacrifício e renovam, publicamente, agradecimentos e pedidos de graças.

O presente dossiê objetiva fornecer subsídios para o registro da Procissão do Senhor dos Passos, em Florianópolis, como patrimônio cultural brasileiro. A demanda foi encaminhada ao Iphan, para sua Superintendência em Santa Catarina, pela Associação Comercial e Industrial de Florianópolis (ACIF), em 2005, mas formalizada por meio de processo apenas em 2006 (IPHAN, 2015, p. 52). A mesma associação, em junho de 2005, fizera solicitação do registro da referida procissão à Fundação Catarinense de Cultura (FCC), o que veio a ser efetivado em novembro de

2006, resultando no primeiro registro de bem imaterial componente do patrimônio cultural de Santa Catarina (FCC, 2005-2006). A revalidação do registro em nível estadual, pelo período de 2016 a 2026, foi aprovada pela Câmara de Patrimônio do Conselho Estadual de Cultura em 28 de março de 2017 (FCC, 2015-2017).

No âmbito do Iphan, a apreciação do pedido de registro da Procissão apresentou três fases.

Na primeira fase, de 2006 a 2012, a instrução do pedido de registro da Procissão ficou diretamente a cargo do Departamento do Patrimônio Imaterial (DPI). Ao longo do período, e de modo a subsidiar a apreciação da solicitação, a ACIF encaminhou ao DPI documentos complementares, que incluíram cartas de anuência e apoio da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e da Arquidiocese de Santa Catarina, bem como manifestações de apoio de instituições culturais e grupos de pesquisadores, tais como o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, a Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, o Núcleo de Estudos Açorianos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o Grupo de Estudos sobre Patrimônio Cultural da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). De forma paralela, a Superintendência de Santa Catarina do Iphan, que já promovera estudos sobre a Procissão do Senhor dos Passos no bojo dos projetos “Cultura Açoriana” e “Patrimônio imaterial de base açoriana no litoral catarinense – estudo preliminar”, em 2008 tomou a iniciativa de realizar entrevistas com funcionários e ex-provedores da Irmandade; as entrevistas ficaram a cargo do historiador Marcos Monteiro Rebelo, com a colaboração de André Luís da Silva, do Centro de Memória Professor Henrique da Silva Fontes (Imperial Hospital de Caridade). Note-se ainda que, em 2010, a Câmara do Patrimônio Imaterial considerou pertinente o pedido de registro (IPHAN, 2015, p. 52-53).

A partir de 2012, a pesquisa sobre o bem cultural ficou sob a incumbência da Superintendência de Santa Catarina do Iphan, cuja equipe realizou a observação participante do sistema ritual da Procissão do Senhor dos Passos, em Florianópolis, nos anos de 2012, 2013 e 2014. A captação de imagens da Procissão por meio de registros fotográficos e audiovisuais se deu em 2012 e 2014; foi feita, em 2012, pela equipe do Iphan, em colaboração com voluntários (que doaram 422 fotografias e cerca de duas horas de material audiovisual), e em 2014, por profissionais contratados (IPHAN, 2015, p. 53-54). A pesquisa também envolveu levantamento bibliográfico e documental, além de novas entrevistas. Em 2012, as entrevistas foram

realizadas em espaços institucionais administrados pela Irmandade, como o Centro de Memória Professor Henrique da Silva Fontes, instalado no complexo do Hospital de Caridade; sob a coordenação da consultora da UNESCO Mônica Andrade Arnt, foram definidas com base na técnica “bola de neve”, em que se forma uma rede de entrevistados a partir das indicações fornecidas por eles próprios. Com a contratação de uma produtora de vídeos (Ray Produtora), no segundo semestre de 2013, outras entrevistas foram feitas, mas voltadas especificamente para sua incorporação ao material audiovisual que necessariamente acompanharia o dossiê de registro (um curta e um média metragem); envolveram devotos, pesquisadores, funcionários do Hospital de Caridade e da Capela do Menino Deus e membros da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos (IPHAN, 2015, p. 53-54).

Entre 2012 e 2014, a equipe da Superintendência do Iphan que esteve mais diretamente vinculada à pesquisa sobre a Procissão do Senhor dos Passos foi integrada pela historiadora Regina Helena Meirelles Santiago e pelas consultoras da UNESCO Mariela Felisbino da Silveira e Mônica de Andrade Arnt, contando ainda com a colaboração da técnica do DPI e antropóloga Diana Dianovsky. A sistematização das atividades desenvolvidas entre 2012 e 2014 resultou na apresentação de um dossiê de registro, em 2015 (IPHAN, 2015, p. 53-54). Parecer *ad hoc* datado de 17 de novembro de 2016, elaborado pela técnica licenciada do Iphan Mônia Luciana Silvestrin (2016, p. 20), entendeu que o dossiê apresentado não permitia emitir parecer conclusivo sobre o reconhecimento do bem como patrimônio cultural brasileiro. Em 23 de novembro do mesmo ano, a Câmara do Patrimônio Imaterial, reunida, “ratificou a pertinência do pedido de Registro e recomendou a complementação da instrução técnica.” (IPHAN, 2016, p. 7).

Pode-se considerar que a terceira fase da pesquisa se abre com o Chamamento Público n. 01/2017-Iphan/Santa Catarina, em junho de 2017, que objetivou “a seleção de propostas de órgãos ou entidades públicas estaduais para realização de projetos de pesquisa para complementação da instrução de processo de Registro da Procissão do Nosso Senhor dos Passos de Florianópolis” (IPHAN, 2017, p. 3). Foi contemplada a proposta de pesquisa da UDESC, intitulada “Passos do Senhor: devoções, apropriações urbanas e patrimônio cultural – em torno da Procissão Senhor dos Passos em Florianópolis”. Firmado o convênio entre Iphan e UDESC em setembro de 2017, com prazo de oito meses para conclusão, a pesquisa complementar foi desenvolvida e sistematizada fundamentalmente entre outubro de

2017 e abril de 2018, por equipe coordenada pela Profa. Dra. Janice Gonçalves, historiadora vinculada ao Laboratório de Patrimônio Cultural (LabPac) daquela universidade. A equipe foi integrada pelo antropólogo Izomar Lacerda (mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e atualmente doutorando na mesma universidade) e pelas historiadoras Daniela Pistorello (doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP), Karla F. da Fonseca Sagás (mestre em História pela UDESC) e Tati Lourenço da Costa (doutora em História pela UFSC), além de graduandos da UDESC, esses últimos participando da pesquisa como bolsistas. Entre outubro e dezembro de 2017, foram bolsistas: Ana Caroline de Andrade Himmer, Diogo César da Rocha, Fernanda de Castro Ferreira, Fernando Nilson Constâncio, Gabriel Ferreira Albino, João Manoel Nunes, Maria Laura Assmann Sperling, Philippe Felisbino Rocha e Thiago Francisco Matos. Entre março e abril de 2018, foram bolsistas: Diogo César da Rocha, Fernanda Schröter Freitas, Gabriel Ferreira Albino, Luiza Baldessar e Luiza Gardasz Alves da Silva. Com exceção de Fernanda de Castro Ferreira, graduanda do Curso de Geografia, todos os demais eram graduandos do Curso de História da UDESC no momento de sua participação. Cabe ainda assinalar a participação voluntária, entre outubro e novembro de 2017, de Christian Gonçalves Vidal da Fonseca, mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da UDESC. Igualmente convém salientar a colaboração de André Luís da Silva, responsável pelo Centro de Memória Professor Henrique da Silva Fontes, do Imperial Hospital de Caridade, também graduando em História da UDESC. Quanto ao vídeo de até 10 minutos sobre a Procissão do Senhor dos Passos, exigido pelo Chamamento Público, ficou a cargo de Fernanda Ozório e Juliano Pfitzenreuter Nunes, da Volo Filmes & Fotografia.

Consideradas as diretrizes dadas pelo Chamamento Público, bem como os meses em que a pesquisa complementar teve que se desenvolver, as atividades foram concentradas em levantamento bibliográfico e documental, envolvendo um conjunto expressivo de acervos: Arquivo e Biblioteca da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos (Centro de Memória Professor Henrique da Silva Fontes); Arquivo Histórico Eclesiástico; Arquivo da Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural da Fundação Catarinense de Cultura; Biblioteca do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF); Biblioteca do Núcleo de Estudos Açorianos (NEA) da UFSC; Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina; Biblioteca Universitária da

UFSC; Biblioteca Universitária da UDESC; Casa da Memória da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, da Prefeitura Municipal de Florianópolis; Museu de Arqueologia e Etnologia (MARquE) da UFSC; Museu Hassis; Museu Sacro da Capela do Menino Deus. Para a elaboração do catálogo de orações, cânticos e partituras, houve contatos com a Sociedade Musical Amor à Arte, a Banda de Música da Polícia Militar e a Sociedade Musical Filarmônica Comercial, com vistas a identificar e reproduzir material pertinente em seus acervos; foi feita a reprodução de uma pequena parcela desse material, apenas no caso do acervo da Sociedade Musical Amor à Arte. Foram consultados, ainda, repositórios digitais como a *Hemeroteca Digital Catarinense* (<<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/>>) e o *Brazilian Government Documents* (<<http://www-apps.crl.edu/brazil/>>).<sup>3</sup>

A partir da perspectiva da História Oral temática, foram realizadas entrevistas complementares, de modo a contemplar as quatro principais frentes de pesquisa da fase 2017-2018, a saber: a devoção e as práticas devocionais ao Senhor dos Passos no Brasil e em outros países; a conformação do espaço urbano de Florianópolis, com ênfase na área percorrida pela Procissão; as manifestações musicais associadas à devoção ao Senhor dos Passos, em Florianópolis; as vivências e memórias dos devotos. Foram ao todo seis entrevistas, com sete pessoas: Bernardina da Silva Martins e Maria Bernardete Martins Corrêa (mãe e filha, devotas e residentes no distrito do Ribeirão da Ilha); Sílvia Ana Rodrigues (devota, residente em Biguaçu, Grande Florianópolis); Claudete Reis Machado, Mãe Dete (mãe de santo que utiliza a água proveniente da lavagem da imagem do Senhor dos Passos em seus rituais); Maria Teresa Santos Cunha (florianopolitana, historiadora, frequentadora da Procissão desde 1965); Eli Faustino da Silva (intérprete da Verônica na Procissão do Senhor dos Passos de Florianópolis por 39 anos); Nélio Schmidt (presidente e músico da Sociedade Musical Amor à Arte, que participa anualmente da Procissão).

Na etapa final da pesquisa, a equipe acompanhou a maior parte dos eventos que compuseram a programação da Procissão, entre 11 e 18 de março de 2018, por meio de observação participante que também resultou em registros fotográficos e em vídeo.

---

<sup>3</sup> O projeto de pesquisa inicialmente previa também a consulta *in loco* aos acervos do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, do Arquivo Histórico de Florianópolis, do Ateliê de Conservação e Restauro (ATECOR) da Fundação Catarinense de Cultura, do Centro de Documentação da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC). Contudo, por problemas variados (reforma das sedes, preparação para mudança de endereço, falta de funcionários para atendimento etc.), tais acervos não puderam ser consultados no período da pesquisa complementar.

Além deste texto-síntese da pesquisa, compõem o dossiê, na forma de apêndices: estudos individuais preparados pelos pesquisadores titulados, conforme a frente de pesquisa por eles assumida; cronologia; glossário; catálogo de orações, cânticos e partituras; catálogo de artefatos; catálogo de imagens fotográficas.





*Detalhes da imagem do Senhor Jesus dos Passos, Capela do Menino Deus, captados após a lavação da imagem. Florianópolis, 2012. Foto superior: Eduardo Arend; foto inferior: Monica Arnt.*



*Opas (ou balandras) para uso dos irmãos da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos.  
Florianópolis, 2012.*

*Foto: Eduardo Arend.*

# IDENTIFICAÇÃO

## *A devoção ao Senhor dos Passos e a Paixão de Cristo*

A devoção ao Senhor dos Passos está inserida no quadro maior de narrativas e celebrações que envolvem, no catolicismo, a figura de Jesus Cristo – em especial, seu nascimento e sua morte por crucificação. Entre as celebrações que se referem à morte, a mais destacada é a Semana Santa, festa móvel católica que se inicia no Domingo de Ramos, uma semana antes do Domingo de Páscoa. Nos países católicos, há três dias deste período particularmente valorizados: a Sexta-feira Santa (da Paixão), o Sábado de Aleluia e o já referido Domingo de Páscoa (que marca a ressurreição de Jesus). No que tange à morte, somam-se à Semana Santa (mas não necessariamente no mesmo período) as celebrações dedicadas ao “Senhor dos Passos” – que é o Jesus da Paixão, representado em imagens sacras como figura masculina a carregar a pesada cruz, trazendo no corpo as marcas causadas pelo sofrimento que lhe foi imposto entre a prisão e a crucificação, conforme os relatos bíblicos e a tradição católica.

O termo “paixão” tem origem na palavra latina *passio*, que remete a algo que é sofrido, suportado. A Paixão de Jesus é seu sofrimento nos momentos finais de vida terrena. Como esse sofrimento foi em parte vivido *em movimento*, no percurso até o monte Calvário (ou Gólgota, se adotada a palavra em aramaico), o imaginário popular, nos países de língua portuguesa, tendeu a imbricar a *passio* latina com os *passos* de Jesus na dolorosa caminhada. E os significados se desdobram: além de remeter à caminhada de Jesus, antes da crucificação, os passos igualmente identificam os próprios episódios da Paixão e, nas procissões, os lugares de parada (quase sempre marcados por oratórios). Daí que o Jesus da *Passio* seja também o Senhor dos *Passos*.

Esse momento tão vívido e intenso tem, como suporte narrativo primordial, os quatro evangelhos que compõem o Novo Testamento, na Bíblia Sagrada: os evangelhos de Marcos, Mateus, Lucas e João. Embora não haja informação precisa sobre a época em que os evangelhos foram compostos, os estudiosos das fontes canônicas e não canônicas referentes ao “Jesus histórico” têm indicado o de Marcos como o mais antigo, provavelmente composto por volta do ano 70 d.C., e os demais

numa faixa temporal entre 75 e 100 d.C. (os de Mateus e Lucas provavelmente no início desse período, entre 70 e 80, e o de João nos anos 90 – THEISSEN, MERZ, 2004, p. 46-56, 78; MARGUERAT, 2009, p. 7). O evangelho de Marcos, que teria servido de base para os de Mateus e Lucas, incorporou ditos de Jesus e narrativas de milagres que circulavam nas áreas de maior propagação do cristianismo (THEISSEN, MERZ, 2004, p. 46-47). Todos os quatro evangelhos, contudo, são sucintos a respeito da Paixão, e particularmente lacônicos quanto ao que se convencionou chamar de Via Crucis, como demonstram as passagens que narram o intervalo entre a condenação e a crucificação de Jesus:

Pilatos, então, querendo contentar a multidão, soltou-lhes Barrabás e, depois de mandar açoitar Jesus, entregou-o para que fosse crucificado.

Os soldados o levaram ao interior do palácio, que é o Pretório, e convocaram toda a coorte. Em seguida, vestiram-no de púrpura e tecendo uma coroa de espinhos, lha impuseram. E começaram a saudá-lo: “Salve, rei dos judeus!” E batiam-lhe na cabeça com um caniço. Cuspiam nele e, de joelhos, o adoravam. Depois de caçoarem dele, despiram-lhe a púrpura e tornaram a vesti-lo com as próprias vestes.

E levaram-no fora para que o crucificassem. Requisitaram certo Simão Cireneu, que passava por ali vindo do campo, para que carregasse a cruz. Era o pai de Alexandre e de Rufo. E levaram Jesus ao lugar chamado Gólgota, que, traduzido, quer dizer o lugar da Caveira. (Marcos, 15: 15-22).

Vendo Pilatos que nada conseguia, mas, ao contrário, a desordem aumentava, pegou água e, lavando as mãos na presença da multidão, disse: “Estou inocente desse sangue. A responsabilidade é vossa.” A isso todo o povo respondeu: “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos”. Então soltou-lhes Barrabás. Quanto a Jesus, depois de açoitá-lo, entregou-o para que fosse crucificado.

Em seguida, os soldados do governador, levando Jesus para o Pretório, reuniram contra ele toda a coorte. Despiram-no e puseram-lhe uma capa escarlate. Depois, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lhe na cabeça e um caniço na mão direita. E, ajoelhando-se diante dele, diziam, caçoando: “Salve, rei dos judeus!” E cuspindo nele, tomavam o caniço e batiam-lhe na cabeça. Depois de caçoarem dele, despiram-lhe a capa escarlate e tornaram a vesti-lo com suas próprias vestes, e levaram-no para o crucificar.

Ao saírem, encontraram um homem de Cirene, de nome Simão. E o requisitaram para que carregasse a cruz de Jesus. (Mateus, 27: 20-38).

Então Pilatos sentenciou que se atendessem ao pedido deles. Soltou aquele que fora posto na prisão por motim e homicídio, e que eles reclamavam. Quanto a Jesus, entregou-o ao arbítrio deles.

Enquanto o levavam, tomaram certo Simão de Cirene, que vinha do campo, e impuseram-lhe a cruz para levá-la atrás de Jesus.

Grande multidão do povo o seguia, como também mulheres que batiam no peito e se lamentavam por causa dele. Jesus, porém, voltou-se para elas e disse: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos! Pois, eis que virão dias em que se dirá: Felizes as estereis, as entranhas que não conceberam e os seios que não amamentaram! Então começarão a dizer às montanhas: *Cai sobre nós!* E às colinas: *Cobri-nos!* Porque se fazem assim com o lenho verde, o que acontecerá com o seco?” Eram conduzidos também dois malfetores para serem executados com ele. (Lucas, 23: 24-32).

Então Pilatos o entregou para ser crucificado.

Então eles tomaram a Jesus. E ele saiu, carregando sua cruz, e chegou ao chamado “Lugar da Caveira” – em hebraico chamado Gólgota – onde o crucificaram; e, com ele, dois outros: um de cada lado e Jesus no meio. (João, 19: 16-18)<sup>4</sup>

Vê-se que os relatos de Marcos e Mateus acentuam os maus-tratos infligidos pelos soldados a Jesus, entre caçoadas a respeito do título de “rei dos judeus”: impõem-lhe uma coroa de espinhos, um caniço (à maneira de cetro) e um manto (púrpura, para Marcos, escarlate, para Mateus). Ambos, assim como Lucas, destacam que a cruz foi carregada por Simão de Cirene, ou Cireneu, sem alusão a pessoas que seguissem Jesus, diferentemente do que é relatado em Lucas, que se refere a uma “grande multidão do povo”. Também em Lucas está ausente a maldade dos soldados com Jesus, logo após a condenação; em vez disso, o relato refere o desespero das mulheres que choram por ele. Finalmente, João, embora minucioso em variadas passagens do seu evangelho, é bastante breve no tocante à caminhada de Jesus para o Calvário (ou o “Lugar da Caveira”); destoando dos demais, João informa ter sido Jesus a carregar a cruz.

Como pode ser observado nas citações anteriores referentes aos evangelhos, não há, em nenhum deles, referências a paradas ou mesmo a quedas de Jesus com a cruz; não há, neles, informação sobre alguém que, no caminho para o lugar da crucificação, tivesse enxugado o suor de seu rosto. Os episódios associados ao trajeto de Jesus, do local de sua prisão até o Calvário ou Gólgota, foram incorporados *a posteriori* na narrativa da Paixão, que é uma construção coletiva forjada ao longo dos séculos, com numerosas variantes, embora tenha consolidado um núcleo fundamental. Essa construção foi alimentada pelas lacunas dos relatos, em parte devidas à circunstância de os principais propagadores, em potencial, da fé cristã – os

---

<sup>4</sup> Essas citações bíblicas, assim como outras que virão, têm por base a *Bíblia de Jerusalém* (2017).

discípulos de Jesus – não terem acompanhado de perto aqueles acontecimentos.<sup>5</sup> Tanto quanto possível, os vazios narrativos dos evangelhos canônicos tentaram ser preenchidos com outras passagens bíblicas, “versículos e imagens que podiam ser aplicados à Paixão como um todo”, em especial profecias, de modo a resultar em “uma história coerente” (CROSSAN, 1994, p. 414, 427), que em grande medida transformava os signos da dor em signos de glória.

Assim, foi ressignificado o manto púrpura (cor que no Império Romano era associada ao exercício do poder): do escárnio dos soldados quanto à “realeza” de Jesus, passou ao reconhecimento de sua divindade, de seu papel no Reino de Deus, sendo complemento fundamental às imagens sacras do Cristo que carrega a cruz, ou do Senhor dos Passos.<sup>6</sup> Simultaneamente, a cor púrpura passou a estar vinculada à Quaresma, indicando recolhimento e reflexão em um tempo de sofrimento, sacrifício e penitência – expresso, pelos fiéis, sobretudo por meio do jejum. Na *Legenda Áurea*, coletânea hagiográfica preparada pelo dominicano Jacopo de Varazze no século XIII, que teve grande disseminação na Cristandade, uma das justificativas dadas para o jejum da Quaresma é a seguinte: “se queremos ressuscitar com Cristo, que sofreu por nós, devemos também sofrer com Cristo na mesma época que Ele.” (VARAZZE, 2018, p. 234).

---

<sup>5</sup> Conforme os evangelhos de Marcos e Mateus, os discípulos de Jesus não o acompanharam fielmente em seu sofrimento final; apenas as mulheres que o seguiam o fizeram. Lucas, porém, indica conhecidos de Jesus, à distância, no momento da crucificação, e João assinala, próximo a Jesus crucificado, a presença do “discípulo a quem amava” (João, 19: 26), que costuma ser interpretado como o próprio João. Theissen e Merz (2004, p. 455-456, 481, 598) entendem que os discípulos abandonaram Jesus naquele momento e interpretam as referências de Lucas e João como tentativas de “poupá-los”. Para Crossan (1994, p. 413-414), “os seguidores mais próximos de Jesus não sabiam nada da paixão, a não ser o fato da crucificação; eles provavelmente tinham fugido e, mais tarde, não conseguiram encontrar testemunhas que pudessem fornecer-lhes maiores detalhes.”

<sup>6</sup> Sobre a púrpura como cor, tinta e tecido, Rodríguez Peinado (2014, p. 472-474) oferece indicações preciosas. Baseada em Philip Ball, a autora destaca ser a púrpura, na Antiguidade clássica, mais propriamente um “conceito cromático”, que envolvia uma “gama entre vermelhos, violáceos e azuis” (o que tornaria possível considerar como sinônimos, portanto, o escarlate mencionado no evangelho de Mateus e o púrpura, no de Marcos). A intensidade e o brilho, juntamente com o alto custo para a obtenção das tintas associadas a essas tonalidades, fizeram-nas muito apreciadas e valorizadas, tornando-se seu uso, na indumentária, elemento de distinção, muito particularmente vinculado aos reis. Na Idade Média, a púrpura se manteve como signo de distinção e passou também a designar um tecido; mais que a uma cor, remetia a brilho, beleza, qualidade e riqueza (RODRÍGUEZ PEINADO, 2014, p. 483 e 495). A mesma autora informa sobre a confecção de códices com páginas tingidas de púrpura e escritas em ouro e prata, presentes, por exemplo, no Império Carolíngio, sendo associados “à figura imperial como símbolo de continuidade e vinculação com o Império Romano; parece que atuavam com um poder taumatúrgico como expressão da sacralidade do poder.” (p. 485; traduzido). A associação entre realeza, sacralidade e poder taumatúrgico é de particular interesse para a compreensão da devoção ao Senhor dos Passos. Note-se ainda que, no período medieval, mais precisamente a partir do século XI, a Igreja Católica também reivindicou o uso da cor púrpura para vestes e adereços do Papa (p. 490).

O ato de carregar a cruz – atribuído a Jesus, nos evangelhos canônicos, apenas por João –, também se tornou fundamental nas representações associadas à Paixão. Tais representações foram originadas das peregrinações à Palestina e, em especial, a Jerusalém, geradas pela expansão do cristianismo, ainda na Antiguidade; a intenção dos fiéis de percorrer o caminho derradeiro de Jesus – também conhecido como Via Dolorosa, Via Sacra ou Via Crucis – se intensificou durante o período medieval, mesmo em meio às disputas entre cristãos e muçulmanos pela “Terra Santa”. Para os fiéis impossibilitados de se deslocar à região onde vivera e morrera o Cristo, tornou-se possível representar o percurso por meio de encenações (autos) e procissões, o que veio a sedimentar um itinerário com 14 paradas, “estações” ou “passos”:

1. Jesus é condenado à morte;
2. Jesus carrega a cruz às costas;
3. Jesus cai pela primeira vez;
4. Jesus encontra Sua Mãe;
5. Jesus é ajudado por Simão de Cirene (ou Cireneu);
6. Verônica limpa o rosto de Jesus;
7. Jesus cai pela segunda vez;
8. Jesus encontra as mulheres de Jerusalém;
9. Jesus cai pela terceira vez;
10. Jesus é despojado de suas vestes;
11. Jesus é crucificado;
12. Jesus morre na cruz;
13. Jesus é descido da cruz;
14. Jesus é sepultado.

As paradas, em cada estação, podem ser ocasião de manifestação de uma autoridade eclesíastica, de um cântico coletivo ou, com mais frequência, do canto da Verônica e das três Marias (também conhecidas por Heús ou Beús). Essas figuras femininas têm lugar de destaque nas representações da Paixão, marcadamente em duas procissões: a do Enterro (ou do Senhor Morto) e a do Senhor dos Passos, mas sua atuação e até mesmo a indumentária costumam sofrer alterações expressivas

conforme a procissão.<sup>7</sup> É possível que essas personagens tenham sido inspiradas na passagem do evangelho de Lucas que se refere às “mulheres que batiam no peito e se lamentavam” por Jesus, bem como nos trechos dos evangelhos relativos à crucificação ou à ressurreição, nos quais são mencionadas as seguidoras de Jesus (portanto, em relação a estes últimos casos, a presença de tais mulheres no trajeto de Jesus até o Calvário é pressuposta). As Heús ou Beús são também denominadas “três Marias” porque estariam representando Maria Madalena, Maria de Cleofas (ou Maria mãe de Tiago) e Maria Salomé, seguidoras de Jesus.<sup>8</sup>

A composição das personagens, incluídos seus cânticos, indica o aproveitamento de passagens bíblicas não contidas nos evangelhos canônicos.

Verônica representa a mulher que teria limpado o rosto de Jesus com um lenço ou sudário (no qual sua efígie ficou estampada). Há ao menos duas correntes explicativas para o nome da Verônica: de um lado, seria uma tradução latina para o nome grego Bernike, ou Berenice, personagem de um livro apócrifo (Atos de Pilatos); de outro, seria a própria imagem com a estampa de Jesus, a “imagem verdadeira” (*vera icon*) (PEREIRA, 2015, p. 193).<sup>9</sup> Dicionários dos séculos XVIII e XIX reforçam a acepção da Verônica como imagem de rosto de santo impressa em algum suporte (ver, a esse respeito, o Apêndice 6 – Glossário).<sup>10</sup> Essa personagem canta (e repete) em latim, nas procissões:

*O vos omnes qui transitis per viam:  
Attendite et videte si est dolor sicut dolor meus.  
O vos omnes qui transitis per viam, attendite et videte:  
Si est dolor similis sicut dolor meus.  
Attendite, universi populi, et videte dolorem meum.  
Si est dolor similis sicut dolor meus.*

---

<sup>7</sup> A maioria das fontes pesquisadas associou o cântico das Beús apenas à Procissão do Senhor Morto ou do Enterro do Senhor, tradicionalmente realizada na sexta-feira da Semana Santa; nela, Beús e Verônica costumam vestir roupas e véus negros. Veja-se, por exemplo, vídeo do canto das Beús na Procissão do Senhor Morto da Semana Santa de São João Del Rei, em 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ig3u8S6mZBM>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

<sup>8</sup> Nos evangelhos canônicos, há convergência nas referências a Maria Madalena e a Maria de Cleofas (ou Clopas, ou ainda Maria mãe de Tiago e de José): Marcos, 15: 40-41 e 16: 1; Mateus, 27: 55-56 e 28: 1; Lucas, 24: 9-10; João, 19: 25 e 20: 1. Quanto à terceira mulher, quando é mencionada aparece como Salomé (Marcos, 15: 40-41 e 16:1), Joana (Lucas, 24: 9-10) e “mãe dos filhos de Zebedeu” (Mateus, 27: 55-56).

<sup>9</sup> Interessa salientar que, enquanto canta, a Verônica-mulher desenrola o lenço com a efígie de Jesus, chegando a cobrir todo o seu rosto. Edilson Pereira (2015, p. 207-208) interpreta o lenço como uma espécie de máscara; neste caso, a Verônica-mulher, com o rosto coberto pela verônica-imagem do rosto de Jesus, simularia o próprio Cristo.

<sup>10</sup> Note-se que é também o sentido dado ao termo “verônica” em documento contábil do exercício de 1767-1768 da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, na capital de Santa Catarina: segundo o pesquisador Henrique da Silva Fontes, naquele período houve despesa de 3.600 réis com “uma Verônica do Senhor pintada para a procissão dos Passos.” (FONTES, 1997-1998b, p. 117).



Trata-se de referência a um trecho do livro bíblico das “Lamentações”, que compõe o Antigo Testamento – mais precisamente, um fragmento da Primeira Lamentação.<sup>11</sup>

Já as Heús ou Beús teriam essa denominação em decorrência do cântico em latim que proferem, e que começa com a palavra “heu” (interjeição: “ah” ou “ai”), repetida: *Heu, heu, heu, Domine!* Há indicação de que a frase é um trecho de outro livro do Antigo Testamento – o livro de Jeremias, 32: 17: “*Heu heu heu Domine Deus ecce tu fecisti caelum et terram in fortitudine tua magna et in brachio tuo extento non erit tibi difficile omne verbum*”.<sup>12</sup> Edilson Pereira (2015, p. 199), ao estudar em Minas Gerais a atuação de Verônicas e Heús (tal como denominadas em Ouro Preto), assinala uma pequena variação: as Heús respondem à personagem da Verônica com o cântico: *Heu! Heu! Domine! Salvator Noster!*

Nas representações da Paixão, há casos ainda em que as personagens da Verônica e das Beús foram fundidas, resultando na “Maria Beú”. Câmara Cascudo destacou, no livro *Locuções tradicionais do Brasil*, publicado em 1970, que a “Maria Behú” (para ele, sinônimo de Verônica) cantava os versos conhecidos das “Lamentações” bíblicas e, ao final de cada estrofe, o “Heu! Heu, Domine!” (CASCUDO, 2008, p. 109). Contemporaneamente, essa fusão Verônica-Beú persiste em localidades brasileiras como Oeiras, no Piauí (PROCISSÃO, 2012).<sup>13</sup>

Outro aspecto a destacar é a língua dos cânticos em questão: o latim. Na perspectiva de Edilson Pereira, com base em entrevistas com moradores locais de Ouro Preto, inclusive intérpretes de Heús, a língua contribui para acentuar o caráter singular da *performance* e do momento: “O latim importa na medida em que é percebido por elas [as intérpretes] e pela sua audiência como uma linguagem não ordinária e que como tal poderia realizar coisas que as palavras do dia-a-dia não seriam capazes.” (PEREIRA, 2015, p. 199-200). Estranha ao cotidiano, associada aos domínios da Igreja e a outro tempo histórico, a língua latina seria percebida pelos fiéis como veículo do sagrado.

Nas representações da Paixão de Cristo, outros personagens bíblicos ou da tradição católica podem vir a ser acrescentados, como Simão Cireneu (o carregador

<sup>11</sup> Na versão da *Bíblia de Jerusalém* (2017), é este todo o trecho das Lamentações, 1: 12: “Vós todos que passais pelo caminho, olhai e vede: se há dor semelhante à dor que me atormenta, com que Iahweh me afligiu no dia de sua ardente ira.”

<sup>12</sup> A tradução adotada na *Bíblia de Jerusalém* é a seguinte: “Ah! Senhor Iahweh, eis que fizeste o céu e a terra por teu grande poder e teu braço estendido. A ti nada é impossível.”

<sup>13</sup> Ver também o audiovisual *Passos de Oeiras*, de 2008, com direção geral de Áurea Pinheiro; disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/videos/detalhes/65/passos-de-oeiras>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

da cruz, nos evangelhos ditos sinóticos – de Marcos, Mateus e Lucas); José de Arimatéia (que teria solicitado o corpo de Jesus às autoridades romanas, para que pudesse enterrá-lo); Nicodemos (que teria ajudado José de Arimatéia naquela tarefa); João Evangelista, supostamente presente no Calvário no momento da crucificação. É o que também ocorre na Procissão do Senhor dos Passos, em Florianópolis – manifestação de uma devoção que se instalou na Ilha de Santa Catarina na segunda metade do século XVIII, momento em que também proliferaram irmandades leigas.



*Devota toca a imagem do Senhor dos Passos após o ritual da lavação.  
Florianópolis, 2018.  
Foto: Volo Filmes & Fotografia.*



*Devotos caminham descalços pelas ruas do centro da cidade, durante a transladação das  
imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores.  
Florianópolis, 2012.  
Foto: Eduardo Arend.*



*Foto superior: Procissão do Senhor dos Passos, domingo (Procissão do Encontro). Conduzida pelos irmãos da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, a imagem do Senhor dos Passos desce a escadaria da Catedral, iniciando o cortejo. Logo atrás, o pálio dá destaque para a maior autoridade eclesiástica ali presente. Florianópolis, 1952.*

*Foto inferior: Na Catedral, irmãos da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, com suas tochas acesas, ladeiam o caminho até a imagem do Senhor dos Passos, ao fundo. No corredor, vê-se uma irmã, identificada pela fita sobre a vestimenta. Florianópolis, 1972. Fotógrafos não identificados. Acervo da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos (Centro de Memória Professor Henrique da Silva Fontes).*

## *Devoção e Irmandade*

A partir da segunda metade do século I d.C., as narrativas sobre a vida de Jesus, às quais a devoção ao Senhor dos Passos se vincula, foram objeto de esforços significativos de reunião e sistematização. O tema da Paixão e as representações em torno dela ganharam força na Cristandade durante o período medieval, mas, considerada a forma com que a devoção ao Senhor dos Passos se espalhou na Península Ibérica e nos então domínios de Espanha e Portugal na Ásia e na América, durante o período moderno, é possível vislumbrar o impulso decisivo das ações da Contrarreforma.

Os elementos programáticos de tais ações foram consolidados entre 1545 e 1563, nas sessões do Concílio de Trento, que envolveram diversos posicionamentos quanto à doutrina católica – entre eles, os relativos ao culto aos santos (SIAT, 2000, p. 63-64; VINCENT, 2009, p. 228-232). Frente ao avanço das ideias protestantes, contrárias ao uso de imagens e mais enfaticamente ao seu culto, as disposições tomadas em 1563, na última sessão do Concílio de Trento, legitimaram as representações artísticas de figuras santas e divinas (pois seriam instrutivas e úteis na propagação da fé), alertando, porém, quanto à obrigação de se basearem nos relatos considerados autênticos e evitarem a lascívia (VENARD, 2009, p. 341). Desde que acomodadas à pudicícia e apoiadas, se não estritamente nos relatos bíblicos, ao menos na tradição narrativa católica, imagens de santos e santas não só poderiam como deveriam proliferar no mundo católico, sendo inseparáveis das devoções.

Na Espanha, Sevilha é uma localidade-chave para a ritualização da Via Sacra, certamente não por acaso desde o século XVI: o marco inicial é 1521, quando foi instituída a “Vía Crucis a la Cruz del Campo”, pelo primeiro marquês de Tarifa, ao retornar de uma viagem à Terra Santa. No mesmo século, em Sevilha, aumenta a importância das numerosas irmandades ou confrarias, muitas delas voltadas para a reflexão sobre a Paixão e a prática da penitência (POZO RUIZ, 2016).

Também no século XVI surgiram, em Portugal, as primeiras irmandades dedicadas ao Senhor dos Passos, ou Senhor Bom Jesus dos Passos. A mais antiga ainda em atuação é a Real Irmandade de Santa Cruz e Passos da Graça, que data de 1586; por consequência, a procissão de Passos por ela promovida, desde 1587 (a Procissão do Senhor Jesus dos Passos da Graça, em Lisboa), também é tida como a

que se realiza há mais tempo naquele país. Há grande número de procissões do Senhor dos Passos em Portugal e, muito expressivamente, na Ilha da Madeira e no arquipélago dos Açores; entre os antigos domínios portugueses do além-mar, assinala-se uma dessas procissões em Macau (IPHAN, 2015, p. 13; PISTORELLO, 2018 – Apêndice 2).

Na América portuguesa, a devoção ao Senhor dos Passos se somou a muitas outras devoções associadas à Igreja Católica. Sua permanência, nos dias que correm, é visibilizada em numerosas procissões do Senhor dos Passos que acontecem nas várias regiões do país, com destaque para as de Oeiras (Piauí), São Cristóvão (Sergipe), Lençóis (Bahia), Pirenópolis (Goiás), Tiradentes e Belo Horizonte (Minas Gerais) (PISTORELLO, 2018 – Apêndice 2).

As similaridades entre todas essas procissões são muitas: o apego à narrativa tradicional da Paixão; a caminhada protagonizada por uma imagem sacra do Cristo com a cruz às costas; a necessária transladação da imagem de um local sagrado (um templo católico) para outro; o frequente acompanhamento da imagem do Senhor dos Passos por uma imagem de Nossa Senhora das Dores; a participação de pessoas vestidas como se personificassem figuras bíblicas, ou da tradição católica, associadas à Paixão de Cristo (com ênfase para a Verônica); o recurso a cânticos e orações (e, com frequência, à música executada por bandas); a ênfase no uso da cor púrpura em artefatos e vestimentas; e, se a procissão é promovida por uma irmandade, o aparato com que irmãos se apresentam para o cortejo, carregando guiões, estandartes, pálios, círios e lanternas. Para além de todos esses aspectos comuns, porém, as procissões se distinguem por suas trajetórias históricas, que, sob a capa das semelhanças, atualizam, agregam e diferenciam ritos, mediante a influência continuada dos agentes da devoção.<sup>14</sup>

Especificamente na América portuguesa, a introdução da devoção ao Senhor dos Passos esteve historicamente associada aos esforços da propagação da fé católica e de dominação do território, com a busca do controle das ações, dos corpos e das almas das populações nele residentes. Em Santa Catarina, os investimentos no

---

<sup>14</sup> Em registros realizados em 2008 sobre a Procissão de Passos em Oeiras (Piauí), verifica-se que a Verônica-Beú canta em português, a transladação (“Procissão da Fugida”) é feita na Quinta-feira Santa (da Catedral para a Igreja do Rosário), com o encontro das imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, bem como o retorno à catedral, ocorrendo na Sexta-feira. Os preparativos são totalmente assumidos por famílias de devotos, sendo que algumas delas realizam determinadas funções há gerações. Outro elemento singularizador da Procissão dos Passos em Oeiras são as flores de papel (“flores de passos”), preparadas aos milhares para que possam ser carregadas pelos fiéis. A esse respeito, ver o já citado audiovisual *Passos de Oeiras*.

controle do território por parte da Coroa portuguesa tornaram-se mais efetivos a partir do século XVIII, com a criação da capitania com seu nome (em 1737) e designação de governadores militares para que nela atuassem (1738), devidamente instalados na Ilha de Santa Catarina.<sup>15</sup> Antes disso, na década de 1720, também na Ilha de Santa Catarina, o povoado existente na área central foi elevado à condição de vila, com isso vindo a ter Câmara própria. (CORRÊA, 2005, p. 46-47, 51-52, 125-126)

Governar o território catarinense envolveu uma série de medidas, inicialmente mais voltadas para a sua defesa (com ênfase na construção de fortalezas) e exploração econômica (com a implantação de armações baleeiras), devidamente articuladas à sua ocupação por populações fiéis à Coroa portuguesa (OLIVEIRA, SALOMON, 2010, p. 11-29; ZIMMERMANN, 2013, p. 45). É nesse contexto que pode ser compreendida a opção por deslocar súditos portugueses das Ilhas dos Açores e da Madeira para a área meridional da América portuguesa, uma vez que o Rio Grande também foi abarcado. Em várias levas, entre 1748 e 1756, aportaram à Ilha de Santa Catarina por volta de 6.000 desses súditos deslocados.<sup>16</sup> Sua presença não poderia deixar de ser impactante: afinal, em 1747 o número de habitantes da Capitania de Santa Catarina era estimado em pouco mais de 4 mil. Cabe salientar que os limites territoriais da capitania eram bastante distintos dos limites do atual estado: além da Ilha de Santa Catarina e algumas ilhas próximas, a capitania englobava fundamentalmente a faixa litorânea do continente, ficando aquém da Serra Geral (BRÜGGEMANN, 2008, p. 19).

Nessa Ilha de Santa Catarina setecentista, cuja população foi significativamente acrescida de grupos açorianos e madeirenses, firmou-se a devoção ao Senhor dos Passos e disseminou-se o hábito de manifestá-la por meio de procissões. Para o sociólogo e folclorista Nereu do Vale Pereira (também membro da

---

<sup>15</sup> Estima-se que a ocupação humana do território hoje ocupado pelo Estado de Santa Catarina recue a aproximadamente 9 mil anos. A presença europeia é assinalável apenas a partir do século XVI, sendo pontual e numericamente pouco significativa até o século XVIII, em especial se comparada às populações há muito tempo instaladas no território.

<sup>16</sup> A bibliografia consultada registra divergências quanto ao número de açorianos e madeirenses enviados para Santa Catarina: os dados informados por Piazza em publicação de 1977 apontaram 5.611 pessoas, tanto adultos como crianças, mas apenas os que chegaram vivos (PIAZZA, 1977, p. 58); em estudo posterior, publicado em 1991, o mesmo autor salientou que “o litoral catarinense teve, de imediato, com a vinda de açorianos e madeirenses, de 1748 a 1756, um acréscimo de, no mínimo, 6.000 pessoas no seu contingente populacional!” (PIAZZA, 1991, p. 82). Flores (2000, p. 49) indicou “6.071 açorianos”, Corrêa (2005, p. 80), “em torno de seis mil”.

Irmandade do Senhor Jesus dos Passos), conforme entrevista concedida em 2008, a Ilha de Santa Catarina foi também seu ponto de expansão pelo território catarinense:

Isso tudo [se] forma na alma do povo ilhéu, e se estende pelo litoral vizinho. Aí vai pra Laguna – Senhor dos Passos –, vai pra São José, vai pra Mirim, vai pra São Miguel, hoje Tijucas [...]. Então começa a espalhar pelo litoral açoriano essa devoção ao Senhor dos Passos. Em todos esses lugares começam a realizar procissões.<sup>17</sup>

Como indica a sua capilaridade no mundo católico e particularmente naquele de influência ibérica, a devoção e a prática processional referidas ao Senhor dos Passos não são “açorianas”, se com isso se entende uma identidade exclusiva. Porém, a presença de açorianos (e madeirenses) nas origens dessa devoção, sobretudo na Ilha de Santa Catarina, é detectável entre os primeiros integrantes da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, fundada em 1785: conforme Henrique Fontes, dos 25 instituidores da Irmandade, cinco eram seguramente “das Ilhas” (um madeirense e quatro açorianos); dez eram portugueses “do Continente”; cinco, brasileiros; os restantes não tiveram a origem identificada (FONTES, 1997-1998b, p. 21-22). Dada a forte presença açoriana na Ilha de Santa Catarina, a partir de 1748, é grande a probabilidade de que a organização inicial da procissão tenha se inspirado em celebrações similares existentes no arquipélago dos Açores.<sup>18</sup>

Englobada no projeto do Estado monárquico português de dominação de uma parte da América meridional, bem como na empreitada contrarreformista da Igreja Católica, a devoção ao Senhor dos Passos, dinâmica e plástica como toda prática cultural, não deve ser compreendida como meramente subordinada a essas iniciativas. Em especial porque, quando promovidas por confrarias e irmandades leigas, as devoções abrem-se fortemente às criações e apropriações populares, como ocorreu em Santa Catarina.

As primeiras irmandades surgidas em Nossa Senhora do Desterro, sede do governo da Capitania de Santa Catarina, datam do século XVIII: a Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, a própria Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, além das irmandades do

---

<sup>17</sup> Às localidades catarinenses citadas por Nereu do Vale Pereira pode ao menos ser acrescentada a cidade de Tubarão (PISTORELLO, 2018 – Apêndice 2).

<sup>18</sup> O pesquisador João Leal refere, por exemplo, o interesse em estabelecer comparações entre a Procissão do Senhor dos Passos e a festa do Senhor Santo Cristo, na Ponta Delgada (LEAL, 2007, p. 91).



Santíssimo Sacramento e a do Espírito Santo. Outras seis irmandades seriam criadas no século XIX (CABRAL, 1979, p. 427-441; MORTARI, 2013, p. 88).

Desde sua fundação, a Irmandade do Senhor Jesus dos Passos articulou-se estreitamente às elites políticas e intelectuais locais, conforme se observa na relação de seus instituidores, na sequência de seus provedores, na composição de suas mesas administrativas e nos enterramentos de seu cemitério (FONTES, 1997-1998b; SILVA, 2013). A prática da caridade, apoiada na coleta e distribuição de esmolas, era comum às irmandades, mas, no caso da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, tornou-se uma sólida atuação no atendimento a doentes e desvalidos, incluídas crianças abandonadas (cuja criação era também acompanhada pela Irmandade).<sup>19</sup>

Uma indicação eloquente dessas ações e de sua gradual ampliação está contida no Compromisso da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos de 1885, que em seu Artigo 1º. assinala, entre suas finalidades, “o culto do Senhor Jesus dos Passos e da Vera Cruz, que se veneram na Capela do Menino Deus desta cidade”, ao lado da manutenção do Imperial Hospital de Caridade e do Asilo de Órfãs, da criação dos expostos e da administração do Hospital de Lázaros e do Hospital de Alienados. Parte dessas funções deixou de ser cumprida pela Irmandade apenas quando passou a ser assumida pelo poder público, com a implantação de políticas de saúde e assistência, principalmente a partir dos anos de 1930 (AMORA, 2012).

Criada e reunida em torno de valores católicos, a Irmandade do Senhor Jesus dos Passos sempre foi uma entidade mantida por leigos; os vínculos cotidianos e diretos com a autoridade eclesiástica católica eram estabelecidos (como ainda ocorre) principalmente por meio da atuação do capelão, na Capela do Menino Deus. O estreitamento desses vínculos se dava episodicamente, como à época da Procissão do Senhor dos Passos, devido à necessária articulação entre a Capela do Menino Deus e a Igreja Matriz (tornada Catedral no início do século XX) e à participação de demais autoridades, que caminhavam com os fiéis e proferiam falas e sermões.

Preponderantemente produzida por seus próprios membros, a bibliografia disponível sobre a história da Irmandade, como ressaltou Daniela Pistorello (2018 – Ver Apêndice 2), concentra-se em uma narrativa descritiva (e positiva) de suas ações, pouco dedicada à análise das relações com outras instâncias e aos eventuais conflitos daí advindos. Em estudos acadêmicos sobre religiões e religiosidades em Santa

---

<sup>19</sup> Nesse engajamento, pode-se supor a inspiração na Irmandade de Misericórdia, criada em Portugal no final do século XV (ver PISTORELLO, 2018 – Apêndice 2).

Catarina, entretanto, encontram-se informações e reflexões sobre alterações relevantes, ocorridas nos inícios da República, nas interações da Igreja Católica com as irmandades em geral.

Com a República, encerrou-se, no Brasil, o Padroado, que fazia com que a estrutura da Igreja Católica estivesse entranhada na burocracia estatal do Império brasileiro. Sob o Padroado, a figura do leigo teve papel fundamental:

No catolicismo popular, o leigo assumia um papel de destaque. Ele muitas vezes construía com seus próprios recursos a capela, escolhia o santo padroeiro da localidade e dirigia as festividades. Muitas vezes, nas capelas e/ou igrejas, dirigia as práticas religiosas, contratava e demitia o capelão, sendo, ainda, as irmandades ou confrarias dirigidas por leigos. (SERPA, 1997, p. 51)

Em Santa Catarina, os tempos do Padroado não parecem ter assinalado ingerência significativa das autoridades eclesiásticas sobre as irmandades como um todo. Ao relatar visitas pastorais de bispos, na primeira metade do século XIX, o historiador Walter Piazza salientou que, na de 1815, Dom José Caetano da Silva Coutinho, bispo do Rio de Janeiro, aprovou e confirmou compromissos de irmandades, entre eles o compromisso da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. Na visita pastoral de 1845, outro bispo, Dom Manuel do Monte Rodrigues de Araújo, ao menos visitou a capela do Menino Deus (PIAZZA, 1977, p. 91, 115-116).

O fim do Padroado promoveu uma reaproximação da Igreja Católica brasileira às diretrizes de Roma. Em um complexo processo de realinhamento – a “romanização” –, a Igreja Católica no Brasil buscou expandir sua estrutura (notadamente com a criação de dioceses), concomitantemente à tentativa de garantir a regulação das questões religiosas por autoridades eclesiásticas e reprimir manifestações populares do catolicismo então consideradas impróprias. Simultaneamente, esforçou-se para redefinir suas relações com os núcleos de poder político. Para cumprir esse conjunto de tarefas, foi aparentemente mais fácil recorrer a padres e membros de ordens católicas que fossem estrangeiros. As irmandades sofreram os efeitos diretos da romanização, inclusive em Santa Catarina (SERPA, 1997, p. 36, 42, 47-48).

Alguns momentos são particularmente expressivos nesse cenário de mudanças. Em 1899, o Concílio Plenário Latino-Americano, em Roma, entre outras deliberações, entendeu que irmandades, confrarias e ordens terceiras “deveriam ter

seus estatutos reformulados, passando para o controle do governo diocesano”, sendo ainda seus bens “incorporados ao patrimônio da Igreja” (SERPA, 1997, p. 88). Em Santa Catarina, após a criação da Diocese, em 1908, as deliberações daquele Concílio tiveram tradução concreta primeiramente no Sínodo Diocesano de 1910, depois no de 1919. Atingiram fortemente as práticas costumeiras das irmandades: seus bens foram considerados da Igreja; foram proibidas de nomear ou exonerar capelães sem aprovação do bispo; tiveram suas festas submetidas a várias restrições ou proibições, relativas à coleta de esmolas, à realização de danças e folias e aos cantos e músicas. O Sínodo de 1910, especificamente, “proibia o canto em língua vernácula, trechos de ópera ou de músicas profanas, e que bandas musicais tocassem dentro das igrejas” (SERPA, 1997, p. 128-129).

Em Santa Catarina, o padre alemão Francisco Topp foi um dos agentes mais ativos da romanização. Transferido para a capital, em 1896, como vigário da paróquia de Desterro (posteriormente denominada Florianópolis), teve grande ingerência, por exemplo, na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (formada predominantemente por afrodescendentes), a ponto de passar a frequentar suas reuniões e promover a reformulação do seu compromisso, em 1905 – reformulação que consagrou a interferência do vigário nas questões da irmandade (PIAZZA, 1977, p. 150; SERPA, 1997, p. 137).

O historiador Élio Cantalício Serpa sugere que os efeitos da atuação do padre Topp sobre o cotidiano das irmandades variaram conforme o perfil de cada uma delas e, em especial, o perfil dos irmãos:

A Irmandade do Senhor dos Passos, congregando figuras de proa da sociedade local e com forte estrutura financeira, atravessou os anos com autonomia, isenta do controle da Igreja. Quando a Igreja, através do bispo, tentou o controle, esta [o] rechaçou com firmeza. Continuou a empreender a procissão dos Passos e a festa de Santa Cruz, mantendo relações amistosas com o clero local. A Irmandade Senhor dos Passos também não impediu que a Irmandade do Santíssimo Sacramento, sob o controle do clero, realizasse de acordo com as normas diocesanas a procissão do enterro e da ressurreição, por um determinado período. Mas o padre Francisco Xavier Topp jamais deixou de criar estratégias para obter o controle da Irmandade do Senhor dos Passos. Em 1896, ano de sua nomeação para vigário na Paróquia de Nossa Senhora do Desterro, padre Topp foi nomeado capelão da Irmandade. No mesmo ano, o padre Topp ofereceu à Irmandade prestação de serviços através de locação do trabalho das Irmãs da Divina Providência para atendimento e administração do hospital. (SERPA, 1997, p. 139-140)

Tornar-se capelão da Irmandade e conseguir a inserção de irmãs da Divina Providência no dia a dia do Hospital de Caridade certamente não foi algo de pouca expressão, mesmo que, formalmente, as mesas administrativas da Irmandade tenham conseguido resistir a modificações em seu compromisso ou mesmo à sugestão, feita por Topp, de que a indicação do capelão fosse incumbência da Superiora das Irmãs da Divina Providência (o que feria o compromisso – SERPA, 1997, p. 140). Como vigário da paróquia da capital, o padre Topp intermediou as solicitações de autorização de realização da Procissão do Senhor dos Passos, junto ao bispo da Diocese.<sup>20</sup>

Quer atuando no interior da Irmandade, como capelão, quer na função de vigário, Topp teve oportunidades para promover ajustes naquilo que, em seu entendimento, não se configurava como boa prática católica. Em pesquisa junto aos documentos pessoais do padre Francisco Topp, arquivados na Mitra Diocesana, a historiadora Michelle Stakonski encontrou um bilhete, provavelmente datado de 1898, em que o padre arrolou o que pareciam ser alguns desses inconvenientes. Entre os nove itens, há três deles relativos à Irmandade do Senhor Jesus dos Passos: “Na noite de Sábado do Passos a igreja fica aberta, a gente de sítio dorme às vezes lá dentro”; “sedida [sic] de São Sebastião, água em que se lavou a imagem de Bom Jesus dos Passos”; “Exposição do Santíssimo Sacramento no na [sic] quinta-feira santa no menino Deus.” (STAKONSKI, 2008, p. 111-112).<sup>21</sup> Ou seja, preocupações que incidiam diretamente sobre devoções e sobre o lidar dos leigos com o sagrado.<sup>22</sup>

Há uma memória difusa das interferências das autoridades eclesiásticas sobre a Irmandade e, mais pontualmente, sobre a Procissão. Em entrevista concedida em 2008, o pesquisador Nereu do Vale Pereira, ao indicar uma mudança no calendário de realização da celebração, permitiu entrever vestígios de tensões:

[...] essa procissão, como era na Europa e ainda é na Espanha assim, ela se realizava na Sexta-feira Santa. Quinta pra sexta. [...] E esse ritual só foi interrompido já no século XX, não se tem bem precisa a data, 1901, 1902. Começou a haver uma série de cerimônias na Catedral de Florianópolis, da Semana Santa, na quarta, quinta e sexta-feira; chamam de Trevas, o ofício das

---

<sup>20</sup> O Arquivo Histórico Eclesiástico, em Florianópolis, guarda requerimentos de autorização para a realização da procissão, entre 1899 e 1918, na sua maioria assinados por Francisco Topp; foram encaminhados à Diocese de Curitiba e, a partir de 1909, à Diocese de Florianópolis.

<sup>21</sup> A escrita foi modernizada, na citação, e as confusões com o português, da parte do padre alemão, mantidas.

<sup>22</sup> Convém acrescentar que Topp, falecido na capital em 1921, foi sepultado no Cemitério da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, em Florianópolis (BESEN, 2015, p. 178; SILVA, 2013, p. 19).

Trevas [...]. E essas cerimônias dificultavam a execução da Procissão. E aí, segundo o que se tem também de informação de tradição, a Igreja teria proibido a Procissão na Quinta e Sexta-Feira Santa. [...] Realmente trouxeram uma certa alteração no ritual da Igreja. E no ritual também do povo. O povo aceitou isso, sabe-se, não muito bem, com certas reservas, porque tirava do dia efetivo, que era a cerimônia fúnebre da Sexta-feira Santa, depois viria a procissão da Ressurreição, domingo de madrugada... Essas coisas todas perderam um pouquinho a sequência, na alma do povo. Mas a devoção do Senhor dos Passos continua até hoje.<sup>23</sup>

Por outro lado, na história das relações entre a Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e a Igreja Católica, a atuação desta última, em vez de rejeitada, já foi demandada, inclusive recentemente. Em 2012, a fala do então provedor da Irmandade, José Carlos Pacheco, sinalizava a necessidade de as autoridades eclesásticas fortalecerem a relação com a Procissão:

Só nos emprestam a Catedral pra fazer a missa [...]. Aí eu disse: eu vou entregar isso pra eles encamparem isso, porque eles têm que chamar os padres de todas as paróquias, têm que trazer os jovens. Porque a Procissão está envelhecendo, as pessoas que são mais idosas, mas entre esse contingente é um que vai a óbito, outro que não sai mais de casa, outro que viajou... Não está sendo substituída pelos jovens. E a Igreja tem os movimentos de Emaús e tem tudo isso. [...] Nós somos da paróquia aqui da Catedral, eles têm que assumir. E o dia que for um bem imaterial, assim, mais uma razão.

A devoção ao Senhor dos Passos e sua procissão, em Florianópolis, têm sido construídas historicamente nesse movimento contínuo de aproximações e afastamentos, assimilações e resistências, não apenas entre Irmandade e Igreja Católica, mas também nas relações dessas com os devotos em geral. Se em Santa Catarina, a partir da República, a Igreja Católica atuou fortemente no sentido de moderar a exuberância dos afetos que marcam o catolicismo dito “popular”, não conseguiu eliminar alguns de seus aspectos fundamentais como, por exemplo, o das “trocas espirituais” estabelecidas entre o devoto e a figura santa de devoção (no caso da Irmandade, o Senhor dos Passos), conformando uma intensa intimidade que pode

---

<sup>23</sup> Todavia, no Arquivo Histórico Eclesiástico (Florianópolis), cartas assinadas pelo vigário da capital e encaminhadas à Diocese, requerendo autorização de realização da Procissão do Senhor dos Passos, assinalam em vários momentos que ela ocorreria no “domingo da Paixão”: ao menos em 1902, 1906, 1907 e 1910.

tanto envolver adulações como ameaças e vinganças. Como destacou o historiador Luiz Mott, em relação à América Portuguesa:

As imagens de Nossa Senhora, como dos santos prediletos, eram tratadas com piedosa *adulação*: donzelas e anciãs confeccionavam capas e vestidos com ricos bordados para cobrir as estatuetas; brincos, colares e broches preciosos enfeitavam as imagens. O Menino Jesus, em marfim ou madeira, deitadinho na cama, era venerado ora com suas “partes pudendas” à mostra ora envolto com camisa pagã ou roupinhas próprias de sua puerícia. No Museu de Arte Sacra da Bahia ainda podemos ver o berço, os chinelinhos e balangandãs de ouro que faziam parte do enxoval do Divino Infante.

[...]

Para efeito de obter intercessão de sant’Antoninho em aproximações amorosas e enlaces conjugais, tiravam-lhe as devotas o Divino Infante de seu braço só o restituindo depois de obtido o milagre, ou então arrancavam-lhe o esplendor, deixavam-no dias seguidos de cabeça para baixo, pregando uma moeda no lugar da rasura.” (MOTT, v. 1, p. 185-186, 188)

É a mesma lógica que preside um dos comentários finais de Maria Paulina de Amorim da Silva, funcionária da Capela do Menino Deus, em Florianópolis, em entrevista concedida em 2014. Embora, na mesma ocasião, ela já tivesse informado o recebimento de uma graça do Senhor dos Passos, indicava ter solicitado uma nova, que aguardava ser atendida: “[...] eu já pedi uma graça pra ele, eu já disse pra ele, ele que me obedeça, porque se ele não me obedecer ele vai se ver comigo, eu não cuido mais dele.”

Não é, porém, a cobrança em tom ameaçador o que mais transparece nas relações entre os devotos e o orago da Irmandade – ao menos, se tomados como referência os registros dos Livros de Ação de Graças, existentes desde 2002. Antes desses livros, as manifestações de agradecimento pelas “graças alcançadas” eram materializadas de outra forma, com artefatos trazidos pelos devotos – os tradicionais *ex-votos* (placas, quadrinhos, representações de partes do corpo em madeira ou cera etc.). Não houve, da parte da Irmandade, interesse em conservá-los. Em vez disso, de forma a racionalizar o registro das graças concedidas (e dos pedidos de concessões), foram adotados os livros, nos moldes dos costumeiramente empregados para atas ou registro de presença. Desde 2002, um livro é aberto e deixado à frente do altar do Senhor dos Passos, sendo substituído por um novo quando as anotações esgotam todas as folhas disponíveis.

O conjunto dos Livros de Ação de Graças, mesmo lacunar e analisado por amostragem (PISTORELLO, 2018 – Apêndice 2), permite vislumbrar a riqueza das práticas devocionais e a complexidade de sentimentos e expectativas envolvidas na relação com o Senhor dos Passos. Registram pedidos genéricos (saúde, amor, felicidade) e demandas específicas de cura de muitos e diferentes males: doenças físicas, vícios, más influências, dores de amor...

São registros feitos por pessoas que circulam pelo Hospital de Caridade, como doentes ou seus acompanhantes, mas também por pessoas que para lá se dirigem apenas para se encontrar com o Senhor dos Passos. Nem todos indicam o lugar de onde vêm; essa informação é, aliás, pouco usual. No entanto, mesmo dados pontuais e assistemáticos assinalam o espraiamento da devoção por todas as regiões do estado de Santa Catarina, atingindo também outras unidades da federação, nas regiões sul (Paraná, Rio Grande do Sul), sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais), centro-oeste (Mato Grosso, Goiás) norte (Acre, Pará) e nordeste (Pernambuco). Fora do país, foram localizados, na amostragem, ao menos registros de pessoas residentes nos Estados Unidos e na Argentina (PISTORELLO, 2018 – Apêndice 2).

Seriam antigos moradores de Florianópolis que se afastaram da cidade? Ou devotos que, na maior parte do tempo, cultuam sua fé à distância? Questões que os Livros de Ação de Graças por vezes respondem, quando os registros são menos breves e se dedicam a realizar um balanço pessoal dos compromissos envolvidos na devoção.

Os Livros de Ação de Graças acolhem parte da diversidade das manifestações da devoção, sendo os perfis dos devotos percebidos de forma indiciária: nos mais variados tipos de letras; nas anotações tanto curtas como longas, bem concatenadas ou disparatadas; nos pedidos desesperados e agradecimentos espirituosos; nos tratamentos solenes ou informais. Neles podem ser vislumbradas diversas gerações, distintos níveis de instrução e diferentes condições de vida. Marcam a inscrição da devoção no tempo da vida, como na citação a seguir, de tom formal e escrita cuidadosa, em que se vislumbra uma história devocional de, no mínimo, 25 anos:

Peço perdão Senhor pela vela que em 1980 retirei do seu Altar; era um momento de grande angústia [...]; levei a vela como símbolo material de Sua Presença Divina e todas as noites acendia-a para orar e sentir sua Presença, através daquele símbolo luminoso.

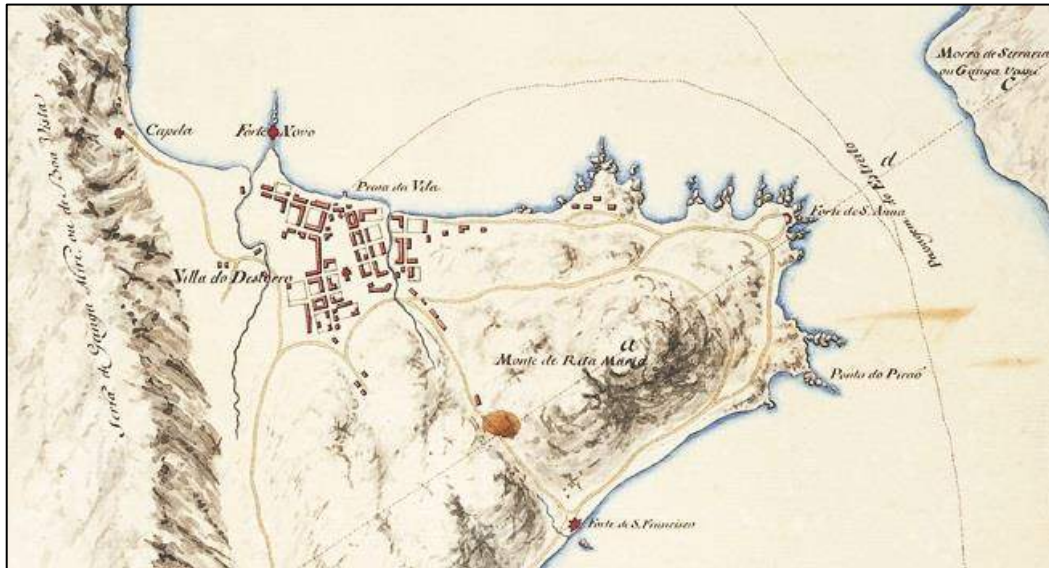
Conseguimos a recuperação do doente [...]. Só devemos agradecer e eu pedir desculpas pelo ato pouco louvável! Assim seja. Obrigada Senhor Jesus. Janeiro /2005.

Obs.: Sempre que venho aqui deposito o valor da vela.

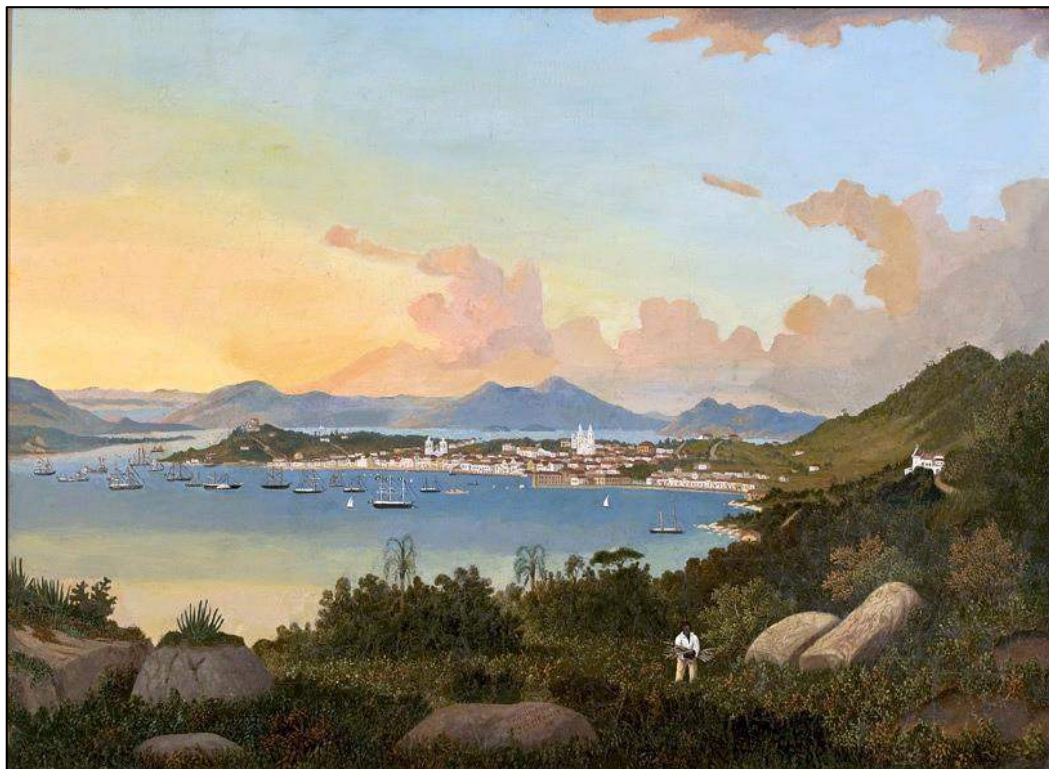




*Em uma das capelas laterais da Capela do Menino Deus está a imagem do Senhor dos Passos; por meio de uma escada, é possível circundar o seu nicho. Na parte posterior do nicho, há uma abertura por onde passa o pé esquerdo da imagem, que pode ser tocado pelos devotos, ao longo de todo o ano. Abaixo do pé, há um cofre para recolher esmolas. Também ali pode ser lida uma oração ao Senhor dos Passos. Florianópolis, 2012. Foto: Monica Arnt.*



*Fragmento da “Planta da Villa Capital de Sta. Catarina”, 1774. Vê-se o caminho de terra que ligava as principais edificações da vila à Capela do Menino Deus, no Morro da Boa Vista (canto superior esquerdo da planta). Cópia digital disponível no acervo do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF).*



*Vista de Desterro. Joseph Brüggemann, 1867. No primeiro plano, uma pessoa caminha com galhos e gravetos. Mais ao alto, à direita, a Capela do Menino Deus. A baía sul e seu porto, com as construções da vila ao fundo, ocupam a faixa central do quadro. A obra original integra o acervo do Museu de Arte de São Paulo. Imagem de domínio público. Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/>>. Acesso em: 13 abr. 2018.*

## O território da Procissão

Mas quando cheguei aqui nessa igreja [Capela do Menino Deus], que eu vi essas duas imagens, eu não tenho palavra pra explicar isso, porque eu nunca tinha visto imagem vestida assim, sabe, igual a essas. E principalmente o Senhor dos Passos, que aquela época ainda ele mexia com a língua, os olhos, que hoje está travado isso. Isso me impressionou muito. [...] sabe uma coisa assim que deixa a gente paralisado? Não tem explicação o que a gente sente. E não só eu como muitas outras pessoas. Quantas pessoas nessa época desmaiavam aqui, que olhavam, viam e desmaiavam.

Gertrudes Marchese, 2014.

O início da devoção ao Senhor dos Passos, em Santa Catarina, se vincula à chegada da imagem sacra à capital, objeto de uma narrativa que pode ser compreendida como seu “mito de origem” (LACERDA, 2018 – Apêndice 1). De acordo com esse mito, insistentemente lembrado em relatos escritos, depoimentos orais e estudos que tematizam a Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis, a imagem *escolheu* ficar na localidade. Vinda pelo mar, da Bahia, onde teria sido supostamente esculpida por Francisco das Chagas, ela deveria ter sido levada ao Rio Grande do Sul, para onde rumava a embarcação que a transportava. Contudo, não foram conseguidas condições marítimas adequadas para avançar para o destino previsto e por três vezes a embarcação retornou à Ilha de Santa Catarina. Segundo a narrativa consagrada, após as três tentativas frustradas a tripulação e seu comandante interpretaram que a imagem não queria seguir viagem, sendo deixada na então Nossa Senhora de Desterro (BREVE, 1897, p. 3; CABRAL, 1979, v. 1, p. 428; FONTES, 1997-1998b, p. 19-20; VÁRZEA, 1984, p. 54).<sup>24</sup>

A presença da imagem do Senhor dos Passos em terras catarinenses é indissociável, portanto, de uma localidade em íntima relação com o mar, e da trajetória histórica da Ilha de Santa Catarina como ponto estratégico da navegação marítima na América meridional, em especial no período moderno. Na região que hoje conforma o estado de Santa Catarina, a ilha invariavelmente aparece em destaque, em mapas da América do Sul produzidos entre os séculos XVI e XVIII. E, embora os pontos de atracação das embarcações tenham variado, foi a área central da

---

<sup>24</sup> Baseado em José Gonçalves dos Santos Silva, Henrique da Silva Fontes afirma que a permanência da imagem do Senhor dos Passos foi acertada entre o capitão da embarcação e os habitantes da localidade, que pagaram “o feitiço” (FONTES, 1997-1998a, p. 66; FONTES, 1997-1998b, p. 19).

Ilha, no trecho mais próximo ao continente, que acabou por conformar o porto propriamente dito. Ali se formou “um vilarejo, situado ao fundo de uma enseada”, conforme descrição de Antoine Joseph Pernetty (Dom Pernetty), em anotação de viagem feita em 1763 (HARO, 1996, p. 80);<sup>25</sup> vilarejo que viria a concentrar as edificações demarcadoras da dominação portuguesa: a Casa de Câmara e Cadeia, a Casa ou Palácio do Governador, a Igreja Matriz. Em sua *Memória política sobre a Capitania de Santa Catarina*, publicada em 1829, Paulo Jozé Miguel de Brito descreveu a localidade em grandes traços, ressaltando as estruturas administrativas nela presentes, associadas à dominação portuguesa, bem como suas edificações referenciais, inclusive a Capela do Menino Deus, o Hospital de Caridade e a casa reservada para as crianças abandonadas (os “expostos”):

Nossa Senhora do Desterro – esta Vila é grande, suficientemente populosa e comerciante, ereta em Vila em 26 de março de 1726; vistosamente situada à beira-mar na face do sul da ponta de terra, que no meio da Ilha se lança para a terra firme até formar o estreito, que separa uma da outra, em terreno gradualmente elevado, a cinco léguas distantes (por terra) da ponta setentrional da Ilha; é a Capital desta Capitania, e a residência do Governador, Juiz de fora e mais autoridades públicas, assento do Regimento de Infantaria de Linha da guarnição da Capitania, da Junta da Fazenda da Alfândega, que lhe está anexa; com uma grande praça de figura retangular, em cujo lado do norte está edificada a Igreja Matriz, que é muito boa; no lado de oeste o Palácio dos Governadores, no de leste a casa da Câmara; estes edifícios são regulares, nobres, e bem construídos; o lado sul da praça é praia, onde há um trapiche de madeira (hoje todo arruinado) que serve de cais para desembarque da gente e dos gêneros. Tem algumas ruas sofríveis, bem que só uma seja calçada; há nelas belas casas, que se tem edificado recentemente; além da Matriz há mais uma igreja medíocre, da Ordem Terceira de São Francisco, que está a concluir-se; e mais outra mais pequena para o lado oriental da Vila com a invocação do Menino Deus; e anexo a ela há um pequeno Hospital de Caridade e a casa em que se recebem os expostos. O Quartel do Regimento de Linha é sofrível, e tem um medíocre campo na sua frente, ao qual chamam do Manejo; está situado no extremo oriental da Vila, e na falda do morro que por este lado a domina. (BRITO, 2008, p. 89-90)

Com a intensificação das atividades do porto, em especial no século XIX, instalaram-se, nas suas proximidades, vários estabelecimentos comerciais e casas de importação e exportação, além do Mercado Público e da Alfândega (VEIGA, 2008,

---

<sup>25</sup> O registro consta do livro *Histoire d'un voyage aux isles Malouines, fait en 1763 & 1764, avec des observations sur le détroit de Magellan et sur les Patagons*, publicada em 1770, em Paris.

p. 169-172). Para o porto convergiam tanto navios como embarcações de menor porte, vindas de pontos ao sul e ao norte da própria ilha, trazendo produtos das atividades de pesca e agricultura. Embarcações, o cais e seus trapiches, bem como o movimento de carga e descarga de mercadorias e o burburinho da movimentação de pessoas que ali circulavam, pontuadas pela Matriz, a Igreja de São Francisco e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário (que sobressaíam entre as edificações daquela área), compuseram, até a década de 1970, os elementos fundamentais da paisagem que podia ser vislumbrada da Capela do Menino Deus. Em texto acadêmico que sintetiza informações sobre o espaço físico de Florianópolis, publicado em 1991, o geógrafo Victor Antonio Peluso Jr. incrustou, a esse respeito, uma observação de caráter pessoal:

Lembro-me do aspecto encantador que tinha o cais em frente à estátua de Fernando Machado e o trapiche, ao qual chegavam as lanchas com passageiros do Estreito e de vapores que ancoravam no porto. Depois, em seu lugar, construíram o Mira-Mar, mais sofisticado. (PELUSO Jr., 1991, p. 10)

Aportada em 1764, a imagem do Senhor dos Passos veio a ser abrigada na Capela do Menino Deus, cuja construção fora promovida pela beata Joana de Gusmão. Para receber a imagem, uma capela anexa à já existente, e devidamente integrada ao conjunto da edificação, foi erguida pela Irmandade do Senhor Jesus dos Passos em 1768. Na Capela do Menino Deus, o Jesus adulto superou, em fama, o Jesus menino, este último representado por uma pequena imagem de 28 cm, em madeira policromada, para a qual estava reservado o altar mor. Também a escultura do Senhor dos Passos foi feita em madeira policromada; mede 1,37m e a cruz, carregada pela figura, 1,88m. Há numerosas referências a mecanismos internos que permitiam que seus olhos, língua e cabeça se movessem, o que, quando ocorria, causava grande impressão e comoção (FONTES, 1997-1998a, p. 62-66; FONTES, 1997-1998b, p. 19; MIRA, 1920, p. 166). Em virtude disso, procedeu-se ao travamento desses mecanismos (que, nas lembranças de Gertrudes Marchese, funcionária da Capela do Menino Deus, ainda estavam ativos no início da década de 1980).

Durante a procissão, a cruz da imagem do Senhor dos Passos é substituída por uma maior, como ressaltou Joi Guedes da Fonseca Sobrinho, em entrevista de 2014:

É claro que é feita uma situação que existe uma cruz, que é uma cruz praticamente simbólica, que ele fica no altar da igreja [...]. Ela não tem a parte traseira, a parte de trás da cruz, ela é simbólica, parece que ela é uma cruz, mas ela é cortada. [...] porque na procissão mesmo a cruz do Senhor dos Passos é uma cruz grande e enorme, [...] talvez tem quatro, cinco metros. E quando ela faz o giro aqui na frente dessa casa, aqui embaixo da ladeira, é necessário que as pessoas saiam de trás porque senão bate na cabeça das pessoas.

Na Capela do Menino Deus, a imagem do Senhor dos Passos ganhou, em 1783, a companhia da imagem de Nossa Senhora das Dores, como resultado de doação feita por dois membros da Irmandade (FONTES, 1997-1998b, p. 227-228); foi solenemente instalada em uma capela lateral no último dia daquele ano e, provavelmente desde então, passou a integrar os cortejos processionais de sábado e domingo, na Procissão do Senhor dos Passos.

Associado, nos dias da Procissão, ao próprio Calvário (IPHAN, 2015, p. 5), o Morro da Boa Vista, onde está a Capela do Menino Deus, tornou-se, desde o século XVIII, *locus de proteção divina* (com a intermediação das imagens sacras da Capela, que ainda no século XVIII foi integrada aos bens da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos), de *caridade* (com a promoção, pela Irmandade, de assistência aos pobres e abandonados, primeiramente por meio de esmolas) e de *cura* (em decorrência do hospital ali construído pela Irmandade, mas também da intercessão do Senhor dos Passos, a quem se atribui poder taumatúrgico).

O prédio inicial do Hospital de Caridade foi concluído em 1788, ganhando ao longo do tempo ampliações sucessivas que, aliás, continuam a ocorrer. Para a historiadora Karla Fonseca Sagás (2018 – Apêndice 3), iniciativas como a construção e manutenção do Hospital de Caridade aproximaram as camadas populares da devoção e da procissão, “apesar do caráter elitista da Irmandade”. Complementarmente às ações caritativas que já realizava, em 1828 a Irmandade implantou a “roda de expostos”, existente em muitas Santas Casas de Misericórdia: um mecanismo pelo qual crianças indesejadas podiam ser deixadas, de forma anônima, sob os cuidados da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. Esse sistema perdurou até a década de 1890 (PEREIRA, 1997-1998, p. 386; SANTOS, 2009, p. 152).

Ao sair pelas ruas, em procissão, por mais de 250 anos, a imagem do Senhor dos Passos contribuiu para conformar um território dentro da cidade – ou seja, um

espaço geográfico marcado e definido por determinadas relações de poder e configurações de controle e dominação, sobre o qual se projetam representações identitárias. Tal território está fortemente vinculado ao triângulo de poder formado, entre os séculos XVIII e XX, na colina que outrora desembocava no cais do porto, a pouco mais de um quilômetro da Capela do Menino Deus: em um dos vértices desse triângulo, está a Catedral (primeiramente, apenas Igreja Matriz); nas outras duas pontas, as edificações reservadas ao governo de Santa Catarina e ao da vila.<sup>26</sup> Entre o Morro da Boa Vista e a colina da Matriz, definiu-se um circuito processional. Que ruas o constituíram?

A transladação das imagens, no sábado, parece ter mantido, desde seus inícios, quatro logradouros obrigatoriamente percorridos: a ladeira do Menino Deus; a Rua Bulcão Viana (no século XIX designada como Rua do Vinagre e, com a República, contemplada nas referências ao “Largo 13 de Maio”); a Rua Tiradentes (anteriormente tendo recebido as denominações de Rua da Cadeia e Rua da Constituição); a Praça XV de Novembro (anteriormente à República, apenas Largo da Matriz). Há informações de que a Procissão do Encontro teve percursos mais longos e algumas variações, mas a passagem por alguns logradouros manteve constância: Praça XV de Novembro (antigo Largo da Matriz); Rua Tenente Silveira (que já fora Rua do Governador e Rua do Imperador); Rua Deodoro (denominada, antes da República, Rua do Ouvidor, Rua dos Quartéis, Rua de São Francisco); atual Rua Conselheiro Mafra (que foi Rua Augusta, do Príncipe, do Comércio e Rua Altino Corrêa); novamente Praça XV de Novembro; Rua Tiradentes (havendo indicação de que era feita também uma passagem pela Rua João Pinto); Rua Bulcão Viana; Rua Menino Deus. (CABRAL, 1979, v. 2, p. 256-257; VÁRZEA, 1984, p. 75-79; VEIGA, 2008, p. 402, 404, 406-407). Essa é, portanto, a base do circuito; mas ele já foi mais longo e demorado.

Veja-se que Nereu do Vale Pereira, em entrevistas de 2008 e 2014, destacou mudanças que reduziram significativamente o percurso da procissão de domingo. Na entrevista de 2014, assinalou que isso se articulava a novas percepções quanto à relação com o tempo, bem como ao grau de distinção emprestado às casas no caminho da Procissão, que se transformara:

---

<sup>26</sup> Atualmente, nenhuma delas cumpre a função de instância de governo: o antigo Palácio do Governo tornou-se Museu Histórico de Santa Catarina e a antiga Casa de Câmara e Cadeia deverá também ser musealizada em breve.

[...] quanto mais demorada fosse a procissão, mais empolgante seria ela. E depois porque as famílias importantes gostariam que a procissão passasse na frente da casa deles. Como que a procissão do Senhor dos Passos não vai passar na frente da casa do governador? Então tinha que ter um trajeto que pudesse verificar as principais ruas. Hoje é a Tenente Silveira, descer lá pela Jerônimo Coelho, passar pela Conselheiro Mafra, a Felipe Schmidt não era a rua principal, a principal era a Rua Conselheiro Mafra, a Rua do Príncipe, tinha que passar por lá. E a Rua João Pinto, a rua onde morava, justamente um dos cuidadores da Irmandade, o Tomás Francisco da Costa, tinha que passar na frente da casa dele.

Na entrevista de 2008, Nereu do Vale Pereira salientou transformações urbanas que influenciaram a procissão, por vezes pontualmente, como alterações do traçado de ruas ou a realização de obras em certas edificações (por exemplo, as de reforma da Catedral ou da Capela do Menino Deus). De forma similar, em entrevista de 2014 o então provedor em exercício Luiz Mário Machado indicou a necessidade de “um pequeno desvio, por causa da reforma ali do mercado público”. Dois anos antes, também em entrevista, o provedor José Carlos Pacheco destacou a dificuldade de fazer fluir o caminhar da procissão, em meio às estreitas ruas da área central. No entanto, a multidão espremida entre as ruas não era propriamente uma novidade, com base nos registros de Virgílio Várzea, em 1900. O escritor descreveu a procissão (a de domingo) não somente como um espetáculo de fé, mas também de corpos, cores e aromas, em que a cidade ganhava nova aparência, efêmera, vinculada à ornamentação que anunciava e comemorava a Procissão do Senhor dos Passos:

[...] a procissão adianta-se e aperta-se caminhando sempre por entre as casas, cujas janelas regorgitam de famílias, debruçadas respeitosa e sobre as grandes colchas de damasco de seda pendendo às sacadas, onde predomina o escarlata, o amarelo cor de ouro e o alvadio, à maneira ainda da antiga Roma nos seus dias festivos. As outras ruas em que passa o cortejo mantêm-se igualmente enfeitadas, o chão afofado de folhagens e flores, que trituradas pelos pés saturam o ambiente de aromas, onde sobressai o eflúvio do alecrim e do manjerição. A cada esquina o povo que não pode tomar parte no séquito se acumula densamente, ajoelhando-se em massa quando surge o Santíssimo. (VÁRZEA, 1984, p. 78)

O cortejo atravessa e toma para si espaços públicos, o que faz com que a Procissão afete “mesmo aqueles que não participam diretamente do ato”, como salientou a historiadora Karla F. Sagás. Na atualidade, ruas são bloqueadas para o



trânsito de veículos, que é desviado para outras vias, e a circulação de ônibus sofre alterações nos casos em que eles deveriam atravessar o território da Procissão.

Ressalte-se que a paisagem marítima desse território foi até o século XX um complemento fundamental da área percorrida pela procissão, inclusive com um cortejo paralelo de embarcações. Novamente, Virgílio Várzea oferece descrição do que ocorria em 1900, quanto a essa singularidade:

Ao chegar à Rua Altino Correa (antiga do Príncipe), na altura da de Jerônimo Coelho, de onde a primeira se estende para a praça em toda a largura do cais principal da cidade – o espetáculo é extraordinário e único talvez no Brasil.

Uma multidão de embarcações miúdas, como canoas de remo-de-pá e de voga, batelões, botes e lanchas, vindas de todos os sítios marítimos do continente e da Ilha, coalham a baía, entre a linha do litoral e o cordão afastado dos grandes navios, que põem ao longe no horizonte, com a cordoalha alterosa, como um estranho tecido de renda sobre os cascos quase unidos, no ancoradouro sereno todo espelhado em anil. Dessas embarcações pequeninas, mudadas em lar ao momento, pois transbordam de famílias, fisionomias de todas as idades, desde a criança de colo até ao ancião secular, umas pálidas de doenças, outras rubras de saúde – debruçam-se ansiosamente da borda, acompanhando sofregamente com os olhos a Imagem adorada. E à proporção que o préstito avança, sempre diante do mar, elas vogam para vante, seguindo-o na sua imensa flotilha.

Mas a procissão se oculta um instante na Rua João Pinto, indo reaparecer outra vez, e plenamente, no Largo Treze de Maio, para onde singra a esquadra de canoas e lanchas, numa marcha rapidíssima, estatelando-se de novo, em veneração devota, ante o cortejo que passa, os rostos embevecidos... (VÁRZEA, 1984, p. 78-79)

A transformação radical dessa paisagem urbana e das práticas marítimas associadas ao centro urbano da capital acontece no século XX. As atividades do porto declinaram, ao que tudo indica menos por limitações técnicas que dificultariam o trânsito de navios de grande calado (MELLO Jr., 2009, p. 19, 32, 48-49) e mais por fatores como o gradativo aumento da importância do transporte rodoviário, que ocorria concomitantemente ao crescimento econômico de cidades no norte do estado e no Vale do Itajaí, impulsionado pela indústria (e que, por sua vez, alavancou os portos de São Francisco e Itajaí). Além disso, também os projetos modernizadores que uma parcela da elite florianopolitana acalentava para a cidade cumpriram um importante papel.

O transporte rodoviário (e a concomitante abertura de rodovias e grandes avenidas) foi bastante favorecido com a construção da Ponte Hercílio Luz, na década

de 1920, que ligou a Ilha de Santa Catarina, em sua área central, ao continente. Na década anterior, obras de infraestrutura viária e relacionadas ao abastecimento de água e à coleta de esgotos já haviam provocado mudanças substanciais na área em que se inscreveu o território da Procissão do Senhor dos Passos, causando a demolição de casas populares que pululavam na área central. Essas mudanças, promovidas com base em discursos modernizadores e perspectivas higienistas, tiveram como um de seus resultados mais imediatos a ocupação das encostas dos morros por grupos populares, com destaque para o Maciço Central e, por consequência, também o entorno do Morro da Boa Vista. Como indicou André Luiz Santos:

À medida que eram expulsos das casas de aluguel próximas do porto vendidas aos comerciantes, dos cortiços demolidos, ou fugindo das posturas e leis urbanas que condenavam suas casas, o crescimento da população mais pobre foi sendo concentrado em determinadas áreas mais afastadas do porto. A população adensou a Tronqueira, no caminho que cruzava o Morro do Antão, a Santíssima Trindade; as vizinhanças do Campo do Manejo próximo ao Quartel; nas ruas que ficavam entre a Matriz e a Igreja do Rosário; nas proximidades da Pedreira, ao sul da Praça; próximo das olarias na base do Morro do Antão; às margens da Fonte Grande; em becos com casinhas das irmandades católicas; no bairro mais afastado da Toca, no caminho para o Sul da Ilha, no sopé da Boa Vista. E permaneciam na Figueira, tradicional dos marítimos e que continuou concentrando os equipamentos e ofícios de manutenção, carga e armazenamento do porto. (SANTOS, 2009, p. 78-79)

Os aterros trariam a transformação decisiva.

Na década de 1970, o centro foi ampliado com a conquista das águas, através de aterros que modificaram as relações da população com o mar. O futuro chegara e a cidade experimentou a maior alteração em sua paisagem urbana, com o aterro da Baía Sul, uma nova ponte entre ilha e continente e uma grande explosão imobiliária. (LOHN, 2016, p. 75).

O mar passou de via a vista.

Se o aterro da Baía Sul, na década de 1970 – um aterro hidráulico de 600 mil m<sup>2</sup> de extensão (SAGÁS, 2018 – Apêndice 3) – rompeu os elos históricos que a área central mantinha com o mar, cabe frisar que, cerca de um século antes, essa ruptura já vinha sendo ensaiada em uma área muito próxima ao Morro da Boa Vista. A praia da Boa Vista – em linhas gerais, uma área bastante lodosa, que se estendia do “forte

de Santa Bárbara até a ladeira do Menino Deus” – foi “paulatinamente aterrada.” (VEIGA, 2008, p. 205-206). Na década de 1880, de uma parte do morro era extraído o material para aterramento – da área que ficou conhecida como Mocotó, ou Morro do Mocotó, e que nas décadas seguintes seria ocupada “por lavadeiras, pescadores, trabalhadores do porto e do mercado, pobres em geral que eram expulsos da cidade, ou migrantes que procuravam o Morro e lá formavam grupos familiares que se instalavam próximos.” (SANTOS, 2009, p. 598-600).

Na década de 1970, o significativo processo de transformações urbanas foi acompanhado da emergência de projetos de turistificação, bem como do surgimento de iniciativas que objetivavam preservar os elementos historicamente referenciais da paisagem. Em relação a essas últimas, 1974 foi um marco, uma vez que assinalou, em nível municipal e estadual, o surgimento de leis protetivas do patrimônio cultural (ADAMS, 2002, p. 47; GONÇALVES, 2016, p. 153), abrindo o processo de estruturação de órgãos de preservação. Com isso, a partir do último quartel do século XX a paisagem urbana referencial do território da Procissão do Senhor dos Passos se transformou tanto em “paisagem de história” como em paisagem “patrimonial”, dado o alto índice de bens ali protegidos, em virtude do valor simbólico neles projetado e consagrado por políticas públicas de preservação.<sup>27</sup>

Contudo, os discursos favoráveis à preservação, em especial quando voltados para o patrimônio edificado, também podem se combinar de forma perversa com práticas de exclusão e segregação urbana, que têm uma longa trajetória na capital catarinense. Tais práticas se integraram poderosamente ao tema da “caridade”, articulando, durante décadas, partidos políticos e Igreja Católica (que, como visto, buscara essa proximidade no início da República, com o fim do Padroado). Enfatizando os anos 1950-1960, o historiador Reinaldo Lohn destacou a aproximação de figuras políticas locais (sobretudo associadas ao PSD e à UDN) com a Cúria Metropolitana e a sua integração a projetos de cunho assistencialista. Essas

---

<sup>27</sup> Toma-se como referência o conceito de “paisagem de história” proposto por Antônio Augusto Arantes, ou seja, um espaço geográfico “com altíssima densidade de referências históricas e culturais (preexistentes ou induzidas)”, que é enquadrado “por empreendimentos econômicos e/ou culturais voltados à produção e à circulação de bens de consumo com forte sentido de lugar” (ARANTES, 2000, p. 66). Uma paisagem “patrimonial” pode ser compreendida como um recorte da paisagem de história, uma vez que contempla espaço geográfico com alta densidade de referências culturais, vistas como significativas para a memória, para os processos sociais de identificação e para a história de distintos grupos sociais, mas que tem essas características consagradas e formalizadas por instâncias legalmente responsáveis pela proteção do patrimônio cultural.

interações acabavam por se manifestar ritualisticamente, no seu entender, nas procissões realizadas no centro da cidade:

O centro urbano de Florianópolis mantém uma estrutura colonial portuguesa, com predomínio do Estado, através de edifícios públicos em torno da praça central, além da Igreja Católica em posição de destaque. Esse cenário contribui para a imagem ideal de uma sociedade reafirmada nesses eventos, isto é, a substituição das identificações e experiências de classe pela homogeneidade, a afirmar o respeito aos ocupantes dos cargos hierárquicos mais altos, tanto na estrutura religiosa quanto estatal. [...] As imagens sacras, pelo menos nos momentos importantes de cada evento, são conduzidas por figuras públicas de destaque. Aparece então uma sociedade sem divisões, um corpo harmonicamente guiado por líderes reconhecidos. (LOHN, 2016, p. 44-45)

Compreende o autor, todavia, que na década de 1980 Florianópolis ganharia o perfil de uma cidade de classe média, geradora de “novas formas de segregação”: “a sociedade de Florianópolis não mais foi vista como uma procissão, contemplada a partir da torre da Catedral Metropolitana, na qual ricos e pobres celebrariam as hierarquias tradicionais” (LOHN, 2016, p. 145).

A Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, desde o momento de sua fundação, esteve articulada à esfera do poder político, com figuras proeminentes dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário (governadores, deputados, desembargadores) compondo seus quadros e, de forma mais saliente, suas mesas administrativas. A participação de personagens do mundo político na Procissão do Senhor dos Passos é estimulada e tem particular visibilidade em dois momentos do sistema ritual: a Transladação das Imagens e, mais enfaticamente, a Procissão do Encontro.

Contudo, se celebrações como a Procissão de Passos servem como instrumento de afirmação de poder (tanto do mundo político *stricto sensu* como do poder eclesiástico), em que medida essa característica consegue ser suficientemente eficaz para marcar corações e mentes do conjunto de detentores?

Cabe ainda uma vez frisar que a Procissão do Senhor dos Passos é uma celebração atravessada por ambivalências e potencialidades, forjadas no jogo de relações entre Irmandade, Igreja Católica e os devotos (entre os quais apenas uma parcela é composta pelos membros da Irmandade). Os devotos têm papel fundamental em todos os momentos do sistema ritual da Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis, mas há variações importantes em sua participação. Na

maior parte daqueles momentos, compõem, juntamente com uma parcela de curiosos e turistas, o “povo” (designação que aparece em periódicos, relatos de caráter memorialístico e depoimentos orais). Em suas atuações mais expressivas, o “povo” – como massa de gente – serpenteia e se espreme pelas ruas da cidade nos três cortejos (Procissão do Carregador, Transladação das Imagens e Procissão do Encontro) e se acumula nas missas celebradas, disputando os lugares disponíveis nos dois templos-chave, a Capela do Menino Deus e a Catedral Metropolitana. Nessas ocasiões, são estimulados a agir como um único corpo, que ouve (os sermões e demais dizeres das autoridades eclesiásticas), responde (com as falas já previstas para os fiéis, nos cultos), ora e canta (em geral, os cânticos que, na atualidade, são veiculados pelo sistema de som). É certo que, em cada um desses momentos, os devotos também vivenciam a fé de modo individual, escolhendo seguir descalços, vestindo-se à semelhança do Senhor dos Passos ou de Nossa Senhora das Dores, portando velas em suportes quase sempre confeccionados e ornamentados por eles próprios (geralmente feitos com garrafas PET). A expressão individual da fé pode ainda se manifestar nos tapetes de rua preparados com areia, serragem, flores, papel e tecido. Finalmente, há os momentos reservados para breves, mas intensos, contatos diretos com as imagens, que, então, não somente podem ser adoradas como tocadas: na lavagem da imagem do Senhor dos Passos (por poucos devotos); após a Missa dos Enfermos (por todos os presentes); na Transladação das Imagens (parcialmente, durante o trajeto; plenamente, após a chegada à catedral, em que os devotos em fila aguardam a sua vez de interagir com as imagens); no retorno das imagens após a Procissão do Encontro. Nesses vários momentos, o que, efetivamente, representam as figuras do clero e do mundo político-partidário para os devotos? Em que medida condicionam suas relações com o Senhor dos Passos ou suas percepções acerca de como se organiza a ordem terrena, a esfera dos negócios humanos?

Veja-se que Maria de Lourdes Corrêa de Oliveira Gonçalves, em entrevista de 2014, ao se referir à ocupação das ruas da cidade pela Procissão do Senhor dos Passos, manifestou uma percepção em que se destaca o poder da fé – que, de seu ponto de vista, seria mais integrador do que homogeneizador:

E aí, nesse dia [da Procissão do Senhor dos Passos], a rua, ela é democrática, ela tem pessoas de várias raças, de várias idades, vários sotaques. E isso é muito interessante. Assim: tem idosos, tem jovens, tem crianças, tem homens, tem mulheres, e isso é muito bonito, assim, você pertencer a esse espaço urbano que no

dia a dia é tão conturbado, que de repente, nesses dois dias, ele é ocupado por um mar de pessoas que estão ali agradecendo, pedindo, louvando, enfim...

Não obstante o esforço de nela se afirmar uma ordem que, a rigor, preserva e alimenta hierarquias e desigualdades, a Procissão do Senhor dos Passos pode também ser vivida, portanto, como um momento em que se abrem brechas para o exercício do direito à cidade e às diferenças.



*Detalhe de foto aérea da Baía Sul, vendo-se a área central de Florianópolis, Ilha de Santa Catarina. Ano: 1938. Acervo: IPUF. Observa-se a única ponte de ligação com o continente até então (Ponte Hercílio Luz), bem como a área do porto, com seus trapiches. Próximo ao Morro da Boa Vista, vê-se o aterro mecânico em que se investia desde o século XIX. A Capela do Menino Deus e o Hospital de Caridade podem ser vistos no canto inferior direito.*



*Detalhe de foto aérea da Baía Sul, vendo-se a área central (insular) de Florianópolis e parte da área continental. Ano: 1979. Acervo: IPUF. A construção do aterro hidráulico na Baía Sul mostra-se nitidamente vinculada à construção de uma segunda ponte entre o continente e a ilha. O porto não existe mais.*



*Detalhe de foto aérea da Baía Sul, vendo-se a área central (insular) de Florianópolis e parte da área continental. Ano: 1994. Acervo: IPUF.  
A foto mostra as três pontes. Na imagem, a área de mata mais extensa, preservada, é justamente a do entorno do Hospital de Caridade.*



*Detalhe de foto aérea da Baía Sul, vendo-se a área central (insular) de Florianópolis e uma pequena parte da área continental. Ano: 2002. Acervo: IPUF.  
O aterro consolidou-se como área de passagem que prioriza o fluxo de veículos.*



---

## *No teatro dos Passos: atos, atores, figurinos e adereços*

Nas primeiras décadas republicanas, estimava-se que o costume de realizar a Procissão do Senhor dos Passos, na capital de Santa Catarina, era relativamente recente: para o escritor Virgílio Várzea, em 1900, e para o jornalista Crispim Mira, em 1920, datava da década de 1840 (VÁRZEA, 1984, p. 75; MIRA, 1920, p. 167), ambos provavelmente tendo feito leituras apressadas do opúsculo *Breve Notícia sobre a Imagem do Senhor Jesus dos Passos*, de 1897, no qual se lê que, por ordem do Conde de Irajá, bispo diocesano, o arcepreste da província de Santa Catarina, em 29 de março de 1846, aprovou “o programa para o trajeto da procissão da Imagem do Orago da Irmandade” (BREVE, 1897, p. 14). Mas aprovar o “programa para o trajeto da procissão”, em 1846, não significava necessariamente a sua realização pela primeira vez.

Informações mais precisas sobre a antiguidade da procissão passaram a ser disseminadas apenas em 1965, com a publicação do livro *A Irmandade do Senhor dos Passos e o seu Hospital, e aqueles que os fundaram*, de Henrique da Silva Fontes, na década de 1960. Vinculado ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e ávido defensor do lugar dos arquivos nas pesquisas de caráter histórico, Henrique Fontes, com base em documentos arquivísticos da Irmandade, conseguiu estabelecer que a primeira Procissão do Senhor dos Passos aconteceu na então Nossa Senhora do Desterro na década de 1760; o ano exato era mais difícil de precisar – em 1766 ou 1767, pois as despesas arroladas em relação à Procissão cobriam, de forma imprecisa, parte de cada um desses anos (FONTES, 1997-1998b, p. 109).

Dos compromissos da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos atualmente disponíveis para pesquisa, o mais antigo é o de 1840. É possível verificar que a Irmandade dispunha-se a promover, ao menos desde 1840, várias festividades e procissões, mas existiam duas celebrações diretamente associadas ao Senhor dos Passos: uma “festa” e uma “procissão”. A primeira deveria ser comemorada “no dia da Invenção da Santa Cruz” (Art. 82 do Compromisso); a segunda, no “Domingo da Paixão”, “na forma que se acha estabelecida” (Art. 83). Em ambas as ocasiões, o Hospital desempenharia um papel importante, pois estaria “ornado e aberto para receber as visitas dos fiéis que a ele se quiserem dirigir, estando o Provedor e Mesários presentes para manterem a ordem e o decoro que deve reinar em

semelhantes ocasiões.” (Art. 88). A visitação do Hospital, nas celebrações da Irmandade, ainda foi prevista no Compromisso de 1858 (Art. 107), que também diferenciou a “festa da Irmandade” (em maio) da “procissão de Passos”, a ser realizada “na quinta Dominga da Quaresma, ou em outro [dia], quando pelo mau tempo ou outro impedimento grave não o possa ser na dita Dominga” (Art. 106). As disposições do Compromisso de 1858 foram mantidas pelo de 1885.

Na documentação da Irmandade, bastante lacunar (inclusive por conta de um incêndio ocorrido no Hospital de Caridade, em 1994), há um longo hiato entre o último Compromisso do século XIX disponível para pesquisa, datado de 1885, e o primeiro Compromisso conhecido do século XX, de 1973. Neste intervalo, porém, foram publicados alguns relatórios da Irmandade, que dão conta das “festividades” realizadas: nos relatórios de 1916-1918 e de 1924-1926, registram-se as “festas de Passos, Ramos, Quinta-feira Maior, Vera Cruz”, bem como a de “Ano Bom” ou de Instituição da Irmandade (1º. de janeiro). O relatório de 1938 menciona as mesmas festividades, menos a de Instituição da Irmandade. O de 1940 refere-se genericamente “às festividades determinadas pelo compromisso”, mas destaca que a do Senhor dos Passos teve o horário antecipado devido à chegada do Presidente da República à capital...

No que tange aos compromissos do século XX, foram localizados e consultados os referentes aos anos de 1973, 1992 e 1993. Nesses compromissos dá-se preferência ao termo “solenidades” e, nesta condição, aparecem apenas as da Vera Cruz, em maio, e as “do Senhor Jesus dos Passos”. Conforme o Compromisso de 1973:

Art. 67: As solenidades do Senhor Jesus dos Passos constarão da transladação da imagem no sábado para a Catedral e o retorno, em Procissão Solene, no dia seguinte, 1º. domingo da Paixão, ou em outro dia, existindo impedimento.

Nos compromissos da década de 1990, o texto desse artigo praticamente não foi alterado: uso do termo “solenidades”; previsão da transladação “da imagem” (e não das imagens, se consideradas a do Senhor dos Passos e a de Nossa Senhora das Dores) no sábado, véspera do 1º. Domingo da Paixão, para a Catedral; retorno da imagem no 1º. Domingo da Paixão (ver Art. 45, tanto do Compromisso de 1992 como do de 1993). O Compromisso de 1993 acrescenta que a transladação também ocorreria “em procissão solene” e destaca, no domingo, “o Sermão do Encontro,

proferido por convidado especial”; a alteração das datas deveria ocorrer se existisse “forte impedimento, a critério do Provedor”.

Todas essas especificações, na sucessão dos compromissos e relatórios, reservam um lugar pouco saliente à Procissão de Passos; desde o final do século XVIII, são principalmente as questões de gestão do Hospital de Caridade que ocupam a maior parte desses documentos. Ao leitor desavisado, que encontra menções à Procissão apenas nas “disposições gerais” ou “gerais e transitórias” dos compromissos, e poucas referências nos relatórios da Irmandade, essa celebração poderia parecer um acontecimento menor no cotidiano da Irmandade e da cidade. Para além das breves menções, contudo, existiu (e continua a existir), em Florianópolis, durante a Quaresma, uma procissão que, de forma bastante complexa, imbrica distintos momentos performáticos e, similarmente aos jogos cênicos, articula, no espaço citadino, atos e atores, figurinos e cenários.<sup>28</sup>

Tal celebração conforma um “sistema ritual”, assim como considerado pelo antropólogo Izomar Lacerda:

Este sistema é composto resumidamente por: um conjunto de missas que se intercalam abrindo (como, por exemplo, a missa de Investidura dos novos membros da Irmandade, que inicia os ritos do sistema) ou encerrando os demais ritos; o ritual da Descida e Vestimenta das Imagens do Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores; a Lavagem da Imagem do Senhor dos Passos na Capela Menino Deus; a Procissão da Mudança ou do Carregador; a Procissão da Transladação das Imagens e por fim, o ponto culminante do sistema, a Procissão do Encontro (que apresenta elementos específicos importantes, como por exemplo, o Canto de Verônica). (LACERDA, 2018 – Ver Apêndice 1)

Cabe descrever os componentes do sistema.

### **1 – Missas**

Tal como a Procissão tem sido realizada, recentemente, as missas são em número de nove e ocorrem ao longo de nove dias, na seguinte sequência:

1.1. Missa de Investidura de Novos Irmãos e Novas Irmãs da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, no domingo anterior ao da Procissão do Encontro e realizada na Capela do Menino Deus, na parte da manhã (por volta das 8h);

---

<sup>28</sup> A *performance* é aqui compreendida na perspectiva de Diana Taylor, ou seja, como “um sistema de aprendizagem, armazenamento e transmissão de conhecimento” (TAYLOR, 2013, p. 45), em especial na produção de um dado *repertório* cultural, considerado o dinamismo dos fazeres e das práticas.

1.2. 1ª. Missa e Bênção do Santíssimo Sacramento (compondo um Tríduo em honra ao Santíssimo Sacramento), na noite de quarta-feira (por volta das 19h30min), realizada na Capela do Menino Deus;<sup>29</sup>

1.3. Missa dos Enfermos ou de Unção dos Enfermos, na manhã de quinta-feira (por volta das 9h), na Capela do Menino Deus, após a lavagem da imagem do Senhor dos Passos;<sup>30</sup>

1.4. 2ª. Missa e Bênção do Santíssimo Sacramento, na noite de quinta-feira (por volta das 19h30min), realizada na Capela do Menino Deus;

1.5. 3ª. Missa e Bênção do Santíssimo Sacramento, na noite de sexta-feira, realizada na Capela do Menino Deus;

1.6. Missa que antecede a Procissão da Mudança ou do Carregador, na manhã do sábado (por volta das 7h), realizada na Capela do Menino Deus;

1.7. Missa em honra do Senhor dos Passos, antecedendo a Transladação das Imagens, na noite de sábado (por volta das 18h), na Capela do Menino Deus;

1.8. Missa na Catedral de Florianópolis, com a presença da imagem do Senhor dos Passos, na manhã de domingo (por volta das 9h30min);

1.9. Missa de Ação de Graças, na manhã de segunda-feira, na Capela do Menino Deus.<sup>31</sup>

Como salientou o antropólogo Izomar Lacerda (2018 – Apêndice 1),

As missas, conforme organizadas e praticadas nos vários momentos dos eventos do Sistema Ritual da Procissão do Senhor dos Passos, apresentam de forma condensada e num relativo curto espaço de tempo, todos os princípios gerais da constituição da pessoa cristã-católica, erigida na alternância cíclica dos atos de expiação e comunhão. A penitência ajuda a redimir as culpas implícitas no decorrer da vida humana, advindas da concomitante relação com o sagrado e profano. Na consagração da eucaristia realizada com potência ritual em cada missa, se celebra a unidade e universalidade da comunidade cristã-católica, tornada possível pelo sacrifício de Cristo. Neste sentido, vê-se a importância da prática recorrente das missas para a consolidação e eficácia do Sistema aqui referido.

---

<sup>29</sup> As Missas do Tríduo “são missas solenes, a que os membros da Irmandade comparecem paramentados com seus balandras, algumas vezes com a presença de eclesiásticos convidados.” (IPHAN, 2015, p. 22).

<sup>30</sup> “A temática desta missa sempre é ligada à busca por curas e é comum que a ela compareçam pacientes internados no Hospital de Caridade, identificados muitas vezes por trazerem consigo o acesso de soro.” (IPHAN, 2015, p. 25).

<sup>31</sup> Em 2018, essa missa não constou da programação oficial da procissão, tal como divulgada nos meios de comunicação. Ver, por exemplo: Procissão Senhor dos Passos tem expectativa de 60 mil pessoas em Florianópolis neste ano. *Notícias do Dia*, 20 fev. 2018. Disponível em: <<http://calendariofloripa.com/board/67-1-0-8944>>. Acesso em 23 fev. 2018.

## ***2 – Descida e troca das vestimentas das imagens***

As imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, habitualmente localizadas nas capelas laterais da Capela do Menino Deus, uma em frente à outra, são retiradas dos seus nichos na quarta-feira à tarde, quando são limpas e têm suas vestes substituídas. Homens se incumbem dessas tarefas no caso do Senhor dos Passos; mulheres, de Nossa Senhora das Dores.

Ambas as imagens são então colocadas sobre os respectivos andores. De acordo com Maria Paulina de Amorim da Silva, funcionária da Capela do Menino Deus, em entrevista concedida em 2014, naquele momento também são feitas orações:

Na quarta, os homens tiram o Senhor dos Passos de onde ele está e vem um senhor, que é o seu Branco, que tira ela [a imagem] pra gente, porque nós não podemos pegar ela, porque ela é pesada. O Branco coloca lá na salinha e ele fica na frente dele ali mesmo, os homens trocam ele [o Senhor dos Passos] ali, fazem orações, eles cantam... É coisa mais linda, emociona muito a gente. E daí, na quinta-feira, é a lavagem dele.

O jornalista Moacir Pereira (2004, p. 40), membro da Irmandade, acrescenta que, no início dos anos 2000, além de orações e cânticos, o rito era composto por um juramento, o que talvez ainda ocorra: “São oito os irmãos que participam da descida da imagem. Fazem o tradicional juramento, rezam, agradecem, cantam.”

João Deodoro da Conceição, ex-funcionário do Hospital de Caridade, participava dessas atividades, que foram assim descritas por ele, em entrevista concedida em 2014:

[...] a gente pega o santo, a gente tira a túnica, deixa só com aquela outra veste branca, aí a gente desce ele até embaixo. Depois a gente bota lá no local, aí lá a gente veste toda vida a roupa, mas tira aquela cabeleira, tira tudo antes de botar lá, aí bota ele lá em cima e começa a vestir. Aí a gente veste. Aí de noite tem o Tríduo e depois do tríduo, no outro dia, eles vêm e aí a gente encerra [a imagem, em um biombo], ele deixa todo encerrado, porque ele já está pronto pra descer [a ladeira, para o ritual da Transladação].

### **3 – Lavação<sup>32</sup> da imagem do Senhor dos Passos**

Ocorre na manhã da quinta-feira, iniciando-se por volta das 6h30min. Antecede a Missa dos Enfermos; ao final da missa, se distribui a água da lavação, “considerada milagrosa e curativa” (IPHAN, 2015, p. 22).

O antropólogo Izomar Lacerda (2018 – Apêndice 1) ressaltou peculiaridades da lavação, que demandam mais esforços, por parte dos devotos, do que outros momentos rituais: ao ocorrer em um “dia normal de semana” e muito cedo, “já impõe de forma específica uma condição particular em relação ao tempo ordinário, sobretudo em relação aos horários de um trabalhador comum”.

Gertrudes Marchese, incumbida de organizar e acompanhar diretamente a lavação da imagem, em entrevista concedida em 2008 destacou a participação das crianças:

[...] uma das coisas mais lindas que tem é a lavação dele [do Senhor dos Passos] com as crianças, porque as crianças não têm maldade, as crianças elas têm outro tipo de visão, têm outra maneira de ser, dos adultos, nós, pecadores. [...] é lavado ele, a água que é lavado é levado lá atrás, o padre benze a aí é distribuído pro povo. [...] E só com crianças. Esse ano que foi aberto pros adultos que aí lavaram o pé dele atrás, tem as crianças que lavaram o rosto, lavam as mãozinhas, aí eu deixei os pés pros adultos.

A água utilizada é perfumada e nela é molhado um pequeno pano branco, que serve para lavar partes específicas da imagem do Senhor dos Passos.<sup>33</sup> Ainda de acordo com Gertrudes Marchese, na mesma entrevista de 2008:

[...] a gente pega perfume, coloca na água, aí é colocado um pano e esse pano é torcido e as crianças lavam com esse pano. É lavado o rosto, por exemplo, aí tu lava naquela água. [...] Aí as crianças lavam, começa pelo rosto, depois as mãos e depois, por último, os pés.<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> Por vezes, cronistas, historiadores ou entrevistados adotam o termo “lavagem”.

<sup>33</sup> Nas anotações de pesquisa de Franklin Cascaes há registros datados de 22 de março de 1971, em que descreve a lavação: “Crianças tomam umas toalhinhas chamadas manutérquio, molham-nas em água benta perfumada que está dentro de um vaso, e com elas tocam nas faces, mãos e pés da imagem. Depois colocam-nas dentro de um vaso. [...] Antigamente as crianças que lavavam o Senhor eram vestidas de branco.” (Caderno pequeno n. 37, acervo Elizabeth Pavan Cascaes/MARquE, UFSC). Crispim Mira, em 1920, registrou que a lavagem da imagem ficava sob a incumbência de duas meninas e que havia grande empenho em conseguir a “água da lavagem”, tida como milagrosa (MIRA, 1920, p. 167).

<sup>34</sup> Cabe pontuar que o ritual da lavação da imagem do Senhor dos Passos, em Florianópolis, ocorre atualmente duas semanas antes da tradicional cerimônia de “Lava-pés”, na quinta-feira da Semana Santa.

A partir de 2008, segundo Gertrudes Marchese, adultos (que já participavam da lavação, mas apenas acompanhando as crianças) também puderam lavar a imagem – somente o pé esquerdo. O pé esquerdo da imagem, como já referido, é também aquele que pode ser tocado ao longo do ano, pelos devotos que frequentam a Capela do Menino Deus.

A lavação é feita com a capela ainda fechada. Há uma faixa etária definida para as crianças que participam da lavação da imagem do Senhor dos Passos, definida por Gertrudes Marchese, em entrevista de 2008, como “de sete anos para baixo”, e em entrevista de 2014, como “de seis a zero”.

Diferentemente do que ocorreu com a equipe de pesquisa da fase anterior, que conseguiu acompanhar e fotografar a lavação da imagem, a equipe da terceira fase foi proibida de fazê-lo (sobre a interdição feita à equipe, em 2018, ver LACERDA, 2018 – Apêndice 1). Assim, com base na descrição feita no primeiro dossiê, pode-se indicar que, enquanto a lavação transcorre, “orações são entoadas e conduzidas por um grupo de senhoras participantes de grupos de oração” (IPHAN, 2015, p. 24). Os gestos das crianças, na lavação, são conduzidos e controlados por Gertrudes Marchese, que as segura em seu colo; na imagem sacra, “cabelos e manto não são tocados” (IPHAN, 2015, p. 24). Terminada a lavação, “a água do recipiente de vidro é abençoada pelo padre e multiplicada para ser distribuída para os fiéis.” (IPHAN, 2015, p. 24).

Pode-se entender que esses vários elementos, integrados – capela fechada, crianças, pano branco e a água, depois tornada benta – configuram um rito de purificação:

[...] depois de ritualmente lavado, por mãos puras, com condições de substancialmente retirar da imagem a carga de impurezas depositadas ao longo do ano, agora, renovado em sua condição sagrada, o Senhor dos Passos estará pronto para iniciar sua jornada, seus passos (LACERDA, 2018 – Apêndice 1).

Acontece então a “multiplicação” da água, que somente após a Missa dos Enfermos é distribuída aos fiéis, “por funcionárias do hospital e devotas voluntárias”.

Forma-se longa fila de fiéis, que levam seus próprios vasilhames – garrafas pet de água mineral e de refrigerante, mas também garrafões com capacidade de cinco e até de vinte litros – para que seja armazenada a água.

Logo após a Missa dos Enfermos o volume de água distribuída é grande, mas a procura de devotos pela água continua grande até a procissão de domingo e segue mesmo durante todo o ano.

Pequenas garrafas com capacidade para 300 ml de água e rotuladas como “Água da Fé” são preparadas para distribuição pela Irmandade, para irmãos e irmãs e “autoridades”. O rótulo adverte que a água é imprópria para o consumo e traz, estampada, a face do Nosso Senhor Jesus dos Passos. (IPHAN, 2015, p. 25)

O interesse pela água da lavação remonta ao menos ao século XIX: no jornal *O Estado* de 18 de março de 1899, informava-se que, no dia anterior à transladação da “veneranda imagem do Senhor Jesus dos Passos”, havia afluído à Capela do Menino Deus “grande número de fiéis em busca da ‘água de Passos’”.

Mas o que faz o devoto com a “água da fé”, com a “água de Passos”?

A ela se empresta poder curativo e protetivo, o que faz com que seja aplicada sobre partes do corpo consideradas doentes ou aspergida sobre algo que se deseja proteger. Conforme a devota Nerilda Mafra Maia, em entrevista de 2014, não necessariamente quem a usa foi buscá-la na lavação ou, depois disso, na Capela do Menino Deus: “lá no prédio nós temos um porteiro que leva essa água pra gente. Então o pessoal do prédio e da vizinhança também ali, pega essa água pra deixar, essa água da lavação do santo.” A água é um presente precioso, recebido na Capela, mas distribuído em redes familiares, de amizade e vizinhança, o que é corroborado por Maria de Lourdes Correa de Oliveira Gonçalves, em entrevista de 2014:

[...] uma coisa super importante também é que a gente pega aquela água, a água do Senhor dos Passos. E essa água, eu pelo menos, toda visita que vai na minha casa leva como presente uma garrafinha de água. Porque é um jeito de estar, digamos assim, o Senhor dos Passos está ali na forma de água, uma coisa assim. Pra mim a água é uma coisa muito importante. É uma água benta, uma água que eu só pego nessa semana, mas que eu mantenho o ano todo.

Outros entrevistados em 2014, como Terezinha Gonçalves Garcia, Shirlei Maria Carvalho Geraldo e Marcos Rogério de Souza, também deram testemunho da crença no poder curativo dessa água.

Convém ainda assinalar os trânsitos devocionais entre diferentes religiões e dimensões de religiosidade que se dão por meio da água do Senhor dos Passos. Sabe-se que mães e pais de santo também se servem da água. Em 2018, foi possível entrevistar Claudete Reis Machado, a Mãe Dete, nascida e criada no Morro do



Mocotó, em Florianópolis. Inicialmente católica, ela aderiu à umbanda aos 32 anos e hoje, aos 70, é responsável pelo Centro de Umbanda Maria de Mina. Quando criança, frequentava a Procissão do Senhor dos Passos. O uso ritual que faz da água do Senhor dos Passos está, no seu caso, associado à autopercepção de seus vínculos tanto com a umbanda como com a religião católica, e a certeza de que “Deus é um só”. A água do Senhor dos Passos é um dos componentes do *amacis*, preparado na Semana Santa e empregado, na mesma semana, para lavar as guias e cabeças dos filhos de santo. Mãe Dete apresentou resumidamente as etapas da preparação:

Pra fazer *amacis* a gente usa água do Senhor dos Passos, água da cachoeira, água da praia, entende? E a primeira chuva de trovoadas de janeiro. [...] na quinta-feira a gente vem pra cá com os filhos de santo tudo de branco, a gente soca as ervas tudo aqui ó, nesse pilão. Aí nesse pilão aqui a gente vai socando as ervas, a gente bota as águas que eu lhe falei e a bebida de cada santo.

Vê-se que a lavagem da imagem do Senhor dos Passos é um momento fundamental do sistema ritual da Procissão também por permitir a reafirmação, a disseminação e a combinação criativas da devoção, até mesmo em diferentes âmbitos religiosos, o que permite integrá-la a distintos momentos do ano, até que venha uma nova lavagem e uma nova distribuição da água santa, no ano seguinte.

Após a distribuição da água, na quinta-feira, e uma vez reduzido o número de fiéis na Capela do Menino Deus, funcionários do Hospital de Caridade montam o biombo em que a imagem do Senhor dos Passos ficará encerrada até a chegada à Catedral, no ritual da Transladação. De acordo com entrevista concedida em 2014, por Hamilton Roveri do Vale Pereira (devoto do Senhor dos Passos que costuma acompanhar os preparativos da Procissão), “a mesma equipe que desce ele do altar monta o biombo também.”

#### **4 – Procissão do Carregador** ou da Mudança

Ocorre na manhã de sábado, após a missa das 7h. Nela são transportadas, da Capela do Menino Deus para a Catedral, as alfaías, objetos a utilizar na procissão de domingo. Entre os objetos, destacam-se baús, cestos, crucifixos, oratórios, castiçais, lanternas, almofadas e a escada da Verônica. Izomar Lacerda frisou elementos

diferenciadores desse rito, dentro do sistema ritual da Procissão do Senhor dos Passos:

O número de participantes na Procissão do Carregador é significativamente maior que o da Lavação, mas guarda em comum, com este rito, a característica de um público majoritariamente constituído de pessoas simples, populares, de baixa renda e de fenótipo negro. Também chama a atenção a ausência significativa dos membros da Irmandade, que se reduzem a poucos participantes, que, contudo, não ocupam lugar de comando ou destaque no decorrer deste rito. O que parece é que, neste, os *devotos populares* assumem o centro do Sistema Ritual, ficando a Irmandade e o Clero em posições mais periféricas. Isto se alterará profundamente nos demais ritos, marcadamente nas procissões da Transladação e do Encontro. (LACERDA, 2018 – Apêndice 1)

A Procissão do Carregador é um rito que singulariza a procissão de Florianópolis em meio às demais procissões do Senhor dos Passos; ao menos, no processo de pesquisa, não foi encontrada menção a nada similar em nenhuma outra.

Uma necessidade de ordem prática – transportar para a Catedral os objetos necessários à realização da Procissão do Encontro, no domingo – acabou por integrar ao sistema ritual mais uma procissão. É incerto o momento em que isso ocorreu. Estima-se que o transporte dos objetos tenha passado a ser realizado, no formato de procissão, no século XX. Os objetos, que nos séculos XVIII e XIX eram provavelmente transportados por pessoas escravizadas, passaram a ser carregados por trabalhadores livres e, uma vez instituída a procissão, por devotos, como forma de penitência e pagamento de promessas.

O pesquisador Franklin Cascaes deu grande destaque a essa procissão, que foi objeto de um de seus conjuntos escultóricos presentes no acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia (MARquE), da UFSC; as peças do conjunto “Procissão da Mudança” foram produzidas entre 1960 e 1964. Em entrevista concedida por ele a Adalice Maria de Araújo, em 1977, Cascaes assim descreveu a “Procissão da Mudança”:

No sábado de manhã, às 7:00h, o padre rezava a missa para o povo que participaria da Procissão dos Pobres ou da Mudança do Senhor dos Passos. De início os que carregavam processionalmente oratórios, mesas, púlpitos, peanhas, cofres, baús, guião etc. eram efetivamente carregadores que trabalhavam como estivadores na descarga dos navios que aportavam à Ilha. A Irmandade de Nosso Senhor dos Passos não usava nada da Catedral para o serviço da sua liturgia, tanto interna como externa.

Assim como se faz a mudança de uma família, fazia transportar tudo da Capela do Menino Deus do Hospital de Caridade: mesas, xícaras, pratos, potes cheios de água para o povo tomar durante o período da festa (na época não havia água encanada).

Após assistir à missa, o povo ia à sacristia, tomava cada um o objeto que queria carregar e descia a ladeira em procissão até a Catedral. Tais objetos eram depositados em locais previamente determinados, os oratórios ao longo do trajeto. (*apud* ARAÚJO, 2008, p. 119-120)

Em um de seus cadernos de pesquisa (Caderno pequeno n. 6, sem data, acervo Elizabeth Pavan Cascaes, MARQUE/UFSC), Franklin Cascaes informou que era também chamada de “Procissão dos Pobres” por ser “realizada por pessoas humildes da sociedade florianopolitana”, mas que preferia destacá-la como “Procissão dos Ricos de Fé, de Esperança e de Caridade”.

Atualmente, findada a missa da manhã de sábado, os devotos fazem fila na lateral da Capela do Menino Deus para apanhar os objetos, na sua maioria pintados na cor púrpura. A distribuição é feita com certa agitação e espírito de disputa. Maurino Aristides da Silva, o Sr. Branco, funcionário do Hospital de Caridade que desempenha importantes funções na organização da procissão (entre as quais a confecção de centenas de velas, para uso dos irmãos), em entrevista concedida em 2014 comentou a distribuição dos objetos:

Quem é mais fraquinho leva uma varinha pra Nossa Senhora, leva uma almofada, leva outra coisinha. E as coisas pesadas depois a gente leva com o carro. Mas todo mundo quer levar um negocinho, às vezes um leva dois, leva um negocinho mais pesado e vai indo.

Também são distribuídas as “estações”, os oratórios que vão marcar os pontos em que, no domingo, cantará a Verônica. Rogério João Laureano, membro da Irmandade, em entrevista de 2014 fez o seguinte comentário:

No sábado a gente tem a transladação de todas as alfaias, os elementos que vão fazer parte da procissão. Então são as estações que vão ficando nas casas das famílias. Cada família recebe, nós temos quatorze estações, mas na procissão a gente faz sete, seis, porque depende da Verônica, ela caminha e tem que cantar e isso dificulta para ela ir fazer todas essas estações. Então se reduz pela metade pra que a Verônica possa conseguir cantar nessas estações.

Terminada a distribuição das alfaias, tem início a procissão, anunciada pelo badalar dos sinos da capela e, depois, os da Catedral, compondo, junto com orações

e cânticos, as sonoridades desse rito (para análise mais acurada desse aspecto, ver LACERDA, 2018 – Apêndice 1; para as orações e cânticos, ver Apêndice 7).

À frente do cortejo, uma cruz processional e duas lanternas são empunhadas por membros da Irmandade, com vestes do dia a dia. O capelão segue entre os devotos carregadores, estimulando-os a cantar os cânticos já conhecidos da Procissão do Senhor dos Passos. Mais recentemente, foi incorporado um carro de som ao percurso, que segue pela ladeira da Rua Menino Deus, Rua Bulcão Viana, Rua Tiradentes e lateral da Praça XV de Novembro, até chegar à Catedral. À chegada, as alfaias são depositadas no interior da Catedral, devidamente recebidas pelo pároco, que faz uma fala breve, dirigida aos participantes da Procissão; também o capelão fala, aludindo ao significado daquela procissão.

Trata-se de uma procissão em que os devotos assumem protagonismo.

Diferentemente dos demais ritos do Sistema Ritual da Procissão do Senhor dos Passos, não há ali demonstração simbólica de poder (político ou religioso) e nem elaboração de pompa explícita. Aqui a servidão voluntária, a penitência (possivelmente com pagamentos de promessas e graças alcançadas), a contrição e a simplicidade (é comum pessoas descalças, por exemplo) são os valores estimados e são estes valores que orientam de forma geral a prática do rito. (LACERDA, 2018 – Apêndice 1)

## 5 – *Transladação das Imagens* do Senhor Jesus dos Passos e de Nossa Senhora das Dores

Realizada na noite de sábado, da Capela do Menino Deus para a Catedral. Há indicação de que essa procissão já foi chamada de “procissão às escondidas” – Valter Brasil Konell (entrevista de 2008) alertou para a questão (IPHAN, 2015, p. 29), o que permite estabelecer paralelo com a procissão em Oeiras (“a Procissão da Fugida”).

A transladação foi objeto de comentários em distintos momentos históricos, por variados cronistas e memorialistas. Em 1884, por exemplo, no jornal *Correio da Tarde*, de 29 de março de 1884, informava-se que a transladação ocorreria naquele mesmo dia, sendo “o ato religioso mais concorrido que se pratica nesta capital e

província, e talvez mesmo que em todo o sul do Império não se pratique outro com igual importância.”<sup>35</sup> Virgílio Várzea, em 1900, destacou a beleza do cortejo noturno:

Ao longo das alas de anjos segurando as fitas do andor, e ao longo das filas de tochas e dos archotes de breu ardendo em chamas fumarentas, duas torrentes de gente, mulheres e homens, com crianças pela mão e ao colo, afogando-se, apertando-se contra a parede das casas pelas ruas estreitas, e só desafiando-se, no trajeto, duas vezes apenas – uma no largo Treze de Maio, logo depois da ladeira; outra defronte à Matriz, onde o Senhor se recolhe, no Largo Quinze de Novembro.

Enquanto o séquito caminha buscando o templo da praça, quem fica no alto do adro ou em qualquer das eminências vizinhas – o morro do Hospital de Marinha, o da Boa Vista etc. – goza a impressão extraordinária de sentir sob a vista como uma flamante serpente monstruosa, arrastando-se fantásticamente lá embaixo, nas suas escamas de fogo. (VÁRZEA, 1984, p. 75-77)

Crispim Mira, em 1920, sublinhou seu impacto visual:

O que se aprecia é, então, fantásticamente admirável. Acendem-se milhares de velas, o préstito ondeia, movimenta-se e vem lentamente pela ladeira abaixo, numa cauda incomensurável, compacta e movediça, a brilhar assombradoramente num clarão forte e imenso que se reflete pela mata do monte, brilha iluminando o telhado das casas e cai nas águas da baía em grandes irradiações de ouro. Quando o préstito chega ao meio do Largo 13 de maio, o efeito de luz dos milhares de velas acesas lembra a claridade abismadora dos incêndios. E a trasladação continua no seu imenso e fulgurante préstito em direção à catedral. (MIRA, 1920, p. 162)

Entrevistada em 2018, Sílvia Ana Rodrigues acentuou a grande afluência de público: “Tu tá lá em cima, tem gente saindo ainda da igreja [Menino Deus] e o santo já tá chegando na Catedral! É muita gente, muita. Pensa que no Carnaval tem muita gente? Ali tem mais gente que no Carnaval.”

Por conta do grande número de participantes da procissão da transladação, as ruas que envolvem todo o percurso ficam agitadas e, na Rua Menino Deus, especialmente, circulam ambulantes que vendem água, doces, pipoca e balões; ao lado da Capela do Menino Deus, voluntárias da Irmandade também vendem pequenas lembranças do Senhor dos Passos, como rosários, velas, canetas, pulseiras e chaveiros. O público, além de numeroso, é variado: de todas as idades e, pela aparência, de diferentes classes sociais e grupos étnicos. Há os promesseiros, quase

---

<sup>35</sup> A ortografia foi modernizada.

sempre vestidos de Senhor dos Passos (túnica roxa, coroa de cipó e cruz de madeira) ou de Nossa Senhora do Rosário, ou ainda carregando longuíssimas velas, que serão acesas quando a procissão tiver início.<sup>36</sup> Muitos devotos se vestem com roupas em tons de roxo e têm, nas mãos, folhetos com as letras dos cânticos previstos para a ocasião. Grande número de pessoas porta velas, com suportes para proteger suas mãos (e para manter a chama), que em geral aproveitam o bocal de garrafas de plástico, quase sempre enfeitados com fitas douradas ou roxas. Também há vários devotos descalços.

Desta procissão os irmãos e irmãs da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos participam maciçamente e para ela se apresentam com suas opas ou balandraus sobre os ternos (no caso dos irmãos) e com fitas roxas, com crucifixo, usadas sobre o colo (as irmãs). Formando duas fileiras, os irmãos seguram longas tochas e as irmãs, lanternas artesanais; nas lanternas, feitas com papel celofane em tom púrpura-violeta, a vela está afixada em um cabo de madeira. Tochas e lanternas são preparadas por funcionários do Hospital de Caridade, nos longos preparativos para a Procissão.<sup>37</sup> Irmãos e irmãs têm a função de abrir o cortejo e garantir caminho livre para as imagens. Os irmãos mais à frente conduzirão o guião, abaixado.

Entre os irmãos e irmãs que participam da Transladação, veem-se figuras do mundo político – prefeitos, ex-prefeitos, governadores, ex-governadores, deputados... Policiais militares formam uma espécie de guarda para as imagens dos andores e para essas autoridades. Na Procissão da Transladação, como salientou o antropólogo Izomar Lacerda (2018 – Apêndice 1), a Irmandade assume, “(ainda que não completamente), o núcleo central e de destaque na organização do cortejo e, sobretudo, demarcando sinais diacríticos das especificidades de seus membros em relação aos demais devotos.”

A saída da imagem do Senhor dos Passos da Capela do Menino Deus, encerrada em um biombo roxo, é precedida do toque de sinos, cujas badaladas são produzidas em intervalos menores à medida que se aproxima o momento de início da

---

<sup>36</sup> As roupas podem ser alugadas na Capela do Menino Deus, por valor módico. As velas são vendidas.

<sup>37</sup> As tochas e velas começam a ser preparadas geralmente em dezembro, trabalho que fica sob a incumbência de Maurino Aristides da Silva, funcionário do Hospital de Caridade, que as confecciona artesanalmente, em uma oficina do próprio Hospital. São preparadas aproximadamente duas mil tochas. Já as lanternas usadas pelas irmãs, feitas com material frágil, geralmente ficam danificadas após o uso, sendo recuperadas para a próxima Procissão dos Passos por funcionárias do Hospital ou voluntárias. Também as alfaias são repintadas anualmente. A esse respeito, ver a entrevista de 2014 de Rogério João Laureano, membro da Irmandade, 2014, assim como as entrevistas do Sr. Maurino, concedidas em 2008 e 2014, bem como IPHAN (2015, p. 37-39)

transladação. O capelão prepara o espírito dos fiéis com palavras que aludem à importância do momento e à história da celebração. Finalmente, ao surgir o biombo, vêm os aplausos e a procissão se põe em movimento. Não muito depois virá a imagem de Nossa Senhora das Dores.<sup>38</sup>

Os andores podem ser conduzidos tanto por membros da Irmandade como por devotos não ligados a ela, que se revezam, pelo caminho. Valdir Cristóvão de Oliveira, coordenador da condução da Procissão, assim se manifestou quanto ao transporte das imagens na Transladação, em entrevista concedida em 2014: “A Irmandade não faz nada, nesse dia a Irmandade não faz nada, o povo que leva a Nossa Senhora e Senhor dos Passos.” Essa percepção também transparece nas entrevistas concedidas por Hermes Guedes da Fonseca, Carlos Roberto dos Santos e Rogério João Laureano.

Como compreender a ocultação da imagem do Senhor dos Passos, no ritual da Transladação?

Izomar Lacerda (2018 – Apêndice 1) propõe duas interpretações. De um lado, pode significar uma alusão aos momentos iniciais da Paixão de Cristo, em que Jesus é preso. De outro, pode ser integrada aos demais momentos das “práticas rituais de purificação/imunização” que compõem o sistema ritual da Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis, pois “o procedimento de blindagem pelo biombo imuniza o item sagrado dos perigos do espaço profano das ruas cotidianas”.<sup>39</sup> Frisa que o biombo é retirado somente quando a imagem se encontra em outro templo católico.

O caminho até a Catedral é o mesmo percorrido na procissão da manhã. Um poderoso sistema de som busca integrar os participantes em torno das mesmas orações e cânticos. A chegada das imagens à Catedral é intensamente aplaudida; os andores são acomodados em seu interior e o biombo que encobre a imagem do Senhor dos Passos é em seguida descerrado (ação também bastante aplaudida). Tem início, então, a adoração das imagens: cada devoto, em fila, aguarda o momento de se

---

<sup>38</sup> Como será indicado adiante, trata-se de uma alteração recente, pois primeiramente era transportado o Senhor dos Passos até a Catedral e depois buscada a Nossa Senhora das Dores. A aproximação do transporte das duas imagens ocorreu em 2013, pelos organizadores, preocupados com questões de segurança e com o cansaço de uma parcela dos participantes, vários deles bastante idosos (IPHAN, 2015, p. 30).

<sup>39</sup> O antropólogo também destaca “certos cuidados de purificação nas próprias ruas do trajeto da procissão, por exemplo, a cobertura com plásticos de anúncios e placas de casas de shows eróticos e bares”, como ocorre na Rua Menino Deus em relação à Boate Bokarra. (LACERDA, 2018 – Apêndice 1).

aproximar delas, tocá-las, fazer orações ao seu lado, além de inserir pequenos bilhetes sob seus pés e mantos (possíveis pedidos de graça ou mensagens de agradecimento). A fila é longa, a espera também. Há muita emoção; não faltam os devotos que choram. Enquanto isso, um pequeno coral feminino entoa cânticos característicos da procissão.<sup>40</sup> Quando a fila se esgota, já noite alta, a Catedral é fechada, mas nela permanecem membros da Irmandade, que farão a guarda das imagens. Para essa guarda, há uma escala em ordem alfabética (IPHAN, 2015, p. 30).

### **6 – Confeção de tapetes de rua**

Ocorre na manhã de domingo, nas ruas Menino Deus, Bulcão Viana e Tiradentes. Trata-se de uma iniciativa dos moradores dessas ruas e vizinhanças, com o apoio da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e de estabelecimentos comerciais daquela área. Mais costumeiramente associados ao *Corpus Christi*, consta que, ao menos na Rua Tiradentes, os tapetes foram introduzidos no trajeto da Procissão do Senhor dos Passos por iniciativa de Olga Brasil, diretora de escola cuja sede funcionava naquela rua; a informação é fornecida por Nerilda Mafra Maia, em entrevista concedida em 2014, que também acentua o espírito de colaboração que preside a confecção dos tapetes de rua:

Então no domingo de manhã, oito horas, não tem ninguém, daqui a pouco a rua está cheia e até meio dia está tudo pronto. [...] é bom o que acontece durante a realização do tapete. [...] gente que vem de fora, que lá no interior eles faziam com a vó, faziam com a mãe tapetes, e pedem pra ajudar e ficam ali ajudando, ficam ali trabalhando com a gente, isso é interessante. E outros casos assim, que já aconteceram ali durante os tapetes, depois de prontos, muita gente vem e filma e participa. Mas muita gente vem e fica ali ajudando, mete a mão na massa mesmo, porque faziam isso em outros lugares e quando chega ali fica fazendo com a gente. Então isso é muito bom!

Vigoroso em momentos anteriores, para Joi Guedes da Fonseca Sobrinho o costume de enfeitar as ruas com tapetes arrefeceu na Rua Menino Deus. Em entrevista de 2014, destacou:

---

<sup>40</sup> Izomar Lacerda (2018 – Apêndice 1) pontuou os cânticos mais recorrentes: “Pelos prados e campinas”, “Eu confio em Nosso Senhor”, “O Povo de Deus” e “Ao Senhor dos Passos”.



A Menino Deus, o tapete... antigamente era uma disputa fazer o tapete. Cada casa queria, cada família queria fazer o tapete mais bonito, era uma concorrência [...] quem podia fazer o tapete mais bonito fazia. E as crianças, era tudo de bom, você botar a mão na serragem, botar a mão na tinta vermelha, tinta azul, se sujar, se jogar no chão. E isso aí tudo fazia parte da nossa infância, não só a minha, como dos meus pais, dos meus tios. [...] Hoje em dia o tapete aqui na rua também já é mais difícil porque é uma região comercial, algumas famílias ainda fazem. Pessoas, acho que de outras comunidades, vêm até fazer, fazem aqui no largo do Tribunal de Contas, eles fazem. Fazem com pinturas no chão, uma coisa mais moderna, mais diferente [...].

Flores, galhos, areia, papel, tecido... são os materiais que predominam na composição desses tapetes, atualmente. De forma geral, quando apresentam frases, fazem referências à devoção ao Senhor dos Passos e à fé católica; mas podem também ser encontradas representações dos símbolos dos times de futebol de Florianópolis (Avaí e Figueirense) (IPHAN, 2015, p. 31).

Durante a Procissão do Encontro, quem está à frente da imagem do Senhor dos Passos caminha ao largo dos tapetes, que são instalados no centro das ruas. Como informou Maurino Aristides da Silva, em entrevista de 2014, quem tem o privilégio de pisar primeiramente os tapetes é o Senhor dos Passos – ou, mais precisamente, “o pessoal que vem carregando o Senhor dos Passos é que passa primeiro”.

### ***7 – A Procissão do Encontro***

Procissão de encontro das imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, finalizada com o retorno de ambas para a Capela do Menino Deus. A rigor, o encontro corresponderia à quarta estação da Via Sacra. Essa procissão tem início na tarde de domingo, na Catedral.

Como salientou Oswaldo Rodrigues Cabral, a procissão de domingo, na condição de “Procissão do Encontro”, provavelmente existe desde o século XVIII, mas não deve ter integrado a Procissão do Senhor dos Passos em seus primeiros anos, uma vez que a imagem foi doada à Irmandade apenas em 1783 (CABRAL,

1979, v. 2, p. 257). Pode-se aventar, porém, que o “encontro” teria sido possível com o empréstimo de uma imagem de Nossa Senhora das Dores.<sup>41</sup>

O padre Pedro Koehler, capelão da Irmandade do Senhor dos Passos desde 2001, em entrevista concedida em 2014 apresentou as características atuais do cortejo e os principais momentos da Procissão do Encontro:

[...] durante o percurso da procissão há uma ordem: na frente vai o guião, depois as senhoras, os membros da Irmandade, enfim, depois os coroinhas, os presbíteros, em seguida vêm também o arcebispo com o provedor, as autoridades, a imagem do Senhor dos Passos e as bandas, em geral três bandas para acompanhar a procissão vão se revezando.<sup>42</sup> E também o grupo de senhoras e moças, e também homens, representando, por exemplo, o José de Arimatéia, São João Evangelista, que retiraram Cristo Jesus da cruz, Nossa Senhora e a Maria Madalena, a pecadora pública, as imagens nós temos aqui também na capela, e depois as Beús, assim chamadas. Enfim, é grupo de pessoas que se revestem com uma veste especial e a Verônica que canta, que canta ali, assim que sai a procissão, canta na frente da Catedral. Depois a segunda vez na igreja, na frente da igreja São Francisco. A terceira vez para preparar o ambiente, preparar as mentes, os corações das pessoas antes do sermão do encontro. Depois a quarta vez ela canta ante o Tribunal de Contas. E por último aqui na frente da capela Menino Deus do Hospital de Caridade, com a presença de todas as autoridades. Em seguida o bispo, arcebispo dá uma pequena mensagem ainda e reza um Pai Nosso, Ave Maria, e dá a bênção. Muito interessante é ali embaixo, antes da subida, então o Senhor dos Passos dá uma volta sobre si mesmo, eles dão uma volta com a imagem do Senhor dos Passos e aí depois eles vêm mais rapidamente aqui para a Capela. (KOEHLER, 2014)

Na Procissão do Encontro as referências à Paixão de Cristo estão mais presentes, a começar pelo guião, agora erguido: um estandarte em que estão inscritas as letras SPQR, abreviação de *Senatus Populusque Romanus* (“O Senado e o Povo Romano”). É uma referência aos estandartes das legiões romanas, na Antiguidade clássica, e já na abertura da procissão remete a um outro tempo histórico: o tempo em que viveu e morreu Cristo. Como destacou o padre Pedro, integram a procissão pessoas que representam figuras contemporâneas a Jesus, devidamente vestidas com túnicas que as diferenciam das demais, que a seu modo também representam diferentes papéis: irmãs e irmãos da Irmandade (identificados por fitas e balandraus

---

<sup>41</sup> A Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência possui uma imagem de Nossa Senhora das Dores (ARTE, s.d., p. 15).

<sup>42</sup> São antigas bandas musicais da cidade, como a Amor à Arte, a Comercial e a banda da Polícia Militar. Houve época em que também participou da Procissão do Senhor dos Passos a banda do Ribeirão da Ilha.

roxos, respectivamente, como na noite da transladação, além das tochas que os irmãos seguram); autoridades eclesíásticas (com seus trajes característicos); promesseiros (geralmente com vestes que imitam as do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores); músicos das bandas (uniformizados, assim também se diferenciando uns dos outros) e, após as bandas, a grande massa de devotos, à qual se agregam turistas e curiosos. Há também pessoas que acompanham a Procissão a partir dos prédios que ficam no entorno do percurso, além de integrantes de um coral, que canta na escadaria da Catedral.

Entre as autoridades eclesíásticas, destaca-se o arcebispo; seu papel de relevo é demonstrado pelo púlpito púrpura, sob o qual ele fica abrigado, sendo que as varas do púlpito são geralmente empunhadas por autoridades do mundo político, além de militares. Também uma autoridade eclesíástica convidada profere o Sermão do Encontro.

A historiadora Maria Teresa Santos Cunha, frequentadora desde 1965 da Procissão do Senhor dos Passos, em entrevista concedida em 2018 explicitou sua percepção de que a Procissão do Encontro está dividida em duas partes:

Porque tem o grosso da Procissão e depois tudo o que vem atrás. O que vinha atrás da banda. É o povo de trás da banda. Porque até a banda – isso é interessante – até a banda a procissão ainda é organizada. Depois da banda é o povão. É onde a gente vai. Um canta, outro reza, outro dá uma ladainha, um chora... Depois da banda. Porque até a banda é a organização: é o Prefeito, Deputado, Senador, são as mulheres, os anjinhos... [...] Aí a banda encerra.

É rigorosa a ordem em que devem estar os participantes, na Procissão do Encontro. Nela os membros da Irmandade têm importante papel, controlando o percurso da imagem do Senhor dos Passos e em grande medida separando-a da massa de devotos: as principais autoridades da Irmandade devem ficar próximas à imagem. Conforme Rogério Laureano, em entrevista de 2014:

[...] antes do Sermão do Encontro, é só a imagem do Senhor dos Passos. E aí vem o Senhor dos Passos, vem a mesa, o provedor e os seus convidados, próximos do Senhor dos Passos. Depois vem o púlpito com aí, um bispo e com as autoridades fazendo, carregando a vara do púlpito, onde o bispo está.

Essa demonstração de poder da Irmandade é escorada na pompa da indumentária e dos adereços de seus integrantes, sobretudo os irmãos (a própria

tocha, que durante o dia não tem função de iluminação e que se assemelha a um cetro), acentuada por uma dada *hexis* corporal, por “atitudes corporais que demonstram altivez, força e poder. Não se vê aqui corpos frágeis, inclinados ou cabeças abaixadas apresentando posturas servis. Somente corpos eretos, muito bem vestidos, com cabeças erguidas e olhares firmes.” (LACERDA, 2018 – Apêndice 1). Tal como se apresenta na Procissão do Encontro, a Irmandade se contrapõe aos devotos “populares”, pois, na devoção popular, “é justamente a explicitação da simplicidade, da modéstia, da contrição que marca sua estética (e ética).” (LACERDA, 2018 – Apêndice 1).

Mas a Procissão do Encontro é pontuada ainda pela *performance* da Verônica, que integra “canto, iconografia do véu e coreografia do desenrolar deste”; essa *performance* “desloca novamente o centro do rito”, que passa a ser ocupado por “uma mulher leiga” (LACERDA, 2018 – Apêndice 1). Tal *performance* atualmente tem lugar em cinco paradas ou “passos”: a) na Catedral, no momento da saída da imagem do Senhor dos Passos; b) em frente à Igreja de São Francisco; c) novamente na Catedral, no momento do encontro das duas imagens (pois, enquanto o Senhor dos Passos “caminha” pelas ruas da cidade, inclusive passando pelo Mercado Público e pela antiga Alfândega, a imagem de Nossa Senhora das Dores caminha pela rua Padre Miguelinho, na lateral da Catedral), e portanto antes do Sermão do Encontro (proferido por autoridade eclesial convidada); d) na Rua Bulcão Viana, em frente ao Tribunal de Contas; e) na Rua Menino Deus. O canto, em latim (*O vos omnes*), ao longo do qual o rosto da Verônica é gradativamente coberto pelo lenço com a efigie de Cristo, é ouvido em grande silêncio e sob forte emoção.<sup>43</sup>

A Verônica tem papel fundamental nas procissões de Senhor dos Passos, em geral, mas em Florianópolis isso é reforçado, na memória de mais de uma geração de devotos, pela atuação de uma cantora: Eli Faustino da Silva.

Veja-se que, em entrevista concedida em 2008, Gertrudes Marchese, instigada pelos entrevistadores a falar a partir de fotos de procissões anteriores, fez o seguinte comentário, ao ver uma fotografia de Eli Faustino da Silva em atuação: “aqui é a Verônica mesmo, igual essa aqui nunca mais teve nem vai ter, ela cantava na Catedral sem microfone, tu escutava aqui [da Capela do Menino Deus]. [...] Verônica Faustino. [...] Igual a essa...”. Como se vê, a identificação de Eli Faustino da Silva com o

---

<sup>43</sup> Para análise mais detida da *performance* da Verônica e seus significados, ver LACERDA (2018 - Apêndice 1).

personagem da Verônica foi tamanha que a entrevistada até mesmo substituiu o nome próprio da cantora... Eli Faustino da Silva também foi lembrada por Gelci José Coelho, em entrevista concedida em 2014, em Florianópolis:

Aqui nós tínhamos Verônicas famosas, grandes, tinha a mais importante que a gente conhece, que lembra até hoje, chamava-se Eli Faustino. Era a grande contralto, uma voz maravilhosa. Quando ela cantava mostrando... sabe a cantoria da hora que ela mostra [...] a toalha com o rosto de Cristo gravado ali? Ouvia-se, o silêncio era absoluto, ouvia-se o canto dela a muita distância, da voz poderosa e daquela coisa contrita, solene, que se faz até hoje. [...] Então é emocionante a coisa toda, ainda mais com a voz de Eli Faustino, era arrebatador.

No início de 2018, Eli Faustino da Silva, aos 85 anos, concedeu entrevista; nela relatou aspectos de sua trajetória como Verônica, em especial a relação com a Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis (“foram acho que cerca de 40 anos que eu cantei”) e com outras procissões (como a Procissão do Enterro, ou do Senhor Morto), na capital ou em outras localidades. Destaque-se a sua percepção sobre a condição de Verônica, a começar das vestes que devem ser usadas:

A veste em si transmite isso pra gente. [...] É algo sagrado que a gente está colocando. É algo sagrado. Como se fosse uma roupa de freira. A freira, quando põe a sua vestimenta, não está se investindo de algo sagrado? Era assim como eu me sentia. Não era eu, era um personagem da liturgia que estava ali. Era assim que eu me sentia.

Investida do sagrado e segura de seu papel, Eli Faustino subia a escadinha roxa da Verônica para cantar “*O vos omnes*” e desdobrar o lenço com a efigie de Jesus, no ritmo e no momento devidos: conforme comentou, na entrevista, “tem que se levantar o sudário no momento em que a Verônica diz, no canto, *attendite*”.

As Beús integram as edições atuais da Procissão, mas na memória dos entrevistados há divergências quanto à sua forma de participação. Segundo o historiador Gelci Coelho, em entrevista de 2014, elas cantavam na Procissão do Senhor dos Passos, respondendo à Verônica. Porém, a Verônica-referencial, Eli Faustino da Silva, apresentou informação discordante: “Não é toda procissão, não. Só na Procissão do Enterro. Do Enterro vão as Beús. Que depois da Verônica elas cantam ‘Heus, heus’...”.

Atualmente, a última *performance* da Verônica acontece pouco antes de a imagem do Senhor dos Passos realizar o costumeiro giro de 360 graus, próximo ao

pórtico do Hospital de Caridade. O giro é entendido como saudação e despedida dos fiéis, por parte do Senhor dos Passos, “agradecendo a cidade pela acolhida”, no dizer de Valdir Cristóvão de Oliveira (entrevista de 2014). Ainda assim, são muitos os que acompanham a imagem até o retorno à Capela do Menino Deus. Há aqueles que se dispersam já na entrada da Rua Menino Deus, formam pequenos grupos e se põem a conversar. Outros ainda acompanham as peças musicais finais executadas pela banda Amor à Arte – a banda que restou, a esta altura da Procissão –, e que tradicionalmente a encerra, inclusive prestando homenagem aos moradores mais antigos (como lembrado, em entrevistas, por Hermes Roberto Guedes da Fonseca, Joi Guedes da Fonseca Sobrinho e Nélio Schmidt). Convém destacar que a sede da banda Amor à Arte está localizada na Rua Tiradentes, que integra o percurso da Procissão.



*Transladação das imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores:  
irmãos da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos com suas tochas acesas.  
Florianópolis, 2012. Foto: Jaison James Silva.*



*Transladação das imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores:  
a imagem do Senhor dos Passos segue para a Catedral, encerrada em seu biombo.  
Florianópolis, 2012. Foto: Eduardo Arend.*



*Procissão do Encontro: pouco depois de sair da Catedral, a imagem do Senhor dos Passos inicia a caminhada do domingo. Atrás dela, vê-se o púlpito. Irmãos, demais devotos e banda integram o cortejo. Florianópolis, 2012. Foto: Mara Freire.*



*Procissão do Encontro: multidão entre a Catedral e a Praça XV de Novembro. Florianópolis, 2012. Foto: Regina Santiago.*



## *Permanências e transformações*

A trajetória da Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis, tal como examinada neste dossiê a partir dos materiais coletados no processo de pesquisa, sugere ao menos três momentos-chave:

. *As décadas de 1760 a 1780*, período em que os elementos fundamentais da devoção, base da Procissão, serão articulados com força, na capital da então Capitania de Santa Catarina: a construção da capela do Menino Deus, a chegada da imagem do Senhor dos Passos e a fundação da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos (todos na década de 1760); a doação da imagem de Nossa Senhora das Dores e a opção da Irmandade por ações de vulto quanto à caridade (ao deliberar a construção de um hospital). A independência da América Portuguesa em relação a Portugal (com a emergência do Brasil como nação) não parece ter alterado substancialmente as relações da Irmandade com os grupos sociais locais, nem mesmo com as instâncias governamentais e eclesásticas, uma vez que estavam articuladas no Padroado; daí que se entenda que outro momento significativo viria apenas com transformações mais profundas nessa ordem de coisas.

. *As décadas de 1890 a 1920*, período em que as rupturas da República, mais visíveis com o fim do Padroado, representaram também uma renovação das relações da Irmandade com a Igreja Católica, que de forma expressiva buscou controlar as manifestações religiosas promovidas pelas irmandades leigas. Na definição do período em questão, leva-se em conta a atuação do padre Francisco Topp, importante agente nas tentativas de desequilibrar a relação de poder entre Irmandade e Igreja Católica (favoravelmente a esta última).

. *O período que se abre em 2002*, e que reforça o papel da Irmandade, embora em alguma medida desequilibrando a relação com os devotos e a própria devoção em nome da modernização e da turistificação.

Em seus mais de 250 anos, a Procissão do Senhor dos Passos sofreu numerosas transformações ou inovações, embora seus estudiosos e devotos tendam a insistir na narrativa de uma persistente estabilidade. Essas transformações são sinal de seu vigor e de seu dinamismo, como prática cultural que está fortemente presente no cotidiano de muitos milhares de pessoas. Simultaneamente, algumas delas foram

incorporadas há tanto tempo que nem mesmo são percebidas como inovações ou mudanças.

Cabe sistematizar as principais transformações ou inovações detectadas durante o processo de pesquisa (algumas delas, centenárias):

a) *Quanto à imagem do Senhor dos Passos*

Foram efetuados travamentos em componentes móveis da imagem, como os olhos, a língua e a cabeça. Crispim Mira (1920, p. 166) refere esses movimentos, que provocavam “lágrimas e crises nervosas”; Cabral (1979, v. 2, p. 257) assinala que tais componentes tornaram-se fixos por decisão da Irmandade, de modo a evitar comoções dos devotos. A imagem também perdeu o dedo mindinho do pé esquerdo, talvez transformado em relíquia por algum devoto.

b) *Quanto às datas de realização da Procissão*

A Procissão do Senhor dos Passos já foi realizada durante a Semana Santa (IPHAN, 2015, p. 5 e p. 14), como estava previsto em seus compromissos (1840, 1973, 1990) e como assinala correspondência do vigário da capital com o bispo diocesano, entre 1902 e 1910. Portanto, houve variações no período de realização, entre a “5ª. Dominga da Quaresma” e a Semana Santa.

c) *Quanto aos participantes da Procissão*

Alguns personagens da Procissão foram eliminados, como o *arauto* ou *buzina* (também denominado “corneta” ou “farricoco”), que Oswaldo Cabral menciona (CABRAL, 1979, v. 2, p. 257); os *guardiões e soldados* (supostamente compondo a narrativa que envolve os personagens da Paixão de Cristo), mencionados por Nereu do Vale Pereira em entrevista de 2008; os *anjós* (crianças), mencionados nos trabalhos de Henrique Fontes, Cabral e Várzea, além de Gertrudes Marchese, que em entrevista de 2008 sugere que sua participação teria perdurado até a década de 1980. Gertrudes Marchese também mencionou as *virgens*, com participação importante no final da Procissão de domingo:

[...] as virgens que tinha, não tem mais, que era colocado três moças vestidas de branco, não tem mais. Os anjos que tinha também não tem mais. As imagens eram recebidas, claro, com os anjos [...] e essas virgens ficava na Capela e quando era aberta a porta, que a imagem entrava, era recebida cantando. E daí também não existe mais, são várias coisas que foram... [...] enquanto o Senhor dos Passos dá aquela volta ali, de 360 graus ali, elas subiam e entravam aqui dentro [na Capela do Menino Deus],

até que eles vinham com a imagem elas já estava posicionada daqui pra receber, que era coisa linda.

Ao menos desde meados do século XIX, somaram-se aos participantes da Procissão forças militares ou policiais, conforme ordens do presidente da província. É o que está registrado no jornal *O Conciliador Catharinense*, de 14 de março de 1850: no dia da transladação da imagem uma “pequena guarda de subalternos do 6º. Batalhão de Caçadores” deveria estar postada na “igreja do Menino Deus”, assim como na “Matriz”, no dia seguinte; em ambos os dias deveria acompanhar a Procissão.

d) *Quanto ao trajeto da Procissão*

Segundo Nereu do Vale Pereira (entrevista de 2014), o percurso já foi maior e mais longo, porque algumas famílias faziam questão que o cortejo passasse por suas casas. As paradas ou estações (“passos”) da Via Sacra, que deveriam ser, em princípio, catorze, também foram reduzidas e atualmente são cinco; até recentemente (2011) havia uma parada na antiga Casa de Câmara e Cadeia. (IPHAN, 2015, p. 6-7; entrevista de 2012 com João Carlos Pacheco). Antes dos aterros na área central, uma parte do trajeto era seguido por embarcações, como relata Virgílio Várzea, em 1900 (1984, p. 78-79). O mesmo Virgílio Várzea indica que o encontro das duas imagens (do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores) acontecia, por volta de 1900, em frente à Igreja de São Francisco (1984, p. 78).

e) *Quanto à substituição da vestimenta da imagem do Senhor dos Passos*

A troca da vestimenta é atualmente feita apenas por homens, na quarta-feira, antes da lavagem da imagem. Nem sempre foi assim: em reunião realizada em 1782, a Mesa da Irmandade deliberou que, a partir de 1783, seria feito aviso “cada ano a duas de nossas Irmãs para que, na véspera do dia da procissão, pratiquem o louvável costume, que se usa em outras partes, de virem vestir a santa imagem do Senhor e aprontar o mais necessário para ele sair nesse dia.” (apud FONTES, 1997-1998b, p. 214).

f) *Quanto ao ritual da lavagem das imagens*

A lavagem, antes feita apenas por crianças, passou a contar também com adultos, de forma ativa, a partir de 2008. (Entrevista com Gertrudes Marchese, 2008).

g) *Quanto à Procissão do Carregador ou da Mudança*

Instituída em data indefinida. Trata-se de uma singularidade da Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis em relação a outras do mesmo tipo.

h) *Quanto à Transladação das Imagens*

Até 2013 as imagens eram transportadas separadamente, com intervalo de horas. Vários depoimentos indicam que a mudança não foi bem recebida pelos devotos – Nerilda Mafra Maia (2014), João Deodoro da Conceição (2014), Maria Paulina de Amorim da Silva (2014) –, apesar de defendida pela Irmandade (entrevista de Luiz Mário Machado, 2014).

Atualmente, apenas membros da Irmandade permanecem na Catedral na noite de sábado para domingo, zelando pelas imagens. Contudo, como indicado em uma anotação do padre Francisco Topp, no final do século XIX, citada por Michele Stakonski (2008, p. 111-112), naquele período era costume que os devotos, provavelmente vindos de longe e sem acomodações na cidade (conforme Topp: “gente de sítio”), dormissem na Catedral.

i) *Quanto ao momento imediatamente anterior à Procissão do Encontro*

O padre Pedro Koehler indicou, em entrevista em 2014, a iniciativa de, antes da Procissão do Encontro, permitir que os devotos interessados recebam “o sacramento do perdão, o sacramento que Jesus nos deixou”, algo feito por vários padres, naquele ano, em frente à catedral.

j) *Quanto à sonorização eletrônica e ao repertório das bandas*

A sonorização eletrônica do percurso teria começado em 2012, de modo que todos, em toda a extensão da Procissão, pudessem cantar e ouvir os mesmos cânticos, as mesmas orações, bem como as manifestações do capelão (entrevista de João Carlos Pacheco, 2012). Nereu do Vale Pereira, contudo, salientou, em entrevista concedida em 2008, que chegou a realizar a sonorização da Procissão do Senhor dos Passos, juntamente com um parente (um irmão), utilizando transmissão radiofônica:

Uma ocasião nós fizemos a procissão do Senhor dos Passos mediante a utilização de uma rádio. Nós fizemos a programação centrada na rádio e todo mundo na procissão tinha um radiozinho. Então, dali da rádio a gente comandava a procissão, os cantos, coral junto... Então, onde a procissão ia... Em vez de ter alto falante, cada um tinha o seu radiozinho na mão, tinha aparecido o rádio de pilha já. [...]

A sonorização atual, com caixas de som por todo o percurso, não é consensual (ver, por exemplo, a entrevista de João Deodoro da Conceição, 2014). Ela afeta negativamente a percepção das diversas dimensões sonoras produzidas na Procissão, como o badalar dos sinos e as orações e cânticos iniciados de forma espontânea pelos devotos. Além disso, a sonorização se articula a novas diretrizes (desde 2003, fruto da parceria entre a Irmandade e a ACIF) para o repertório das bandas executado na Procissão: elas devem tocar peças musicais que remetam diretamente aos cânticos religiosos, preferencialmente os mais conhecidos pelos devotos. Anteriormente, como informou Nélio Schmidt (entrevista de 2018), o repertório estava calcado em música instrumental (geralmente marchas sinfônicas) e a seleção das peças fazia parte do elemento “surpresa” (o que também estimulava a competição entre as bandas).

*k) Quanto à participação de devotos promesseiros*

Desapareceram as manifestações mais duras de sacrifício e penitência, feitas pelos devotos, mencionadas ao menos entre 1900 e 1920: Várzea (1984, p. 75), em publicação de 1900, descreve pessoas carregando arrobos de cera, arrastando-se de joelhos, caminhando descalças, portando pedras sobre a cabeça ou ainda “com cilícios sobre as carnes”; Crispim Mira (1920, p. 163-164) fornece exemplos similares. Padre Pedro Koehler, em entrevista (2014), disse ter procurado convencer as pessoas até mesmo a não carregar paralelepípedos, que retiravam do calçamento das vias públicas. Perduram devotos pagando promessas de joelhos e/ou descalços.

*l) Quanto à participação de outras irmandades*

Em publicação de 1900, Virgílio Várzea indicou que então participavam da Procissão do Senhor dos Passos (em especial, da procissão do domingo, a “do Encontro”) várias irmandades da capital catarinense. Conforme o autor:

Domingo, pelas três horas, começa o ato solene do giro pela cidade, após a organização do grande acompanhamento na Praça Quinze de Novembro, do lado do palácio do governo, onde formam desde cedo todas as confrarias do Desterro que tomam parte do séquito – a do Sacramento, a do Espírito Santo, a das Almas, a de São Francisco de Assis, a do Parto, a de São Sebastião, a do Rosário e a de São Benedito [sic], as duas últimas compostas em geral de mestiços e pretos. (VÁRZEA, 1984, p. 76).

Essa participação deixou de ocorrer.

*m) Quanto à eliminação dos ex-votos tradicionais*

Os devotos tinham o hábito de levar à Capela do Menino Deus artefatos que indicavam graças recebidas – os tradicionais *ex-votos*. Em 2008, Gertrudes Marchese falava dos *ex-votos* usando os verbos no presente: “eles [os devotos] pegam muita promessa passada, cabeça, perna de cera, braço de cera, fitas e... sabe, um monte de coisas assim, que os fiéis trazem, isso ainda hoje”. Portanto, apesar de os Livros de Ação de Graças terem sido implantados em 2002, os *ex-votos* tradicionais continuavam a ser entregues. Contudo, com exceção de algumas placas (inclusive colocadas sobre o altar do Senhor dos Passos), esse conjunto de materiais não foi localizado no Museu Sacro nem em outros espaços do Hospital de Caridade, na pesquisa realizada em 2017-2018.

*n) Quanto à finalização da Procissão*

Após a Procissão do Encontro havia, na Capela do Menino Deus, o Sermão do Calvário. Um cenário ou tela, representando o Calvário (com Cristo crucificado, ao lado dos dois ladrões na cruz), era confeccionado e armado no local, lançando-se mão de imagens sacras existentes na Capela (ver, a esse respeito, entrevista concedida em 2008 por Gertrudes Marchese, que disse ter participado várias vezes da armação do Calvário).

Franklin Cascaes, em um de seus cadernos de pesquisa (Caderno pequeno n. 37), menciona, em registro datado de 22 de março de 1971, os “trabalhos de armação do Calvário” na Capela do Menino Deus: “Retiraram a imagem do Menino Deus lá do seu nicho, e suspenderam um grande cenário, que cobriu, totalmente, a parede.”

Segundo ainda Gertrudes Marchese, ao término da procissão de domingo, quando a imagem do Senhor dos Passos voltava à Capela do Menino Deus, havia uma benção do Santíssimo. Isso ainda ocorria provavelmente entre o final da década de 1980 e a de 1990.

Também após a Procissão do Encontro havia, ao menos até 1900, visitação aos doentes do Hospital de Caridade, inclusive com doações de esmolas a eles (VÁRZEA, 1984, 80), o que não ocorre mais.

o) *Quanto à distribuição de cartuchos com amêndoas ou amendoins*

Aparentemente banal, essa prática afetava profundamente os devotos, como transparece nas entrevistas. Veja-se, por exemplo, trecho de entrevista concedida em 2018 por Maria Teresa Santos Cunha:

Meu pai, como ele era da Irmandade, ele ganhava, depois da Procissão, no domingo [...] ele ganhava um cartucho de amendoim [...] era um cartucho grande. Isso também era um *status*, né? Que ele vinha de lá [da Capela do Menino Deus] com esse cartucho até a Praça XV [...]. Então aquela pessoa era importante. [...] Aí ela não estava mais de opa, já estava com a roupa normal, mas portava um cartucho. Imagina que ele tinha um cartucho e a minha mãe ganhava outro cartucho. [...] Eu me lembro disso. E eu adorava isso. Adorava o cartucho, adorava essa simbologia e, claro, comia o que estava dentro do cartucho!

Sua eliminação, como um dos ritos do sistema ritual da Procissão do Senhor dos Passos, é frequentemente lamentada, mas foi justificada, em entrevista de 2012, pelo então provedor da Irmandade, José Carlos Pacheco: para ele, a eliminação da distribuição dos cartuchos de amendoim, juntamente com outras mudanças promovidas durante sua gestão, era possível por não ser uma prática que vinha desde a primeira Procissão do Senhor dos Passos.

[...] esse cartucho de amendoim [...] o momento da sua criação era quando os pais traziam as crianças... Bota lá, vinte, trinta, cinquenta anos, pras crianças não estar correndo e não estar falando na missa, como toda criança. Então eles distribuíam isso pras crianças e isso se tornou um hábito, depois pra distribuir até para as autoridades que vinham pra missa e alguns até que não vinham à missa, passavam outro dia aqui pra pegar um cartucho daqueles. [...] também tiramos os amendoins. [...] Isso não é processo histórico, isso foi num determinado momento. [...] o processo histórico é desde a primeira Procissão.

Contudo, o costume de distribuir cartuchos de doces, durante a Procissão de Passos, não data da segunda metade do século XX, mas da segunda metade do século XVIII: no livro que registra a despesa da Irmandade relativa ao período de 1767-1768, aparece, pela primeira vez, gasto com “doces aos anjos para a Procissão dos Passos” (apud FONTES, 1997-1998b, p. 117). Se os cartuchos não foram distribuídos na primeira procissão, o foram na segunda... No jornal *O Mercantil*, de 14 de fevereiro de 1869, há anúncio do Mordomo do Culto da Irmandade, então Luiz d’Araújo Figueiredo, no qual informa receber, até o dia 15 de fevereiro, propostas para “fornecimento de amêndoas para a procissão do Senhor Jesus dos Passos; devendo conter os

cartuchos amêndoas do reino, coco, amendoim e confeitos, e terem peso [de] uma libra cada um.” Cabral (1979, v. 2, p. 257) comenta que eram “cartuchos de amendoim cobertos de açúcar”.

Inicialmente destinados às crianças que atuavam como “anjos” na Procissão, os cartuchos posteriormente passaram a ser distribuídos a adultos – irmãos e irmãs da Irmandade, ao término da Procissão ou mesmo na Missa de Ação de Graças da segunda-feira imediata, como indicam, respectivamente, Maria Teresa Santos Cunha (2018) e Gertrudes Marchese (2008, 2014).

Em seus contextos históricos, as transformações observadas tanto podem indicar desequilíbrios nas interações entre a Irmandade, a Igreja Católica e a massa de devotos como apontar mudanças sociais mais profundas. É perceptível, entretanto, que tais transformações, ao longo do tempo, agregaram-se à construção do sistema ritual descrito neste dossiê, não tendo alterado suas bases, a saber: o papel da imagem do Senhor dos Passos como foco da devoção; a importante interação da imagem do Senhor dos Passos com a de Nossa Senhora das Dores; a Capela do Menino Deus como *locus* privilegiado de acolhimento do orago da Irmandade, de peregrinação dos devotos e de base do poder taumatúrgico da imagem (algo reforçado por sua inscrição física no complexo do Hospital de Caridade); a permanência da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos como promotora da Procissão e principal condutora das práticas a ela associadas; a definição e manutenção de um território para a Procissão, delineado por um circuito relativamente restrito de ruas do centro da capital, que envolve a relação com edificações referenciais para a história da cidade e para os cidadãos que a habitam.



*Sílvia Ana Rodrigues.  
Biguaçu, 2018.*

*Foto:  
Volo Filmes & Fotografia.*



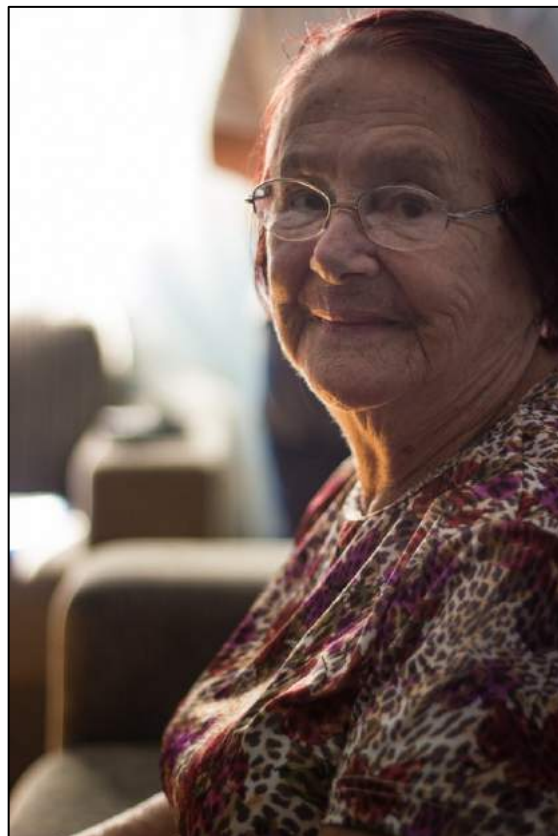
*Bernardina da Silva Martins e  
Maria Bernardete Martins Corrêa.  
Florianópolis, 2018.*

*Foto:  
Volo Filmes & Fotografia.*



*Bernardina da Silva Martins.  
Florianópolis, 2018.*

*Foto:  
Volo Filmes & Fotografia.*





*Eli Faustino da Silva.  
Florianópolis, 2018.*

*Foto:  
Volo Filmes & Fotografia.*



*Nélío Schmidt.  
Florianópolis, 2018.*

*Foto:  
Volo Filmes & Fotografia.*



*Claudete Reis Machado  
(Mãe Dete).  
Florianópolis, 2018.*

*Foto:  
Volo Filmes & Fotografia.*

## *Vivências e memórias*

Antes e depois da Procissão do Senhor dos Passos. Parte significativa dos moradores de Florianópolis e dos frequentadores da área central e, em especial, os milhares de devotos do Senhor dos Passos, em numerosas localidades brasileiras, lidam com essa celebração como marcador temporal que organiza o calendário. Como apontou Joi Guedes da Fonseca Sobrinho, em entrevista concedida em 2014, para muitos, “a Procissão de Passos é que marca o início do ano”.

Seu início se dá, a cada ano, em algum momento entre março e abril, sem data fixa. Feita sob o signo do movimento, ela também é um convite a vários deslocamentos, com os quais opera muito antes de se efetivar, anualmente. Afinal, para que aconteça, é preciso que cada um de seus participantes escolha se dirigir, por muitos e diferentes caminhos, ao centro urbano da capital catarinense. A movimentação é particularmente intensa na própria Ilha de Santa Catarina, com pessoas vindas de vários de seus pontos, além dos municípios próximos e de outros estados. Conforme ainda Joi Guedes da Fonseca Sobrinho, na entrevista citada:

[...] ela não é só pro pessoal aqui da nossa rua [Menino Deus], a gente conhece pessoas do interior da ilha, do Pântano do Sul, como era o senhor Arantes, do bar do Arantes... A gente conhece pessoas do Rio Vermelho, dos Ingleses, assim, tradicionais, que a gente vê na procissão, passando por aqui, dos morros. Então pra gente fica mais fácil documentar, falar, conversar, que a gente é daqui. Mas a gente percebe que também as pessoas do entorno da ilha, de Biguaçu, das várias localidades, de Santo Amaro, da Palhoça, tudo vem na procissão.

Membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, Rogério João Laureano ressaltou, em entrevista concedida em 2014, o interesse que pessoas de outros estados têm demonstrado pela procissão:

Várias pessoas que vêm de outros municípios de nosso estado, vêm várias pessoas assim. E gente que vem de fora, gente que vem do Rio de Janeiro... Tem até pessoas que vêm, que ficam pedindo pra gente mandar a programação, a gente às vezes remete. [...] tem vindo muita gente, não somente de nosso estado, de outros municípios, sim, participar e testemunhar a fé que eles têm na Procissão do Senhor dos Passos.

Em entrevista concedida em 2018, Sílvia Ana Rodrigues disse ter conhecido várias pessoas que vinham de Caxias do Sul (RS) apenas para participar da Procissão do Senhor dos Passos.

Como ressaltado anteriormente, os Livros de Ação de Graças, adotados desde 2002 pela Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, para registrar pedidos e agradecimentos dos devotos, apresentam indícios dessa abrangência geográfica da devoção, na atualidade. Mas, entre os cronistas e os historiadores da celebração também é possível encontrar comentários a esse respeito, demonstrando que a grande movimentação pré-procissão, por parte de devotos mais ou menos distantes da Capela do Menino Deus, integra a longa trajetória histórica da celebração. É o que se vê em trechos de *Nossa Senhora do Desterro*, de Oswaldo Rodrigues Cabral, livro publicado na década de 1970, fruto de cerca de 30 anos de pesquisas em jornais e documentos de arquivos públicos:

A procissão de Passos foi sempre a que maior número de fiéis atraiu à Cidade. Do interior da Ilha, dos seus distritos, dos seus caminhos, das suas praias, os fiéis afluíam, usando de todo o tipo imaginável de condução que possuíam e, na falta, a pé mesmo... A pé, com a mulher e os filhos... Esta peregrinação também fazia parte das promessas feitas. Do continente, também afluía muita gente. De Tijucas, de São José, de São Miguel, da Palhoça, da Enseada. E, mesmo, embora com maior antecedência, de outros centros, nos quais os desterrenses não esqueciam o Senhor, nem de lhe fazer promessas. Dos lugares próximos vinham os fiéis atravessando o Estreito de canoa, ou chegando de carroça pelos maus caminhos da ilha, a cavalo, de qualquer jeito. (CABRAL, 1979, v. 2, p. 259-260)<sup>44</sup>

A pé, a cavalo, de carroça, de canoa, “de qualquer jeito”: todos os meios possíveis eram válidos e mobilizáveis para garantir a participação anual na procissão, em um tempo que, pelas indicações de Cabral, se estende, mal definido, entre o século XVIII e o XX, dada a persistência das práticas costumeiras e dos “maus caminhos da ilha”.

Cerca de 50 anos antes da publicação do livro de Cabral, o jornalista Crispim Mira indicara: “Bem poucas comemorações cristãs terão [...] igual solenidade e tão grande concorrência” – concorrência que, em 1920, ele estimava em 8 mil pessoas

---

<sup>44</sup> Normalista que se tornou médico, mas que também atuou como folclorista e por seus trabalhos se fez historiador, Oswaldo Rodrigues Cabral (\*1903-+1978) também integrou a Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, tendo sido sepultado em seu cemitério (SILVA, 2013, p. 28).

(MIRA, 1920, p. 161-162).<sup>45</sup> Por sua vez, o escritor Virgílio Várzea, ao se referir à procissão, em 1900, caracterizara-a como “um grande acontecimento”, assinalando que atraía pessoas dos pontos mais distantes de Santa Catarina:

Entre as solenidades religiosas que se fazem no Desterro desde muitos anos ocupa o primeiro lugar a chamada Procissão de Passos, que pelo seu valor, significação e magnificência se destaca consideravelmente em meio a todas as outras. Esse ato, que comemora para o mundo católico uma parte da grande passagem trágica do Calvário, assume ali anualmente as proporções de um grande acontecimento, pois abala até às regiões mais longínquas a população do Estado, que acode à pequena capital carregada de “promessas” e ofertas consagradas à Imagem do Senhor. (VÁRZEA, 1984, p. 73)

Texto datado de 1897, anônimo e intitulado *Breve notícia sobre a imagem do Senhor Jesus dos Passos*, soma-se a essas perspectivas: “De outros estados não é raro virem devotos trazer-lhe suas promessas, sendo algumas de grande valor, por haverem alcançado o que lhe tinham pedido em suas orações” (BREVE, 1897, p.4).<sup>46</sup>

Sob a superfície da experiência comum da participação na Procissão, vislumbra-se, portanto, uma grande diversidade de práticas sociais. Isso também é reforçado por relatos de antigos moradores do interior da Ilha de Santa Catarina, lastreados em vivências tanto individuais como coletivas.

Alguns desses relatos estão contidos em publicações da década de 1990, como o livro *Vozes da Lagoa*, fruto de projeto de História Oral iniciado em 1993, apoiado pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, através da Fundação Franklin Cascaes. Na publicação, pode ser lido o depoimento de Damião Cosme de Oliveira, nascido em 1921, no Sertão Grande da Costa da Lagoa:

Na Páscoa, nós íamos sempre pra cidade ver a procissão do Senhor dos Passos. A gente ia a pé, atravessava o morro e, no Itacorubi, pegava o ônibus. Desde menino, eu ia assistir à

<sup>45</sup> Na citação, a ortografia foi modernizada.

<sup>46</sup> A ortografia foi modernizada. O texto foi atribuído por Nereu do Vale Pereira (1997-1998, v. 2, p. 241) a Alfredo Teotônio da Costa, então vice-provedor da Irmandade, que assinou a dedicatória contida no opúsculo. Registre-se a utilização do termo “promessas” (tal como aparecerá também na citação seguinte) com o sentido de *ex-voto*. Como ressaltou Julita Scarano, “a locução latina *ex voto* significa *pela graça* recebida, em seu sentido lato. Assim, a intenção do ex-voto (usando o sentido escolástico do termo) é o pagamento de algo que foi recebido.” (SCARANO, 2004, p. 36) Mas não é apenas agradecimento: como ressalta a autora, é *divulgação do agradecimento* e suporte da propagação da fé. “O ex-voto divulga para a população a ideia de que a fé propicia o favor do Alto e os que olham esse artefato sabem que os personagens celestes estão dispostos a ouvir e responder favoravelmente aos pedidos. [...] o ex-voto divulga a fé, a crença no poder de Deus e na oração e é visto como algo que aumenta o fervor de toda a comunidade.” (SCARANO, 2004, p. 37)

procissão lá com minha mãe e meus irmãos. Nós íamos com os sapatos na mão. E ninguém fazia cara feia não, todo mundo gostava. Nós acompanhávamos o santo até o Hospital de Caridade e depois pegávamos novamente o ônibus até a Trindade, ou Itacorubi, e vínhamos a pé para a Lagoa [da Conceição]. Quando nós morávamos na Costa [da Lagoa], nós ainda íamos pra casa de canoa, à noite. Íamos remando no escuro. Eram várias canoas. (*apud* BORGES, 2007, p. 57)<sup>47</sup>

Ele recorda especificamente da procissão de domingo, ao término da qual a imagem do Senhor dos Passos era devolvida à Capela do Menino Deus. Caminhada a pé, viagem de ônibus, transporte por canoa: ir à Procissão do Senhor dos Passos exigia, antes e depois dela, grande investimento corporal e energia social. Convergindo com o que aparecera no trecho do livro de Oswaldo Cabral, o relato de Damião registra que as longas caminhadas rumo ao centro de Florianópolis (rumo à “cidade”) não eram devidas somente às distintas formas de manifestação da fé, uma vez que se articulavam à precariedade ou à ausência de sistemas de transporte coletivo em diversas áreas da Ilha de Santa Catarina. Caminhar por horas, “com os sapatos na mão”, em picadas agrestes e ruas de terra, poderia tanto ser uma forma de penitência como uma maneira de preservar os sapatos...

Também na década de 1990, Zenaide de Andrade Souza registrou algumas de suas lembranças das idas à Procissão do Senhor dos Passos, saindo de Sambaqui e Santo Antônio de Lisboa: “Quando havia procissão na cidade muita gente ia e voltava a pé. Minha mãe foi diversas vezes até mesmo pagar promessas. Procissão do Senhor dos Passos ninguém faltava.” (*apud* FERREIRA, 1998, p. 116). Tal como ocorria com a família de Damião Cosme de Oliveira, a família de Zenaide não dispunha de transporte coletivo próximo de sua residência: era preciso caminhar de Sambaqui até Santo Antônio de Lisboa para tomar o ônibus que transportaria as pessoas até o centro da capital (*apud* FERREIRA, 1998, p. 127).

Em entrevista concedida em 2018, Bernardina da Silva Martins, moradora do distrito do Ribeirão da Ilha, atestou o quanto as caminhadas por vários quilômetros foram requisito para a frequência da procissão, nos variados rincões da ilha, até algumas décadas atrás. Frequentadora da procissão desde a década de 1950, sua primeira participação ocorreu aos 16 anos. Saía a pé e tinha que pousar na casa de parentes, no bairro José Mendes – local significativamente mais próximo do Morro

---

<sup>47</sup> Nos dias atuais, os moradores da Costa da Lagoa contam com embarcações cobertas que fazem o serviço de transporte, em horários fixos, deixando e apanhando os moradores em pontos devidamente sinalizados.

da Boa Vista do que o Ribeirão da Ilha, mas ainda assim demandando nova caminhada no dia seguinte, até o território da celebração.

E quanto aos que moravam no próprio centro da cidade?

A historiadora Maria Teresa Santos Cunha cresceu na residência da família, em frente à Praça XV de Novembro, onde permaneceu morando até seu casamento, em 1974. Seus pais eram membros da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. Conforme seu relato, em entrevista concedida em 2018, de sua casa se podia observar a movimentação que antecedia a procissão. Mas, quando a procissão do Senhor dos Passos começava, Maria Teresa já estava devidamente incorporada à multidão, vestida para a ocasião: “para a Procissão de Passos se ganhava uma roupa nova, um vestido novo, um sapato novo, para acompanhar a procissão; então era todo um ritual, como se fosse uma coisa de debutantes.”

Nota-se, nos vários relatos, a ênfase na devoção ao Senhor dos Passos como algo inscrito nos costumes familiares.

Maria Bernardete Martins Corrêa, devota e filha de devota do Senhor dos Passos, deixa rastros da devoção no ambiente doméstico: ali reserva lugar para um oratório com uma imagem de Cristo, acompanhado de terços e velas. A historiadora Tati Costa, com base no que pode observar no momento da entrevista com Maria Bernardete, feita em 2018, indicou que também no oratório estava o fragmento de uma edição de jornal, com reportagem datada de 2006, sobre o registro da procissão do Senhor dos Passos como patrimônio imaterial de Santa Catarina (COSTA, 2018 – Apêndice 4).

A devota Shirlei Maria de Carvalho Geraldo, em brevíssima entrevista concedida em 2014, afirmou participar da procissão desde antes de nascer: “desde quando eu estava na barriga da minha mãe.” De forma similar, Carmen Wendhausen Fraga afirmou, em entrevista naquele mesmo ano de 2014, que o costume de seguir a devoção vinha desde quando havia nascido: “Era a mãe da gente, os avós da gente, tias, os parentes, então isso é um seguimento de família já.”

Alguns explicitam a expectativa de que seus filhos deem continuidade à devoção, como declarou Gertrudes Marchese, em entrevista concedida em 2008: “Eu acredito que assim, uma devoção passada de pai para filho, sabe, eu acho que é isso, pelo menos que a gente vê: meu pai era, eu também sou, eu quero que meu filho também seja.” Cabe referir ainda Raquel Mara Martins Weiss, membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. Em entrevista concedida em 2014, ela demonstrou o

poder de influência dos discursos sobre a açorianidade, ao associar a participação na Procissão do Senhor dos Passos com a identidade açoriana, com “seu povo”: “E é isso que eu também quero deixar pro meu filho, pra que ele saiba quem ele é, de onde ele vem e quais são as suas tradições, qual o legado do seu povo, que é o povo açoriano.”

Entre as pessoas que em 2014 concederam entrevistas para a pesquisa que resultou neste dossiê, a historiadora Tati Costa assinalou “uma entrevistada jovem que acompanhava a procissão com sua mãe, Vitória Soares da Silva, e o relato de uma devota, Maria de Lourdes Correa de Oliveira Gonçalves, de que costuma trazer sua filha à procissão como agradecimento.” (COSTA, 2018 - Apêndice 4). A historiadora também deu destaque, nas falas de Eli Faustino da Silva (em entrevista concedida em 2018), à emoção com que a entrevistada se referiu às crianças que participavam da procissão, vestidas de Senhor dos Passos ou de Nossa Senhora das Dores, frisando a importância de os pais estimularem “uma sensibilidade à religião”. Silvia Ana Rodrigues, outra entrevistada em 2018, nascida e ainda residente em Biguaçu, disse frequentar a procissão desde os dez anos de idade, nos anos 1960; sua participação teve início devido a uma promessa da mãe (COSTA, 2018 – Apêndice 4). Para Tati Costa, “os depoimentos orais registrados indicam que a experiência do convívio intergeracional, compartilhado presencialmente durante a Procissão do Senhor dos Passos, figura como uma das principais formas de transmissão cultural da prática.”

Outra dimensão acentuada em relatos orais e narrativas de cronistas é a estreita relação entre a participação na procissão e os sentimentos de agradecimento e esperança, ambos associados à projeção, no Senhor dos Passos, de um grande poder de proteção e cura. Já dizia o opúsculo anônimo de 1892: “Uma viagem que se emprenda, um passeio que se projete para fora do Estado, não se realiza sem primeiramente subir-se àquela ladeira para oscular-lhe os pés e pedir-lhe a sua proteção.” (BREVE, 1892, p. 4). A Procissão do Senhor dos Passos é um momento de intensificação de pedidos e agradecimentos; é tempo de dar sequência aos compromissos inerentes à devoção, em especial no caso dos promesseiros.

Como compreender a continuidade e, mesmo, a ampliação da devoção ao Senhor dos Passos? O que pensam os devotos, a esse respeito?

Parte-se, por vezes, de um diagnóstico de que os males do mundo são muitos e de tal forma complexos que é necessária a intercessão divina. Gertrudes Marchese,



em entrevista concedida em 2014, detectou problemas contemporâneos na estrutura das famílias:

[...] as famílias tão muito assim... Como é que eu vou explicar isso? Têm muitos problemas, quando não é marido é mulher, é os filhos... A família, em si, ela está desestruturada, e isso está levando esse povão, que nem aconteceu esse ano [2014], em busca de Deus, em busca de uma cura, em busca de um milagre, em busca de ajuda do Deus vivo e verdadeiro.

Mas há que demonstrar que se merece a proteção, agindo com humildade e fé, como indicou, em entrevista concedida em 2018, Sílvia Ana Rodrigues:

É muita esperança de um dia melhor. É muita injustiça, muita incompreensão, não? Muita arrogância, não? E aquilo ali [os devotos na Procissão] é uma coisa tão humilde. [...] pelo menos a gente vai descalço... Nem perto de pagar o sofrimento que Jesus passou. É uma forma de agradecimento. Para mim, é fé.

Existe a percepção generalizada de que o Senhor dos Passos a todos acolhe e a tudo protege, com muita frequência concedendo milagres. A começar da Capela do Menino Deus, não atingida pelo incêndio que tomou o Hospital de Caridade, em 1994; narrativas neste sentido são recorrentes entre as pessoas mais diretamente vinculadas à Irmandade do Senhor Jesus dos Passos.

Veja-se, por exemplo, em entrevista concedida em 2014, o comentário do então provedor, Luiz Mário Machado:

E essa tradição de milagre do nosso santo, de fato, nós temos várias comprovações a respeito, diríamos, do milagre do nosso santo. Haja vista, inclusive, que há vinte anos atrás, que está fazendo exatamente agora, o incêndio que ocorreu aqui na casa, no Hospital, em 1994, fazendo vinte anos agora em abril. O fogo ficou aqui todo em volta da instituição, do hospital, a única coisa que ficou de pé aqui foi a Capela. O fogo chegou em cima do santo e está lá os barrotes em carvão. Que conseguimos reerguer novamente o Hospital, através até dessa fé, do nosso santo que com certeza nos protege.<sup>48</sup>

Por isso, a transladação da imagem para a Catedral é um momento de risco para a Capela do Menino Deus, como pontuou Maria Paulina de Amorim da Silva, funcionária da Capela. Em entrevista concedida em 2014, comentou:

---

<sup>48</sup> Para mais informações sobre o incêndio no Hospital, ver Apêndice 5 (Cronologia).

[...] pra mim, a emoção maior, que eu choro um monte, é quando ele [a imagem do Senhor dos Passos] vai pra Catedral, que ele vai pra lá, que ele fica descendo aquela ladeira. Aí eu choro, eu choro porque eu disse: meu Deus, ele está abandonando nós, o que vai ser? Ele está indo pra outra igreja e a nossa igreja como é que vai... Então, ele é uma pessoa como se fosse um membro familiar, um membro da família. E outra, quando ele chega também. É as duas emoções que eu sinto: é quando ele vai, que eu acho que ele está abandonando nós, está deixando nós. E quando ele volta a emoção é maior ainda, porque ele está voltando pra casa dele.

Os riscos são muitos, também para o Senhor dos Passos que, em 364 dias no ano (exceto situação excepcional, como o incêndio de 1994), mantém-se resguardado no mesmo templo sagrado. Afinal, o Senhor dos Passos sai da Capela justamente na Quaresma, tempo dos grandes sofrimentos de Cristo.

O historiador Gelci Coelho, estudioso de antigos costumes ilhéus e conhecedor das pesquisas de Franklin Cascaes, comentou, em entrevista de 2014, aspectos do imaginário popular referentes a esse momento do calendário católico, ao menos como foi vivenciado por longo tempo em muitas das localidades do interior da Ilha de Santa Catarina:

Aqui as pessoas [...] observavam muito. A Quaresma inteira era cheia de mistérios. Não se saía, durante as quarenta noites, não se saía à noite na rua, se saísse à noite na rua você tinha que estar bem preparado pra isso, porque Cristo – essa história que é o povo que faz as lendas –, se Cristo se isola no deserto em contrição, confabulando com o pai, o povo acredita já que Cristo está muito ocupado lá, ele não está dando atenção pro povo. E porque ele está lá isolado, os elementais estão livres pra fazer o que querem: lobisomens, bruxas, vampiros estão soltos. E então as piores noites, de grande medo, são as noites da Quaresma. E ainda a Semana Santa, que é pior ainda! Não se quase falava, não se trabalhava, não se cavava o chão, porque se cavasse o chão podia brotar sangue do chão, tudo isso. As crianças brincavam de bolinha de vidro, tinha que cavar a boca, não brincava, aqueles dias não se brincava porque se tu cavasse o chão podia brotar sangue.

Esse imaginário povoado de bruxas e elementos demoníacos foi estudado por Franklin Cascaes (\*1908-†1983), que o associou diretamente à herança cultural dos açorianos e madeirenses chegados à Ilha de Santa Catarina no século XVIII. Coletou histórias, registrou-as como folclorista, mas também transfigurou-as criativamente em contos, desenhos e esculturas. Os comentários de Gelci Coelho se

alimentam desse rico e peculiar universo simbólico, e promovem a articulação com outro elemento importante da Quaresma no litoral catarinense: o sacrifício do boi.

[...] eles acreditam assim, que se Cristo está morto, o diabo está solto. E o diabo solto pode prejudicar o processo de ressurreição de Cristo. É isso que temem, então o que faziam? Como desde a arquicivilização o touro é um Deus pagão, ele representa pro povo o próprio diabo, então eles faziam um desafio ao diabo: distrair o diabo, provocavam o diabo pro diabo esquecer de Cristo e chamar atenção pra ele. E isso é incorporado no touro. Isso era só feito na madrugada da Sexta-feira Santa, só por pagadores de promessa que se arriscavam, se colocavam em perigo desafiando o próprio diabo pra que ele esquecesse de Cristo lá. Então eles faziam isso, inticavam, não se tocava no animal, porque é um animal impuro, mas inticavam, provocavam o bicho e tentavam atraí-lo até o mar. Quando o touro ou o boi, colocava as patas no mar, acabava, ele se purificava, era a água salgada, purifica. Primeiro era só isso, mas depois claro, aí tem outras histórias, foram proibidos de fazer isso, os padres começaram a dizer que isso não tinha significado religioso nenhum, começaram a contrariar esses costumes populares. Aí se desandou e acabou virando o que eles chamam hoje de farra do boi, que não é mais feito na Sexta-feira Santa, mas hoje em qualquer, dia das crianças, dia dos pais, qualquer coisa é motivo pra fazer a farra do boi, daí é mais uma provocação, é desafio.

A farra do boi, criminalizada na década de 1990, mas ainda realizada, está fundamentalmente circunscrita, em Santa Catarina, à faixa litorânea. Embora possa ser vinculada a práticas culturais presentes ao menos desde o século XVI, nos Açores (FLORES, 1997, p. 185), não foi integrada ao rol de bens culturais positivados como “herança cultural açoriana” em Santa Catarina.

O processo de positivação dessa herança, inicialmente promovido por intelectuais catarinenses, tem antecedentes que remontam ao menos ao ano de 1941, mas foi impulsionado após 1948, com a realização, em Florianópolis, do Primeiro Congresso de História Catarinense (alusivo aos 200 anos da colonização açoriana) (GONÇALVES, 2006, p. 57-65). O investimento na produção discursiva de uma identidade açoriana para o litoral catarinense persiste há décadas, como demonstra a AÇOR – Festa da Cultura Açoriana de Santa Catarina, anualmente realizada em um município litorâneo.

Não cabe aqui uma discussão alentada sobre as complexas questões que envolvem a farra do boi. Todavia, ela não poderia deixar de se mencionada, dada a sua ocorrência em paralelo à da Procissão do Senhor dos Passos – durante o mesmo período do calendário religioso católico (a Quaresma) e em áreas nas quais, talvez há

duzentos e cinquenta anos, convivem devotos e farristas. Importante frisar essa convivência, que, se pode remeter a uma herança açoriana, é antes de tudo a herança de extrema valorização das celebrações e festas próprias da Quaresma.

Cabe voltar à argumentação de Gelci Coelho: o sacrifício do boi seria uma maneira de simbolicamente garantir que o sacrifício de Cristo tivesse sucesso (com a Ressurreição), impedindo que o diabo pudesse realizar qualquer interferência decisiva em contrário. Uma maneira de ludibriar o diabo. Essa dimensão é simbolicamente convergente com a análise de diversos elementos rituais da Procissão do Senhor dos Passos como práticas de purificação e imunização, conforme referidas na descrição do bem, contida neste dossiê, e mais minuciosamente analisadas pelo antropólogo Izomar Lacerda (2018 – Apêndice 1).

Em conto de Franklin Cascaes, datado de 1965, pode-se ler: “O homem tem que combater o mal durante toda sua vida, para não cair nas armadilhas inferneiras, que lhe são preparadas para demovê-lo do reino do bem.” (CASCAES, 2000, p. 85). A Procissão do Senhor dos Passos pode ser interpretada como momento de combate coletivo ao Mal e, na perspectiva individual dos fiéis, como momento em que se busca, junto ao Senhor dos Passos, a cura de toda a sorte de males terrenos.

A crença dos devotos do Senhor dos Passos em seu poder de curar pode em parte ser associada aos milagres de Jesus, tal como relatados em numerosas passagens bíblicas: curas para as quais Jesus usou apenas palavras, ou mobilizou elementos naturais, ou apenas o toque. Em todos os evangelhos canônicos há episódios de cura, dos mais variados tipos de doenças e males: febre, sangramento, lepra, cegueira, surdez, gagueira, paralisia, atrofia, deformação ou perda de membros, além de casos de exorcismo e de ressurreição. Há passagens – como nos evangelhos de Marcos e Mateus, referentes à cura de vários doentes na região de Genesaré – que se mostram significativas para compreender as associações estabelecidas entre o poder taumatúrgico de Jesus (e, em Florianópolis, da imagem do Senhor dos Passos) e os elementos materiais a ele associados (como, por exemplo, seu manto).<sup>49</sup>

Para os devotos, o poder curativo “contamina” a imagem, a cruz, o manto, até mesmo as velas do altar do Senhor dos Passos. São muitos os milagres relatados, muitas as graças que se diz alcançadas, com frequência envolvendo parentes próximos que se encontravam doentes – há curas mencionadas nas entrevistas com

---

<sup>49</sup> Em Marcos (6: 53-56) e Mateus (14: 34-36), tocar uma parte de suas vestes resultou na salvação dos doentes.

funcionários do Hospital de Caridade ou da Capela do Menino Deus (Gertrudes Marchese, Maria Paulina de Amorim da Silva, Maurino Aristides da Silva), membros da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos (Carmen Wendhausen Fraga, Raquel Mara Martins Weiss) ou com devotos não diretamente vinculados à Irmandade (como Aparecida Mariano Vieira e Maria Bernadete Martins Correa).

Apesar das tentativas da Igreja Católica de controlar a devoção (que recuam ao menos à romanização) e das iniciativas da própria Irmandade de “racionalizar” e “modernizar” suas formas de expressão, os devotos seguem cantando cânticos que não são veiculados pela sonorização eletrônica, desenhando nos Livros de Ação de Graças e optando por promessas que infligem a si próprios algum nível de dor física (caso daqueles que sobem a ladeira do Menino Deus de joelhos, como a mãe da entrevistada Shirlei Maria Carvalho Geraldo, segundo declarou em entrevista de 2014).

Cabe ressaltar, por fim, as reinterpretações artísticas das vivências e memórias associadas à Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis. Destacam-se, sobretudo, os desenhos e pinturas de Hiedy de Assis Corrêa (Hassis), produzidos entre 1959 e 1966 (que se encontram no Museu Hassis) e as esculturas de Franklin Cascaes, principalmente os conjuntos escultóricos sobre a beata Joana de Gusmão, sobre a Procissão do Senhor dos Passos e especificamente sobre a Procissão da Mudança, custodiados pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC.<sup>50</sup> Mais recentemente, foi divulgado trabalho com propósito similar ao de Cascaes, qual seja, o de representar, em pequenas esculturas, os vários elementos da Procissão, trabalho feito pelos artesãos Paulo e Osmarina Villalva.<sup>51</sup>

São fortes sinais de que a relevância da Procissão do Senhor dos Passos não se limita ao âmbito da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos ou ao circuito mais amplo dos devotos – as fronteiras há muito têm sido estendidas, no que tange aos sujeitos que lhe conferem valor e a tomam como referência.

---

<sup>50</sup> Para os trabalhos de Hassis sobre a Procissão, ver o livro de Carlos Moura (2013); para o grupo escultórico de Cascaes relativo à Procissão da Mudança, ver a publicação *Franklin Cascaes, desenhos/esculturas*, relativa à exposição homônima, realizada no segundo semestre de 2010 no Museu Histórico de Santa Catarina. Ver ainda, neste dossiê, os comentários de Daniela Pistorello sobre o acervo de Elizabeth Pavan Cascaes (onde se encontram os manuscritos e demais trabalhos de Franklin Cascaes), no MARQUE/UFSC, e sobre os trabalhos de Hassis aqui referidos (PISTORELLO, 2018 – Apêndice 2). Os trabalhos escultóricos de Cascaes pertinentes à devoção ao Senhor dos Passos estão descritos no Catálogo de Artefatos do dossiê (Apêndice 8).

<sup>51</sup> Vídeo apresentando o trabalho, relativo à Procissão do Senhor dos Passos de 2015, está disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=f\\_xd08sZIrA](https://www.youtube.com/watch?v=f_xd08sZIrA)>. Acesso em 12 nov. 2017.

Como destacou Maria Cecília Londres Fonseca, as referências culturais podem assim ser configuradas “quando são consideradas e valorizadas enquanto marcas distintivas por sujeitos definidos.” (FONSECA, 2006, p. 89). Inscrita, por gerações, na vida não apenas de moradores de Florianópolis, mas de residentes no estado de Santa Catarina e em outros estados brasileiros, a Procissão do Senhor dos Passos se apresenta, para seus detentores, como potente referência cultural.



*Procissão do Encontro. Florianópolis, 1951.*

*Na foto superior, destaque para as autoridades eclesiásticas (sob o pálio e à frente dele), bem como para seus auxiliares mirins, em primeiro plano. Vê-se o bocal de uma tuba, perto do pálio – indício de que a banda estava próxima.*

*Na foto inferior, o variado público da procissão não deixa de revelar a forte presença popular na celebração. Destaque para as crianças. Fotógrafos não identificados. Acervo da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos (Centro de Memória Professor Henrique da Silva Fontes).*



*Procissão do Senhor dos Passos, Florianópolis.*

*Na foto superior, pessoas se dirigem para a Capela do Menino Deus, talvez nos momentos imediatamente anteriores à Transladação das Imagens. Foto de 1950, fotógrafo não identificado.*

*Na foto inferior, em uma das estações ou passos da Paixão, canta a Verônica. Vê-se uma Eli Faustino da Silva muito jovem, sobre a escadinha, começando a desenrolar o sudário. Ao fundo, a imagem do Senhor dos Passos. Várias mulheres seguram lanternas muito similares àquelas que ainda são preparadas pela Irmandade para uso das irmãs, com cabo de madeira e invólucro de celofane roxo ou violeta. Foto de 1953, fotógrafo não identificado. (Centro de Memória Professor Henrique da Silva Fontes).*



## O BEM COMO OBJETO DE REGISTRO

Existiam moradores que contavam mais ou menos assim: a procissão é quando começa o ano, depois que passa a procissão, fica esperando o ano todo, passa o Natal, passa o primeiro do ano, não, a Procissão de Passos é que marca o início do ano. E é assim que a gente sempre viveu, a procissão ela é enraizada dentro das famílias mesmo.

Joi Guedes da Fonseca Sobrinho, 2014.

Mas não há como deixar de aceitar e defender que a manifestação da procissão do Senhor dos Passos no Brasil inteiro é um patrimônio cultural do povo brasileiro. Não só do povo catarinense, ela é do povo catarinense, nossa, mas de modo geral ela é um patrimônio cultural do povo brasileiro.

Nereu do Vale Pereira, 2014.

Acredito que essa Procissão, pela sua antiguidade, pela atribuição de sentido que as pessoas fazem, as pessoas da cidade, que ela tenha plenas condições de ser patrimonializada. Até em nível nacional. [...] A cidade precisa disso, entendeu? Porque são coisas icônicas, que vão ligar os habitantes. [...] Eu acho que há uma sensibilidade mais aguda, mais fina, para que se possa ficar mais glocal, como diz o Chartier. Esse global e o local, juntar isso.

Maria Teresa Santos Cunha, 2018.

Por que caberia registrar a Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis como bem imaterial integrante do patrimônio cultural brasileiro?

Como já referido, trata-se de bem cultural ao qual já foi atribuído valor patrimonial, em nível estadual, pela Fundação Catarinense de Cultura, na categoria de celebração: o registro foi feito inicialmente em 2006 e revalidado para o período 2016-2026, conforme a legislação estadual vigente. As considerações sobre o valor patrimonial atribuído ao bem em questão podem ser iniciadas, portanto, pelas justificativas contidas no processo de registro e no de revalidação em âmbito estadual.

No processo de registro estadual (FCC, 2005-2006), a Instrução Técnica datada de 20 de abril de 2006 e elaborada por Eugênio Pascele Lacerda, antropólogo e analista técnico da Gerência de Pesquisa e Tombamento da Fundação, destaca, no item que traz considerações sobre o “significado antropológico do bem cultural”:

A procissão *stricto sensu* é um ritual que, narrando um mito bíblico, superpõe, através de uma representação dramática, uma tradição vivida e definida localmente. Mais do que simplesmente falar da paixão e morte do filho de Deus, o devoto, pela lembrança de seus antepassados e da herança cerimonial que deixaram, está vinculando-se à tradição, evocando e afirmando preceitos morais e uma visão do seu mundo social que serão fundamentais na ordenação de suas relações. Nessas lembranças firmam-se valores e aprendizados passados de pai para filho através de gestos, palavras e exemplos de vida. Nessa evocação da tradição reafirma-se o silêncio, enfocado como um preceito importante na regulação do comportamento social. No caso das procissões bicentenárias, como a do Senhor Jesus dos Passos, destaca-se, entre outras opções, a valorização ritual e ética do silêncio e do mistério. Tais cerimônias são sustentadas, é claro, por um sentimento religioso. Sem a experiência do sagrado que os reveste, estes rituais e festas não seriam realizados e muito da memória que eles representam se perderia.

Assinala ainda, em sua conclusão:

A Procissão do Senhor dos Passos, realizada em Florianópolis há 241 anos sem interrupção, pode ser considerada a mais importante celebração de religiosidade popular do Estado de Santa Catarina. Está marcada como tradição pela sua continuidade histórica e como prática social, simbólica e ritual tanto pela rememoração coletiva e socialmente eclética da Via Crucis quanto lugar cerimonial de execução das promessas do povo, verdadeiras dádivas validadas e reiteradas justamente pelo ambiente sagrado que a Procissão instaura. Neste sentido, a Procissão é fulcro da memória coletiva espontânea.

Do ponto de vista da preservação cultural, a Procissão é núcleo expressivo de um patrimônio cultural rico e variado que agrega em torno de si, além da qualidade de celebração típica do catolicismo popular brasileiro, uma imagem sacra representativa do imaginário artístico do barroco brasileiro do século XVIII; uma capela tombada em nível municipal e estadual, pelas suas características arquitetônicas luso-brasileiras, um museu sacro que reúne, além de imagens, objetos cerimoniais usados na procissão; a secular Irmandade, que é uma organização comunitária clássica e popular de amparo social; e a memória de uma beata – Joana de Gusmão – consagrada pelo povo brasileiro.

Portanto, a instrução técnica destacou, no que tange exclusivamente à Procissão como celebração, seu caráter tradicional, popular, que através da rememoração da Via Crucis também reativa laços familiares e comunitários, além de, como manifestação religiosa, restabelecer (re-ligar) e reforçar os vínculos com o divino. Seria ainda marcada pela “valorização ritual e ética do silêncio e do mistério”, o que remete a uma característica geralmente associada à Procissão do Senhor dos

Passos em Florianópolis: a contrição (IPHAN, 2015, p. 15). Ressaltou, ainda, o significativo lastro temporal da Procissão (bicentenária), sua associação a um personagem (a beata Joana de Gusmão) e a uma instituição (a Irmandade do Senhor Jesus dos Passos), cujas atuações também remontam ao século XVIII, além de destacar suas relações com elementos referenciais materiais aos quais também já foi atribuído valor histórico e/ou artístico (a imagem do Senhor dos Passos, a Capela do Menino Deus, o acervo do Museu Sacro).

As considerações da Instrução Técnica foram incorporadas à Proposta de Registro encaminhada à Câmara de Patrimônio do Conselho Estadual de Cultura, que em 3 de outubro de 2006 aprovou o registro da Procissão no livro de celebrações, por ser “a mais tradicional celebração de religiosidade popular do Estado de Santa Catarina”. Estavam presentes à sessão os conselheiros Nereu do Vale Pereira (também irmão da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos), Rosa Maria Tesser e Simone Harger (então Diretora de Patrimônio Cultural da Fundação Catarinense de Cultura). A deliberação posteriormente foi aprovada em sessão plenária do Conselho (FCC, 2005-2006).

Na revalidação do registro estadual, especificamente no parecer técnico da Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural da FCC, datado de 28 de março de 2017, buscou-se verificar se foram mantidas as características da Procissão do Senhor dos Passos, tal como arroladas no processo de registro de 2006. Fundamentalmente, focaram-se elementos como “participação popular, continuidade ininterrupta da sua execução, trajeto, ritos e símbolos” (FCC, 2015-2917), concluindo-se que as transformações, em dez anos, foram mínimas: apenas no quesito “trajeto” assinalou-se a eliminação de uma das paradas tradicionais do percurso (a parada no prédio da antiga Casa de Câmara e Cadeia, que estava em obras).

Dois novos aspectos foram indicados, no parecer:

1) a ampliação expressiva do público, que em 2006 girava em torno de 10 mil pessoas, anualmente, e que em 2016 foi estimado em 70 mil pessoas, somando-se os participantes do sábado e do domingo;

2) os mecanismos de “interação virtual” cada vez mais presentes na celebração, seja na sua divulgação (por meio da imprensa eletrônica *stricto sensu* mas também pelas redes sociais), seja no seu registro (presença cada vez mais difundida de celulares, inclusive com a feitura de *selfies* com a imagem do Senhor dos Passos).

Com base no parecer técnico da Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural, considerou-se “que a referida celebração religiosa mantém a permanência das suas características e de seus elementos essenciais que conferiram o seu Registro em 2006, confirmando a sua continuidade temporal e ininterrupta até o presente”, conforme consta de parecer, favorável à revalidação, datado de 28 de março de 2017 e exarado por Luiz Nilton Corrêa, conselheiro da Câmara de Patrimônio do Conselho Estadual de Cultura. O mesmo conselheiro acrescentou ser a Procissão “uma das maiores manifestações religiosas de Santa Catarina, da cultura popular e um dos símbolos do Estado de Santa Catarina” (FCC, 2015-2017).

Por sua vez, no que tange à solicitação de registro em âmbito federal, o dossiê preparado em 2015 assinala algumas características e singularidades do bem cultural que fundamentariam o registro:

. Dimensões e longevidade: “[...] é a maior e mais antiga festividade religiosa da cidade de Florianópolis” (IPHAN, 2015, p. 2);

. Origem luso-açoriana, caráter popular, consolidação na memória coletiva:

A importância da Procissão, no contexto das manifestações culturais de origem luso-açoriana no litoral de Santa Catarina, e seus dois séculos e meio de ocorrência, consolidaram-na na memória coletiva como manifestação de fé e religiosidade de forte apelo popular e como patrimônio. (IPHAN, 2015, p. 2);

. Marca identitária regional, de base açoriana, mas integrada a outros grupos:

A Procissão do Senhor dos Passos de Florianópolis traz, ao longo de sua extensa trajetória histórica, a religiosidade e devoção oriundas das migrações açorianas, mas também diversos elementos das sociabilidades elaboradas em interação com outros grupos na construção de uma marca identitária regional que integra e diz respeito à diversidade cultural brasileira. (IPHAN, 2015, p. 20);

. Atmosfera solene e de contrição:

A contrição, característica do período da Quaresma, e exacerbada na Semana Santa, inspira o caráter estritamente introspectivo da Procissão do Senhor dos Passos, que pode ser observado entre os milhares de fiéis que acompanham a celebração. As missas e cortejos que compõem o rosário de procissões são revestidos por uma atmosfera solene e sagrada. (IPHAN, 2015, p. 15);

. Congraçamento e reafirmação de laços familiares e de amizade: “[...] este momento também é marcado pela congregação de familiares e amigos que têm suas

memórias e histórias de vida intimamente ligadas à história da procissão.” (IPHAN, 2015, p. 46).

Com base na pesquisa complementar efetuada entre 2017 e 2018, sintetizada no presente dossiê, e considerados os aspectos destacados nos estudos relativos ao registro da Procissão do Senhor dos Passos pelos órgãos de preservação estadual e federal, cabe reequacionar algumas das justificativas apresentadas. São pontuadas, a seguir, características da Procissão que recomendam sua integração ao “patrimônio cultural brasileiro”, na categoria de celebração, como bem cultural de natureza imaterial portador de “referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”, nos termos do Art. 216 da Constituição Brasileira de 1988.

Entende-se que a Procissão do Senhor dos Passos, em Florianópolis, deve ser considerada parte do patrimônio cultural brasileiro por ser:

. *Longeva*: é realizada há mais de 250 anos. A recorrência de sua realização, por período tão significativo, já é um fator que a singulariza em relação a inúmeras outras celebrações religiosas no país. Nos vários momentos de seu sistema ritual, integra diversas camadas temporais, das quais são emblemas os artefatos que compõem a celebração, quer os propriamente rituais (lanternas, tochas, pátio, guião), quer os não rituais (como os contemporâneos celulares, citados no processo de revalidação do registro estadual);

. *Tradicional*: o costume de frequentar a Procissão do Senhor dos Passos tem sido fortemente caracterizado como algo transmitido de geração para geração, em geral no ambiente familiar (“de pai para filho”). No processo de pesquisa, verificou-se que esse aspecto foi indicado em várias entrevistas, assim como em diversos contatos com possíveis depoentes e colaboradores. Os devotos não raro são adultos que um dia foram crianças adoentadas, cuja mãe ou avó fez promessa ao Senhor dos Passos para que fosse curado; obtida a cura, “alcançada a graça”, o próprio beneficiado é, em geral, quem cumpre a promessa – anualmente, talvez por toda a vida. Mas não somente o hábito de frequentar a Procissão é transmitido: também são ensinados os cânticos, preparados em conjunto os suportes para as velas carregadas na procissão, alugadas as roupas de “Senhor dos Passos” na Irmandade... e partilhadas histórias sobre muitas procissões. É perceptível a sólida ancoragem da Procissão na memória não só dos devotos, mas também de frequentadores não

devotos (como muitos dos integrantes de bandas), ou mesmo curiosos observadores: a celebração religiosa anual é um acontecimento social que, para além do encontro de duas imagens sacras, em um dia de domingo, estimula encontros outros.

. *Popular*: esse caráter se revela no perfil do público – é uma celebração com presença maciça de grupos populares, que em alguns de seus momentos assumem o próprio ritual (como na Procissão da Mudança ou do Carregador). É ainda marcada pelas práticas de devoção popular, predominantemente, mas não exclusivamente católicas, como se verifica nos trânsitos rituais da água do Senhor dos Passos, promovidos por pais e mães de santo. Trata-se de uma religiosidade popular atravessada pelo compromisso que sela as “trocas espirituais” entre santo e devoto: a promessa para receber a graça, o decorrente sacrifício que “paga” a graça ou promessa e, com isso, a abertura de um novo ciclo no compromisso. A devoção ao Senhor dos Passos de Florianópolis também se ancora, cabe frisar, na fama do poder taumatúrgico do orago da Irmandade.

. *Abrangente*: seu público tem crescido significativamente, na última década, em grande medida em decorrência dos investimentos para a ampla divulgação da celebração, com vistas à sua turistificação.<sup>52</sup> Não obstante, no que se refere aos devotos, e não aos turistas, há elementos documentais (Livros de Ação de Graças) que indicam a disseminação da devoção em todas as regiões do estado de Santa Catarina e do país. O simples registro dos nomes dos devotos e de sua procedência, nos livros, já informa que esses devotos distantes realizam visitas à Capela do Menino Deus, procurando manter contato direto com a imagem do Senhor dos Passos e renovando, presencialmente, o compromisso devocional. Muitos participam da Procissão, pois na época de sua realização o número desses registros aumenta. Para além de uma abrangência geográfica, a Procissão também conta com a participação de pessoas de distintos grupos e classes sociais.

. *Complexa*: a complexidade da celebração tem certamente um sentido pragmático, voltado para sua organização, que é preparada ao longo de todo o ano. Essa dimensão é significativa, pois é grande a energia social investida em sua

---

<sup>52</sup> De acordo com os dados levantados pelos organizadores, em conjunto com a Polícia Militar, a Procissão de 2018 reuniu cerca de 65 mil pessoas. Cf.: Procissão do Nosso Senhor dos Passos reúne 65 mil fiéis neste fim de semana em Florianópolis. *ClicRBS*, 18 mar. 2018. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2018/03/procissao-do-nosso-senhor-dos-passos-reune-65-mil-fieis-neste-fim-de-semana-em-florianopolis-10192971.html>>. Acesso em 20 mar. 2018.

realização. O que se quer destacar aqui, porém, é a complexidade de sua dimensão simbólica. Entendida como sistema ritual, a Procissão do Senhor dos Passos não pode ser meramente compreendida como um evento de transladação das imagens, no sábado à noite, e seu retorno no domingo, tal como, de forma breve, até mesmo os compromissos e relatórios da Irmandade chegaram a indicar. Trata-se de um conjunto de rituais que dispõem e motivam para o sagrado, de forma criadora e transformadora (LACERDA, 2018 – Apêndice 1), envolvendo mecanismos reiterados de purificação e imunização, que tornam esse momento do ano particularmente significativo, nos quadros dessa devoção específica e da religiosidade popular em geral. A complexidade da Procissão, como sistema ritual, também se revela na variedade de *performances* que nela se verificam: as *performances* previstas e ensaiadas por parte dos membros da Irmandade, por autoridades eclesíásticas e por personagens que tradicionalmente são associadas à Paixão de Cristo, além da *performance* das bandas e do público, com destaque para os devotos.

. *Singular*: Embora existam muitas procissões do Senhor dos Passos no país, a que ocorre em Florianópolis guarda uma relação muito estreita com o poder taumaturgico projetado na imagem sacra, por sua vez indissociável do lugar em que ela se encontra: a capela integrada a um complexo hospitalar, situada em morro cujos arredores têm intensa ocupação popular. São em grande medida esses moradores do entorno, muitos deles afrodescendentes, que participam de um dos rituais mais singulares da Procissão do Senhor dos Passos: a Procissão do Carregador. Essa participação, bem como os trânsitos rituais com outras religiões, anteriormente mencionados, demonstram as apropriações e ressignificações dessa celebração de base luso-açoriana, já devidamente lida, relida e hibridizada. Com isso não se quer negar o poder da herança luso-açoriana; apenas indicar que ela talvez resida em outro aspecto – na força persistente das manifestações culturais ligadas à Quaresma, no litoral catarinense, quer positivadas (como a Procissão do Senhor dos Passos), quer rechaçadas (como a chamada “Farra do Boi”).

Reconhecer a Procissão do Senhor dos Passos, em Florianópolis, como patrimônio imaterial brasileiro, também poderá significar um ponto de inflexão nas ações do IPHAN em relação ao estado de Santa Catarina. As ações de patrimonialização, iniciadas em 1938, durante cerca de meio século foram bastante pontuais, porque presas à perspectiva da excepcionalidade associada à herança lusitana, além de focadas privilegiadamente no patrimônio edificado e, mais

restritamente, em bens isolados. Os tombamentos de Laguna e São Francisco alteraram essa perspectiva, sobretudo no que se refere aos bens isolados. Os Roteiros Nacionais de Imigração, mais recentemente, deslocaram a atenção para outros sujeitos históricos, contudo foi mantida a ênfase na contribuição cultural de descendentes de europeus (GONÇALVES, 2016). O registro da Procissão do Senhor dos Passos, em Florianópolis, poderá, assim, abrir caminho para novos olhares patrimoniais sobre o território catarinense, seus sujeitos e suas práticas.





*Lavação da imagem do Senhor dos Passos.  
Recipiente com a água perfumada com que se faz a lavação.  
Florianópolis, 2012. Foto: Eduardo Arend.*



*Foto superior: "Multiplicação" da água da lavação do Senhor dos Passos, para distribuição.*

*Foto inferior: Garrafa com a água da lavação ("Água da fé"), considerada santa e milagrosa pelos devotos.*

*Florianópolis, 2012. Fotos: Monica Arnt.*



## RECOMENDAÇÕES DE SALVAGUARDA

Conforme indicado no primeiro dossiê de registro (IPHAN, 2015, p. 55), para a maioria das pessoas diretamente envolvidas na realização da Procissão não há propriamente ameaças à sua continuidade, embora haja preocupação com o que se entende ser o pouco interesse e a pouca participação de jovens e crianças – o que, em médio prazo, pode enfraquecer a celebração. Sendo promovida regularmente pela Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, instituição existente desde 1765 e que tem na promoção da Procissão uma de suas obrigações, destacada em seus sucessivos compromissos, deverá ser mantida ao menos enquanto a Irmandade existir. E, no momento, não há indícios de que a Irmandade apresente riscos para a sua própria continuidade.

Desde 2002 se firmou parceria entre a Irmandade e a Associação Comercial e Industrial de Florianópolis (ACIF) para ampla divulgação da Procissão do Senhor dos Passos (BAUMGARTEN, 2008, p. 311). Há a perspectiva de articular a Procissão a outros eventos e locais religiosos no Estado de Santa Catarina (sempre associados à religião católica), estimulando projetos de cunho turístico, como a própria ACIF explicitou nos encaminhamentos de solicitações de registro da celebração como patrimônio imaterial, quer em nível estadual, quer em nível federal. Neste sentido, se as percepções das pessoas ligadas à Irmandade tiverem fundamento, há o risco de se ampliar expressivamente o número de participantes-observadores justamente em um momento de envelhecimento significativo e de baixa renovação dos devotos. E a devoção ao Senhor dos Passos é o liame das práticas e rituais que conformam a Procissão.

Como indicado neste dossiê, a Procissão se faz por meio de uma triangulação entre Irmandade, Igreja Católica e devotos. Uns e outros buscaram e buscam moldar a Procissão segundo suas perspectivas e expectativas, em uma relação que está longe do equilíbrio. A Irmandade tem atuado muito fortemente para “modernizar” a Procissão, o que é particularmente visível a partir dos anos 2000. Em uma entrevista concedida em 2012, o provedor José Carlos Pacheco destacou ter procurado incorporar técnicas de propaganda e *marketing* para renovar e ampliar o público da Procissão:

[...] quando eu entrei aqui, há uns cinco anos, a Procissão tinha dez mil pessoas que botava na rua e aí, com técnica e gestão... Eu trabalhei numa das maiores agências de publicidade do Brasil e até da América do Sul, na década de sessenta, que foi a LPM Propaganda, aprendi essas técnicas onde a nossa gestão vai... A cada ano aumenta cinco mil pessoas, passando de dez pra quinze e vinte e cinco e trinta mil. (PACHECO, 2012)

Indicava, igualmente, a importante e crescente participação, na organização da Procissão, de empresas, associações e entidades comerciais (ACIF, CDL, Sindilojas). Na mesma ocasião, o então provedor reclamava uma maior participação das autoridades eclesiais na organização da Procissão, inclusive com mobilização de grupos de jovens.

Os agentes mais numerosos – os devotos, em especial aqueles sem vínculo com a Irmandade – não têm uma expressão institucional e estão dispersos pelo território catarinense, ou mesmo em outras unidades da federação. O que pensam os devotos sobre a Procissão? Como reagem às inovações que vêm sendo promovidas por seus organizadores? Que expectativas têm a esse respeito?

As entrevistas realizadas com devotos não integrantes da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos contribuem muito tenuamente para encaminhar respostas a essas questões. Faltam estudos mais amplos sobre seu perfil. Neste sentido, deveriam ser privilegiadas ações de salvaguarda que criassem oportunidades de visibilização dos devotos e de suas demandas, tornando mais equilibrada a sua participação, no que se refere à produção social da Procissão, quer em atos, quer em representações e narrativas. Essa perspectiva foi aventada no primeiro dossiê de registro, entendendo-se que “deve ser valorizado o envolvimento dos devotos, os que atuam como voluntários na realização do evento e a base social que compõe o grande público da procissão, referenciado de modo geral nas falas dos diferentes detentores como ‘povo’.” (IPHAN, 2015, p. 55-56).

As recomendações de salvaguarda adiante discriminadas referendam propostas anteriormente feitas e agregam outras.

1 – “Constituição de um centro de referência ou centro de memória, concentrado no envolvimento de fiéis e devotos, empoderando os participantes – independente de seu envolvimento institucional – em relação ao bem cultural patrimonializado, à Procissão.” (IPHAN, 2015, p. 56). Propõe-se agora, mais especificamente, que o centro de referência seja mantido como um portal eletrônico, que utilize as ferramentas atualmente disponíveis no âmbito da cibercultura. Nos

moldes do que é feito pelo Museu da Pessoa (<http://www.museudapessoa.net/pt/home>), os devotos poderiam registrar depoimentos gravados sobre sua relação com a devoção e, em especial, com a Procissão. Esse portal eletrônico poderia, igualmente, disponibilizar informações e materiais associados à história da Procissão e da própria Irmandade, e atuaria em colaboração com o Centro de Memória Professor Henrique da Silva Fontes e o Museu Sacro da Capela do Menino Deus. Parcerias com universidades públicas, como a UDESC ou a UFSC, ou outras instituições, poderiam ser firmadas para garantir a existência do portal eletrônico.

2 – “Constituição de coletivo deliberativo de salvaguarda”, de forma que “instituições e segmentos sociais envolvidos estejam articulados a fim de planejar, realizar e acompanhar as ações com vistas à continuidade das práticas relacionadas à Procissão.” (IPHAN, 2015, p. 56). Seria uma medida relevante igualmente para afinar diálogos entre detentores e órgãos de preservação (não só o IPHAN como a Fundação Catarinense de Cultura, sendo recomendável também a participação do SEPHAN, em nível municipal).

3 – Ações de “difusão e valorização do universo cultural em foco”, a começar de ações educativas (IPHAN, 2015, p. 57). Trata-se de recomendação bastante ampla, mas que poderia ser traduzida em ações como publicações, exposições, palestras, cursos, oficinas, visitas guiadas à Capela do Menino Deus e ao Museu Sacro, além de caminhadas de registro fotográfico (que enfatizassem o percurso da Procissão). Aqui poderia ser incluída uma das recomendações do primeiro dossiê de registro: a salvaguarda da “transmissão de conhecimentos relativos ao fazer artesanal de velas e tochas, atualmente realizado apenas por Seu Branquinho, ainda sem sucessor nessa função” (IPHAN, 2015, p. 56). Havendo interesse da Irmandade, poderiam ser pensadas oficinas de educação patrimonial em que a aprendizagem da confecção desses artefatos estivesse associada à discussão de aspectos das políticas de preservação do patrimônio cultural. As oficinas poderiam ser ministradas por “Seu Branco” (Maurino Aristides da Silva) ou outros funcionários do Hospital, em conjunto com técnicos dos órgãos de preservação em nível municipal, estadual e federal, com eventual parceria com universidades.

4 – Promoção de encontros periódicos de pesquisadores das procissões do Senhor dos Passos no país. Outra iniciativa que poderia ser feita pela Irmandade em parceria com universidades ou com instituições como o Instituto Histórico e

Geográfico de Santa Catarina, sediado em Florianópolis. Seria uma forma de valorizar e estimular pesquisas acadêmicas sobre a Procissão do Senhor dos Passos, a Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e o Hospital de Caridade, bem como perspectivas comparativas.

5 – Estímulo a pesquisas que investiguem as relações entre os devotos da Procissão, os moradores do entorno do Morro da Boa Vista, as religiões de matriz africana e as escolas de samba de Florianópolis. A pesquisa realizada em 2017-2018 sugere caminhos férteis de investigação a esse respeito. Novamente, haveria possibilidade de parcerias com universidades.

6 – Criação de um repositório digital de partituras associadas à Procissão, com devida anuência das bandas musicais envolvidas. Seria feita a digitalização sistemática dos documentos pertinentes existentes em seus acervos, de modo a ampliar e atualizar periodicamente o catálogo de orações, cânticos e partituras que integra este dossiê.

7 – Estímulo à proteção de *ex-votos* associados à Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis e dos Livros de Ação de Graças. Convém abrir diálogo com a Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, de modo a indicar a importância de preservar esses materiais, fontes fundamentais para a história da devoção. Caso *ex-votos* tradicionais venham a ser encaminhados para a Capela do Menino Deus, não deveriam ser descartados. O Centro de Memória Prof. Henrique da Silva Fontes e o Museu Sacro, instâncias ligadas à Irmandade, poderiam equacionar formas de proteção desse acervo.

8 – Promoção de um inventário da imaginária sacra, no estado de Santa Catarina, relacionada ao Senhor dos Passos e à Nossa Senhora das Dores. Possível parceria com a Fundação Catarinense de Cultura, por meio do ATECOR, bem como com instâncias municipais de preservação. Note-se que no ATECOR já há em andamento inventário de bens móveis sacros, mas concentrado no acervo das igrejas tombadas em nível estadual.

9 – Proposição de um circuito patrimonial, com atividades integradas, durante a semana de realização da Procissão, na área do seu “território”. Envolveria, sobretudo, museus, arquivos e centros de documentação existentes naquela área, sendo uma forma de visibilizar a alta densidade patrimonial do trajeto percorrido pela Procissão.

10 – Preservação da ambiência dos espaços que são cenários da celebração (incluídas as vias públicas) (IPHAN, 2015, p. 57). A existência do “coletivo deliberativo de salvaguarda”, pressupondo a participação de órgãos de preservação, facilitaria a integração de medidas, em especial as que se referem às edificações daquela área que forem protegidas por tombamento, bem como a instituições museológicas existentes nas proximidades.



*Capela do Menino Deus, parte posterior da capela lateral do Senhor dos Passos.  
Devota toca o pé esquerdo da imagem enquanto reza.  
Florianópolis, 2012. Foto: Monica Arnt.*



*Procissão do Carregador ou da Mudança.*

*Foto superior: A Procissão do Carregador tem à frente três pessoas, incumbidas de carregar a cruz processional (ao centro) e duas lanternas (nas laterais).*

*Na foto, o cortejo passa pela Rua Tiradentes, ao lado da antiga Casa de Câmara e Cadeia da capital.*

*Foto inferior: O cortejo processional sai da Rua Tiradentes e desemboca na Praça XV de Novembro, dirigindo-se à Catedral. Algumas pessoas portam também, além de alfaías, a folha de cânticos.*

*Florianópolis, 2012. Fotos: Regina Santiago.*



# REFERÊNCIAS

## ACERVOS INSTITUCIONAIS

### **AHE – Arquivo Histórico Eclesiástico** (Florianópolis, SC)

#### *Documentação textual*

*Correspondência entre o vigário da capital (Desterro/Florianópolis) e o bispo da Diocese (Curitiba/Florianópolis), entre 1899 e 1918, solicitando autorização para realização da Procissão do Senhor dos Passos. Documentação de arquivo, manuscrita.*

### **CM – Casa da Memória / Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes** (Florianópolis, SC)

#### *Documentação fotográfica*

Fotografias (cópias digitalizadas a partir da documentação original) relativas à Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis, SC.

### **FCC - Fundação Catarinense de Cultura /Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural** (Florianópolis, SC)

#### *Documentação textual*

FCC – Fundação Catarinense de Cultura. *Processo de registro da Procissão do Senhor Jesus dos Passos*. Florianópolis, 2005-2006.

FCC – Fundação Catarinense de Cultura. *Processo de revalidação do registro da Procissão do Senhor Jesus dos Passos*. Florianópolis, 2015-2017.

### **Iphan - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Superintendência de Santa Catarina** (Florianópolis, SC)

#### *Documentação textual*

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Superintendência de Santa Catarina. *Chamamento Público n. 01/2017-Iphan/Santa Catarina – Pesquisa para complementação da instrução de processo de Registro da Procissão do Nosso Senhor dos Passos de Florianópolis*. Florianópolis, 2017.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Superintendência de Santa Catarina. *Procissão do Senhor dos Passos de Florianópolis – dossiê de registro [1ª. versão]*. Florianópolis, 2015.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Câmara do Patrimônio Imaterial. *Memória resumida da 31ª. Reunião da Câmara do Patrimônio Imaterial, em 23 de novembro de 2016*. Brasília, 24 de novembro de 2016.

SILVESTRIN, Mônia Luciana. *Parecer ad hoc sobre resultado de pesquisa referente à Procissão de Nosso Senhor dos Passos, de Florianópolis/SC, realizada como parte do processo de instrução do pedido de registro da referida manifestação cultural*. Brasília, 17 de novembro de 2016.

*Documentação em áudio e audiovisual:*

- *Entrevistas para a pesquisa de instrução do pedido de registro da Procissão do Senhor dos Passos*

COELHO, Gelci José (Peninha), historiador. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 40 minutos.

CONCEIÇÃO, João Deodoro da, funcionário aposentado do Imperial Hospital de Caridade. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 40 minutos.

CUNHA, Maria Teresa Santos, historiadora e frequentadora da Procissão desde 1965. *Entrevista concedida a Tati Costa e Volo Filmes & Fotografia*. Florianópolis, 2018. Gravação em vídeo, 119 minutos.

FONSECA Sobrinho, Joi Guedes da, devoto do Senhor Jesus dos Passos, residente na Rua Menino Deus. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 35 minutos.

FONSECA, Hermes Roberto da, devoto do Senhor dos Passos, residente na Rua Menino Deus. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 20 minutos.

FRAGA, Carmen Wendhausen, devota do Senhor dos Jesus dos Passos. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 5 minutos.

FRAGA, Rogério Márcio Wendhausen, devoto do Senhor Jesus dos Passos. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 4 minutos.

GARCIA, Terezinha Gonçalves, funcionária da Capela do Menino Deus. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 16 minutos.

GERALDO, Shirlei Maria Carvalho, devota do Senhor Jesus dos Passos. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 3 minutos.

GONÇALVES, Maria de Lourdes Corrêa de Oliveira, devota do Senhor Jesus dos Passos. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 12 minutos.

KOEHLER, Pedro José, padre, capelão da Capela do Menino Deus. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 43 minutos.

KOEHLER, Pedro José, padre, capelão da Capela do Menino Deus. *Entrevista concedida a Marcos Rebelo e André Luís da Silva*. [Florianópolis], 2008. Gravação em áudio, 92 minutos.

KONELL, Valter Brasil, membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, ex-provedor. *Entrevista concedida a Marcos Rebelo e André Luís da Silva*. [Florianópolis], 2008. Gravação em áudio, 54 minutos.

LAUREANO, Rogério João, membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 33 minutos.

LAUREANO, Rogério João, membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. *Entrevista concedida a Marcos Rebelo e André Luís da Silva*. [Florianópolis], 2008. Gravação em áudio, 75 minutos.

MACHADO, Claudete Reis (Mãe Dete), mãe de santo responsável pelo Centro de Umbanda Maria de Mina, no Morro do Mocotó. *Entrevista concedida a Tati Costa, Danielle Souza e Volo Filmes & Fotografia*. Florianópolis, 2018. Gravação em vídeo, 81 minutos.

MACHADO, Luiz Mário, então provedor em exercício da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 27 minutos.

MAIA, Nerilda Mafra, devota do Senhor Jesus dos Passos, residente em rua do trajeto da Procissão do Senhor dos Passos onde confeccionam tapetes, processo do qual participava. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 23 minutos.

MARCHESE, Gertrudes, funcionária da Capela do Menino Deus. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 22 minutos.

MARCHESE, Gertrudes, funcionária da Capela do Menino Deus. *Entrevista concedida a Marcos Rebelo e André Luís da Silva*. [Florianópolis], 2008. Gravação em áudio, 53 minutos.

MARTINS, Bernardina da Silva; CORRÊA, Maria Bernardete Martins, mãe e filha, devotas do Senhor Jesus dos Passos, residentes no distrito do Ribeirão da Ilha. *Entrevista concedida a Tati Costa e Volo Filmes & Fotografia*. Florianópolis, 2018. Gravação em vídeo, 2018.

OLIVEIRA, Valdir Cristóvão de, membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, então coordenador da Procissão do Senhor dos Passos. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 40 minutos.

PACHECO, José Carlos, então provedor da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. *Entrevista concedida a Mônica Arnt*. Florianópolis, 2012. Gravação em áudio, 46 minutos.

PEREIRA, Hamilton Roveri do Vale, músico e organista, devoto do Senhor Jesus dos Passos, envolvido na organização da Procissão promovida pela Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 8 minutos.

PEREIRA, Nereu do Vale, sociólogo e membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. São José, 2014. Gravação em vídeo, 36 minutos.

PEREIRA, Nereu do Vale, sociólogo e membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. *Entrevista concedida a Marcos Rebelo e André Luís da Silva*. [Florianópolis], 2008. Gravação em áudio, 79 minutos.

PERUCHI, Rita, mordoma do culto da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. *Entrevista concedida a Marcos Rebelo e André Luís da Silva*. [Florianópolis], 2008. Gravação em áudio, 81 minutos.

PIAZZA, Aloísio Acácio, membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, ex-provedor. *Entrevista concedida a Marcos Rebelo e André Luís da Silva*. [Florianópolis], 2008. Gravação em áudio, 66 minutos.

RODRIGUES, Sílvia Ana, devota, residente em Biguaçu, Grande Florianópolis. *Entrevista concedida a Tati Costa e Volo Filmes & Fotografia*. Florianópolis, 2018. Gravação em vídeo, 28 minutos.

SANTIAGO, Regina Helena Meirelles, historiadora e técnica do IPHAN-SC. *Entrevista concedida a Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 33 minutos.

SANTOS, Carlos Roberto, Mordomo do Culto da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. *Entrevista concedida a Marcos Rebelo e André Luís da Silva*. [Florianópolis], 2008. Gravação em áudio, 111 minutos.

SCHMIDT, Nélio, presidente e músico da Sociedade Musical Amor à Arte. *Entrevista concedida a Tati Costa e Volo Filmes & Fotografia*. Florianópolis, 2018. Gravação em vídeo, 50 minutos.

SILVA, Eli Faustino da, intérprete da Verônica por 39 anos, na Procissão do Senhor dos Passos de Florianópolis. *Entrevista concedida a Tati Costa, Izomar Lacerda e Volo Filmes & Fotografia*. Florianópolis, 2018. Gravação em vídeo, 70 minutos.

SILVA, Maria Paulina de Amorim da, funcionária da Capela do Menino Deus. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 33 minutos.

SILVA, Maurino Aristides da (Sr. “Branco”), funcionário do Imperial Hospital de Caridade, responsável pela confecção artesanal das velas utilizadas na Procissão do

Senhor dos Passos. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 29 minutos.

SILVA, Maurino Aristides da (Sr. “Branco”), funcionário do Imperial Hospital de Caridade, responsável pela confecção artesanal das velas utilizadas na Procissão do Senhor dos Passos. *Entrevista concedida a Marcos Rebelo e André Luís da Silva*. [Florianópolis], 2008. Gravação em áudio, 40 minutos.

SILVA, Vitória Soares da, devota do Senhor Jesus dos Passos. *Entrevista a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 1 minuto.

SOUZA, Marcos Rogério de, membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 4 minutos.

VIEIRA, Aparecida Mariano, devota do Senhor dos Passos. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 4 minutos.

WEISS, Raquel Mara Martins, membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. *Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora*. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 4 minutos.

#### *Documentação fotográfica*

Fotografias (em meio digital) produzidas e reunidas pelos técnicos do Iphan relativamente à Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis, SC.

### **IPUF - Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis**

#### *Documentação cartográfica*

Plantas e mapas (originais e cópias) de Florianópolis.

#### *Documentação fotográfica*

Fotografias aéreas de Florianópolis.

### **ISJP - Irmandade do Senhor Jesus dos Passos** (Florianópolis, SC)

[Documentação disponibilizada no Centro de Memória Prof. Henrique da Silva Fontes do Imperial Hospital de Caridade]

#### *Documentação textual*

*Compromisso da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e Hospital de Caridade [1840]*. Cidade do Desterro: Typographia Provincial, 1840.

*Compromisso da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e Hospital de Caridade da cidade do Desterro [1858].* Cidade do Desterro: Typ. desterrense de J.J. Lopes, [1858].

*Compromisso da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e do Imperial Hospital de Caridade [1885].* Desterro: 1886. (impresso).

*Compromisso da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e Hospital de Caridade [1973].* Florianópolis: 1974. (impresso).

*Compromisso da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e Hospital de Caridade [1992].* Florianópolis: 1992. (impresso).

*Compromisso da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e Hospital de Caridade [1993].* Florianópolis: 1994. (impresso).

*Livros de Ação de Graças, de 01/01/2002 a 13/11/2017.*

*Relatório apresentado á Mesa Administrativa da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e Hospital de Caridade referente ao biennio de 1924 a 1926 pelo seu Provedor Cel. Germano Wendhausen.* [Florianópolis]. Typ. da Livraria Moderna, 1927.

*Relatório da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e Hospital de Caridade de Florianópolis, Biennio 1916 a 1918, apresentado pelo Irmão Provedor Coronel Germano Wendhausen acompanhado da "Breve Notícia" editada em 1897 e de outros dados referentes ás mesmas Instituições.* Florianópolis: Oficinas da Imprensa Oficial, 1918.

#### *Documentação fotográfica*

Fotografias (cópias digitalizadas a partir da documentação original) relativas à Procissão do Senhor dos Passos.

### **MArquE – Museu de Arqueologia e Etnologia / Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (Florianópolis, SC)**

Acervo Elizabeth Pavan Cascaes [Documentos de Franklin Cascaes]

*Cadernos grandes:* número 2.

*Cadernos pequenos:* números 2, 6, 37, 38, 53, 59, 65, 67, 97, 101.

*Manuscritos avulsos:* pastas 2 (doc. 110 e 131), 4 (doc. 141), 9 (doc. 84 e 250), 10 (doc. 296), 13 (doc. 82, 83 e 400), 14 (doc. 368), 16 (doc. 421).

*Fichas de inventário dos conjuntos escultóricos.* Disponíveis em: <<http://notes.ufsc.br/aplic/MUSEU.NSF/Elizabeth%20Pavan%20Cascaes?OpenView&Start=1.2>>. Acesso em 13-20 nov. 2018.

## REPOSITÓRIOS DIGITAIS

### Brazilian Government Documents

*Relatórios de presidentes da Província e de presidentes do Estado de Santa Catarina*. Disponível em: <<http://www-apps.crl.edu/brazil>>. Acesso em: dez. 2017 e jan. 2018.

### Hemeroteca Digital Catarinense

*Correio da Tarde*, Desterro, Ano I, n. 3, 29 mar. 1884. Disponível em: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

*O Conciliador Catbarinense*, [Desterro], Ano I, n. 89, 14 mar. 1850. Disponível em: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

*O Estado*, Florianópolis, Ano II, n. 301, 18 mar. 1899. Disponível em: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

*O Mercantil*, Desterro, Ano IX, n. 809, 14 fev. 1869. Disponível em: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

### Imagens de um Presente [acervo iconográfico de José Arthur Boiteux, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina]

Documentação fotográfica relativa a Florianópolis durante a Primeira República. Florianópolis: UDESC/IHGSC / IPUF, 2006. CD-ROM.

### Wikimedia

BRÜGGEMANN, Joseph. Vista de Desterro, 1867. Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

## WORLD WIDE WEB

- *Noticiário online*

PROCISSÃO de Bom Jesus dos Passos se realiza hoje em Oeiras. *Piauí Notícias*, 30 mar. 2012. Disponível em: <[http://piauinoticias.com/geral\\_/30970-procissao-de-bom-jesus-dos-passos-se-realiza-hoje-em-oeiras.html](http://piauinoticias.com/geral_/30970-procissao-de-bom-jesus-dos-passos-se-realiza-hoje-em-oeiras.html)>. Acesso em 13 fev. 2018.

PROCISSÃO do Nosso Senhor dos Passos reúne 65 mil fiéis neste fim de semana em Florianópolis. *ClicRBS*, 18 mar. 2018. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2018/03/procissao-do-nosso-senhor-dos-passos-reune-65-mil-fieis-neste-fim-de-semana-em-florianopolis-10192971.html>>. Acesso em 20 mar. 2018.

PROCISSÃO Senhor dos Passos tem expectativa de 60 mil pessoas em Florianópolis neste ano. *Notícias do Dia*, 20 fev. 2018. Disponível em: <<http://calendariofloripa.com/board/67-1-0-8944>>. Acesso em 23 fev. 2018.

- Vídeos

*Passos de Oeiras*. Direção geral: Áurea Pinheiro. Oeiras/PI: Trinca Filmes, 2008. Duração: 25:54 minutos. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/videos/detalhes/65/passos-de-oeiras>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

*Procissão do Senhor dos Passos de 2015 [artesanato de Paulo e Osmarina Villalva]*. [2015] Duração: 07:06 minutos. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=f\\_xd08sZlRA](https://www.youtube.com/watch?v=f_xd08sZlRA)>. Acesso em 12 nov. 2017.

*Procissão do Senhor Morto da Semana Santa de São João Del Rei, em 2009 [vídeo do canto das Beús]*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ig3u8S6mZBM>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Betina. *Preservação urbana: gestão e resgate de uma história – o patrimônio de Florianópolis*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

AMORA, Ana M. G. Albano. Modernização em Florianópolis: a contribuição da saúde para a construção da cidade no governo Nereu Ramos (1934-1945). In: \_\_\_\_ (Org.). *História da saúde em Santa Catarina: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Barueri, SP: MANOLE, Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012. p. 39-88.

ARANTES, Antonio Augusto. Paisagem de história: a devoração dos 500 anos. *Projeto História*, São Paulo, p. 64-96, abr. 2000

ARAÚJO, Adalice Maria de. *Franklin Cascaes, o mito vivo da Ilha (mito e magia na arte catarinense)*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

*ARTE sacra, patrimônio catarinense: inventário de bens móveis sacros – imaginária e pintura, Etapa I*. [Florianópolis]: Fundação Catarinense de Cultura, ATECOR, s.d.

BAUMGARTEN, Christina Elisa. *Imperial Hospital de Caridade de Florianópolis: uma obra construída com amor e altruísmo – 220 anos*. Blumenau: HB Editora, 2008.

BESEN, José Artulino. *História de padres em Santa Catarina*. São Paulo: Mundo e Missão, 2015.

*BÍBLIA de Jerusalém*. 12. reimpres. São Paulo: Paulus, 2017.

BORGES, Elaine; OROFINO, Bebel; SANDIN, Suzete. *Vozes da Lagoa*. 2. ed. Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte, Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, 2007.

*BREVE notícia sobre a imagem do Senhor Jesus dos Passos: instituição da Irmandade e erecção da Capella; fundação da Igreja do Menino Deus e do Hospital de Caridade;*



traços biográficos do Irmão Joaquim e da beata D. Joanna Gomes de Gusmão e outros factos notáveis. Santa Catharina, 1897.

BRITO, Paulo Jozé Miguel de. *Memória política sobre a Capitania de Santa Catarina*. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2008. [Edição original: 1829]

BRÜGGEMANN, Adelson André. *Ao poente da Serra Geral: a abertura de um caminho entre as capitanias de Santa Catarina e São Paulo no final do século XVIII*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. 2v.

CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000. v. 2.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Locuções tradicionais do Brasil*. 1. reimpr. São Paulo: Global, 2008.

CORBIN, Alain (Org.). *História do Cristianismo: para compreender melhor nosso tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CORRÊA, Carlos Humberto P. 2.ed. *História de Florianópolis ilustrada*. Florianópolis: Insular, 2005.

CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

FERREIRA, Sérgio Luiz. *Histórias quase todas verdadeiras: 300 anos de Santo Antônio e Sambaqui*. Florianópolis: Ed. das Águas, 1998.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A Farra do Boi: palavras, sentidos, ficções*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Povoadores da fronteira: os casais açorianos rumo ao Sul do Brasil*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. In: IPHAN. *O registro do patrimônio imaterial: dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial*. 4. ed. Brasília: 2006. p. 85-97.

FONTES, Henrique. A Beata Joana Gomes de Gusmão. In: PEREIRA, Nereu do Vale (Org.). *Memorial histórico da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos*. Florianópolis: Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, 1997-1998a. v. 2, p. 57-82. [Edição original: 1954]

FONTES, Henrique. A Irmandade do Senhor dos Passos e o seu Hospital e aqueles que os fundaram. In: PEREIRA, Nereu do Vale (Org.). *Memorial histórico da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos*. Florianópolis: Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, 1997-1998b. v. 1. [Edição original: 1965]

FONTES, Henrique. O Irmão Joaquim, o Vicente de Paulo brasileiro – biografia. In: PEREIRA, Nereu do Vale (Org.). *Memorial histórico da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos*. Florianópolis: Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, 1997-1998c. v. 2, p. 87-221. [Edição original: 1958]

FRANKLIN *Cascaes, desenhos/pinturas*. Florianópolis: Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, Museu Histórico de Santa Catarina, [2010].

GONÇALVES, Janice. *Figuras de valor: patrimônio cultural em Santa Catarina*. Itajaí, SC: Casa Aberta, 2016.

GONÇALVES, Janice. *Sombrios umbrais a transpor: arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX*. São Paulo, 2006. 444 p. Tese (Doutorado em História). USP.

HARO, Martim Afonso Palma de (Org.). *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. 4. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, Lunardelli, 1996.

LEAL, João. *Cultura e identidade açoriana: o movimento açorianista em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 2007.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Artífices do futuro: cultura política e a invenção do tempo presente de Florianópolis (1950-1980)*. Florianópolis: Insular, 2016.

MARGUERAT, Daniel. Jesus de Nazaré: profeta judeu ou filho de Deus? In: CORBIN, Alain (dir.). *História do cristianismo: para compreender melhor nosso tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 7-12.

MELLO Jr., Manoel Osvaldo. *Porto a pique: atividade portuária em Florianópolis entre 1930 e 1973*. Florianópolis, 2009. 63 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). UDESC.

MELO, Osvaldo Ferreira de (Coord.). *História sócio-cultural de Florianópolis*. Florianópolis: Clube Doze de Agosto, IHGSC, Lunardelli, 1991.

MIRA, Crispim. *Terra Catharinense*. Florianópolis: Livraria Moderna, 1920.

MORTARI, Cláudia. A Irmandade do Rosário e seus irmãos africanos, crioulos e pardos. In: MAMIGONIAN, Beatriz G. (org.) VIDAL, J. Z. (Orgs.) *História diversa: africanos e afrodescendentes na ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013. p. 85-107.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura de Mello e (Coord.). *História da vida privada no Brasil 1: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 155-220.

MOURA, Carlos Augusto Souto de. *Hassis e a Procissão do Senhor dos Passos*. Florianópolis: Tempo Editorial, 2013.

OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira; SALOMON, Marlon. *A decadência de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2010.

PELUSO Jr., Victor Antonio. O espaço físico. In: MELO, Osvaldo Ferreira de (Coord.). *História sócio-cultural de Florianópolis*. Florianópolis: Clube Doze de Agosto, IHGSC, Lunardelli, 1991. p. 9-14.

PEREIRA, Edilson. As mulheres por trás da face de Cristo: apropriações, performances e ambivalências da Verônica. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, p. 193-215, 2015.

PEREIRA, Moacir. *Senhor dos Passos: protetor de Florianópolis*. Florianópolis: Insular, 2004.

PEREIRA, Nereu do Vale (Org.). *Memorial histórico da Irmandade do Senhor dos Jesus dos Passos*. Florianópolis: Ministério da Cultura: 1997-1998. 2 v.

PERRIN, Michel-Yves. Iniciação cristã, culto e liturgia. In: CORBIN, Alain (dir.). *História do cristianismo: para compreender melhor nosso tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 81-85.

PIAZZA, Walter F. *A Igreja em Santa Catarina: notas para sua história*. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1977.

PIAZZA, Walter F. O povoamento açoriano. In: MELO, Osvaldo Ferreira de (Coord.). *História sócio-cultural de Florianópolis*. Florianópolis: Clube Doze de Agosto, IHGSC, Lunardelli, 1991. p. 53-89.

POZO RUIZ, Alberto. Las cofradías sevillanas en el siglo XVI. *Taurologia.com*, 18 mar. 2016. Disponível em: <[https://www.taurologia.com/imagenes/fotosdeldia/5890\\_ensayo\\_\\_las\\_cofradias\\_sevillanas\\_en\\_el\\_siglo\\_xvi.pdf](https://www.taurologia.com/imagenes/fotosdeldia/5890_ensayo__las_cofradias_sevillanas_en_el_siglo_xvi.pdf)>. Acesso em: 13 abr. 2018.

RODRÍGUEZ PEINADO, Laura. Púrpura: materialidad y simbolismo en la Edad Media. *Anales de Historia del Arte*, v. 24, n. esp., p. 471-495, nov. 2014.

SANTOS, André Luiz. *Do mar ao morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis*. Florianópolis, 2009. 639 p. Tese (Doutorado em Geografia). UFSC.

SCARANO, Julita. *Fé e milagre: ex-votos pintados em madeira – séculos XVIII e XIX*. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 2004.

SERPA, Élio Cantalício. *Igreja e poder em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

SIAT, Jeannine. *Religiões monoteístas: uma brevíssima introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

SILVA, André Luís da. *O campo Santo da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos*. Florianópolis: Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, 2013.

STAKONSKI, Michelle Maria. *Da sacristia ao consistório: tensões da Romanização no caso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos – Desterro/Florianópolis (1880-1910)*. Itajaí (SC): NEAB, Casa Aberta, 2008.

TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2013.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

VARAZZE, Jacopo de. *Legenda áurea: vidas de santos*. 6. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina – a Ilha*. Florianópolis: IOESC, 1984. [Edição original: 1900]

VEIGA, Eliane Veras da. *Florianópolis – memória urbana*. 2. ed. rev. e ampl. Florianópolis: Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, 2008.

VENARD, Marc. A imagem tridentina: ordem e beleza. In: CORBIN, Alain (dir.). *História do cristianismo: para compreender melhor nosso tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 340-344.

VINCENT, Catherine. Culto dos santos, relíquias e peregrinações. In: CORBIN, Alain (dir.). *História do cristianismo: para compreender melhor nosso tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 228-233.

ZIMMERMANN, Fernanda. Armação baleeira da Lagoinha: uma grande unidade escravista. In: MAMIGONIAN, Beatriz G.; ZIMMERMANN, Joseane (Orgs.). *História diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013. p. 44-67.

# Apêndice 1

## ***Musicalidades, Sistema Ritual e a Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis***

Izomar Lacerda

### **INTRODUÇÃO**

Esta veneranda Imagem, de um formoso acabado, que parece saído do prodigioso cinzel de Canova, segundo refere a tradição, não se destinára para receber o culto catholico do povo catharinense: fôra esculpida na Bahia para os nossos vizinhos irmãos do Sul; mas outros eram os designios da Providencia.

Foi no anno de 1764 que uma embarcação, zarpando da poética bahia de S. Salvador, partio em demanda do Rio Grande do Sul conduzindo este artístico primor. Ao chegar à temerosa barra impossível foi ao frágil lenho transpo-la, tendo por isso de arribar ao seguro porto desta cidade. Nova investida foi feita com o mesmo resultado, vindo ainda uma vez ter às nossas aguas. Pela terceira vez para lá singra e mais outra decepção lhe estava reservada!

Vendo o capitão nessas successivas arribadas manifesta a vontade Divina para que a Imagem aqui ficasse, a ella submeteu-se. [“Breve Notícia sobre a Imagem do Senhor Jesus dos Passos”, Autor desconhecido<sup>1</sup>, 1897. Citado por Pereira (1997b: 245)].

Estes parágrafos de autor desconhecido apresentam de forma sintética o mito de origem do Senhor Jesus dos Passos em Florianópolis. Informa sobre os eventos de sua chegada à Ilha do Desterro e os motivos pelos quais se deram a sua permanência em Santa Catarina. A partir desta inevitável situação é que se desencadeiam os fatos para a mobilização de habitantes para a formação e institucionalização da Irmandade do Senhor dos Passos. É interessante notar ainda que a narrativa explicita elementos fundamentais para a compreensão das práticas rituais da devoção ao Senhor dos Passos, quais sejam, a qualidade intrínseca da “veneranda Imagem”, de ator ativo, atestando sua condição Divina; e o recorrente e

---

<sup>1</sup> Em nota, Nereu do Valle Pereira (1997b: 241), organizador do livro que contém a transcrição de tal citação, esclarece que o relatório transcrito não contém assinatura e nem registro de autoria. No entanto, Pereira conclui pela dedicatória do texto, que sua autoria seja de Alfredo Theotônio da Costa, então Vice-Provedor da Irmandade do ano de 1892.

complementar caráter extra-ordinário associado à sua existência e aos atos atribuídos à sua intervenção.<sup>2</sup>

No caso do mito de origem, é a Imagem que escolhe ficar na Ilha, transformando tal povoado, de certa forma, como terra de escolhidos pela graça divina. Mas tal graça, de convívio com a sagrada Imagem, não se dá sem reciprocidade. São necessários cuidados, atos de veneração, sacrifícios, enfim, a elaboração de um sistema ritual. Partindo do culto devotado à imagem sacra, associada a uma ascese religiosa voltada em princípio para a prática da caridade aos pobres, a Irmandade passa então a implantar e gerir, ao longo de mais de dois séculos de existência, uma série de projetos institucionais que se concretizam, religiosa, política, social e culturalmente na cidade de Florianópolis, sendo o Imperial Hospital de Caridade e a Procissão do Senhor dos Passos os maiores exemplos da efetivação de tais projetos.

Desde a narrativa mítica de origem, o Senhor Bom Jesus dos Passos deixa de ser simples objeto (uma imagem) e passa a existir como agente<sup>3</sup> social, pleno de vontade. Mas, mais do que um sujeito possuidor da condição de humanidade, ele ultrapassa tal qualidade, devido ao caráter sagrado de sua natureza, que o provém de uma condição extra-humana. Nesta condição, a “imagem” possibilita relações com o patamar sagrado, na comunicação com este, agindo como uma espécie de porta voz dos devotos, ou ainda, na intervenção direta em suas vidas, como agente proporcionador de graças e milagres. Entre outras coisas<sup>4</sup>, este caráter sagrado e extra-humano é atualizado e revitalizado pelo investimento sócio-cultural da elaboração, efetivação e participação nos rituais que compõem a Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis.

Este texto busca apresentar e analisar<sup>5</sup> alguns dos elementos que compõem tal Sistema Ritual a partir de uma perspectiva antropológica, que compreende tal evento como um sistema ritual composto de uma sequência de ritos que co-

---

<sup>2</sup> Ao se referir à história da origem da imagem, Dona Eli Faustino (2018) diz convicta: “Jesus não estava dizendo algo? É claro que estava sim!”.

<sup>3</sup> A noção de agência a qual me refiro está baseada em Ortner (2006), como uma propriedade de sujeitos sociais – universal, mas assimetricamente distribuída – e que denota relação, poder e intencionalidade.

<sup>4</sup> Por exemplo, os rituais exprimem o caráter da devoção religiosa, mas também, são rituais de explicitação de poder político. Por outro lado, a experiência da devoção dos fiéis podem suscitar modos muito distintos de sentimentos.

<sup>5</sup> Isto tem como base um breve trabalho de campo etnográfico que realizei em 2018. Lançarei mão ao longo do texto de descrições de partes dos eventos rituais. No entanto, a densidade descritiva não é profunda e seria mais operativa, só oferecendo informações básicas para o desenvolvimento de temas de interesse para este trabalho.

memoram os últimos acontecimentos da vida mundana de Jesus Cristo, de sua condenação, passando pelo martírio e culminando no seu ato sacrificial de morte na cruz. A performance ritual será pensada analiticamente a partir do âmbito de sua *musicalidade* constitutiva e de algumas das implicações de seus aspectos significantes.

Antes de adentrarmos nos eventos relacionados à Procissão propriamente dita, apresento brevemente algumas considerações teóricas acerca de meu entendimento sobre o que chamo de *musicalidades* e *ritual*.

O conceito de “musicalidades” com o qual venho trabalhando está ligado ao conceito de “artisticidade”, conforme entendido por Menezes Bastos (2007). Este conceito ajuda a compreender de forma global a importância relacional de domínios como a corporalidade, a organização social, o ritual e a arte, para a constituição de socialidades. Seria, portanto,

um estado geral de ser que envolve o pensar, o sentir, o fazer, na busca abrangente da “beleza”, esta compreendida tão somente como passe de ingresso nos universos da arte (tanto quanto a “monstruosidade”, a “prototipicidade”, a “eficácia”, a “formatividade” e outras senhas) (Menezes Bastos, 2007: 295).

Neste conceito analítico amplo desprendido das “natividades” - do ocidente, mas não só – que fazem confundir as “senhas” ou “passes de ingresso” ao universo da arte com o próprio conceito, “a vida como um todo passa também a ter lugar no campo da artisticidade” (Menezes Bastos, 2008: 155), desde a produção de pessoas até o cosmos. Nesse sentido, também a musicalidade aponta para este aspecto conceitual holista e relacional, tomando como referência e ponto de partida, o domínio sonoro-musical do mundo nativo.

Com relação ao conceito de ritual, não se trata aqui de uma discussão exaustiva sobre tal, pois isto demandaria tempo e esforço além das possibilidades da proposta deste trabalho, uma vez que as tentativas de definições de ritual na antropologia têm sido terreno fértil de muito debate na história da disciplina, suscitando versões muito distintas de entendimentos sobre tais fenômenos. Assim, ao invés de tomar alguma perspectiva teórica exclusiva, do tipo, funcionalista, estruturalista, simbolista ou pragmática, penso que seria mais apropriado entender o ritual como conceito analítico, seguindo a sugestão de Peirano (2003) quando propõe a utilização de uma “definição operativa” de ritual. Esta definição é desenvolvida pela autora a partir das ideias de Stanley Tambiah, com uma proposta que busca a superação de uma definição reificante dada *a priori*. Para a autora, os rituais podem

ser religiosos, profanos, festivos, formais, informais, simples ou elaborados, enfim, pois se apresentam como sistemas culturais de comunicação simbólica. Nesta definição operativa, portanto, o ritual:

(...) é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos; 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo]. (Peirano, 2003: 11).

É a partir desta “definição operativa” que compreendo os eventos relacionados à Procissão do Senhor dos Passos, sendo o ritual, portanto, entendido aqui como um nexos entre pensamento e ação. Na concepção de Tambiah, as implicações do ritual surgem

como amálgamas ou totalidades constituídas duplamente por palavra e ação, por falas inter-relacionadas com a manipulação de objetos, por usos simultâneos e sequenciais de meios de comunicação (auditiva, tátil, visual e olfativa) e por meios presentacionais (canto, dança, recitação, etc.) (Tambiah, 1985: 1).

Visto como um sistema de comunicação simbólica que media o pensamento mítico e seus significados em termos culturais e a ação social nos eventos imediatos, o fazer ritual aqui em pauta educa a pessoa cristã-católica, assim como produz, porta e transforma as posições sociais e políticas do contexto de sua atuação.

Em seu ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso, Eliade (2002) afirma de forma contundente que a essência humana está pautada numa existência repleta de símbolos e que “o homem mais ‘realista’ vive de imagens” (Eliade, 2002:12). Neste sentido, afirma o autor:

começamos a compreender hoje algo que o século XIX não podia nem mesmo sentir: que o símbolo, o mito, a imagem pertencem à substância da vida espiritual, que podemos camuflá-los, mutilá-los, degradá-los, mas jamais poderemos extirpá-los. (Eliade, 2002: 7)



Geertz (2014) ao assumir a religião como sistema cultural aponta que o símbolo está intrinsecamente ligado ao próprio conceito de religião, que para o autor seria:

(1) Um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas". (Geertz, 2014: 67)

Neste sentido, os símbolos sagrados

funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo - o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos - e sua visão de mundo - o quadro que fazem do que são as coisas na sua atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ondem (Geertz, 2014: 68).

Portanto, os símbolos sagrados religiosos formulam uma "congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica" (Geertz, 2014: 68). Assim, para Geertz, a religião aponta, tanto para o indivíduo como para o grupo, de um lado, para um "modelo de" ação (fonte de concepções gerais do mundo, de si próprio e das relações entre elas) e de outro, para um "modelo para" a ação (como disposições mentais).

Entendido aqui como sistema, o ritual<sup>6</sup> performado da Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis aparece como uma expressão religiosa criadora e transformadora de disposições e motivações para o Sagrado, apontando *modelos de e para* a ação.

### ***Sistema Ritual do Senhor dos Passos***

Chamarei, portanto, de Sistema Ritual do Senhor dos Passos (SRSP) o conjunto de práticas rituais relacionados ao que se conhece como a Procissão do Senhor dos Passos realizada na cidade de Florianópolis (SC). Este sistema é composto resumidamente por: um conjunto de missas que se intercalam abrindo (como por exemplo, a missa de Investidura dos novos membros da Irmandade, que inicia os ritos do sistema) ou encerrando os demais ritos; o ritual da Descida e

---

<sup>6</sup> Como sugere Maisonneuve (1988: 3-4) seria difícil estabelecer uma distinção entre os termos ritual e rito. Para o autor, um ritual poderá englobar um conjunto de ritos. Neste sentido ele toma como exemplo o próprio caso dos rituais católicos, como composto por um conjunto de ritos. A distinção, portanto, aponta mais para uma questão de escala do que de alguma diferenciação de sua especificidade constitutiva. Não adoto aqui nenhuma distinção nos termos rito e ritual, compreendendo o conjunto ritual (ou, de ritos) como sistema.

Vestimenta das Imagens do Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores; a Lavagem da Imagem do Senhor dos Passos na Capela Menino Deus; a Procissão da Mudança ou do Carregador; a Procissão da Transladação das Imagens e por fim, o ponto culminante do sistema, a Procissão do Encontro (que apresenta elementos específicos importantes, como por exemplo, o Canto de Verônica).

A efetivação do dito Sistema se insere na fase de maior investimento devocional do calendário cristão-católico, qual seja a Quaresma. Este é um período de quarenta dias consecutivos, com início na Quarta-Feira de Cinzas e término no Domingo de Páscoa, tempo durante o qual se deve cumprir uma série de preceitos, tais como: jejuns e abstinências alimentares; revisão sobre os atos da vida, sobre a fé e o pecado; práticas e penitências e de fortalecimento da fé, sobretudo através de participações ativas nas orações, missas e demais rituais, como as procissões e romarias<sup>7</sup>.

Lacerda (2003) apresenta uma descrição sobre o que chama de ciclos anuais das festas, folguedos e procissões, que toma como associadas à antiga ecologia rural das populações litorâneas de Santa Catarina, entendendo tais ciclos enquanto eventos comunicativos. Para o autor, a Procissão do Senhor dos Passos estaria incluída no "Ciclo da Páscoa". Já Cabral (1979), chama o ciclo englobante da Procissão do Senhor dos Passos de "Ciclo da Quaresma". O interessante aqui é o entendimento de ambos de certa sistematicidade ritual de caráter cíclico anual.

### *Nota sobre as Missas*

Na programação oficial da Procissão do Senhor dos Passos a Missa de Investidura dos Novos Membros da Irmandade abre as atividades da Procissão. No entanto, as missas são os ritos mais recorrentes do Sistema Ritual como um todo. Elas se realizam periodicamente abrindo ou fechando os ritos que compõem o Sistema.

Mauss e Hubert ao tratarem da questão dos atos sacrificiais apontam que suas recorrentes realizações periódicas se dão pelo eterno retorno do caos e do mal do mundo, o que exigiria a realização de novos sacrifícios, criadores e redentores. De forma genérica, a origem do mundo reporta o sacrifício de Deus. Como lembram

---

<sup>7</sup> Vale lembrar que o início do período quaresmal coincide com o término de outra fase relacionada ao calendário católico, também recorrentemente performada em rituais de desfiles, porém no pólo das coisas profanas, qual seja, o carnaval. No caso específico do contexto ilhéu florianopolitano, os rituais das procissões religiosas e os desfiles de carnaval acontecem em sua forma mais recorrente historicamente, no mesmo espaço público, a Praça VX e adjacências, porém em dias distintos.

Mauss e Hubert, “o mundo repousa sobre o sacrifício celebrado no templo” (Mauss & Hubert 2003: 174). E neste sentido os autores se referem à apropriação e conservação pela teologia cristã da hierarquização do sacrifício. Neste sentido, “o sacrifício redentor do Deus perpetua-se na missa diária” (Mauss & Hubert, 2003: 101).

As missas, conforme organizadas e praticadas nos vários momentos dos eventos do Sistema Ritual da Procissão do Senhor dos Passos, apresentam de forma condensada e num relativo curto espaço de tempo, todos os princípios gerais da constituição da pessoa cristã-católica, erigida na alternância cíclica dos atos de expiação e comunhão. A penitência ajuda a redimir as culpas implícitas no decorrer da vida humana, advindas da concomitante relação com o sagrado e profano. Na consagração da eucaristia realizada com potência ritual em cada missa, se celebra a unidade e universalidade da comunidade cristã-católica, tornada possível pelo sacrifício de Cristo. Neste sentido, vê-se a importância da prática recorrente das missas para a consolidação e eficácia do Sistema aqui referido.

No Sistema Ritual da Procissão dos Passos atualmente, a musicalidade nas organizações das missas estão resumidas às práticas discursivas orais dos sermões e das falas litúrgicas, intercaladas por canções do repertório que chamarei de “música popular católica” (MPC). Este repertório é composto basicamente por canções recorrentes em muitos contextos contemporâneos da prática da religião católica. No Brasil a profusão de elaboração e divulgação deste repertório foi incentivada como prática de devoção, sobretudo por movimentos de apelo popular e de grande alcance em número de participantes como, por exemplo: o Movimento de Cursilhos da Cristandade (ou Cursilhistas); o Movimento da Renovação Carismática Católica (ou RCC) e sua variação mais recente, o Movimento Canção Nova<sup>8</sup>. Estes últimos têm na figura do Padre Marcelo Rossi, um ícone expoente da prática evangelizadora utilizando performances artísticas mesclando canto e coreografias, atingindo altos índices de audiências e publicidades em várias formas de mídia. Deste modo, muitas das principais músicas que compõem o repertório do que chamei MPC, estão contidas na longa discografia de Padre Marcelo Rossi.

---

<sup>8</sup> Estes movimentos encontram seus princípios historicamente no que ficou conhecido como Ação Católica, que data dos idos dos anos 30 do Século XX, conforme Sofiaty (2004: 32).

*Descida e Lavação da imagem do Senhor dos Passos*

Lavação do Senhor dos Passos

Na quinta-feira (15/03/2018) de manhã fui até a Capela Menino Deus com a intenção de presenciar o ritual da Lavação do Senhor dos Passos. Quando iniciava a subida da ladeira em direção à capela, passei por um senhor que seguia na mesma direção, mas a passos mais lentos. Presumi que seria um devoto e que estávamos indo para o mesmo lugar, e então, depois de cumprimentá-lo, comentei de forma despreziosa (aquelas coisas que se dizem para puxar assunto), sobre a dificuldade de se chegar a qualquer lugar naquele horário. A resposta do homem foi: “É assim mesmo, pra vir hoje aqui na Lavação, só quem tem muita fé mesmo no Senhor dos Passos. Senão fica em casa né?”. Logo depois reconheci o homem como sendo Seu Maurino Aristides da Silva, também conhecido como “Seu Branco”, pessoa atuante há muitos anos em vários aspectos da realização da Procissão do Senhor dos Passos, sobretudo na feitura dos castiçais e velas.

Chamo a atenção para um primeiro ponto sobre o ritual da lavação que seria o tempo: dia e horário de sua realização. Só o fato de acontecer num dia normal de semana (quinta-feira) às 7 horas da manhã (com os preparativos começando já lá pelas 6 horas) já impõe de forma específica uma condição particular em relação ao tempo ordinário, sobretudo em relação aos horários de um trabalhador comum. De todo o sistema, este é o único que se realiza neste horário. Isto é significativo, pois, para uma devota(o) que por ventura more nos bairros mais afastados do centro da cidade, chegar nesse horário até a Capela Menino Deus não é uma tarefa fácil<sup>9</sup>.

Chegando à Capela encontrei suas portas fechadas. Seu Branco, que me acompanhava na subida da ladeira, vendo minha decepção disse: “tem que ser assim mesmo, fica tudo fechado pra lavação. Quem entrar, entra pela porta lateral”. Novamente, outra situação distinta em relação ao cotidiano. O acesso ao espaço ritual – de consagração – não se dava da forma comum, pela porta da frente da Capela, mas pelo acesso alternativo. Segui então para a lateral da Capela, onde avistei uma fila de pessoas do lado de fora, esperando para entrar. Entre eles, estavam também alguns de meus colegas membros da equipe de pesquisa.

---

<sup>9</sup> No meu caso, morador do sul da Ilha, para chegar por volta das 6:30 no centro da cidade, de transporte público, precisei levantar as 4:45 da madrugada. Ou seja, no mínimo, esta questão reduz a participação da população no evento.

Eu tinha conhecimento sobre restrições em relação à participação no evento, mas, contudo, já havia alguns anos que estas restrições estariam mais flexíveis e que as pessoas comuns podiam assistir e até documentar o rito. Meus colegas no projeto de pesquisa que estavam a cargo da realização do vídeo documentário sobre a Procissão, contavam inclusive, com a autorização do Provedor da Irmandade para cobrir o evento. No entanto, naquela fila na lateral da Capela, fomos informados de que ninguém seria autorizado a assistir a Lavação. Somente **mães acompanhadas de crianças menores de sete anos** poderiam entrar na capela. De um lado, tive a sensação de desapontamento pela situação, porém, após pensar um pouco, do ponto de vista da pesquisa, os impedimentos davam indícios sobre a forma de concepção dos procedimentos rituais da Lavação. Estar ausente do rito, dizia muito sobre ele, no mínimo, explicitava uma restrição que já havia lido em relatos anteriores.

No relatório da Irmandade do exercício de 1872 a 1873 aparecem de forma interessante os informes relativos às providências relacionadas à realização do que se apresenta como “A Festa dos Passos”.

Na mesma reunião (se refere à reunião de dezembro de 1872), providenciou a Mesa sobre a Festa dos Passos do seguinte ano de 1783, determinando que o Tesoureiro encomendasse ao reverendo Padre Comissário Frei Antônio Augustinho e ao Padre Francisco de Sales os dois sermões para a procissão dos Passos, que se havia de fazer na quinta domingo da Quaresma. Fez recomendações sobre os convites e anúncios, e sobre os anjos da procissão. E, finalmente, determinou: “que se fará aviso daqui em diante, cada ano a duas de nossas Irmãs, para que, na véspera do dia da procissão, pratiquem o louvável costume, que se usa em outras partes, de virem vestir a santa imagem do Senhor e aprontar o mais necessário para ele sair nesse dia. (Fontes, (1965), apud Pereira (1998: 214)).

Além de trazer este entendimento de um evento festivo para os ritos da “procissão dos Passos”, ele informa sobre uma decisão da mesa diretora da Irmandade do Senhor dos Passos, da instituição da prática da vestimenta da imagem e sua preparação para a procissão, incluindo ainda, uma prescrição para que duas Irmãs fossem as responsáveis pelo processo. Esta medida foi tomada a partir de exemplos da prática realizada em outros lugares, considerando-a como um “louvado costume”. Aqui parece haver indícios do que veio a se tornar mais tarde, os rituais de Descida e Lavação do Senhor dos Passos.

Santiago (2015: 23-24) teve acesso ao ritual em 2014 e apresenta uma descrição com detalhes.

Tradicionalmente, participam da cerimônia apenas crianças menores de sete anos, por serem consideradas inocentes. Enquanto orações são entoadas e conduzidas por um grupo de senhoras participantes de grupos de oração, aos poucos as pessoas formam fila com as crianças no colo, para participar da lavação. Dona Gertrudes pega as crianças no colo, uma a uma, e conduz suas mãos, com um pequeno pano branco, até o rosto e as mãos da imagem de Nosso Senhor Jesus dos Passos, fazendo o movimento como se a limpasse. Cabelos e manto não são tocados. Santiago (2015: 23-24)

Nesta versão, além de saber sobre as várias prescrições, temos uma ideia da musicalidade do evento, sobretudo composto pelas orações. Os cantos só são referidos posteriormente, quando a autora passa a descrever a Missa dos Enfermos, que encerra o rito da Lavação.

Isto condiz com a impressão que tive em 2018. Enquanto esperava em fila do lado de fora da Capela a decisão se poderia entrar para assistir o ritual da Lavação, não era possível se ouvir nada do que acontecia no interior da Capela, nem cantos e nem rezas, o que poderia sugerir algum cuidado com os excessos sonoros ou, quem sabe, até mesmo o interdito.

Moacir Pereira, jornalista e membro da Irmandade do Senhor dos Passos apresenta uma descrição com detalhes sobre o processo de Lavação da Imagem no início dos anos 2000.

Anualmente, sempre às quartas-feiras da Semana de Passos, a partir das 13:00 horas, Nivaldo Goulart orienta a equipe que retira a imagem do altar lateral da Igreja Menino-Deus e a coloca no andor da Procissão. Procede depois à lavação da imagem e a colocação da tradicional túnica roxa. A cerimônia realiza-se, de acordo com a tradição, com a igreja lacrada, inacessível até mesmo aos demais membros da Irmandade. São oito os irmãos que participam da descida da imagem. Fazem o tradicional juramento, rezam, agradecem, cantam. (...) (Pereira, 2004: 40)

O relato enfatiza o caráter prescritivo e restritivo do rito, salientando a sua realização “com a igreja lacrada” e “inacessível” às pessoas comuns, mesmo membros da Irmandade. Infelizmente, o relato não fornece maiores detalhes sobre o juramento, os cantos e as rezas citadas. Logo depois, Pereira passa a informar sobre o rito da Lavação propriamente dita.

O ritual prossegue na quinta-feira, às 7:00 horas da manhã. Sete crianças, abaixo de sete anos, participam da Lavação com água benta. Passam suavemente água benta e perfume nos pés, mãos e rosto da imagem do Senhor dos Passos. A água, considerada milagrosa pelos devotos, é depois distribuída ao povo. (Pereira, 2004: 40)

A partir dos relatos, temos um sistema prescritivo complexo e as restrições rituais adicionam elementos que, em sua somatória (capela fechada + sete crianças + de até sete anos + pano branco + água benta)<sup>10</sup>, constituem um **rito de purificação**, resultando, em seu término, na produção de material sagrado e de propriedades milagrosas. Vale notar que a água é benta anteriormente ao rito, porém, sua qualidade milagrosa se dá após a efetivação ritual. Há, portanto, um processo mais profundo de sacralidade.

Laburthe-Tolra & Warnier (2010) tratando do conceito de sagrado, afirma que este corresponderia ao que está fora da esfera do normal e que etimologicamente, santo e sagrado significariam separado, colocado à parte. É neste sentido que Mary Douglas, afirmam os autores, conceitua a função da impureza, como a mistura de fenômenos que pertencem a categorias diferentes. Sujeira, poluição e tabu procedem da maneira como classificamos os fenômenos. Assim, “os verdadeiros interditos vão além da lógica para trocar a sensibilidade e marcar no cotidiano a ressonância da transcendência simbólica” (Laburthe-Tolra, 2010: 198).

Benveniste (1983) traça a etimologia das palavras “sagrado” e “sacrifício”, trazendo contribuições elucidativas sobre as ideias de sanções ou proibições rituais.

O autor inicia diferenciando os termos do latim: *sacer* e *sanctus*. O primeiro encerraria a representação precisa e específica do "sagrado". Porém, este em latim guarda um caráter ambíguo: de um lado como consagrado aos deuses, augusto, digno de veneração; e de outro, carregado de mancha moral, maldito e que suscita horror. Assim, em *sacer* está a melhor manifestação da divisão entre sagrado e profano.

Mas é na relação entre *sacer* e *sacrificare*, segundo Benveniste, onde se pode compreender melhor o mecanismo do sagrado e sua relação com o sacrifício. Assim, questiona o autor: “¿Por qué "sacrificar" quiere decir, de hecho, "executar", cuando propriamente significa "hacer sagrado"? ¿Por qué el sacrificio comporta necesariamente una ejecución?” (Benveniste, 1983: 350)

Benveniste recorre a Mauss & Hubert (2013: 17 - 26) quando estes sugerem que o sacrifício seria realizado para que o profano comunique-se com o divino, através da mediação da prática ritual. Para a conversão da besta em sagrada, há que

---

<sup>10</sup> É no mínimo curiosa recorrência do número sete no decorrer do rito. Segundo Moacir Pereira (2004: 40), seriam: às 7 horas iniciam-se os trabalhos; onde são admitidas 7 crianças, em princípio; todas abaixo de 7 anos. José Carlos Pereira (2005: 226) tratando dos “encantamentos” da Semana Santa (sobretudo da Sexta-Feira Santa) informa que se passaram “sete semanas de padecimentos até a crucificação de Jesus”, o que remeteria ao número sete uma simbologia especificamente sacral.

separá-la do mundo dos vivos, do ordinário, ou seja, é preciso que se forje este passo que separa os dois universos, e esta seria a meta da execução.

Prosseguindo, Benveniste investiga definições para a palavra "*sanctus*", também apontando suas ambiguidades: "se designa propriamente como *sancta*, las cosas que no son ni sagradas ni profanas, sino que están confirmadas por cierta *sanción*" (Benveniste, 1983: 351). Ou seja, é *sanctum* o que está apoiado por uma *sancio* (proibido, posto à parte), e não o que está consagrado aos Deuses, que seria justamente *sacer*. Também *sanctum* não é profano, que seria o que se opõe a *sacer*. No entanto, pouco a pouco, segundo o autor, as diferenças entre *sacer* e *sanctus* irão diminuindo, na medida em que o valor do sagrado se transfere a sanção, passando *sanctus* a designar tudo o que está em contato com o mundo do divino. A definição abandona o caráter negativo (nem sagrado, nem profano) e passa a um positivo:

se vuelve *sanctus* aquel que se encuentra investido del favor divino y recibe por ello una cualidad que lo eleva por encima de los humanos; su poder hace de él un ser intermediario entre el hombre y la divinidad. (...) *sanctus* califica entonces una virtud sobrehumana. (Benveniste, 1983: 352)

Portanto, afirma Benveniste, definir o que distingue *sacer* de *sanctus*, é justamente a diferença do sagrado implícito, *sacer*; do sagrado explícito (estado resultante de uma interdição/prescrição feita pelos homens), *sanctus*. A relação das diferenças entre os dois termos se apresentaria na palavra composta *sacrosanctus*, que apontaria para "lo que es *sanctus* por un *sacrum*; lo que está prohibido por un verdadero sacramento". (Benveniste, 1983: 352)

Assim, podemos encontrar na arqueologia etimológica, elementos para uma melhor compreensão sobre a natureza das práticas, que poderíamos chamar agora, sacrossantas, do Sistema Ritual do Senhor dos Passos. Na arena ritual se lida com um complexo ambíguo, pondo em jogo tudo ao mesmo tempo agora: sacrifício, sagrado, divino, profano, proibido e prescrito.

Os ritos aqui tratados apontam para formas específicas de se relacionar com os âmbitos do sagrado e do profano, exigindo atenção aos perigos que a tarefa exige. O caráter de pureza das coisas sagradas parece orientar algumas das prescrições, sobretudo nas escolhas das crianças e o uso do banho de água, que no pensamento ritual cristão ocupa espaço singular como, por exemplo, ponto fundamental do ato



de batismo, e como tal, fonte de revitalização da fé<sup>11</sup>. O rito dá sentido simbólico à experiência vivida, classificando e ordenando o cotidiano, reintegrando as práticas sociais dentro de ordens de sentido. O sistema de interditos é um sistema classificatório do sagrado e do profano, do puro e dos perigos das impurezas. Isto, a meu ver, orienta de forma geral o Sistema Ritual do Senhor dos Passos.

Neste sentido, depois de ritualmente lavado, por mãos puras, com condições de substancialmente retirar da imagem a carga de impurezas depositadas ao longo do ano, agora, renovado em sua condição sagrada, o Senhor dos Passos estará pronto para iniciar sua jornada, seus passos<sup>12</sup>. No entanto, há momentos de perigo. A meu ver, a exigência do uso do biombo na Procissão da Transladação, que acontecerá posteriormente, no sábado à noite, trata disto. Esconder a imagem é também imuniza-la das impurezas do mundo profano, deixado aos perigos das trevas no período da Quaresma. A retirada do biombo da imagem só acontece na sua chegada ao outro espaço sagrado (uma casa de Deus), a Catedral Metropolitana.

Ao se referir ao período da Quaresma, Gelsi José Coelho (Peninha)<sup>13</sup> aponta para o caráter de perigo eminente destes dias. Isto é recorrente no pensamento cristão-católico e como afirma Pereira (2005: 182), pelo contexto da “ausência de Deus” devido a sua prisão e morte, resulta em um “mundo sem comando”, ficando o mal à solta. Talvez aqui encontremos a chave de entendimento sobre a ideia de proteção necessária para o Senhor Jesus dos Passos, na fase liminar de descida da capela para a catedral. Isto aponta algumas possibilidades para se compreender o uso do biombo e o caráter de imunização do seu uso ritual. Cristo está protegido e mantém assim, sua pureza ritual recém re-adquirida através da ação do ritual de purificação da Lavação.

### *Procissão do Carregador ou da mudança*

O rito da Procissão do Carregador traz algumas especificidades ao Sistema Ritual da Procissão do Senhor dos Passos. A origem do rito está ligada ao evento de

---

<sup>11</sup> Gallego (1998) ao tratar da eficácia simbólica da água no ritual litúrgico cristão do batismo aponta que o banho de água teriam ao menos três importantes aspectos: 1 - de renascimento, ou seja, a morte do pecado e nascimento numa nova vida como filho de Deus; 2 - incorporação a um povo (de Deus), a igreja; 3 - tal incorporação o faz herdeiro da vida eterna. Ou seja, o papel da água, neste contexto, aponta para o fundamento da própria constituição da pessoa cristã.

<sup>12</sup> Isto inclui a purificação simpática dos devotos ao longo do ano.

<sup>13</sup> Devoto e membro da Irmandade.

transporte dos materiais utilizados na realização da Procissão do Senhor dos Passos<sup>14</sup>, da Capela Menino Deus para a Catedral. Este trabalho passou a contar com um caráter rito-religioso, inclusive, recentemente, tomando parte no próprio calendário e na programação oficial da Procissão do Senhor dos Passos.

O número de participantes na Procissão do Carregador é significativamente maior que o da Lavação, mas guarda em comum com este rito, a característica de um público majoritariamente constituído de pessoas simples, populares, de baixa renda e de fenótipo negro<sup>15</sup>. Também chama a atenção a ausência significativa dos membros da Irmandade, que se reduzem a poucos participantes, que, contudo, não ocupam lugar de comando ou destaque no decorrer deste rito. O que parece é que, neste, os *devotos populares*<sup>16</sup> assumem o centro do Sistema Ritual, ficando a Irmandade e o Clero em posições mais periféricas<sup>17</sup>. Isto se alterará profundamente nos demais ritos, marcadamente nas procissões da Transladação e do Encontro.

Na descrição de Cascaes dada ao Jornalista Rui Ruiz, citado por Santiago (2015), o artista afirma:

Os homens, mulheres e crianças que transportam da Capela do Menino Deus para a Catedral Metropolitana, a mudança dos implementos que servirão aos trabalhos religiosos da devida procissão, o fazem na convicção de que estão servindo – não a uma imagem mas ao próprio Filho de Deus vivo e majestoso, imbuídos de uma fé de cunho tão elevado, que só eles sabem sentir. (Cascaes, In: Santiago, 2005: 26).

Acredito haver algo muito perspicaz na descrição, pois apresenta a forma pela qual a imagem é sentida pelos devotos, na plenitude de seu caráter sagrado, para além de uma figura alegórica representacional, mas sim, como uma entidade tauteológica que a-presenta o sagrado. Isto já está contido no próprio mito de origem do Senhor dos Passos em Florianópolis, re-apresentado constantemente em vários momentos

---

<sup>14</sup> Entre os materiais estão: castiçais, grandes velas, mesas, bancos, suportes, escadas, crucifixos, cavaletes, baús (com vestimentas, toalhas, e outros tecidos), partes do suporte do andor e muitas almofadas.

<sup>15</sup> Não há como não relacionar esta característica com a reminiscência histórica da atuação de negros escravos na constituição do rito.

<sup>16</sup> Chamarei de forma analítica de “devotos populares”, os participantes ativos no sistema ritual do Senhor dos Passos, que não pertencem nem à Irmandade e nem ao Clero, e que guardam uma característica particular em relação a sua condição social, sendo trabalhadores pobres ou pertencentes à classe média. Acredito que tomar como modelo de análise uma distinção entre Clero, Irmandade e Devotos Populares pode ajudar a compreender modos distintos de experienciar os ritos da Procissão do Senhor dos Passos, distinguindo assim, as formas e implicações da devoção na vida dos participantes.

<sup>17</sup> Ao que tudo indica isto também vem se alterando ao longo do tempo e a ideia de “organização” do evento parece tomar força. Procedimentos como a sonorização do percurso da procissão podem ser pensados como modos de impor este sentido organizativo ao rito, orientando sua dinâmica.

do desenrolar dos eventos do sistema ritual em questão. A meu ver, esta forma de concepção da imagem (termo talvez não tão apropriado para o caso) enquanto entidade tautegórica, parece fundamentar o modo pelo qual se dá a devoção popular ao Senhor dos Passos.

A Procissão do Carregador é realizada no sábado pela manhã, precedida de uma missa que tem início às 7:30 horas. Como todas as missas do Sistema Ritual, o Mito de Origem do Senhor Jesus dos Passos é relembado, assim como os discursos sobre a prática da caridade, da penitência e do sacrifício, compartilhando os valores da Igreja em Cristo<sup>18</sup>. Findada então a sessão da missa, os devotos passam a disputar os objetos a serem transportados em procissão. Diferentemente do que retratam alguns observadores que descrevem uma forma pacífica e ordenada na obtenção dos objetos<sup>19</sup>, o que presenciei em 2018 foi realmente uma disputa fricativa por tais<sup>20</sup>. Alguns artefatos chegaram a ser arrancados das mãos de outras pessoas. Neste sentido ouvi de uma senhora indignada: “É o terceiro ano que me tomam a almofada das mãos”! No entanto, todos conseguem algo para levar e logo o ladário se inicia.

Neste rito um importante componente da musicalidade do sistema aparece de forma mais explícita, os toques dos sinos. Em meio à percussão idiofônica, funde-se a sonoridade dos cânticos (intercalados por preces e discursos proferidos pelo Padre da Capela Menino Deus) em alto volume propagado pela sonorização eletrônica de um carro de som. Isto dificulta a possibilidade de se ouvir os sinos da Catedral que a princípio responderiam ao toque dos sinos da Capela. Segundo vários relatos, isto seria um sistema dialógico idiofônico do tipo proposição e resposta. Os sinos da Catedral diriam: “vem cá”! Os da Capela responderiam: “já vou”! Mais importante do que presenciar necessariamente os toques, é a presença significativa que seus toques representam. Ou seja, a ideia que se faz do sistema dialógico dos sinos em si já possibilita o entendimento da relação entre os lugares sagrados de chegada e partida dos santos. De certa forma, o som dos sinos sugerem uma relação e cumplicidade entre os espaços sagrados de abrigo do Senhor dos Passos.

Souza (2013: 53) tratando sobre os significados das procissões no catolicismo, sugere que estas pressupõem uma relação contratual firmada com os

---

<sup>18</sup> Este é o tom dos discursos e pequenas falas que o Padre irá fazer durante o percurso da procissão através do carro de som. Estes discursos são intercalados por cantos da música popular católica.

<sup>19</sup> Como por exemplo, Pereira (2004: 41).

<sup>20</sup> Pereira (1997) se refere a “procissão da mudança” como sendo “o esforço físico pelo povo simples, geralmente ‘carregadores’ (profissão extinta) e/ou ‘pagadores de promessas’, onde se disputa a graça de passar pelo ‘sacrifício’” (Pereira, 1997: 398).

protetores divinos. A aliança se colocaria contra os inimigos: Satã e seu cortejo. Assim, haveria um sentido de purificação na dinâmica das procissões, onde os sinos e o desfile das cruzes teriam como objetivo o de "expulsar os demônios". Neste mesmo sentido, Varazze (2003: 427) afirma sobre a procissão da "Litanea Menor" na Itália:

Leva-se a cruz e badalam-se os sinos para que os demônios fujam, assustados. Da mesma forma que no exército o rei usa como insígnias reais trombetas e estandartes, Cristo, rei eterno de sua Igreja militante, tem como trombetas os sinos e como estandartes as cruzes. Da mesma forma que um tirano tem medo quando ouve em seus domínios as trombetas de um poderoso rei inimigo, também os demônios, que estão nos ares tenebrosos, ficam amedrontados quando ouvem soar as trombetas de Cristo, que são os sinos, e quando vêm seus estandartes, que são as cruzes. (...) É para assustar os demônios que habitam os ares, e forçá-los a fugir e a deixar de nos incomodar, que a cruz é levada em procissão e os sinos são tocados. (Varazze, 2003: 427-428)

A sonoridade dos sinos é parte fundamental em todos os ritos do Sistema Ritual da Procissão dos Passos e é sempre enfatizada nos momentos culminantes. A primeira referência é a sinalização da partida do cortejo. No entanto, mais do que isto, sua sonoridade ajuda a criar uma ambiência que desloca a experiência dos participantes a um tempo-espaço outro, rito-mitológico não secular, o qual o deslocamento da procissão irá recorrentemente remarcar. É o tempo-espaço do padecimento de Cristo e da salvação da humanidade. No caso da Procissão do Carregador, o ato de transporte dos objetos, adquire caráter de ato penitencial. Transforma-se um trabalho (no passado, forçado, mas agora, voluntário) num ato de fé e redenção.

Por outro lado, as sonoridades idiofônicas (como dos sinos e das matracas) são recorrentes como pertencentes ao que Lévi-Strauss chamou de sistema dos "instrumentos das trevas". Lévi-Strauss em "Do Mel às Cinzas" (2004), em capítulo dedicado aos "instrumentos das trevas" afirma: "segundo certos testemunhos, os instrumentos das trevas também serviriam para recordar os prodígios e os ruídos terríveis que marcaram a morte de Cristo" (2004: 380). O autor ainda aponta uma relação sistemática entre os idiofones percutidos, no caso os sinos, e os idiofones de entrechoques, no caso a matraca. O segundo seria o substituto direto do primeiro, em várias situações relacionadas ao período da Quaresma no mundo católico, onde os sinos deveriam calar-se, obrigados ao silêncio, que era rompido pelo estampido das matracas, enunciadores das trevas por excelência. Para Pereira (2004) as matracas

são “tradicionalis peças católicas que substituem os pequenos sinos durante as cerimônias religiosas, dentro das igrejas, durante toda a Quaresma.” (Pereira, 2004: 36).

As matracas aparecem mencionadas em alguns relatos como instrumentos musicais integrantes de ritos da Procissão do Senhor dos Passos. Moacir Pereira (2004: 36-37), por exemplo, chega a referenciar o “matraqueiro” como condutor da procissão, “como um relógio”, anunciando as paradas e retomadas da procissão em sua caminhada. Segundo esta versão, a matraca também introduziria o silêncio para o tradicional “canto da Verônica” que acontece no decorrer da Procissão do Encontro no domingo. No entanto, ao mesmo tempo, Pereira afirma haver outra versão sobre o instrumento, que nega sua participação na Procissão do Senhor dos Passos, alegando ser um instrumento pertencente a outro evento religioso, a Procissão do Senhor Morto, realizado logo depois da Procissão do Senhor dos Passos, ainda na Quaresma.

Outro aspecto que surge, ainda que menos recorrente, como parte das procissões do Sistema Ritual da Procissão do Senhor dos Passos (sobretudo em relação à Procissão do Carregador, assim como da Procissão da Transladação), seria o caráter significativo que os intervalos de “silêncio” adquiririam nestes eventos. Cabral descreve que, quando as músicas paravam de tocar, “ouviam-se apenas o passo da multidão em silêncio sobre as pedras do calçamento” (Cabral, 1979: 263). Já Pereira comentando sobre a Procissão do Carregador acerta que o trajeto seria cumprido “no mais absoluto silêncio, só interrompido com orações espontâneas” (Pereira, 2004: 41).

De forma geral, estes elementos sonoros (das matracas e do “silêncio” – som dos passos) não condizem mais com a prática recente das procissões. Além da introdução da sonorização eletrônica dos trajetos percorridos pelos cortejos, a própria proporção espetacular e de megaevento do sistema acaba alterando as possibilidades de atuação de instrumentos sonoros dessa natureza. No entanto, observando os fiéis nas suas caminhadas nas procissões realizadas em 2018, tenho a impressão que há um nível de contrição devocional – valor positivo no sistema – que estaria expressa em certa prática corporal de contenção sonora. Ao que me pareceu, aquém da sonorização das caixas de som (do canto e dos discursos do Padre), pratica-se, individualmente, o silêncio ou a prece em voz baixa.

Gostaria de comentar uma última observação sobre a especificidade da Procissão do Carregador. Diferentemente dos demais ritos do Sistema Ritual da Procissão do Senhor dos Passos, não há ali demonstração simbólica de poder (político ou religioso) e nem elaboração de pompa explícita<sup>21</sup>. Aqui a servidão voluntária, a penitência (possivelmente com pagamentos de promessas e graças alcançadas), a contrição e a simplicidade (é comum pessoas descalças<sup>22</sup>, por exemplo) são os valores estimados e são estes valores que orientam de forma geral a prática do rito.

### *Cornetas*

Também com uma função enunciativa, a corneta (também chamada de buzina) parece de fato ter sido muito utilizada na Procissão do Senhor dos Passos, constando inclusive como peça do Museu da Irmandade. Este instrumento está associado ao Arauto Romano, anunciando a morte no Calvário. Sendo assim, apesar de ser um aerofone (e não um idiofone) sua atuação se assemelha muito daquela dos “instrumentos das trevas”. Na versão apresentada por Moacir Pereira sobre a eliminação deste instrumento da tradição da procissão se daria justamente por um caráter que remete a esta semelhança a que me refiro. Escreve Pereira: “foi eliminada por que emocionava devotos que faziam promessas, produzindo desmaios e gritos de pânico” (2004: 38).

De fato, a meu ver, todos estes instrumentos musicais apontam para o sistema das “trevas”, e carregam em si esta capacidade de levar os devotos a serem afetados pelo espaço-tempo mito ritual a que se referem, ou seja, o sofrimento e a dor de Jesus no sacrifício. Os toques de tais instrumentos, de uma forma ou outra, são parte dos princípios que inserem os devotos na temporalidade mítica, aumentando o sentimento de realidade aos eventos e à performance ritual.

### *Transladação das imagens*

No sábado a noite acontece a Procissão da Transladação das imagens do Senhor Jesus dos Passos e de Nossa Senhora das Dores. A partir das 18 horas

---

<sup>21</sup> Aqui temos diferenças estéticas (e como tal, política) radicais em relação às demais procissões do sistema, marcadas pela exposição pomposa das insígnias de poder do Clero e da Irmandade.

<sup>22</sup> Isto se verá também nas demais procissões.

iniciam as atividades com a realização da Missa em Honra do Senhor Jesus dos Passos e logo em seguida, às 20 horas a Procissão. Este rito difere significativamente dos demais predecessores primeiramente pelo número de participantes que é consideravelmente maior. Há uma movimentação de pessoas nas ruas do centro da cidade na região compreendida entre a Praça XV e a Rua Menino Deus esperando a passagem do cortejo. Nesta rua, nos momentos preliminares da procissão, a presença de ambulantes, vendendo pequenas lembranças do evento, água, balões e pipocas formam um espaço público de convivência com características festivas. O público vai aumentando ainda mais na medida em que se aproxima a Capela Menino Deus, de onde iniciará a transladação.

Outra distinção que se inicia com a Procissão da Transladação está no fato de a Irmandade do Senhor dos Passos assumir (ainda que não completamente) o núcleo central e de destaque na organização do cortejo e, sobretudo, demarcando sinais diacríticos das especificidades de seus membros em relação aos demais devotos. Isto se formaliza pomposamente com a explicitação de símbolos da Irmandade, marcadamente, os balandraus, as tochas e o Guião. Esta estética distintiva irá se acentuar ainda mais quando da realização da Procissão do Encontro no dia seguinte.

Na organização do núcleo do transporte das imagens, os integrantes da Irmandade formam nas laterais da rua, duas filas (que chamam de “corrente da Irmandade”) que funcionam como uma espécie de cordão de isolamento, demarcando o espaço pelo qual o cortejo irá passar. Imediatamente próximo dos andores das imagens, onde se encontram as pessoas mais ilustres do cortejo (além do Clero, políticos e personalidades membros da Irmandade), é possível identificar a presença de um grupo de policiais militares que, de um lado formam a guarda de honra do cortejo, mas também fornece a proteção policial para as personalidades e autoridades que participam do evento.

Enquanto se aguarda a saída das imagens da Capela Menino Deus, aumenta o ritmo dos toques dos sinos, com menor tempo entre as badaladas. O toque que no começo tinha uma estrutura de dois toques do sino maior, para um do sino menor, agora passa a bater de forma quase contínua em ambos os sinos<sup>23</sup>. Esta mesma estrutura será adotada na execução dos toques dos sinos da Catedral Metropolitana (também dois sinos, de tamanhos e afinações diferentes), sendo a chegada do

---

<sup>23</sup> Infelizmente, como nos demais ritos, não foi possível ouvir os sinos da Catedral Metropolitana, que a princípio tocam de forma responsiva e concomitante.

biombo com o Senhor dos passos em frente à Catedral o momento de execução contínua de toques.

Concomitantemente aos soar dos sinos na Capela Menino Deus, o padre capelão, “animador” da procissão, vai proferindo discursos contextualizando o ritual, como por exemplo, apresentando resumidamente o mito de origem da imagem do Senhor Jesus dos Passos. Neste ambiente sonoro-ritual, pleno de expectativa, o biombo contendo a veneranda imagem aparece na escadaria da Capela Menino Deus. Sua aparição (curiosamente, com a imagem escondida) é aclamada pelos presentes numa explosão de aplausos (incentivada pelas palavras do padre no sistema de sonorização), o que provoca forte comoção e euforia nos participantes.

Os relatos antigos sobre a Procissão da Transladação também chamavam a atenção para a questão do valor do “silêncio” na composição do ritual. Seria uma característica que apontaria para a contrição, a humildade e a reflexão que o momento devocional exigiria. Da mesma forma como tratei desta questão em relação à procissão da Mudança, no atual contexto com a sonorização mecânica do trajeto da procissão, a referência sonoro-ritual são os hinos e cantos do repertório da “música popular católica”. As letras das canções ficam disponíveis ao público nos folhetos distribuídos aos participantes, sendo um incentivo para o acompanhamento vocal por parte dos devotos, o que de fato acontece, formando um grande coral.

No entanto, diferentemente da Procissão do Carregador, em que a sonorização é feita por um pequeno carro de som que acompanha o núcleo do cortejo, nas demais procissões do sistema, a sonorização fica a cargo de potentes caixas de som interligadas e dispostas no decorrer das ruas que fazem parte do trajeto das procissões. De um lado, este sistema de som tem um maior alcance concomitante de público. Mas de outro, possibilita que, entre uma caixa e outra haja pequenos espaços em que a influência da cobertura sonora diminui, dando a chance de se ter uma experiência próxima do “silêncio”, ouvindo os passos dos participantes contrastando ao fundo com o canto geral que aos poucos voltará a se sobrepor ao som dos passos novamente, voltando a se ouvir a sonorização oficial.

Como já afirmei, o uso do biombo como forma de esconder a imagem do Senhor Jesus dos Passos, a meu ver, tem fundamento como parte das práticas rituais de purificação/imunização. O procedimento de blindagem pelo biombo imuniza o item sagrado dos perigos do espaço profano das ruas cotidianas. Mesmo assim, há ainda certos cuidados de purificação nas próprias ruas do trajeto da procissão, por



exemplo, a cobertura com plásticos de anúncios e placas de casas de shows eróticos e bares<sup>24</sup>.

Santiago (2015) em seu trabalho sobre a Procissão da Transladação em Florianópolis em 2014 cita uma fala do devoto Joi Guedes Sobrinho, que teria dito:

a expectativa de ver o santo envolto pelo biombo é motivo de forte carga de emoção ao imaginar que ele está ali dentro, cerrado, se preparando para todo o sofrimento que está por vir. (Santiago, 2015: 29).

A partir desta declaração, também seria possível pensar a Procissão da Transladação como relacionada aos eventos da mitologia cristã, sobre os acontecimentos de detenção e condução para a prisão, onde Cristo espera o julgamento e posterior condenação à crucificação. Esta passagem da vida de Cristo é importante na liturgia católica, tendo entre seus temas, a traição de Judas Iscariotes. A atuação do sistema mito-ritual põe em movimento significados, fornecendo backgrounds simbólicos possíveis para as experiências dos devotos. Neste sentido, em relação aos eventos do Sistema Ritual em pauta, tendo a admitir que o biombo possa também ser pensado como uma forma de prisão simbólica, pré-crucificação.

A experiência de participar da Procissão da Transladação atesta que a passagem do cortejo provoca bastante comoção no público e as demonstrações de emoções são fortes com várias pessoas chorando. Também o número de pessoas em atos de penitência é maior que a constatada na procissão do carregador, com muitas pessoas com vestes específicas, lembrando a vestimenta de Cristo (uma espécie de túnica branca e roxa), e também carregando pequenas cruces (especialmente crianças). Também são recorrentes pessoas fazendo o percurso da caminhada com os pés descalços, numa demonstração de fé e devoção<sup>25</sup>.

Na Procissão da Transladação a condução dos andores fica a cargo, tanto de pessoas comuns, devotos leigos populares, como também de membros da Irmandade. Isto será alterado na procissão seguinte, a do Encontro, onde a Irmandade irá assumir a quase exclusividade na condução do andor do Senhor Jesus dos Passos. Nesta procissão há vigilância por parte da organização para a garantia desta condição de exclusividade. No entanto, em relação ao andor que conduz Nossa

---

<sup>24</sup> Ao menos na Rua Menino Deus este procedimento pôde ser constatado, marcadamente em relação à Boate Bokarra. Infelizmente não tenho maiores informações sobre as negociações destes procedimentos significativos.

<sup>25</sup> Há relatos de flagelações no decorrer destas procissões, mas ao longo do tempo, várias intervenções, sobretudo ligadas ao clero, foram desmotivando a prática na organização dos ritos.

Senhora das Dores a vigilância é menor e com menos rigidez. No transporte desta se pode perceber uma participação maior de pessoas de fora da Irmandade.

A chegada da Procissão da Transladação à Catedral Metropolitana se dá novamente com a execução de forte aclamação e profusão de aplausos. Os andores são conduzidos até próximo ao altar da Catedral, onde as imagens ficam disponíveis para a devoção geral. Após aberto o biombo que cobria o Senhor dos Passos, com mais aclamação e aplausos, os devotos em fila iniciam uma peregrinação até a imagem para realizarem o ato de tocar as imagens. Este é um novo contexto ritual de extrema comoção e de sentimentos fortes. Em sua maioria as pessoas choram e se emocionam de forma intensa ao tocarem alguma parte das imagens. Tudo acontece com um fundo musical a cargo de um pequeno coral de senhoras que executam os cantos do repertório recorrente no rito<sup>26</sup>.

### *Procissão do Encontro*

Ponto culminante do Sistema Ritual da Procissão do Senhor dos Passos, o rito da Procissão do Encontro reúne milhares de pessoas no centro da cidade de Florianópolis, sendo o rito de maior número de participantes. O ponto inicial da realização do ritual é a Catedral Metropolitana, onde, conforme a sequência do sistema, estão sendo veladas as imagens do Senhor Jesus dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, trazidas na noite do dia anterior na Procissão da Transladação.

Em comum com esta é a marcante presença dos integrantes da Irmandade do Senhor dos Passos, que toma o núcleo central do rito. No entanto, na Procissão do Encontro a participação é mais intensa, tanto em número de participantes quanto no investimento na explicitação dos sinais diacríticos da Irmandade, assim como se intensifica o controle na administração e organização do ritual. É impactante a distinção do público geral que a estética (e a ética) da Irmandade apresenta. Os balandras (vestimentas em cor preta e roxa), a presença do “guião” (estandarte que abre a procissão), as tochas que os irmãos carregam em fila, tudo deixa claro uma diferenciação ritual entre irmãos (e irmãs) e devotos do público geral. A rede composta pela Irmandade tem o poder e o privilégio de serem os condutores do

---

<sup>26</sup> As canções mais recorrentes e de maior participação popular são: “Pelos Prados e Campinas”, “Eu confio em Nosso Senhor”, “O Povo de Deus” e “Ao Senhor dos Passos”. Esta última é de autoria do Padre Ney Brasil Pereira, que é florianopolitano e devoto do Senhor dos Passos, conforme informa Pereira (1997: 410). Este mesmo autor apresenta uma transcrição musical da linha melódica da canção acompanhada da letra (Pereira, 1997: 411).

caminhar sacrificial do Senhor dos Passos, formando uma “corrente” (um cordão de pessoas em fila) que isola o centro do rito - por onde passará o cortejo - do público leigo geral, situado na periferia<sup>27</sup>.

Mas o que os sinais diacríticos da Irmandade explicitados com maior potência na Procissão do Encontro apresentam é o investimento numa estética (e ética) da magnificência e da pompa no ritual<sup>28</sup>. Além dos elementos da simbologia geral (guião, balandraus, ternos pretos,...), os investidos pela persona da Irmandade explicitam uma corporalidade específica, digamos, uma “técnica corporal” no sentido mausseano<sup>29</sup>, que aponta também para a estética referida. São atitudes corporais que demonstram altivez, força e poder. Não se vê aqui corpos frágeis, inclinados ou cabeças abaixadas apresentando posturas servis. Somente corpos eretos, muito bem vestidos, com cabeças erguidas e olhares firmes<sup>30</sup>.

Esta corporalidade ativa a que me refiro fica mais bem entendida quando posta em relação com o seu contrário, ou seja, a corporalidade demonstrada pela devoção popular. Nesta, é justamente a explicitação da simplicidade, da modéstia, da contrição que marca sua estética (e ética). Aqui a valorização simbólica do sofrimento, mediado pela penitência, exige uma postura corporal que enuncia de forma clara a humildade e a subserviência.

Durante o cortejo da Procissão do Encontro, uma figura se destaca em vários momentos: a Verônica. Esta faz uma performance que inclui: canto, iconografia do véu e coreografia do desenrolar deste.

---

<sup>27</sup> Seria possível também estender esta relação núcleo/periferia para dentro do próprio centro do rito, ou seja, considerando o espaço demarcado pela “corrente” de irmãos. Ao centro do núcleo se constitui pelos condutores do pátio e do Senhor dos Passos, formado por sujeitos de maior prestígio e poder (normalmente figuras públicas, como autoridades e políticos do Estado, além, é claro, do próprio Clero, representado pelo arcebispo). Os sujeitos que compõem a “corrente” da Irmandade, portanto, formam outra periferia em relação ao núcleo forte do rito.

<sup>28</sup> A explicitação da pompa é potente recurso simbólico da prática do poder político. Geertz (1991) chama a atenção para este fato quando afirma que pensar as complexidades do poder do Estado (no caso do autor, pensando o Estado balinês, mas também o Estado moderno enquanto discurso) envolve elaborar uma teoria política restituída das dimensões simbólicas do poder, no que o autor chama de uma “poética do poder”. Esta restituição passa por levar a sério a natureza de patamares múltiplos do conceito de Estado, onde a pompa estaria interconectada com *status* e a governança. Seria neste campo de significados englobados que se deveria se deter a busca de compreensão do poder político.

<sup>29</sup> Na definição do autor, as técnicas do corpo seriam “as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo” (Mauss, 2003: 401).

<sup>30</sup> Pude perceber observando as posturas corporais na cerimônia, que os membros da Irmandade se comportavam de forma semelhante à atitude corporal dos membros do batalhão da polícia militar que se faziam presentes.

A importância do mito do encontro de Jesus com Verônica é tal que seu enredo compõe o conjunto das quatorze estações da via-crúcis<sup>31</sup>, sendo a sexta na sequência da representação, quando uma mulher limpa o rosto de Jesus ensanguentado, resultando na impressão da face de Jesus no pano. Esta imagem seria a verdadeira imagem da face de Cristo e este fato milagroso seria, numa primeira versão, a derivação da própria identidade da mulher que o teria praticado. Disto teríamos uma conjunção de termos em latim, *vero icon*, ou seja, verdadeira imagem, resultando em Vero-n-ica, referenciando tanto a mulher quanto o véu.

No entanto, Kuryluk (1993) em um trabalho dedicado à Santa Verônica e seu Sudário, associa Verônica ao episódio narrado no Novo Testamento sobre “a cura de Hemorrhissa, a mulher anônima com um problema de sangue, uma menstruação permanente, cujo fluxo para quando ela toca a orla da roupa de Jesus”. No entanto, “o nome Verônica, a forma latina de Berenice, não deriva, como se poderia supor e como ocasionalmente possa ter sido sugerido, de *vera icon*”. De qualquer forma, ainda segundo a autora, a figura de Verônica passou a ser reconhecida pela Igreja Católica desde 1216 (Kuryluk, 1993: 24).

Com relação à imagem impressa no sudário de Verônica, da face ensanguentada de um homem que iconograficamente é tomado por Jesus, Kuryluk ajuda a compreender sua natureza. Segundo a autora, este seria um *acheiropoiatoi*, termo de origem judaico-cristã que significaria “aquilo que não foi feito pela mão” (Kuryluk, 1993: 25), ou seja, um ícone específico que é entendido como sendo criado milagrosamente e não pelas mãos humanas.

A primeira aparição de Verônica na Procissão do Encontro se dá na escadaria da Catedral Metropolitana. Em meio a grande expectativa para a saída do Senhor dos Passos pela porta principal da Catedral, ao som constante dos sinos, a Verônica vem até o púlpito onde irá proferir seu canto de lamento: *O vos omnes*. A execução do canto que tem características do canto lírico enseja grande comoção nos presentes. Logo após o término da performance, se dá a partida do cortejo em marcha, acompanhados pelas Bandas musicais (três agremiações) que tocam, na forma de revezamento, as melodias do repertório da MPC.

---

<sup>31</sup> As quatorze estações seriam resumidamente: 1ª - Jesus é condenado à morte; 2ª - Jesus carrega a cruz às costas; 3ª - Jesus cai pela primeira vez; 4ª - Jesus encontra a sua Mãe, Nossa Senhora; 5ª - Simão Cirineu ajuda a Jesus; 6ª - Verônica limpa o rosto de Jesus; 7ª - Jesus cai pela segunda vez; 8ª - Jesus encontra as mulheres de Jerusalém; 9ª - Jesus cai pela terceira vez; 10ª - Jesus é despojado de suas vestes; 11ª - Jesus é pregado na cruz; 12ª - Jesus morre na cruz; 13ª - Jesus é descido da cruz; 14ª - Jesus é Sepultado.

Percorridas algumas quadras, em frente à Igreja de São Francisco, a Verônica sobe em sua escadinha e apresenta mais uma vez a sua performance. Ela repetirá o ato, basicamente da mesma forma, outras três vezes: novamente na Catedral Metropolitana, abrindo para a realização do Sermão do Encontro (proferido por pessoas ilustres do Clero); em frente ao Tribunal de Contas de Santa Catarina e numa casa da Rua Menino Deus, onde as imagens se despedem antes de subirem para a Capela Menino Deus.

Cada episódio do canto de Verônica tem-se uma nova onda de emoção profunda<sup>32</sup>. De fato parece concatenar uma forte eficácia ritual no sentido de afetar os viventes com os sentidos da devoção. A flecha que atravessa os planos de sentido proporciona uma vivência real do sofrer sacrificial de Deus. Sentir as dores, chorar por elas, se afetar é compartilhar, comungar o sacrifício, subterfúgio da redenção dos pecados.

Na dinâmica da Procissão do Encontro, antes da execução de cada canto de Verônica, há sempre certo enquadramento de sentido por parte do “animador” da Procissão que busca contextualizar a Verônica e seu canto, apresentando a tradução do texto em latim do canto *O vos Omnes*. Mas a linguagem ritual ultrapassa o significado da palavra, conforme já me referi sobre a concepção de ritual. Sem mais, dizer é fazer, conforme Austin (1990). Não é preciso saber a tradução textual do latim para sentir e compreender o rito. A linguagem ritual é performática.

É difícil reconstituir a origem do canto de Verônica, *O vos Omnes*. É grande a quantidade de versões diferentes que se encontra numa breve pesquisa sobre o tema. No que concerne às letras, de forma geral, são compostas a partir do texto bíblico do Versículo 1:12 das Lamentações de Jeremias. Por sua vez, a melodia mais icônica é o *O vos Omnes* que compõe os motetos do repertório *Tenebrae Responsorius* de Carlo Gesualdo datado no século XVII. Este apresenta possíveis características originárias do que se conhece e pratica na Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis. Porém, a versão de Gesualdo é composta (conforme a característica de motetos e responsórios) para corais, portanto, multivocais. A passagem para uma versão melódica solo não pode se dar sem transformações<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> A entrada de Verônica no Sistema Ritual desloca novamente o centro do rito. Aqui é uma mulher leiga que assume todo o protagonismo do núcleo do rito.

<sup>33</sup> Uma audição analítica mais aprofundada talvez pudesse fornecer elementos fecundos de comparação de possíveis similaridades entre as versões, informando sobre possíveis origens. Isto fica como possibilidade de estudos futuros.

Pereira (2015) analisa a personagem Verônica na dramatização de celebrações da Semana Santa a partir de uma etnografia destes eventos em Ouro Preto, interior de Minas Gerais. O autor busca pensar tanto a performance quanto o modo pelo qual as mulheres que personificam a Verônica expõem ritualmente a face de Cristo, e em revés, como a mesma performance às modificam. Neste intuito, Pereira oferece um excelente *insight*:

Ao refletir sobre a pragmática ritual na qual se revela o rosto de Cristo ao mesmo tempo em que se oculta momentaneamente a face dessas mulheres, discutirei também em que medida tal dinâmica pode nos levar a compreender o tecido que mediatiza e conecta a Verônica ao Cristo como uma máscara, que dramatiza certo roteiro de ações diante de um público (que espera ver o Cristo) e, simultaneamente, afeta aquela(s) que fica(m) no lado inverso da “verdadeira face” (Pereira, 2015: 194).

Pereira (2015) encontra em seu campo etnográfico a interpretação das intérpretes da Verônica, de que o canto, seria a própria voz do Cristo falando sobre seu sofrimento. Ou seja, neste caso, a personagem literalmente *dá voz e corpo*, apresentando o próprio Jesus.

Embora não tenha encontrado em meu contexto etnográfico uma afirmação contundente neste sentido, de fato, observando a performance de atuação do canto de Verônica na Procissão do Encontro em Florianópolis, pode-se pensar algo muito semelhante a esta versão apresentada por Pereira (2015). No ato performático, ao dar corpo à *verdadeira imagem* (Jesus Cristo em verdade) no desenrolar do manto, se dá voz à sua fala, pelo entoar de *O vos Omnes*. Isto lembra a noção de pessoa na versão latina do direito romano apresentada por Mauss quando lembra a etimologia de *persona*: “vindo de *per-sonare*, ou seja, a máscara pela (*per*) qual ressoa (*sonare*) a voz (do ator)” Mauss (2003: 385).

No entanto, ao se referir a sua trajetória de performer da figura de Verônica na Procissão do Senhor dos Passos (e outras, como a Procissão do Senhor Morto, em que também se faz presente a Verônica) em Florianópolis, Dona Eli Faustino adverte sobre os seus sentimentos em relação à personificação da personagem, desde o momento da colocação de sua vestimenta. Neste sentido afirmou:

eu já me introvertia do personagem, porque a veste em si já transmite isto pra gente. (...) É algo sagrado que a gente tá colocando, então... Como se fosse uma roupa de freira. A freira quando põe sua vestimenta não está se investindo de algo sagrado? Então. E realmente não era eu. Era um personagem da liturgia que estava ali. Era assim que eu me sentia. (Dona Eli Faustino, 2018)

Primeiramente, encontramos novamente nas palavras de Dona Eli, um modo tautegórico (ou seja, não alegórico) de pensar a re-presentação da personagem mitoritual. Não se trata de uma alegoria de Verônica, atuada por Dona Eli, mas esta “investida” da própria Verônica. E aqui temos uma segunda questão ainda mais profunda: a presentificação tautegórica se dá por uma in-vestidura sagrada, “como se fosse uma roupa”. Isto nos leva ao texto de Pereira (2015) referido a pouco em relação a atuação de Verônica em Ouro Preto, quando comenta sobre a noção da máscara como conexão da Verônica com o Cristo. No contexto de Ouro Preto, há um acréscimo de investidura, por assim dizer, pois, além de incorporar a Verônica, soma-se numa inclusão englobante, o próprio Jesus Cristo.

Viveiros de Castro (2000) a partir de sua versão do “perspectivismo ameríndio” traça uma reflexão interessante sobre o tema das máscaras animais nos ritos ameríndios e o entendimento neste contexto, do uso destas máscaras “como roupa”, o que remete mais a sua função, do que à forma.

Vestir uma roupa-máscara é menos ocultar uma essência humana sob uma aparência animal que ativar os poderes de um corpo outro. As roupas animais que os xamãs utilizam para se deslocar pelo cosmos não são fantasias, mas instrumentos: elas se aparentam aos equipamentos de mergulho ou aos trajes espaciais, não às máscaras de Carnaval. O que se pretende ao vestir um escafandro é poder funcionar como um peixe, respirando sob a água, e não se esconder sob uma forma estranha. Do mesmo modo, as “roupas” que, nos animais recobrem uma “essência” interna de tipo humano não são meros disfarces, mas seu equipamento distintivo, dotado das afecções e capacidades que definem cada animal. (Viveiros de Castro, 1996: 133).

Acredito que algo semelhante possa ser dito sobre o conceito de “se investir” trazido por Dona Eli ao se referir a seu modo de compreender a performance de Verônica. Trata-se de um fenômeno sutil de afetação, que desloca em devir as perspectivas. É disto que emana o caráter sagrado a que se refere Dona Eli, e também, a meu ver, deriva a potência simbólica eficaz de afetar os demais participantes do ritual, transbordando as emoções para um ato circunstancial de fato sagrado. A partir de devires outrem (intérprete-Santa Verônica, quiçá, o próprio Cristo), o processo de diferenciação afeta o que está em torno, produzindo também outros modos de sentir. Emoções à flor das peles e das almas!

### *Bandas musicais*

Gostaria de chamar a atenção para um último elemento da Procissão do Encontro: a presença marcante das bandas musicais. Primeiramente, isto se dá pela recorrência histórica destas musicalidades na prática ritual da Procissão do Senhor dos Passos. Nos relatórios da Irmandade publicados por Henrique Fontes - e reproduzidos na íntegra por Pereira (1998) – fica evidente que bandas musicais faziam parte dos cortejos, sendo pagas pela participação. Notadamente, a Banda Amor à Arte parece ser a mais recorrente, com as participações remetendo aos primórdios das atividades relacionadas ao Senhor dos Passos.

Seu Nélio Schmidt (2018), Presidente e Músico da Banda Amor à Arte, em entrevista em 2018, lembrou de um aspecto interessante relacionado às atuações das bandas nas Procissões (sobretudo na do Senhor dos Passos). As bandas competiam entre si. Para saírem-se bem na competição, usavam-se as estratégias de se esconder até o último momento, as canções do repertório a ser tocado, tendo como resultado, surpreender a banda adversária, tanto pela criatividade de formar o repertório, assim como de perfeita execução das canções.

A escolha do repertório, portanto, era de suma importância para a performance das bandas no rito da procissão. As canções estavam disponíveis num maior leque de possibilidades para compor os repertórios. Isto, ao longo do tempo vai se alterando, chegando ao modo pelo qual as bandas participam das procissões recentes, com recomendações fortes, para que os repertórios sejam exclusivamente de cantos religiosos, e mais contundente, que sejam “conhecidas e fáceis de cantar”. Assim, a partir da parceria estabelecida entre a Irmandade do Senhor dos Passos e a Associação do Comércio e Indústria de Santa Catarina (Acif), se impôs aos dirigentes das bandas estas condições. As canções do repertório das bandas musicais passaram a ser constituídos pelas linhas melódicas de canções da MPC (música popular católica).

### *FINALE*

O sistema ritual aqui debatido põe em jogo mais do que uma representação, mas uma tematização discursiva sobre as coisas sagradas e profanas. As possibilidades para definições de tais coisas estão sempre em negociação no devir da performance ritual. Como nota Fernandes, “toda festa de Santo esconde um campo



de tensões que é disputado por diversas figuras significativas – o vigário, a autoridade civil, a polícia, o festeiro, o capelão popular, o palhaço, o arruaceiro, o comerciante e assim por diante” (Fernandes, 1982: 72). Para o nosso caso, a equação incluiria resumidamente como termos mais aparentes: o clero, a Irmandade, os parceiros da Acif/Koerich e os devotos populares. No entanto, entre as posições mais ortodoxas ou mais heréticas, os arranjos se constituem não como forças anulantes, mas como oposições complementares, em que uma não vive sem a outra. Ora as posições coincidem, ora coexistem, ora se reforçam mutuamente, ora colidem conflituosamente (com mais ou menos intensidade). É do conjunto dessas dinâmicas que se compõem as possibilidades da devoção ao Senhor Jesus dos Passos.

### Referências bibliográficas

- AUSTIN, J. L. *Quando Dizer é Fazer*. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BENVENISTE, Emile. *Vocabulario de las Instituciones Indoeuropeas*. Taurus Ediciones S.A. Madrid, 1983.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.
- ELÍADE, Mircea. *Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FONTES, Henrique da Silva. *A Irmandade do Senhor dos Passos e o seu hospital e aqueles que os fundaram*. Florianópolis, 1965.
- GALLEGO, Manuel Contreras. La eficacia simbólica del agua en el ritual cristiano del bautismo. Un enfoque antropológico. In: *Revista Gazeta de Antropología* (14). Granada, 1998.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Negara: o estado teatro no século XIX*. Lisboa: Difel-Bertrand Brasil, 1991.
- KURYLUK, Ewa. Santa Verônica e o Sudário: história, simbolismo, lendas e estruturas da imagem verdadeira. São Paulo: IBRASA, 1993.
- LABURTHE-TOLRA, Philippe & Warnier, Jean-Pierre. *Antropologia/Etnologia*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.
- LACERDA, Eugenio Pascele. *O atlântico açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade*. (Tese) UFSC – PPGAS, Florianópolis, 2003.
- MAUSS, M. & HUBERT, Henri. *Sobre o Sacrifício*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MENEZES BASTOS, Rafael J. de. Música nas sociedades indígenas das Terras Baixas da América do Sul: Estado da Arte. *Mana*, v.13, 2007, pp. 293-316.

\_\_\_\_\_. Antropologia da Arte: Uma Antropologia de ‘x’ onde ‘x’ é a arte? In *Diálogos Transversais em Antropologia* (org.) Vânia Z. Cardoso. Florianópolis: UFSC/PPGAS, 2008.

ORTNER, Sherry. *Anthropology and Social Theory: Culture, Power, and the Acting Subject*. Durham and London, Duke University Press. 2006.

PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. Apontamentos sobre rituais, eventos e política. ANPOCS: 2002. Disponível em: [http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_doc\\_manskd=317](http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_doc_manskd=317). Data de acesso: 22/03/2016.

PEREIRA, Moacir. *Senhor dos Passos: Protetor de Florianópolis*. Florianópolis: Insular, 2004.

PEREIRA, Nereu do Vale (og.). *Memorial histórico da Irmandade do Senhor dos Jesus dos Passos*. Vol. I e II. Florianópolis: Ministério da Cultura: 1997.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

SANTIAGO, Regina Helena Meirelles. *Procissão do Senhor dos Passos de Florianópolis: Dossiê de registro*. Iphan, 2015.

SOFIATI, Tendências católicas: perspectivas do cristianismo da libertação. In: *Revista Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.14, n.26, p.121-140, 2009.

SOUZA, Ricardo Luiz de. *Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular*. Natal: IFRN, 2013.

TAMBIAH, Stanley. *Culture, Thought and Social Action*. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

VARAZZE, Jacopo. *Legenda áurea: vidas de santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Pronomes Cosmológicos e Perspectivismo Ameríndio. In: *Revista Mana*, 2(2) 115-144, 1996.

## **Entrevistas**

Eli Faustino da Silva. Depoimento. Florianópolis, 2018.

Gelci José Coelho (“Peninha”). Depoimento. Florianópolis, 2014.

Joi Guedes da Fonseca Sobrinho. Depoimento. Florianópolis, 2014.

Maria Bernadete Martins Correa (“Dona Dedeti”). Depoimento. Florianópolis, 2018.

Nélio Schmidt. Depoimento. Florianópolis, 2018.

## Apêndice 2

### ***Devoções e práticas religiosas em Florianópolis e Santa Catarina; devoção ao Senhor dos Passos no Brasil e em outros países***

Daniela Pistorello

#### *Introdução*

Na tarde do último dia 18 de março de 2018, milhares de pessoas estiveram reunidas, em frente à Catedral Metropolitana de Florianópolis, para participar daquele que é considerado, pela população local, como o ponto alto de um conjunto de celebrações que integram o calendário católico litúrgico<sup>1</sup> da cidade. Elas se referem à Procissão do Nosso Senhor dos Passos, evento que acontece na cidade desde a metade do século XVIII. É o momento no qual as imagens de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores se encontram reproduzindo os momentos finais da vida de Jesus Cristo antes da sua crucificação para, depois, seguir para a Capela Menino Deus, onde permanecem até a procissão do próximo ano.

Em termos litúrgicos, o foco da Procissão dos Passos é a Paixão de Jesus Cristo, seu sofrimento rumo à Crucificação. Logo, a consumação física de seu corpo humanizado, notadamente seu último encontro com a mãe, razão pela qual também pode ser chamada de procissão do encontro. Não deixa de ser uma representação da importância da “aceitação da morte como lugar de transformação da vida”, servindo para os fiéis como uma “uma espécie de catecismo ambulante” (LIMA, 2001, p. 259-260).

No entanto, falar em Procissão Nosso Senhor dos Passos, na contemporânea Florianópolis, é falar de um evento que há 252 anos é realizado na cidade e que, muito embora apresente permanências e mudanças ao longo do tempo, reúne um número de pessoas cada vez maior num conjunto de rituais que ainda se mantêm e que atualmente acontece 15 dias antes da Páscoa.

O complexo sistema que envolve o culto ao Senhor dos Passos na cidade inicia muito antes da chamada Procissão do Encontro – ponto alto em todas as

---

<sup>1</sup> O ano litúrgico do catolicismo romano toma como unidade a duração da vida de Cristo e aquilo que se relaciona a ele desde sua encarnação no seio da Virgem Maria, passando pelo seu nascimento, paixão, morte, ressurreição, culminando com sua ascensão e com a vinda do Espírito Santo. Manuel J. Barros diz que “o ano litúrgico é simplesmente a pessoa de Jesus Cristo e Seu mistério celebrado sacramentalmente como '**memória**', '**presença**', '**profecia**'” (BARROS, 2007, p. 53, grifos do autor).

celebrações que envolve a reverência a este orago - e abrange diversos atores sociais que desempenham diferentes funções ao longo dos dias nos quais se celebra os Passos do Senhor. Na quarta-feira à tarde que antecede o domingo da procissão, um grupo de pessoas da Irmandade do Senhor dos Passos retira as imagens de seus nichos localizados na Capela Menino Deus – anexa ao hospital de Caridade - para que, na manhã do dia seguinte, seja realizada a Lavação da Imagem. Esse ritual, bastante restrito, é organizado pelas irmãs da Irmandade em que participam crianças de até sete anos de idade para, acompanhadas por uma senhora responsável pelo ritual, passarem um paninho úmido na face de Jesus.

Este momento se reveste de um caráter sagrado: tanto a imagem possui um caráter humanizado, quanto a água utilizada para este fim possui propriedades curativas, distribuída e/ou vendida para a população. No sábado pela manhã os objetos que serão utilizados na procissão de domingo à tarde, são levados da Capela Menino Deus para a Catedral num ritual chamado de Procissão da Mudança ou do Carregador, oportunidade em que as pessoas da comunidade se oferecem para levar as alfaias que comporão o ritual de domingo. O traslado destes objetos (castiçais, velas, mesas, suportes, baús, almofadas, etc.) é realizado pelas pessoas que escolhem, de forma espontânea e aleatória, o que levar para a Catedral Metropolitana.<sup>2</sup> Não se sabe exatamente quando, mas num determinado momento essa Procissão passou a ser realizada em cortejo para que a entrega dos objetos na Igreja fosse mais organizada e, segundo o capelão, não atrapalhasse o andamento das missas que aconteciam durante o dia. À noite as imagens do Senhor dos Passos e da Nossa Senhora das Dores são levadas, em procissão para a Catedral onde lá permanecem até o dia seguinte serem, novamente, reencaminhadas para seu local de origem: a Capela Menino Deus. A trasladação das imagens é um outro momento do ritual, no qual a presença da população é marcante: as velas iluminam o caminho que é percorrido em silêncio, rompido apenas pelo sistema de sonorização, que potencializa as rezas e as cantorias protagonizadas pelo capelão e seguida pelos peregrinos.

---

<sup>2</sup> Há que se ressaltar o quanto é impactante a presença de afrodescendentes na Procissão da Mudança. Muito provavelmente são os moradores do Morro da Boa Vista que participam deste momento. As esculturas feitas por Franklin Cascaes que fazem alusão a este ritual evidenciam esta participação. Na impossibilidade de reproduzirmos no texto as imagens desta coleção – o Museu na qual estão abrigadas não disponibiliza, no momento a sua consulta – fica aqui a sugestão para que seja consultado o catálogo da exposição *Franklin Cascaes não há nada de novo debaixo do sol*, na qual há imagens destes artefatos. Disponível em: <[http://cascaes-desenhos-esculturas.exatosegundo.com.br/wordpress/wp-content/uploads/1-franklin\\_cascaes-desenhos\\_esculturas.pdf](http://cascaes-desenhos-esculturas.exatosegundo.com.br/wordpress/wp-content/uploads/1-franklin_cascaes-desenhos_esculturas.pdf)>. Acesso: 10 abr. 2018.

Por fim, o ponto alto da Procissão ocorre no domingo com o encontro entre as duas imagens. A população que participa deste momento é muito mais expressiva em termos de número do que nos momentos anteriores, mas também é impressionante o impacto visual das Opas dos irmãos que se fazem presentes bem como as figuras políticas que tradicionalmente acompanham o Bispo sob o Pálio. O silêncio, presente na noite anterior, é substituído pelo som das bandas que historicamente participam deste cortejo, pelas rezas entoadas em todo o percurso e pelas manifestações das pessoas que saúdam a procissão quando por elas passam.

Se levarmos em conta o fato de que o evento conta com uma ritualística que envolve, entre outros aspectos, três procissões: a do Carregador ou da Mudança; a da Trasladação das Imagens; e a do Encontro, percebemos o quanto ela se reveste de importância. Do latim, *processione*, uma Procissão,

[...] seja de que forma de revestir, sobretudo se de caráter público, é sempre um misto de cortejo e de peregrinação/romaria. Baseiam-se em sequências ordenadas e sistemáticas de deslocamento, com necessário investimento corporal, implicando sempre um percorrer de caminhos, avançando em busca de algo e acreditando em algo (PEREZ, 2010, p. 3).

Ou seja, as procissões solicitam participação de pessoas que, sobretudo, acreditam em algo: sua crença, fé, devoção, elementos presentes nos diferentes rituais que envolvem a Procissão dos Passos de Florianópolis.

Mais do que uma liturgia conhecida da Igreja Católica originária na Península Ibérica e difundida e praticada nos mais variados estados brasileiros, é uma celebração religiosa que expressa significativos elementos culturais de Florianópolis e região que a ressignificam e a atualizam, condição *sine qua non* para sua existência. No Brasil e em Santa Catarina, de forma específica, refletir acerca da Procissão dos Passos é perceber a relação que existe entre essa celebração e os rituais que a envolvem, a Irmandade que a instituiu e a população devota a este orago em Florianópolis. Essa celebração se expressa para além da Procissão: no cotidiano dos devotos que circulam pela Capela Menino Deus, onde está depositada a imagem do Nosso Senhor dos Passos.

Neste sentido, esta reflexão tem o objetivo de perceber os sentidos que assumem a devoção ao Senhor dos Passos em Santa Catarina, bem como as formas pelas quais essa fé se cristaliza, levando em conta a importância da Irmandade Senhor

dos Passos na instituição deste culto, o hospital de Caridade de responsabilidade desta instituição e os devotos que expressam sua fé.

Para tanto, a fim de atingir a este objetivo, apresentamos, num primeiro momento, como a historiografia aborda os diferentes aspectos que envolvem a Procissão dos Passos em Santa Catarina, como debatem o tema e qual o lugar que esta celebração ocupa nesta produção. Num segundo momento, o texto percebe a importância deste culto na Península Ibérica, destacando a importância das Irmandades em Portugal e algumas das Procissões do Senhor dos Passos naquele território. Num terceiro momento, discute a importância das Irmandades no Brasil e o culto ao Senhor dos Passos no país. Na sequência destaca o surgimento da devoção a este orago em Santa Catarina e, de forma mais específica, em Florianópolis, aponta sua estreita relação com o Hospital de Caridade, também de responsabilidade da Irmandade Nosso Senhor dos Passos e, por fim, propõe uma reflexão acerca do cotidiano da devoção ao Senhor dos Passos que extrapola os momentos da Procissão.

### *1. Uma historiografia sobre a Procissão dos Passos de Florianópolis/SC*

A produção bibliográfica e/ou imagética existente em torno da Procissão do Senhor dos Passos, de Florianópolis, não acompanhou, em volume, os seus mais de duzentos anos de existência. No entanto ela é fundamental para percebermos qual o lugar deste tema na historiografia catarinense, quais os temas que a envolvem, de que forma são narrados, bem como o que pode ter sido silenciado neste debate.

Segundo Henrique da Silva Fontes (FONTES, 1965), os primeiros registros acerca da Procissão do Passos, aparecem nos escritos do cronista José Gonçalves dos Santos Silva, cônsul de Portugal na Ilha de Santa Catarina. Datados de 1855, seus escritos faziam referência à Irmandade Nosso Senhor dos Passos. Este material – denominado Índice Cronológico e Resumo histórico – continha um prefácio no qual constava uma carta à administração da Irmandade e outros oito capítulos denominados: épocas notáveis; notícias biográficas da Beata Joana de Gusmão; notícias biográficas do Irmão Joaquim Francisco do Livramento; instituidores da Irmandade do Senhor dos Passos; instituidores da Caridade dos Pobres; provedores da Irmandade; índice Relativo à Capela do Menino-Deus; e, por fim, índice Relativo à Irmandade, à Caridade dos Pobres e à Administração dos Expostos.

Êste **Índice Cronológico e Resumo Histórico**, compilado com devotamento, honestidade e espírito crítico, que a Irmandade Conserva em manuscrito do Autor e em boa encadernação. E de que, por iniciativa do sábio historiador Afonso d'Escragnole Taunay, foram publicadas nos Anais do Museu Paulista, v. V. (FONTES, 1965, p.80. Grifos do autor.)

A obra mais antiga até então conhecida e amplamente utilizada por quem escreve sobre o tema e que faz referência à Irmandade Nosso Senhor dos Passos e ao Hospital de Caridade, foi publicada em 1965 pelo advogado e escritor Henrique da Silva Fontes, intitulada *A Irmandade do Senhor dos Passos e o seu hospital e aqueles que os fundaram*. A partir de pesquisas nos arquivos da Irmandade, Fontes produziu um livro no qual apresenta informações acerca desta instituição abordando, basicamente, dois enfoques: um, cuja preocupação centrou-se na apresentação de dados históricos a respeito da Vila de Desterro até ser elevada à categoria de Cidade bem como informações relativas aos feitos da Irmandade desde o seu surgimento até o final do século XVIII; outro, que buscou nos arquivos consultados dados relativos às contas e ao funcionamento da entidade que nos permite saber quem, ao longo do período estudado, fazia parte das Mesas diretivas da instituição, dados sobre as receitas e sua origem, despesas, prestação de contas, etc. Apresenta os exercícios de ano a ano durante o período de 1767 a 1798 assim como algumas reflexões acerca daquilo que era feito com as arrecadações realizadas. Podemos, por exemplo, perceber no exercício de 1767 a 1768 as receitas e os gastos da irmandade que envolveram, entre outros aspectos, a Procissão dos Passos:

**Figura 01: Exercício 1767/1768 - Irmandade Senhor dos Passos**

<b>Receitas</b>	<b>Valor</b>	<b>Despesas</b>	<b>Valor</b>
Pelo que recebeu do Irmão Tesoureiro que serviu de 1766 para 1767 o Reverendo Vigário Inácio José Galvão, do alcance do seu ano	<b>24.900</b>	Uma arroba de cêra que se gastou na festa do Senhor e Procissão dos Passos, vinda do Rio de Janeiro; duas tochas de cêra com o peso de 8 libras e meia	<b>16.200</b>
Pelo que renderam as esmolas da bôlsa que se tiraram pelas portas desta Vila aos fiéis (...), as da caixinha que se acha na capela do Senhor (...) e as dos passos desta Vila e Capela.	<b>57.730</b>	Uma Verônica do Senhor Pintada para a Procissão dos Passos	<b>3.600</b>
Pelo que deram de esmola (...)	<b>39.580</b>	Uma túnica, que veio do Rio de Janeiro, para vestir um anjo para a Procissão dos Passos	<b>10.160</b>
Pelo que renderam as esmolas das Freguesias de Nossa Senhora do Rosário (...), de São José (...), de São Miguel (...), de Nossa Senhora das Necessidades (...) e de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa.	<b>27.755</b>	Dois sermões para o dia da Procissão de Passos	<b>12.800</b>
Pelo que renderam a entrada de nove Irmãos (...), os anuais de cinco irmãos	<b>25.600</b>	Pagamento pela música para a Procissão dos Passos	<b>9.000</b>

(...) e as esmoladas dos Irmãos da Mesa velha (...).			
		Despesas com incenso, pregos, alfinetes, jornal de um carpinteiro	<b>1.280</b>
		Doces aos anjos para a Procissão dos Passos	<b>1.920</b>
		Despendido com o Vigário e os acólitos da missa no dia da festa de Vera Cruz, com o pregador Padre Frei Antônio das Chagas Foz, com a música, assistência do sacristão e aluguel dos ornamentos.	<b>18.880</b>
		Despendido com a provisão para expor o Senhor, alfinetes e incenso para a festa dita	<b>600</b>
		Um Cõvado de ruão preto e uma vara de fita para conserto do pavilhão	<b>340</b>
		Doze missas	<b>3.840</b>
		Despendido com a capela de missa do Padre Frei Afonso	<b>19.200</b>
Total:	<b>175.565</b>		<b>97.820</b>

Fonte: FONTES, Henrique da Silva. *A irmandade do Senhor dos Passos e o seu hospital e aqueles que o fundaram*. Florianópolis, 1965. p. 101-103.

Trata-se de uma obra de referência para a maioria dos autores que desenvolvem estudos relativos à Irmandade e tudo que a envolve como, por exemplo, a Procissão Senhor dos Passos e seus devotos, a Capela Menino Deus e o Hospital de Caridade. É esta obra que nos permite conhecer a organização da Irmandade e perceber, por exemplo, detalhes interessantes sobre a Procissão dos Passos de Florianópolis, o custo aproximado do evento, a logística que o envolvia, os atores sociais envolvidos e que atividades realizavam, como o exemplo acima pode minimamente evidenciar.

O livro *Santa Catarina - a ilha*, de autoria do jornalista, escritor e político, Virgílio Várzea, escrito em 1900 e publicado em 1984, apresenta descrições minuciosas da Procissão dos Passos em Florianópolis, além de apontar a importância desta celebração para a cidade:

Entre as solenidades religiosas que se fazem no Desterro desde muitos anos ocupa o primeiro lugar a chamada Procissão de Passos, que pelo seu valor, significação e magnificência se destaca consideravelmente em meio a todas as outras. Esse ato, que comemora para o mundo católico uma parte da grande passagem trágica do Calvário, assume ali anualmente as proporções de um grande acontecimento, pois abala até às regiões mais longínquas a população do Estado, que acode à pequena capital carregada de 'promessas' e ofertas consagradas à Imagem do Senhor (VÁRZEA, 1984, p. 73, grifos do autor).



O autor destaca a Procissão como uma celebração de muita importância e expressão para a cidade, pois trata-se de um “préstimo cultural verdadeiramente grandioso” (VÁRZEA, 1984, p. 73). Relata aspectos diversos do cerimonial e chama a atenção para os devotos pagadores de promessas - que possuem um lugar específico no cortejo - “constando de velas de cera que senhoras carregam em profundo recolhimento, todas vestidas de preto, com xales da mesma cor” (VÁRZEA, 1984, p. 75). Relata, ainda, detalhes das Procissões que integram a celebração dos Passos do Senhor como o trajeto realizado pelo cortejo, as músicas que faziam parte do repertório da Procissão e algumas observações sobre as imagens do Senhor dos Passos e a Nossa Senhora das Dores.

O artista, pesquisador e folclorista Franklin Cascaes, também escreveu uma série de notas sobre a Procissão dos Passos durante a década de 1960 e 1970, bem como a representou artisticamente através de desenhos e objetos confeccionados em cerâmica que foram incorporados ao patrimônio da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a guarda do Museu de Arqueologia e Etnografia da UFSC (MARQUE), Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, em junho de 1981.

A coleção Professora Elizabeth Pavan Cascaes é composta por desenhos a bico de pena e grafite, esculturas em argila e gesso policromados, manuscritos.<sup>3</sup> Em relação à Procissão dos Passos, suas anotações e os artefatos em argila são riquíssimas em detalhes que atestam a sua participação nos vários momentos deste sistema simbólico religioso.

Este material, além de estar disponível para consulta, tornou-se objeto de estudo da arqueóloga Luciane Zanenga Scherer, que, em 2011, publicou, em uma coletânea sobre o autor, o texto denominado Franklin Cascaes, outros olhares. As anotações de Cascaes descrevem em minúcias os vários momentos das celebrações e dos rituais que envolvem o culto ao Senhor dos Passos.

Destaca o ritual da lavagem da imagem do Senhor dos Passos e de sua preparação – bem como a da Nossa Senhora da Dores. Faz referência à Procissão da Mudança ou do Carregador, na qual “Eu [Cascaes] denominarei Procissão dos Ricos de Fé, de Esperança e de Caridade [em que] estão presentes muitas mulheres,

---

<sup>3</sup> Esta coleção está descrita e analisada em KRÜGER, Aline Carmes. *Fragments de uma coleção: as obras de arte em papel de Franklin Joaquim Cascaes*. Florianópolis, 2011. 275 p. Dissertação (mestrado em Artes) - UDESC.

crianças e homens humildes” (Arquivo Elizabeth Pavan Cascaes, sem data, pasta 04, n. 131, p. 16-19).<sup>4</sup> De forma geral, em relação à celebração aponta sua expressão:

A assistência é muito grande tanto da parte dos irmãos e do povo entre muitos portando velas, carregando pedras na cabeça, cruzeiros e também muitas crianças vestidas de anjos e santos de suas devoções. É uma verdadeira parada de fé quase inimaginável diante dos olhos humanos sempre cobertos com os óculos da dúvida. (...) Preces, choros, cânticos, pedidos, arrependimentos, agradecimentos, e muito mais, são atirados ao ar em nome da imagem, para que os céus os recebam e os julguem. Tenho quase certeza de que muito pouca são as pessoas que não tenham entrado em contato com o olhar misericordioso daquela imagem, eles amedrontam e consolam, repreendem e amam (ARQUIVO ELIZABETH PAVAN CASCAES, 1975, pasta 13, n. 400, p. 02-03).

Em suas notas encontramos também registros pitorescos de pequenos eventos que fogem da normalidade do que se espera de uma procissão, cuja característica descrita de forma recorrente é a contrição: crianças falando alto perto do andor que estariam perturbando a ordem, bem como a notícia de um incidente ocorrido durante a Procissão em 1949, envolvendo um cavalo montado por um soldado da força pública e peregrinos. Além das anotações, estão no arquivo, o conjunto de objetos em argila que representam a Procissão, cujas imagens podem ser consultadas no catálogo da exposição de Cascaes, citada anteriormente.

**Figura 02: A Procissão da Mudança: Homem levando a caixa**



Fonte: Acervo Elizabeth Pavan Cascaes. Disponível em:  
<<http://notes.ufsc.br/aplic/MUSEU.NSF/1d4db731ef1fda378025632b0056fe2d/e6b3a51a9b84ba6a832572d50065fcea?OpenDocument&TableRow=3.0#3>>. Acesso em: 19 mar.2018.

---

<sup>4</sup> Patrícia de Freitas (FREITAS, 1996) na sua dissertação, chamou a atenção para a presença de negros na obra de Cascaes e ressalta a representação deles nos artefatos de argila que referenciam a Procissão da Mudança.

Como observado, os escritos de Cascaes são anotações feitas pelo autor que não possuem um rigor cronológico, analítico. As informações são muitas vezes repetidas, descritivas. Esse fato não diminui a importância desse material pois, além de tudo, nos permite conhecer os detalhes da Procissão pelas observações de alguém que a vivenciou e a capturou através de sua experiência. São impressões muito particulares muitas vezes repletas de humor e ironia – como lhe era típico - acerca da celebração. De certa forma, nos chama a atenção, de forma muito sutil, para o fato de que a Procissão também é espaço de contradição.

No final da década de 1970 o historiador Oswaldo Rodrigues Cabral escreveu dois volumes do livro *Nossa Senhora do Desterro*, no qual, entre outros aspectos, apresentou em minúcias a Procissão Senhor dos Passos. Assim como Várzea e Cascaes, chamou a atenção para o volume e a origem das pessoas que participaram da Procissão:

A procissão de Passos foi sempre a que maior número de fiéis atraiu à Cidade. Do interior da Ilha, dos seus distritos, dos seus caminhos, das suas praias, os fiéis afluíam, usando de todo o tipo imaginável de condução que possuíam e, na falta, a pé mesmo. A pé, com a mulher e os filhos... Esta peregrinação também fazia parte das promessas feitas. Do continente, também afluía muita gente. De tijuças, de São José, de São Miguel, da Palhoça, da Enseada. E, mesmo embora com maior antecedência, de outros centros, quase os desterrenses não esqueciam o Senhor, nem de lhe fazer promessas. Dos lugares próximos vinham os fiéis atravessando o Estreito de canoa, ou chegando de carroça pelos maus caminhos da ilha, a cavalo, de qualquer jeito (CABRAL, 1979, p. 260).

Centrou sua narrativa nos vários momentos da celebração principalmente fazendo referência à trasladação da Imagem do Senhor dos Passos da Capela Menino Deus até a Catedral bem como a Procissão que reconduzia a imagem à Capela. Destaca o canto da Verônica realizado em alguns pontos importantes do trajeto, bem como mencionou a forma como as esmolas eram recolhidas durante o evento. Faz menção à Procissão do Encontro, aos valores gastos com os sermões e com a compra de itens vindos do Rio de Janeiro para a Procissão; o gasto com a cera utilizada no préstimo – tal qual informava FONTES (1965). Este estudo tem importância na medida em que, da mesma forma que Várzea e Cascaes, centra seu olhar mais na Procissão em si (ritual, participantes, logística) e a relaciona com uma cidade que cresce e se modifica ao longo do tempo.

Na década de 1990 o sociólogo e economista Nereu do Vale Pereira publicou uma obra em dois volumes intitulada Memorial Histórico da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos que, no primeiro volume publicado se dedicou a reproduzir o texto, na íntegra, de Henrique Fontes, de 1965. O segundo volume compõe um conjunto de outros textos que começa com uma seleção de imagens relativas a momentos significativos da Irmandade e seu hospital na vida de Florianópolis e do estado de Santa Catarina. O segundo texto, de autoria de Henrique Fontes, foi escrito originalmente em 1954 e apresentado no mesmo ano, no Congresso de História Comemorativo do 4º Centenário da fundação de São Paulo. O tema tratado foi o da vida da Beata Joana Gomes de Gusmão e a implantação da Capela Menino Deus, em Florianópolis.

O terceiro texto, também de autoria de Henrique Fontes e escrito em 1958, tratou da biografia do irmão Joaquim e sua relação com o Hospital de Caridade. O quarto texto compreendeu a reprodução do Relatório da Irmandade de 1892 e foi complementado pelo organizador da obra com a relação dos provedores daquela instituição até 1997. O quinto texto compreendeu uma coletânea, realizada pelo organizador da obra, de documentos institucionais como, por exemplo, o Compromisso de 1840. Um outro texto tratou, também, pelas mãos do organizador da publicação, de uma compilação de informações, tais como recortes de jornais que faziam alusão ao incêndio de 1994 que destruiu boa parte do Hospital de Caridade. O sétimo texto, escrito por Polydoro Ernani de São Thiago, fez alusão ao Hospital de Caridade e a sua contribuição para o ensino da medicina no estado de Santa Catarina.

Por fim, os dois últimos textos, escritos pelo organizador da obra trataram, respectivamente, da origem das Santas Casas e das Irmandades da Misericórdia e da Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis. É uma obra que retoma o tema da Irmandade e chama a atenção para a relação umbilical dessa instituição com o Hospital de Caridade.

Em 2002 o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina publicou uma obra em dois volumes intitulada A ilha de Santa Catarina: espaço, tempo e gente. No volume 2, Rogério João Laureano, integrante da Irmandade, escreveu o artigo Irmandade Senhor Jesus dos Passos, no qual discorreu sobre o protagonismo do Hospital de Caridade para a cidade, destacando sua trajetória histórica. Ressaltou também a importância da criação do Museu Sacro em 2002 e a riqueza do seu acervo. É um texto de referência para quem deseja aprofundar as leituras sobre o papel da

Irmandade na contemporaneidade, bem como sobre a importância do hospital na história da medicina no estado.

Em 2004 o advogado e jornalista Moacir Pereira escreveu o livro *Senhor dos Passos – Protetor de Florianópolis*. Numa abordagem definida pelo próprio autor como jornalística, o objetivo central do texto foi apresentar a Procissão como a maior festa de Santa Catarina. Tratou o ano de 2003 como um marco de renovação da Procissão. Através de uma ação conjunta entre a Mesa Administrativa da Irmandade do Senhor dos Passos e a diretoria da Associação Comercial e Industrial de Florianópolis, empreenderam uma ação de marketing que deu ênfase turística para a Procissão. Esta ação, executada por empresas especializadas na área de publicidade e de organização de eventos, contou com ampla cobertura da imprensa e teve como desdobramento o aumento exponencial de participantes no evento.

O autor destacou a Procissão dos Passos como um momento que “une” os diversos segmentos sociais de Florianópolis. No livro, aponta as origens históricas das Procissões (Espanha e Portugal) e cita algumas destas manifestações religiosas no Brasil. Descreve alguns dos rituais envolvidos como, por exemplo, o da Lavação das Imagens, a Procissão do Carregador, a Procissão Noturna (trasladação das imagens) e, finalmente, a procissão de domingo, que é o ápice do evento. Este livro divulga a Procissão e as mudanças que os membros da Associação Comercial de Florianópolis sugeriram a fim de que ela atinja um público maior e a torne um atrativo turístico da cidade.

Em 2008, por ocasião da comemoração de 220 anos de fundação do Hospital de Caridade em 2009, foi lançado um livro de autoria da escritora Christina Elisa Baumgarten, intitulado *Imperial Hospital de Caridade de Florianópolis: uma obra construída com amor e altruísmo: 220 anos*. Este livro, escrito em tom celebrativo, possui uma encadernação sofisticada que reúne imagens e texto. Recupera muitas das informações publicadas anteriormente por outros autores e utiliza como fontes de pesquisa o livro de Registros de Atas, os Livros de Anuais, os Livros de Registro de esmolas, etc. Apresentado em 20 pequenos capítulos, possui uma narrativa linear e descritiva. De forma geral, inicia com a apresentação do contexto histórico da fundação da Irmandade Senhor dos Passos e avança, de forma cronológica, até a comemoração de 220 anos do Imperial Hospital de Caridade de Florianópolis. Não apresenta nenhuma reflexão original ou analítica acerca do tema, apenas reúne muitas das informações até então compiladas por outros autores.

Outros trabalhos começam a surgir a partir dos anos 2000 como, por exemplo, o de André Luis da Silva, responsável pelo Centro de Memória Professor Henrique da Silva Fontes, localizado no Hospital de Caridade. Produz, em 2013, o texto *O campo Santo da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos* no qual narra um pouco da história da construção do cemitério da instituição e faz um minucioso levantamento acerca das pessoas sepultadas naquele espaço, bem com suas datas de sepultamento e sua localização. Tem importância na medida em que abre possibilidades para explorar outros âmbitos do funcionamento da Irmandade Senhor dos Passos.

A Procissão dos Passos também foi registrada e representada pelas impressões e mãos de artistas catarinenses, como o já citado Franklin Cascaes e também de Hiedy de Assis Corrêa. Em livro lançado, em 2013, sobre a religiosidade na obra deste artista catarinense, o autor Carlos Moura, nos conta que

munido com um bloco de papel e canetas azuis e vermelhas, Hassis foi para a rua e traçou os esboços da Procissão do Senhor Jesus dos Passos no final da década de 1950. Essas observações serviram de inspiração para outros desenhos, quadros a óleo, séries e vídeos de temática religiosa de toda a sua trajetória (MOURA, 2013, p. 8).

Os primeiros esboços da série intitulada “Procissão” são datados de 1959 e foram desenhadas em um bloco de papel com canetas hidrográficas azuis e vermelhas, retratando o movimento e o contexto do evento. Desta série resultaram 05 obras:

**Figura 03: Procissão – esboço 01, 1959. 19 cm x 21 cm – caneta hidrográfica sobre papel**



Fonte da figura 03: Acervo da Fundação Hassis. Disponível em: <http://www.fundacaohassis.org.br/wordpress/2016/11/25/estudos-para-procissao-senhor-dos-passos.> Acesso em: 18 mar.2018.

Figura 04: Procissão – esboço 02, 1959. 19 cm x 21 cm – caneta hidrográfica sobre papel



Figura 05: Procissão – esboço 03, 1959. 19 cm x 21 cm – caneta hidrográfica sobre papel



Figura 06: Procissão – esboço 04, 1959. 19 cm x 21 cm – caneta hidrográfica sobre papel



Fonte das figuras 04, 05 e 06: Acervo da Fundação Hassis. Disponível em:  
<<http://www.fundacaohassis.org.br/wordpress/2016/11/25/estudos-para-procissao-senhor-dos-passos.>>/ Acesso em: 18 mar.2018.

**Figura 07: Procissão – esboço 05, 1959. 19 cm x 21 cm – caneta hidrográfica sobre papel**



Fonte da figura 07: Acervo Fundação Hassis. Disponível em:  
<<http://www.fundacaohassis.org.br/wordpress/2016/11/25/estudos-para-procissao-senhor-dos-passos.>>/ Acesso em: 18 mar.2018.

Ainda em 1959, Hassis fez um desenho monocromático, em crayon avermelhado, desmembrado do conjunto. Em 1961, a primeira experiência a partir dos esboços de dois anos antes, resultou em um óleo sobre tela com cores suaves. Na segunda metade da década de 1960, ao retomar o tema da Procissão do Senhor Jesus dos Passos e produzir a coleção definitiva, podemos perceber um Hassis menos acadêmico, mais corajoso e experimental.

**Figura 08: Procissão I, 1966. 36cm x 30cm – acrílico sobre papel**



Fonte da figura 08: Acervo da Fundação Hassis. Disponível em:  
<<http://www.fundacaohassis.org.br/wordpress/2016/11/22/uma-procissao/>>. Acesso em 18 mar.2018.



Figura 09: Procissão II, 1966. 36cm x 30cm – acrílico sobre papel



Figura 10: Procissão III, 1966. 36cm x 30cm – acrílico sobre papel



Figura 11: Procissão IV, 1966. 36cm x 30cm – acrílico sobre papel



Fonte das figuras 09 a 11: Acervo da Fundação Hassis. Disponível em:  
<<http://www.fundacaohassis.org.br/wordpress/2016/11/22/uma-procissao/>>. Acesso em 18 mar.2018.

**Figura 12: Procissão V, 1966. 36cm x 30cm – acrílico sobre papel**



**Figura 13: Procissão VI, 1966. 36cm x 30cm – acrílico sobre papel**



**Figura 14: Procissão VII, 1966. 36cm x 30cm – acrílico sobre papel**



Fonte das figuras 12 a 14: Acervo da Fundação Hassis. Disponível em:  
<<http://www.fundacaohassis.org.br/wordpress/2016/11/22/uma-procissao/>>. Acesso em 18 mar.2018.

Figura 15: Procissão VIII, 1966. 36cm x 30cm – acrílico sobre papel



Fonte da figura 15: Acervo da Fundação Hassis. Disponível em: <http://www.fundacaohassis.org.br/wordpress/2016/11/22/uma-procissao/>. Acesso em 18 mar.2018.

As comemorações de 250 anos da Fundação da Irmandade Senhor Jesus dos Passos, em 2015, contaram com inúmeras atividades. Dentre elas, a gravação de um CD, realizada pela Camerata Florianópolis em conjunto com importantes artistas do canto lírico da cidade. O objetivo foi prestar uma homenagem à Irmandade Senhor Jesus dos Passos, com versões de algumas das principais canções sacras que fizeram parte da Procissão nas últimas décadas. Sob a regência do maestro Jeferson Della Rocca, o CD contou com a gravação de 15 músicas.

De forma geral, o que esta produção revela?

Em primeiro lugar, pode-se perceber que não se trata de uma produção acadêmica sobre o assunto, o que significa dizer que não são produções com o intuito de problematizar algum aspecto da Procissão ou da Irmandade ou, ainda, que apresente alguma abordagem deste tipo envolvendo a temática. É uma bibliografia que não tem enfoques muito diversos. Podemos, *grosso modo*, dividi-la em três grupos: aqueles que apresentam a Irmandade, seu funcionamento e para isso usam documentos do arquivo da instituição; os que apresentam o Hospital de Caridade, instituição fundada pela Irmandade e, para tanto, recorrem também aos arquivos da Irmandade; e aqueles que apresentam a Procissão dos Passos de forma bastante descritiva e/ou lúdica.

Os autores são, na sua maioria, escritores catarinenses reconhecidos no Estado e que apontam a importância do culto ao Senhor dos Passos para a Irmandade e seus devotos, para o hospital e para a cidade – na medida em que

explicita as relações entre os integrantes da Irmandade com o poder local, regional e nacional. Mesmo as produções mais recentes possuem um caráter descritivo. Apesar de terem apresentado algumas mudanças sensíveis na organização da Irmandade e na própria Procissão dos Passos, nota-se que está bastante centrada nas ações da instituição e seus agentes, com expressão política no estado e na mídia. É uma bibliografia escrita de forma bastante linear, que não tem objetivo de problematizar o tema, mas que, no entanto, aponta um aspecto fundamental do culto ao Senhor dos Passos: a permanência da devoção.

## *2. Irmandades e Culto ao Senhor dos Passos na Península Ibérica: o caso de Portugal*

O surgimento das irmandades na Península Ibérica é datado de meados do século XII. As confrarias foram algo comum a toda a Europa, sob as mais diversas formas de organizações como, por exemplo, irmandades (com objetivos pios e caritativos) e as corporações de ofícios e guildas (reunindo pessoas com atividades profissionais similares) (SÁ, 1998, p.42). As confrarias tinham nos fins devocionais e de ajuda mútua o seu eixo principal, prestando assistência a seus confrades – estivessem eles vivos ou mortos.

Em Portugal, assim como no restante da Europa, a compaixão pelos desvalidos corporizava o imaginário religioso, dando vazão ao surgimento da irmandade da Misericórdia em 1498, sob a proteção dos soberanos portugueses, Dona Leonor e, posteriormente, Dom Manuel. Por possuir associados tão ilustres, a Irmandade da Misericórdia contava com uma série de prerrogativas, facilitando sua difusão por todos os espaços portugueses, da Metrópole às Colônias (SÁ, 1998, p.42).

Durante a Idade Média, ajudar aos pobres era, para os ricos, uma forma de alcançar a salvação. Nesse sentido, as Irmandades da Misericórdia, assim como as demais congregações fraternais que surgiram posteriormente, representavam um “conjunto de negociações entre os cristãos e seus interlocutores divinos” (SÁ, 1998, p.42).

As práticas de caridade, bem antes da reafirmação do princípio tridentino de que a salvação se alcança pela fé e pelas obras, eram, juntamente com a oração e a oferta sacrificial sob a forma de missas, um dos elementos imprescindíveis para a

salvação da alma (SÁ, 1998, p. 43). Porém, com o passar dos séculos, ocorreu uma série de mudanças em relação a essa compaixão religiosa pelos pobres. Com a urbanização das cidades, o número de miseráveis cresceu consideravelmente e, assim, o pobre deixou de ser objeto de salvação e passou a ser um perigo para a ordem pública. A mentalidade em relação à pobreza se transformou, exigindo das autoridades políticas a criação de instituições e mecanismos de controle e exclusão da pobreza. Entretanto, as irmandades continuaram trabalhando em prol dos necessitados, de acordo com seus objetivos próprios e capacidade de ação.

Eram instituições controladas por normas rígidas - os Compromissos – e se arremimentavam em torno de um orago que nem sempre estavam ligados ao Senhor dos Passos. No caso das Irmandades ligadas ao Senhor dos Passos, tinham como um dos principais objetivos, organizar a celebração do culto a Jesus Cristo durante seu Calvário que envolvia a Procissão dos Passos. De forma sucinta, essa procissão é a dramatização ritualística que revive as etapas da Paixão de Cristo, distribuídas na forma de passos que correspondem a alguns dos episódios do caminho doloroso de Jesus Cristo entre o Pretório e o Calvário. Realizada em forma de cortejo público de fiéis, está ligada à devoção ao Senhor dos Passos, que remonta à Idade Média, especialmente aos cruzados que, tendo visitado os locais sagrados percorridos por Jesus a caminho do martírio, quiseram, quando de volta à Europa, reproduzir espiritualmente este caminho sob forma de dramas sacros, de procissões, de ciclos de meditação, ou estabelecendo capelas especiais nos templos.

Esta *Via Crucis* foi introduzida pela primeira vez na Europa em Sevilha, em 1521, pelo Marques de Tarifa, depois de viagem à Terra Santa. Esta peregrinação popularizou-se pela Espanha e sua reedição se espalhou por toda a Europa. Durante o século XVI, a partir da iniciativa de Sevilha, já com a fixação das 14 estações, teve forte penetração em toda a Península Ibérica. Segundo PEREIRA (2004, p. 18), “a reedição da encenação ganhou as mais diferentes formas de manifestação popular (...) levando a hierarquia católica a fixar normas durante o Concílio de Trento, além a rígida legislação complementar”.

O culto ao Senhor dos Passos em Portugal, também chamado Bom Jesus dos Passos, tem origem no norte do país no século XVI. A mais antiga Procissão da qual se tem notícias no país é a **Procissão do Senhor Jesus dos Passos da Graça**, em **Lisboa**, que acontece desde **1587** e é organizada pela Real Irmandade de Santa Cruz e Passos da Graça, fundada em 1586. Ela é celebrada no V domingo da Quaresma e,

segundo seus organizadores, é a precursora das procissões de Passos espalhadas por Portugal e pelo mundo.<sup>5</sup> A seu respeito, podemos destacar: os irmãos da Real Irmandade dos Passos da Graça vestem Opa roxa, o Senhor dos Passos estreia todos os anos uma túnica nova. Há o Pendão, a Bandeira Processional, crianças vestidas de anjos e as irmãs da Irmandade vestem preto. Estão presentes as lanternas, a Aia e o Mordomo da Nossa Senhora. Fazem-se presentes as diversas Irmandades e Ordens convidadas. O Andor do Senhor dos Passos é acompanhado pela guarda da Polícia do Exército e no Pálio se encontra o Cardeal Patriarca – responsável por presidir a celebração.

Há sempre duas bandas que acompanham o cortejo (uma banda à frente e outra no final) e são elas as responsáveis por desenhar o limite da procissão que atravessa o coração da Capital de Portugal.<sup>6</sup>

Em **Braga**, uma cidade portuguesa que se localiza a 360 km de Lisboa, várias freguesias celebram a **Procissão dos Passos** durante a Semana Santa que contempla um conjunto de rituais organizados pelas suas Irmandades. A freguesia de Vila Verde, Vilarinho, celebra esta Procissão desde 1758, quando já existiam as Confrarias do Senhor dos Passos e a de Santa Luzia. Com o passar do tempo elas se fundiram na atual confraria dos Santos Passos do Senhor e Santa Luzia e são as responsáveis por perpetuar o culto ao Senhor dos Passos e a organizar a procissão que acontece desde então no Domingo de Ramos.

A organizada na freguesia de Santa Cruz pela irmandade que leva o mesmo nome, contempla a transladação da Imagem do Senhor dos Passos da Igreja da Santa Cruz para a Igreja do Seminário e a Procissão do Encontro, realizada no Domingo de Ramos. Esta procissão

oferece aos espectadores, em quadros alegóricos e encenação dramática, o mesmo que, na Missa de Ramos foi lido no evangelho da Paixão (...). Nela, desfilam as figuras que intervieram no julgamento, condenação e morte de Jesus: soldados, algozes e inimigos; mas também Cireneus amigos, Madalenas arrependidas e piedosas mulheres. O próprio Jesus, o *Senhor dos Passos*, levando a cruz às costas, atravessa as ruas da Cidade, como outrora percorreu as de Jerusalém. Junto à igreja de Santa Cruz, tem lugar **Sermão do Encontro** e, no decurso deste, os ouvintes assistem ao comovente encontro de Jesus com sua Mãe Dolorosa, a Senhora das Dores (Disponível em: <<http://semanasantabraga.com/programa/procissoes/>>. Acesso em: 18 mar.2018)

---

<sup>5</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=tL\\_J7DTYdY0](https://www.youtube.com/watch?v=tL_J7DTYdY0)>. Acesso em 18 mar.2018.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/procissao-do-senhor-dos-passos-da-graca-pelas-ruas-de-lisboa-desde-1587-veja-as-imagens.>>. Acesso em: 18 mar.2018.

Na porção continental de Portugal existem, ainda, celebrações da Procissão dos Passos em Coimbra (nos distritos de Condeixa-a-Nova e figueira da Foz); em Aveiro (Ovar) e na região do Alentejo, a Procissão dos Passos de Alpalhão.

Na região insular, constituída pela Ilha Madeira e pelo arquipélago dos Açores, se reproduz a tradição continental com as caminhadas espirituais próprias do tempo da quaresma. Na Ilha Madeira, encontramos várias localidades que realizam a Procissão do Senhor dos Passos. Para termos uma ideia, dos onze municípios que fazem parte da ilha, mapeamos a ocorrência desta procissão em várias paróquias de Funchal, Machico, Ribeira Brava, Câmara dos Lobos e Porto Moniz. Apesar de não termos muitos detalhes das Procissões, sabe-se que elas ocorrem no III Domingo da Quaresma, são organizadas por Irmandades e o ponto alto delas é a o encontro entre a Imagem de Nossa Senhora e a do Jesus dos Passos. Conforme matéria veiculada no *site* da paróquia Ribeira Brava:

Os «passos – os sofrimentos» fazem-nos meditar na Paixão do Senhor, bem ao gosto franciscano, que marcou a vida e a vivência religiosa das comunidades. Hoje revivemos na Via-Sacra, os passos – os sofrimentos, ou seja, as estações da Via-Sacra, que nos transportam ao sofrimento de Jesus para operar a obra da Redenção. Tenhamos, pois, a capacidade de «conduzir-se com o sofrimento alheio...» visto não ser difícil enternecer-se com o de Jesus!». Publicamente nas ruas da vila, veremos e/ou vivenciaremos os seguintes: Encontro de Jesus com sua Mãe, duas Quedas de Jesus, Mulheres de Jerusalém e o Cireneu! Estamos convidados a participarmos não só de corpo, também de alma e espírito! Queira Deus que acolhamos a mensagem e nos deixemos transformar a partir do coração de modo que o meditado chegue ao concreto da vida! (Disponível em <<http://www.igrejarbrava.com/procissao-dos-passos-2/>>. Acesso em: 18 mar.2018)

No arquipélago dos Açores - de onde os colonizadores de Florianópolis partiram - encontramos uma série de celebrações religiosas alusivas ao período da Quaresma. A Procissão dos Passos é uma delas e em cada cidade há ao menos uma paróquia que a realiza.

Na ilha de São Miguel, mapeamos ao menos três: a Procissão dos Passos da Vila da Povoação, na qual “realiza-se (...) na presença de muita gente e de uma atmosfera de silêncio e de emoção”,<sup>7</sup> a Procissão Senhor dos Passos da Paróquia Sant’Ana do Vale das Furnas onde “as imagens de Nosso Senhor dos Passos e de

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://olharpovoacense.blogspot.com.br/2015/03/a-solene-procissao-dos-passos-na-vila.html>>. Acesso em 18 mar. 2018.

Nossa das Dores encontram-se no Largo das Três Bicas onde é realizado o sermão do encontro, momento este cheio de significado e carregado de emoção”,<sup>8</sup> e a Procissão dos Passos da Ribeira Grande, que acontece desde 1925 organizada pela Irmandade que leva o mesmo nome.

A procissão, com a imagem do Senhor dos Passos percorre sete passos: o primeiro, à porta da Igreja, quando a imagem sai e que representa o Pretório; depois a primeira queda de Jesus; no adro das Freiras é o encontro de Jesus com a sua mãe; em frente à igreja da Conceição é Jesus ajudado pelo Cireneu; junto à Câmara Municipal da Ribeira Grande há um novo passo que representa Verónica a limpar o rosto de Jesus; no Largo do Rosário o passo representa as Filhas de Jerusalém. Chegados à Igreja Matriz, a imagem de Nossa Senhora entra no Templo e realiza-se o último passo que é o Calvário. Depois a imagem do Senhor dos Passos é recolhida (...). De referir que cada zona onde se localiza um passo é embelezada pelos moradores, de forma autónoma (Disponível em: <<https://www.igrejaacores.pt/senhor-dos-passos-celebrado-este-fim-de-semana-na-ribeira-grande/>> Acesso em 15 fev.2013)

Na Ilha Santa Maria encontramos a Procissão dos Passos que acontece na Freguesia da Vila do Porto desde 1707. Ela parte da Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia que abriga uma imagem do Senhor dos Passos, “considerada como uma das mais belas dos Açores”.<sup>9</sup>

Podemos destacar, na Na Ilha Terceira, as procissões do Senhor dos Passos de Serreta, a de Vila das Lages, a de Agualva, a de Angra do Heroísmo, a de Altares, a de Feteira e a Procissão dos Passos de Raminho.

Na ilha Faial mapeamos a Procissão dos Passos de Horta e a Procissão dos Passos de Flamengos. A primeira “será abrilhantada pelas Filarmónicas União Faialense, Nova Artista Flamenguense e Artista Faialense e em seguida acontecerá, no Largo da República, o Sermão do Encontro”.<sup>10</sup> E a segunda, ganha destaque pelo sermão do Encontro.

Na ilha do Pico, encontramos a Procissão dos Passos da localidade de Madalena. Embora não existam textos que narrem este cortejo, vídeos a apresentam

---

<sup>8</sup> Disponível em: <[http://olharpovoacense.blogspot.com.br/2018/02/procissao-do-senhor-dos-passos-na\\_23.html](http://olharpovoacense.blogspot.com.br/2018/02/procissao-do-senhor-dos-passos-na_23.html)>. Acesso em 19 mar.2018.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.jf-viladoporto.com/index.php?op=textos&codtexto=6>>. Acesso em: 15 jan.2018.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.tribunadasilhas.pt/index.php/local/item/13016-cidade-da-horta-celebra-solenidade-do-senhor-dos-passos>>. Acesso em: 15 fev. 2018.



como uma cerimônia nos moldes das já citadas, sem muita pompa e com atenção à Procissão do Encontro.<sup>11</sup>

Na Ilha de São Jorge identificamos três Procissões dos Passos: a de Urzelina, a da Vila do Topo e a da Vila das Velas.

Na Ilha Graciosa localizamos a Procissão dos Passos Santa Cruz da Graciosa, que aparece em destaque no guia turístico dos Açores. A tradição ocorre no II domingo da quaresma e um dos aspectos ressaltados pelo site dos organizadores é a existência, ao longo do percurso, de imagens ilustrativas dos passos que Jesus Cristo fez até o Calvário e junto a estas imagens são entoados alguns cântigos pelos membros do coro da Igreja Matriz.<sup>12</sup>

Em Macau, antigo território português na China, também realiza a Procissão dos Passos. Apesar de Macau ter retornado à soberania da China, pelo acordo de transição por tempo determinado firmado entre Portugal e a República Popular Chinesa, a Igreja Católica local segue a orientação do Vaticano.

**Figura 15: Procissão dos Passos em Macau**



Fonte: fotografia de M.V. Basílio. Disponível em: <<https://cronicasmacaenses.com/2018/02/23/em-macau-a-procissao-de-nosso-senhor-dos-passos-realizada-pela-igreja-catolica-apostolica-romana/>>. Acesso em 27 mar./2018.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9rMEjRQUPYc>> Acesso em 18 fev.2018.

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://www.agendadosacores.publicor.pt/event/procissao-do-senhor-dos-passos-na-graciosa-2018/>>. Acesso em: 28 mar.2018.

Na China, a igreja católica é controlada e supervisionada pela Associação Patriótica Católica Chinesa, organismo estatal fundado em 1957 pelo Governo, com o objetivo de controlar e supervisionar as atividades dos católicos chineses que em 2016, oficialmente, somavam cerca de 24 milhões de fiéis. A singularidade desta celebração em Macau consiste na realização de duas procissões seguidas, ou seja, a Procissão da Cruz, no sábado anterior ao primeiro domingo de Quaresma e, no dia seguinte, a do Senhor dos Passos. Vale salientar que a Procissão de **Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos foi incluída na lista de patrimônio intangível de Macau.**

A partir destes exemplos levantados, podemos perceber que a Procissão dos Passos é uma prática religiosa e cultural que se consolidou em Portugal e que se expandiu para seus domínios ultramarinos. No entanto, o tipo de material disponível para a pesquisa não permitiu uma análise mais sistemática e muito menos o apontamento das permanências ou rupturas ao longo do tempo que seria importante perceber. Basicamente os documentos consultados consistiram em material de divulgação das Procissões nos *sites* das Prefeituras e/ou Irmandades promotoras do evento, as fotografias e os vídeos e/ou parte deles que mostram as celebrações.

Como se trata da mesma liturgia de um evento cristão com ingredientes cuja característica principal é a não mudança - os Passos de Jesus Rumo à crucificação -, o que se pode observar são elementos que partem da perspectiva do que pode ser visível no cortejo: a organização proposta da peregrinação, as procissões que envolvem a celebração, as características das imagens, os Passos selecionados para serem rememorados, o canto da Verônica, os andores, a participação ou não de bandas, etc. Esses ingredientes que compõem a Procissão, seguramente denotam as particularidades de cada uma delas, suas diferenças e semelhanças.

No entanto, para responder a estas demandas seria necessária uma outra abordagem, que não é o caso desta pesquisa. Desta forma, a observação do material em questão permite reforçar a ideia de que a Procissão dos Passos é uma celebração de longa duração que denota o papel e a importância das Irmandades ao longo do tempo. Talvez um aspecto que possa ser ressaltado e que mereceria uma melhor reflexão, é o fato de que, à maneira de Sevilha, algumas Procissões em Portugal têm se tornado atrativos turísticos e passam a integrar as festividades de Roteiros e/ou itinerários que tem a religião como enfoque central.

### *3. As irmandades religiosas e o Culto ao Senhor dos Passos no Brasil*

As diversas Irmandades Religiosas criadas no Brasil durante os períodos Colonial e Imperial tinham como modelo as organizações fraternais portuguesas, difundidas desde o medievo, como abordamos anteriormetne. Essas instituições tinham por base a solidariedade e a sociabilidade, criando uma matriz de auto-ajuda e assistência que assumia características próprias de acordo com o contexto histórico das regiões em que cada uma delas se fixou.

Com a expansão marítima, esse modelo se difundiu para as colônias do Novo Mundo, ampliando o campo religioso da Igreja Católica Romana. Sob égide do Padroado Régio, os leigos ajudaram na construção de igrejas, para a organização dos cultos e para a promoção de devoções. Tanto no período colonial como no Império, as associações leigas foram as responsáveis pela assistência social da população nas mais diversas atividades: atendiam aos pedidos dos encarcerados, administravam hospitais e supriam a necessidade que a população sentia em pertencer a alguma dessas associações, pois estar de fora de seus quadros poderia significar que nem mesmo no momento de sua morte o indivíduo estivesse incluído nessa sociedade. Pertencer a uma irmandade era algo tão importante quanto professar a fé cristã. Não havia vida social ou religiosa fora do catolicismo romano, como aponta Ramon Fernandes Grossi “ser aceito como ‘irmão’ constituía-se como um aspecto de aceitação social; pertencer a uma irmandade assegurava ao associado a aquisição automática de uma condição de superioridade perante os demais membros da sociedade” (GROSSI, 2002, p. 26).

As irmandades brasileiras mais populares eram as dedicadas ao Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora dos Rosários e a Nossa Senhora da Misericórdia – esta, responsável pela fundação e manutenção de hospitais, mais conhecidos por Misericórdia ou Santa Casa da Misericórdia. As demais irmandades se dedicavam à vida social e religiosa, na coordenação de festas e procissões - como no caso das Irmandades do Senhor dos Passos - e na organização dos rituais fúnebres de seus associados, manifestando o espírito religioso da população, que abarcava os elementos das mais diversas classes sociais: “É interessante notar que eram homens e mulheres que levavam uma vida comum e que patrocinavam o culto, construía igrejas, paramentavam-nas, organizando assim a vida católica local” (SCARANO, 1976, p. 36).

O catolicismo implantado no Brasil estava repleto de aspectos pautados na religiosidade popular portuguesa, sendo familiar e voltado para a devoção aos santos. As manifestações religiosas eram, muitas vezes, vistas como acontecimentos de reunião social e não de vivência religiosa. Era um catolicismo que se caracterizava por elaboradas manifestações externas de fé: missas celebradas por dezenas de padres, acompanhadas de corais e orquestras, em templos cuja abundante decoração era uma festa para os olhos e, sobretudo, funerais grandiosos e procissões cheias de alegorias, de que participavam centenas de pessoas (REIS, 1991, p. 49).

Para Riolando Azzi (AZZI, 1976, p. 95-96) e Eduardo Hoornaert (HOORNAERT, 1974, p. 29), as práticas religiosas portuguesas que vieram para o Brasil não se configuravam sob a forma de um catolicismo oficial e fidedigno, definidas pela teologia católica ou pelo direito canônico. Ambos asseguram que o catolicismo legítimo não era vivenciado nem mesmo pelo clero, sendo um conjunto de variantes impregnados de diversas práticas culturais. Nesse sentido, o catolicismo romano brasileiro foi marcado pela permanência de ritos já conhecidos pelos fiéis, que os adaptavam a suas necessidades espirituais. É nesse contexto que surgem no Brasil, e se proliferam, as Irmandades ligadas ao Senhor dos Passos. Ao que tudo indica, uma das mais antigas Irmandades do Senhor dos Passos é a de Florianópolis/SC, no sul do país, que organiza, desde 1766, a Procissão dos Passos naquela cidade. No entanto, encontramos, em todas as regiões brasileiras Irmandades que também organizam suas celebrações.

Embora existam muitas Procissões do Senhor dos Passos nas cidades da região nordeste, duas delas se destacam: a de São Cristóvão em Sergipe e a de Lençóis, na Bahia. A primeira, tema de dissertação de mestrado, de vários artigos, surgiu em 1855 e é organizada pela Paróquia Nossa Senhora da Vitória pelas irmãs carmelitas. Sua comemoração é realizada com duas procissões: a primeira é noturna e ocorre com a trasladação da imagem velada do Senhor dos Passos entre a Igreja da Ordem Terceira do Carmo e a Matriz Nossa Senhora da Vitória. A segunda é denominada Procissão do Encontro, com as imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade. Além desses dois cortejos, há a entrega de ex-votos, confissões e missa campal no sábado e domingo marcando o encerramento do evento. É considerado patrimônio imaterial do Estado e, da mesma forma como Florianópolis, há uma narrativa mítica em relação a imagem do Senhor dos Passos; foi encontrada por pescadores, mas algumas pessoas dizem que a Imagem é quem os

encontrou. A procissão tem um caráter turístico e integra o Roteiro Cultural das Festas de Páscoa no estado.

A segunda, a de Lençóis, na Chapada Diamantina, já é patrimônio imaterial da Bahia e o Senhor dos Passos é considerado o Padroeiro dos Garimpeiros. É uma procissão que este ano comemora 166 anos e tem como característica o teor festivo. “Trata-se de uma festa religiosa popular que integra programação litúrgica, cultural, esportiva, artística, entretenimento, que possui uma história singular.”<sup>13</sup>

No centro-oeste, destacamos a Procissão dos Passos de Pirinópolis e a do Bom Jesus dos Passos de Oueiras, Piauí, na qual imagem de Cristo percorre a cidade histórica parando em cinco pontos da cidade. Estes simbolizam as quedas de Jesus até o calvário. Em cada parada os fiéis escutam o lamento cantado de Maria Beú (Verônica) mulher que enxugou o rosto ensanguentado de Cristo durante o calvário. O caminho da imagem de Cristo é iluminado por carregadores de lamparinas oportunidade em que os fiéis aproveitam para cumprir promessas e pagar penitências. Todos se vestem com roupas roxas e, segundo o vigário de Oieiras, “É um clima cultural que respira a história. São vários aspectos que se apresentam aqui: o religioso, o cultural e o histórico.”<sup>14</sup>

Na região sudeste, proliferam as Procissões de Passos em Minas Gerais sendo regulares em muitas das cidades do estado. Em Santa Luzia, na região metropolitana de Belo Horizonte, homens e mulheres mantêm vivos antigos costumes, como enfeitar as imagens de Nossa Senhora das Dores, com rosas, e a de Nosso Senhor dos Passos, com folhas de alecrim e manjeriço.

Nas chamadas cidades históricas as celebrações dos Passos fazem parte do calendário da Celebração da Semana Santa. Em Tiradentes a festa que existe desde 1807 é marcada por um espetáculo visual:

Os camarins dos retábulos, assim como os crucifixos das banquetas, ficam velados com panos roxos. As cruces processuais também são cobertas por panos roxos, como os frontais de altar. Os pisos da Igreja são cobertos por rosmaninho, planta cheirosa, nativa da região. Os andores são enfeitados com muito manjeriço e alecrim, para criar o perfume típico das procissões da Paixão. A cruz do Senhor dos Passos é enfeitada com uma grande palama de orquídea da região, em tons violeta. As imagens vestem túnicas roxas com rendas e bordados em fios de ouro, assim como as sanefas dos andores de Passos. (Disponível em:

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://www.chapadanews.com/lencois-festa-do-nosso-senhor-bom-jesus-dos-passos-padroeiro-dos-garimpeiros-vai-ate-2-de-fevereiro/>>. Acesso em 22 mar.2018.

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/familias-se-unem-para-manter-tradicao-de-bom-jesus-dos-passos-no-piaui.ghtml>>. Acesso em 18 mar.2018.

<<http://ihgt.blogspot.com.br/2016/03/a-festa-de-passos-atraves-dos-tempos.html>>. Acesso em: 22 mar.2018)

No sul do país, além da Procissão de Passos em Santa Catarina, no mesmo estado destacamos a de São José, a de Laguna e a de Tubarão. A de São José acontece há 163 anos. É composta pela Procissão da Trasladação da Imagem do Senhor dos Passos e da Nossa Senhora das Dores, com saída da Igreja da Irmandade do Senhor dos Passos de São José até Igreja Matriz, no Centro Histórico. No dia seguinte ocorre a procissão do encontro entre as imagens em frente à sede da Câmara Municipal. É organizada pela Irmandade do Senhor dos Passos de São José e conta com o apoio da Prefeitura. A celebração é patrimônio imaterial do município desde novembro de 2017.

De forma geral, percebemos que a Procissão dos Passos se proliferou no Brasil; cada estado a ressignificou e a dotou de algumas características próprias. Algumas semelhanças que podem ser percebidas em relação à de Florianópolis é a forma como o ritual se organiza e a importâncias das Irmandades nesta celebração. Também aparecem, na mídia, como momentos festivos que integram o calendário das festas religiosas. No caso de Florianópolis, algumas mudanças que ocorreram na sua organização tendem a torná-la um evento turístico, dentro do que se chama de Turismo Religioso. Também podemos chamar a atenção para o fato de que existe, em torno de algumas procissões, um movimento de atribuição de valor patrimonial – como percebemos naquelas que são consideradas patrimônio imaterial de suas cidades e estado. Embora o material consultado não permite uma análise mais profunda, podemos dizer que existem variações em relação às datas das Procissões, que, de forma geral, não possuem um caráter festivo – embora sagrado e profano sejam indissociáveis. Podemos dizer que duas características da Procissão do Senhor dos Passos de Florianópolis, ao menos, a tornam singular na região e no Brasil: a existência da Procissão do Carregador. É um momento da Procissão no qual as pessoas, de forma espontânea, levam as alfaias dos santos da Capela Menino Deus para a Catedral. Embora este momento tenha sido ritualizado, ainda acontece esta peregrinação de forma espontânea na qual seus participantes são pessoas humildes e que muito provavelmente moram no Morro da Boa Vista, bairro no qual a Capela está instalada. Um outro aspecto que destaca a Procissão de Florianópolis das demais é a força da Irmandade e sua relação histórica com a questão da saúde. Nesse

sentido, a devoção que se cristalizou na cidade está diretamente ligada a este fato, se expressa de forma material e é muito potente, como veremos a seguir.

#### 4. Devoção ao Nosso Senhor dos Passos em Santa Catarina: Florianópolis

Em Santa Catarina a devoção ao Senhor dos Passos inicia com a instituição de uma Irmandade que surge para acolher a Imagem do Senhor dos Passos que “escolhe” a então Desterro para ficar. Essa narrativa - um tanto mítica - é repetida por quase todos aqueles que se referem ao surgimento do Culto ao Senhor dos Passos na cidade: a imagem esculpida na Bahia deveria seguir, por mar, para a cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. No entanto, na tentativa de retornar à viagem depois de uma parada em Desterro, as péssimas condições do mar não permitiram. No imaginário popular a imagem elegeu Desterro.<sup>15</sup>

Foi com o objetivo de acolher e cultivar a imagem de Nosso Senhor dos Passos que algumas pessoas da elite da sociedade de Desterro<sup>16</sup> decidiram criar uma Irmandade, que já desde o seu primeiro Compromisso (1840), estabeleceu as bases para seu funcionamento. De acordo com a relação de receitas e despesas levantadas por Fonseca (1965) durante o período de 1766 ao final do século XVIII, percebemos que nos seus primeiros trinta anos de funcionamento, o investimento da Irmandade no Culto ao Senhor dos Passos se expressou de duas formas bastante significativas: através da organização da Procissão dos Passos e da assistência aos enfermos.

A procissão, que foi incorporada ao cotidiano da cidade desde a chegada da Imagem do Senhor dos Passos em Desterro (1765), passou a ser uma das principais atividades da Irmandade e na qual se expressava – e ainda se expressa – a devoção. Eram os recursos arrecadados com as esmolas e com a adesão de novos irmãos que tornava possível investir no cortejo com a contratação de sermões, o pagamento pelas missas, a compra de cera para confeccionar as velas, tecidos, feitiço do balandrau, túnica para vestir anjo, pagamento pela música, doces aos anjos, tochas, Andor para o Senhor dos Passos, cabeleira par ao Senhor dos Passos, cortinas, azeites, etc.

---

<sup>15</sup> Fato no mínimo curioso, pois, com exceção da Procissão dos Passos de Lençóis (que também conta com a chegada de uma imagem que institui uma Irmandade), as demais procissões surgem *a posteriori* da fundação destas instituições.

<sup>16</sup> Segundo FONTES (1965, p.7) os 25 fundadores da Irmandade tinham expressiva representatividade da sede da Capitania. Dentre eles podemos destacar o **governador** Coronel Francisco Antônio Cardoso de Meneses e Sousa; o **ouvidor** Dr. Duarte de Almeida Sampaio; o **vigário-da-vara** Padre Dr. Inácio José Galvão e o **provedor** da Fazenda real Félix Gomes de Figueiredo.

A cada ano que passava a Procissão contava com refinamento na sua organização, com maior participação e divulgação e, conseqüentemente, mais investimentos. Tanto a construção da Capela Menino Deus em 1762 quanto a do seu anexo em 1767, (onde foi depositada a imagem do Senhor dos Passos), seviram de motivação para que houvesse a adoração a este orago no Hospital.

Durante os anos 1782/1783 a **Irmandade** passou a se dedicar aos enfermos, **instituindo a Santa Casa de Misericórdia**. A partir desse momento, ficava a cargo do hospital assisti-los, dar-lhes remédios e providenciar para que fossem recolhidos em alguma casa, enquanto o hospital não fosse construído. Institui-se a partir de então, a Caridade dos Pobres: aqueles que antes pediam esmolas à Irmandade deviam, a partir de então, suplicá-la por petição ao provedor, apresentando-lhe uma certidão de pobreza. Neste período foi declarado que o principal intento da irmandade era “a caritativa assistência dos pobres enfermos.” Para conseguir mais recursos para este fim, não raro a Irmandade solicitava auxílio ao Vice-Rei. Em uma das respostas, além da negativa ao pedido, chamou a atenção da Irmandade para com seus gastos:

(...) me parece muito conveniente lembrar a Vossa Senhoria que para o referido estabelecimento ir adiantando os bons princípios, que vai tendo, é muito conveniente que se procure evitar despesas supérfluas com muitas festividades, em que ordinariamente se consome uma grande parte dos seus rendimentos, aplicados muito diferentemente da sua instituição, que, longe de atrair, serve de escândalo a todos, e de maior incentivo do luxo e da ostentação. Semelhantes rendimentos devem ter outra distribuição mais útil, fazendo-se despesas precisas com o curativo dos pobres, e de nenhum modo com músicas e aparatos exteriores, que só se dirigem a destruir a boa ordem da conservação, que se deve pretender daquele estabelecimento. Vossa Senhoria, porém, que não ignora as conseqüências de outra diversa aplicação, porá de acordo o Provedor atual e a Mesa da Irmandade, para que regulem as poucas festas, que indispensavelmente devem fazer, evitando maiores despesas, e reduzindo as necessárias a um meio-termo, que sirva de governo para o futuro, de modo que o curativo dos miseráveis enfermos deve ser o principal objeto em que se haja de empregar a referida Irmandade. Deus guarde Vossa Senhora muitos anos. Rio de Janeiro, a 9 de junho de 1784. (FONTES, 1965, p.224.)

Para regular o orçamento a instituição determinou a separação financeira entre a Caridade dos Pobres e a Irmandade e, com a inauguração do hospital (1789) - anexo à capela Menino Deus - a Irmandade assumiu sua responsabilidade com a saúde da crescente população da cidade, além de alguns enfermos chegados de outros estados do país.



Embora a Procissão testemunhe anualmente a intensificação da presença e participação de devotos e fiéis - como aparece em exaustão nas recorrentes e detalhadas descrições da Procissões - pode-se dizer que é também no Hospital que, aos poucos, a devoção se cristaliza. O Compromisso de 1858, já nomina a instituição como Irmandade do Senhor dos Passos e do Hospital de Caridade da cidade do Desterro e em um dos capítulos que versa sobre o hospital já delibera sobre o trabalho dos médicos e enfermeiros. No hospital eram atendidos os habitantes de Desterro, viajantes cujas embarcações aportavam nas águas da Ilha de Santa Catarina. Podemos dizer que o oferecimento dos serviços públicos ligados à saúde fortalecia a Irmandade que, de certa forma, atendia a população através desses serviços prestados pelo Hospital. Isso lhe deu popularidade e, possivelmente, maior adesão.

Durante o século XIX o hospital ampliou as suas edificações e consequentemente o atendimento à população. Podemos dizer que a irmandade se consolidou na região mesmo quando alguns bispos do Brasil deram início a um movimento reformador que visava o total desligamento do Estado em assuntos religiosos. Tratou-se da implantação da reforma tridentina - datada do século XVI e que, portanto, acompanhou a dominação portuguesa na América - mas que consolidou no território brasileiro no período republicano: a Romanização do culto católico.

Nesse sentido as irmandades precisaram se reorganizar para garantir a manutenção de determinadas práticas que eram aceitas pelo Bispo - como, por exemplo, as procissões (NASCIMENTO, 2006, p.43).

Em Santa Catarina, a romanização da Igreja se fez sentir através dos Bispos que migraram para o estado para garantir a disciplinarização destas manifestações. Uma das estratégias utilizadas pelas dioceses para desenvolverem ações compatíveis com os ditames da romanização, foram os Sínodos. Eram reuniões religiosas do clero com autoridade eclesial regional, no caso, o bispo diocesano, cujo objetivo era criar um código de normas, baseados no código canônico e nos concílios católicos para normatizar as regras de culto dos fiéis e do clero. Os Sínodos de 1910 e 1919, por exemplo, impactaram diretamente nos eventos realizados pelas irmandades, por exemplo, nas Procissões que, para o clero romanizado, ainda continham muitos aspectos a serem regulados (STAKONSKI, 2010, p. 43).

Autores como CABRAL (1979) atentaram para o fato de que em Desterro as comemorações religiosas - inclusive as procissões - tinham características festivas.

Sem entrar no mérito das discussões acerca do conceito do que pode ser compreendido como festa, Marcia Alves chama a atenção para o quanto a capital catarinense possuía um caráter festivo:

O ano litúrgico iniciava-se com as festas da quaresma, que começava com a Procissão de Cinzas, realizada na quarta-feira após o carnaval. Era uma procissão dita de penitência, organizada pelos irmãos da Confraria de São Francisco, que percorriam juntamente com o povo as principais ruas da cidade. Dando continuidade ao ciclo da quaresma, ocorria a Procissão dos Passos, sob a organização da Irmandade dos Passos. Esta passeata religiosa realizava-se no quinto domingo da quaresma. Segundo Cabral, esta celebração era muito concorrida, recebendo peregrinos inclusive de cidades vizinhas. O caminho representava a “Via-crucis”, dois sermões compunham o trajeto: o do encontro e o do calvário, e eram proferidos pelo sacerdote local que pelos serviços prestados recebia uma remuneração. Seguiam-se as comemorações da Semana Santa, que eram compostas pela Procissão dos Fogaréus, na Quinta-feira Santa. A sexta-feira era um dia sagrado: não se trabalhava, nem sequer varria-se a casa, os sinos silenciavam, ninguém cantava, dançava ou assobiava em sinal de respeito e luto. A população costumava vestir-se de preto neste dia e participava somente das funções litúrgicas: o Canto da Paixão, a Descida da Cruz e a Procissão do Senhor Morto. Acontecia ainda a Procissão da Ressureição, na madrugada de domingo. Porém no Sábado de Aleluia população participava ativamente da malhação do Judas, que, independente das celebrações oficiais, era organizada em vários locais pela comunidade. Depois do ciclo da quaresma iniciavam-se as comemorações do Divino, festejado no mês de maio. O último dia da comemoração era o Domingo de Pentecostes, que celebrava a descida do Divino Espírito Santo sobre os apóstolos, aos 50 dias da páscoa. Uma semana após a Festa do Divino, realizava-se a Festa da Santíssima Trindade. Os elementos que compunham esta comemoração eram basicamente os mesmos da festividade anterior e no início não existia a presença do padre na celebração. O calendário festivo era composto ainda pela Procissão do Corpo de Deus. Diferentemente das outras celebrações, custeadas pelas Irmandades e Confrarias, esta procissão era paga pela Câmara Municipal; portanto, além de religiosa, era também cívica. As festas religiosas eram permanentes na capital, durante todo o ano. Com menos participação e pompa ocorriam ainda as celebrações de padroeiros e santos da cidade. Era elas, a Festa de Nossa Senhora de Navegantes, a Festa de Nossa Senhora do Desterro sendo depois substituída pela a de Nossa Senhora de Lourdes, a de São Pedro, (acontecia no interior da Ilha, nas comunidades próximas do mar) e a Festa de São Sebastião. Por fim, o ano religioso encerrava-se com as festas natalinas. Estas não possuíam grande expressão, eram compostas pela Missa do Galo e pelo Beija-mão do Menino. A participação da população ocorria na Folia de Reis, que começava no Natal e se estendia até a Epifania, que celebra a aparição dos Reis Magos (ALVES, 2005, p. 46).

A fim de disciplinar as práticas litúrgias e, acreditamos, destituí-las de um caráter festivo, os Sínodos deliberaram sobre alguns aspectos das Procissões.

De acordo com estas normas, as orquestras e bandas que tocavam nas procissões até então, deveriam se submeter ao veto do Sínodo, que recomendava, por exemplo, que todas as composições eclesíásticas deviam ter o caráter da música sacra, ao menos em sua maior parte. Era absolutamente proibido nas igrejas a execução vocal ou instrumental de trechos de ópera ou de outra música profana. Da mesma forma, o Sínodo proibia as bandas musicais de tocar dentro das igrejas. Fora delas seria permitido nas procissões, contanto que os músicos se comportassem com respeito e não executassem composições profanas e ligeiras (STAKONSKI, 2010, p. 44).

Uma das ações pontuais promovidas pelo Sínodo a fim de reformular as práticas devocionais da população de Florianópolis em relação à Procissão dos Passos, foi o de providenciar o fechamento da Igreja no sábado à noite - às vésperas da Procissão do Encontro - pois o padre Francisco Topp (um dos maiores incentivadores da criação dos sínodos na cidade) percebia que “a gente de sitio dorme as vezes lá dentro” (STAKONSKI, 2010, p. 46)

Ainda sobre antigas práticas que deixaram de existir, o Padre Pedro, capelão responsável pela Capela Menino Deus, lembra que em algum tempo pretérito existiam pessoas que se flagelavam durante o cortejo e que na Procissão do Encontro, quando as imagens retornavam para a Capela Menino Deus, muitas pessoas carregavam pedras e as levavam até a entrada da Capela, como forma de penitência.

Podemos perceber que algumas das mudanças pelas quais passou a Procissão dos Passos ao longo do tempo tem a ver com a atuação do Sínodo na cidade. Não existem mais as orquestras que animam o cortejo, não são mais distribuídos cartuchos de amendoim para a população, não existem mais as pessoas que se flagelam e, tampouco, aquelas que carregam as pedras na subida do Morro da Boa Vista. No entanto a devoção que está cristalizada na procissão permanece.

### ***5. O cotidiano da devoção ao Senhor dos Passos: uma reflexão para além da Procissão***

O objetivo desta reflexão é perceber o culto ao Senhor dos Passos em Florianópolis chamando a atenção para o fato de que a devoção a este orago

extrapola os momentos ritualísticos que envolvem a Procissão. Há uma devoção cotidiana que existe historicamente desde o surgimento ao culto em Florianópolis – quando a Imagem “escolhe” ficar na capital catarinense – se materializa na Procissão, organizada pela Irmandade, mas amplia seu significado quando é fundado o hospital de Caridade e se acentua quando a Imagem do Senhor dos Passos passa a residir na capela Menino Deus.

A devoção tem a ver com uma ideia de **crença**, que pode ser entendida como “o investimento das pessoas em uma proposição” (CERTEAU, 2014, p. 252). Independentemente de seu conteúdo, a crença em algo se enuncia e se atualiza através de suas manifestações – que possuem permanências e mudanças ao longo do tempo. Uma das marcas de sua permanência é o chamado “espírito devocional” (AZZI, 1987, p.2) que está inserido dentro do contexto do catolicismo tradicional e se evidencia pela participação da população em expressões de fé, como, no caso, as procissões, os ex-votos. A **devoção**, neste sentido, se fundamenta sobre um conjunto de representações e práticas realizadas pelos devotos que são resultado de

um trabalho de produção e reprodução de significações religiosas que não se faz num vazio, guiado apenas pelo imaginário popular, mas dentro das condições sociológicas determinadas e determinantes (OLIVEIRA, 1985, p.123).

Falar de devoção é, de certa forma, abordar uma relação entre seus atores e seus objetos e/ou celebrações - como é o caso da Procissão Senhor dos Passos de Florianópolis. Relação esta que muito embora seja de longa duração e apresenta ao longo do tempo permanências, ela se atualiza na medida que um público cada vez maior e diversificado, dela participa e/ou se apropria:

as razões para uma devoção passam por elementos variados como as virtudes da vida do santo, as resignações perante o sofrimento, sua caridade, os laços familiares do devoto, as graças alcançadas por intermédio do santo. A relação de devoção entre o devoto e o santo pode ter origens variadas, mas a **fé do devoto**, a atitude de confiança dele em relação ao sagrado está sempre presente. A fé do devoto é, portanto, uma convivência, uma relação, e, assim, a fé surge tanto para se iniciar uma relação com o santo, como também o resultado da relação, do pedido alcançado (NIERO, 2012, p.105.Grifos nossos).

Ora, está muito claro que a Procissão – que acontece há 252 é a expressão clara e clássica da devoção a este orago. No entanto, o que podemos perceber, através do investimento na pesquisa, é que esta devoção ao Senhor dos Passos extrapola os momentos que envolvem a Procissão e acabam se cristalizando no

cotidiano da cidade na sua relação com o Hospital de Caridade. Ela se materializa sim em todos os momentos do culto ao Senhor dos Passos - em todas as procissões e atos de fé. No entanto, queremos chamar a atenção aqui para o resto do tempo em que não existe a Procissão. De que forma os devotos expressam sua crença no Senhor dos Passos? Quem são estes devotos? De onde eles são?

As entrevistas realizadas pela pesquisa, tem mostrado que a devoção ao Senhor dos Passos pode ser verificada nos depoimentos daquelas pessoas que obtiveram alguma graça e/ou milagre. Atendido o pedido, o devoto, cria estratégias para agradecer ao Santo responsável pelo milagre.

Na Capela Menino Deus, até meados dos anos 1990, as graças alcançadas eram retribuídas através de ex-votos.

O ex-voto constitui expressão religiosa, artística e cultural caracterizada pela prática de oferendas aos santos como forma de agradecimento pelas promessas alcançadas. Ao ofertar o ex-voto, ocorre o pagamento da dívida que foi contraída no ato do pedido, finalizando o processo característico da prática votiva que é constituído por três estágios principais: a realização do voto, a manifestação do milagre e o pagamento da promessa (ABREU, 2005, p.197)

É uma prática que ocorre desde a Antiguidade greco-romana, porém, na atualidade, encontra-se presente nos grandes Santuários de peregrinação religiosa do mundo todo. Eram confeccionados pelos próprios devotos, mas, atualmente, a maioria é realizada por encomenda aos artesãos, conhecidos popularmente como “santeiros” ou “milagreiros”, que os fabricam de acordo com o milagre e com o pedido do devoto. Os motivos de entrega dos ex-votos são variados, no entanto, ABREU (2005) identificou que a razão mais comum era o agradecimento pelo restabelecimento da saúde e pela sobrevivência de acidentes.

A falta de espaço para receber estes objetos, fez com que os responsáveis pela Capela Menino Deus substituíssem os ex-votos na forma como se apresentavam, por maneiras mais práticas e que ocupassem menos espaços. Nesse sentido, foi instituído em 2001 o livro de Ação de Graças que é

um livro de capa dura preta que servia para anotação das mensagens, das graças alcançadas e de pedidos, foi colocado à disposição de todos. Fica aberto permanentemente num púlpito pequeno fixado defronte a imagem do Senhor dos Passos no altar lateral. Até então os devotos materializavam sua gratidão mandando confeccionar placas de mármore e de granito com a inscrição: ‘Graça alcançada’, a data e o nome dos beneficiários. Esta manifestação, contudo, pouco dizia à comunidade, na avaliação do Provedor Geral (PEREIRA, 2005, p.78).

Conforme consta na abertura do livro 01, eles existem com a “finalidade de substituir as placas de agradecimentos de graças alcançadas; portanto utilize até o fim cada folha para quantos registros couberem” (Livro 01, n.01, 2002, f.01).

Estes livros compõem o acervo do Centro de Memória da Irmandade Senhor dos Passos. São livros de 100 ou 50 folhas. Foram localizados 38 livros que compreendem o período de 2002 a 2018. Há lacunas entre os anos 2011 e 2012, portanto, embora não se tenha um número preciso de quantos livros já foram preenchidos, estima-se que existam em torno de 45.

Embora não tenha sido feita uma pesquisa sistemática neste material, ele é rico em informações e são importantes indicativos que nos permitem refletir principalmente acerca dos devotos ao Senhor dos Passos em Florianópolis: quem são as pessoas que escrevem nestes livros? De onde são? Como se expressam? O que pedem? O que agradecem? Como se relacionam com seu orago?

De forma geral, nos Livros encontramos pedidos dirigidos ao Senhor dos Passos e agradecimento às graças alcançadas. No entanto, a leitura de alguns volumes nos chamou atenção para a riqueza e complexidade de informações que neles existem. Por conta disso, para termos uma ideia mais ampla e geral acerca das informações ali contidas, criamos uma tabela que capturou informações sobre os livros consultados a partir de alguns questionamentos:

A quem se dirige o texto escrito? Como é referendado? Trata-se de um pedido? De um agradecimento? De ambos? De uma manifestação de fé/de amor? Qual o tema do registro? Em qual livro, volume, folha está registrado o texto? De onde são as pessoas que deixam registros?
--

*O que registram os Livros de Ações de Graças?*

Há que se dizer que como se tratam de livros de ações de graças nos quais as pessoas necessariamente precisam escrever, temos os registros de pessoas que minimamente dominam o código escrito. Além disso, é necessário que haja, por parte destas pessoas, motivação para ir até a Capela e escrever no Livro.

Esta escrita – que consiste num pequeno texto, bilhete, cartinha ou o registro escrito de uma conversa – possui materialidade. Podemos notar se a letra é tremida ou segura, legível ou inteligível, se suas vogais e consoantes são bem desenhadas ou

não, se a caligrafia é simétrica, se a escrita é de pessoas alfabetizadas ou não. Podemos ainda perceber se a letra é de criança.

Esses pequenos textos também se apresentam em forma de uma narrativa: ela pode ser ordenada com início, meio e fim; pode ou não ter lógica, ou ainda, pode ser constituída por palavras soltas que, aos olhos do leitor, pode não fazer algum sentido.

Outra observação possível de ser feita é que, ao contrário do que era sugerido na abertura do livro 01, nem sempre os textos são escritos até o final das páginas, alguns bilhetes ocupam mais espaço, outros, menos. Tampouco há rigor na identificação daquele que escreve: por vezes o nome é indicado na assinatura seguido de local e data, mas isso não é uma constante.

O conteúdo expresso nos livros é bastante variado. Em princípio a hipótese era de que encontraríamos manifestações relativas às questões da saúde, em função da proximidade da Capela Menino Deus com o Hospital de Caridade. No entanto, causou surpresa a constatação da diversidade de assuntos abordados que foram além daqueles relacionados à saúde, muito embora eles predominem. Na tentativa de mapear minimamente o que dizem os livros, a estratégia utilizada era a de fotografar todo o material e a partir dele, preencher a tabela elaborada. Pelo tempo dispendido e pelas condições da própria pesquisa tornou-se inviável fazer isso, de modo que a fim de chamar a atenção para a riqueza do material e sua potencialidade para futuras pesquisas, selecionamos aleatoriamente alguns livros a partir dos quais conseguimos levantar alguns dados relativos aos registros encontrados. Os **agradecimentos** aparecem de formas variadas, como, por exemplo:

*"Uma graça alcançada. Agradeço ao Senhor Bom Jesus dos Passos";*

*"Agradeço a Deus e a Senhor dos passos pelo uma crasa algacada estou curada"; "Obrigado Senhor pelas coisas boas que tens me dado, e pelas coisas ruim tambem, mais jamais, perderei mi fé";*

*"Eu te louvo e te agradeço pela cura e libertação de meu pai";*

*"obrigada Senhor Jesus dos Passos por tudo o que tem feito por mim, pelas graças que tenho alcançado";*

*"Graça Alcançada. Agradeço o meu Pai Senhor Jesus dos Passos e Mãe das Dores por ter alcançado esta grandiosa graça a cura da minha mãe M. P. F";*

*"Obrigada por eu estar caminhand";*

*"As minhas promessas contigo estão paga. E o que te pedi, me deste em dobro. Meu filho não ficou mais doente. Meu marido arrumou serviço. Meus porblemas de saude tiraste com as mãos";*

*"Obrigada Jesus por salvar a minha vida. Você me fez ressuscitar e me trouxe da morte para a vida. Eu so gostaria e queria te dizer: Eu te amo Jesus";*

*"Mais uma vez volto aqui para agradecer meu Santo Senhor Jesus dos Passos. Com muita alegria eu e minha esposa assistimos a missa nesta capela hoje, celebrada pelo padre Pedro. Compartilhamos de fraternidade muito forte neste templo. Esta Igreja lembra minha infância em Cachoeira do Itapemirim em Espírito Santo pois fiz minha primeira comunhão da Igreja do Senhor dos Passos";*

*"Eu, M., paguei minha promessa para o Senhor dos Passos uma vela de 1,40";*

*"Obrigado Senhor por 2 meses de recuperação das drogas";*

*"Agradeço te acompanhar na Procissão por estes dois anos seguidos e quando tinha 17 anos também (...) irei te acompanhar sempre".*

Os **pedidos aparecem** em maior número do que os de agradecimentos, e são variados:

*"Peço-vos que trasei de volta a visão do meu sobrinho";*

*"Abre os caminhos do meu filho";*

*"Jesus ajudai A. pois ela está com a saúde debilitada";*

*"Peço nessa hora que me encaminhe para o médico certo";*

*"Peço que nesta hora tão difícil você meu mestre olhe para as criaturas terrenas, os doentes, o viciado, os alérgicos, os coxos, os presidiários, as prostitutas, os homens que governam este país";*

*"Salva a mãe, cura a mãe";*

*"Peço a ajuda para que este tratamento me liberte deste mal";*

*"Mais uma vez venho pedirte para que salves o meu casamento";*

*"Peço que me ajude no processo meu e de meu esposo. Pela saúde de minha família e amigo";*

*"Estou aqui pela primeira vez nessa Igreja pedindo pela minha saúde e dos meus filhos pela minha depressão";*

*"Tira o alcoolismo de 2 filhos O. e R.";*

*"Me dê um trabalho novo em breve";*

*"Lhe peço com toda fé do meu coração ajude eu Adriano Souza e Rodrigo a crescer com a nossa empresa";*

*"Eu peço a graça de fazer meu filho a deixar de fumar e de roer unha";*

*"Livra meus irmãos do vício do álcool";*

*"Abra meu coração para que nele habite apenas o amor e a dedicação. Ainda não consegui falar contigo como eu queria. Abre meu coração";*

*"Para que eu e meu marido possamos nos aposentar";*

*"Meu Senhor dos Passos peço saúde e um emprego".*



*"Pela libertação do alcoolismo de C. que ele tranba forças para fazer um tratamento"*

*"Me livre dessa paixão"*

*"Peço que o senhor me ajude a me livrar dos vícios, da minha ansiedade por comida pois já estou ficando doente. Rezo para que o senhor ilumine meu caminho nos estudos".*

*"Não pude pagar a promessa que eu fiz, o ano que vem eu pagarei. Mas peço que olhe pela minha família"*

*"Estive aqui novamente para agradecer"*

*"Eu queria que Jesus dos Passos ajudar eu conhecer melhor português."*

*"Cuida da minha vida. Expulsa o Satanás da minha mulher e que o senhor faça ela parar de beber";*

*"Querido Senhor do espaço quero pedir para mim obedecer, eu me chamo M. I. eu tenho 9 anos e morava em Tubarão eu fui trazida pelo Conselho Tutelar para morar com a minha madrinha eles já foram no forão e eu vou morar aqui até mais ou menos com 18 ou 20 anos em quanto isso eu quero agradecer pela minha família meus primos e pela saúde que eu tenho";*

*"Quero te fazer um pedido. Quero que o mundo seja melhor. Quero que o senhor ajude o mundo. Se você está se perguntando porque, eu vou te responder: o mundo não tá fácil. As pessoas tão furtando muitas lojas, muitas casas. O mundo não tá fácil. Por favor Deus nos ajude. Cuide as pessoas. Eu, minha família e todas as pessoas do mundo. Eu quero que você me ajude por favor e ajude as pessoas na rua e todo o planeta, você é nosso rei e todas as pessoas no mundo te amam e eu te amo também Jesus".*

A leitura do material permitiu perceber, que de forma geral, os pedidos podem ser pensados a partir de duas categorias:

Genéricas	Saúde, Paz, Amor, Harmonia, Felicidade, Prosperidade, dirigidas em geral a familiares ou à família como um todo, e eventualmente à humanidade.
Específicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Curas ou auxílios específicos relativos a determinados problemas de saúde;</li> <li>- Resolução de problemas comportamentais ("vícios" ou "más companhias", quase sempre de filhos);</li> <li>- Resolução de problemas amorosos (reativação de relacionamentos desfeitos, em especial envolvendo casais com filhos);</li> <li>- Resolução de problemas financeiros, de sobrevivência ou associados a uma carreira (ajuda para obter emprego, para passar em concurso público ou em concurso vestibular, ou ainda para determinada pessoa ter bom resultado em uma prova escolar).</li> </ul>

Há, também, registros que não necessariamente são pedidos ou agradecimentos, mas se constituem de “recados”, orações, manifestações de fé e de amor.

*“Hoy vine a verte Jesusito”;*

*“Seguindo os teus passos ressuscitaremos e encontraremos a felicidade verdadeira”;*

*“Senhor Jesus, que sejamos seus discípulos para que haja amor, paz e compreensão”;*

*“Tende piedade de todos os que estão sofrendo”;*

*“Louvado seja Deus por tudo o que já obtive e meus antepassados que passaram por aqui estejam eles na glória eterna. Amém”;*

*“João Paulo II o primeiro e único Papa que visitou Florianópolis, nossa homenagem ao legítimo representante de Cristo na terra”.*

São muitas as observações que podem ser feitas em relação a este material: A forma pela qual se referem ao Senhor dos Passos: *Meu Senhor, Pai, Meu Amigo, Meu amiguinho, Senhor Jesus, o Rei e o Salvador.*

As pessoas se colocam nos livros como se estivessem “conversando” com o Senhor dos Passos e não diante de uma imagem; isto demonstra um caráter de proximidade e intimidade com o orago.

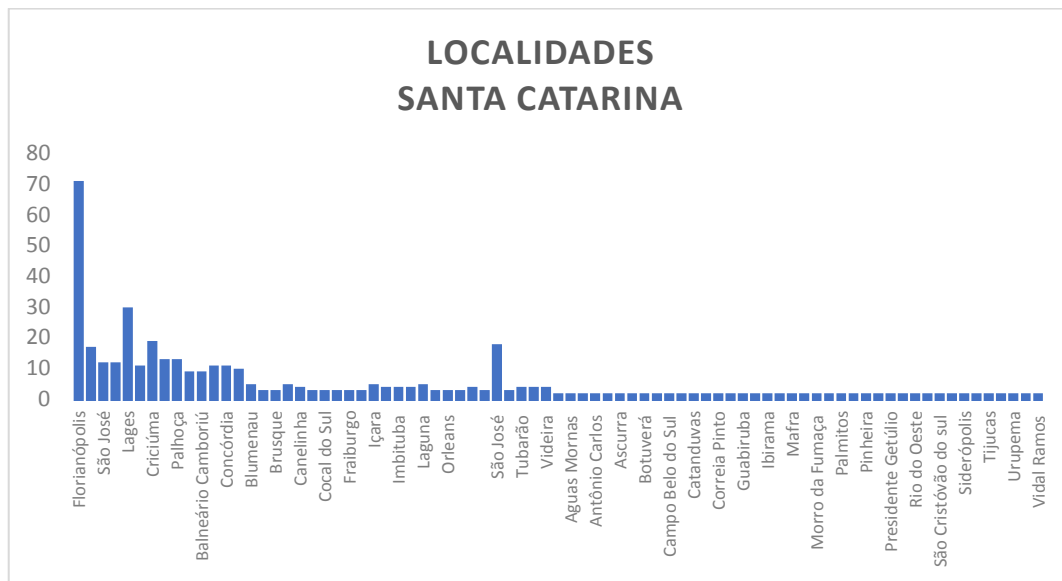
É possível destacar que, através dos registros nos livros, podemos perceber que além daqueles que estão hospitalizados e seus amigos e/ou parentes, os funcionários do hospital frequentam a Capela. Existem também pessoas que estiveram na Capela e voltaram àquele lugar para “ver” o Senhor dos Passos, que para algumas pessoas funciona não apenas como um orago, mas um psicólogo, um milagreiro, um amigo. Dentro e fora do estado os devotos demonstram sua fé ao Senhor dos Passos. O livro de Registro materializa a fé dos devotos no Senhor dos Passos.

### *Uma geografia da devoção*

Os devotos não têm como hábito, nos registros, assinalar a sua procedência, porém uma parcela dos registros faz essa menção. Pelo número de pessoas que assinam como sendo de Santa Catarina e pelos temas abordados dizem respeito, na sua maioria, à saúde, podemos perceber que se tratam de pessoas que estão hospitalizadas ou parentes destas pessoas internadas. É preciso atentar para o fato de

que o hospital de Caridade atende a região da Grande Florianópolis e estados adjacentes.

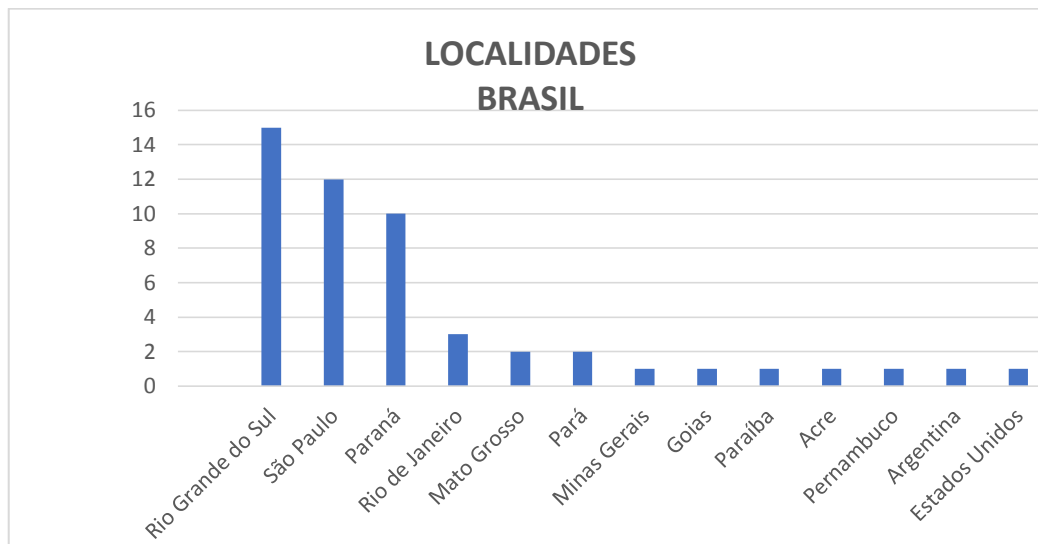
**Figura 16: Origem dos devotos no estado de Santa Catarina**



Fonte: Livros de Ação de Graças – Centro de Memória Professor Henrique da Silva Fontes

Podemos inferir também que há devotos que estão muito provavelmente na cidade de passagem, tiveram a motivação para conhecer a Capela e prestar sua homenagem ao Senhor dos Passos. Estes registros mostram que já estiveram ali e que voltaram.

**Figura 17: Origem dos devotos fora do estado de Santa Catarina e/ou do Brasil**



Fonte: Livros de Ação de Graças – Centro de Memória Professor Henrique da Silva Fontes

Os dados apontados sugerem, entre outros aspectos, a capilaridade da devoção ao Senhor dos Passos cristalizada nos livros de Ação de Graça localizadas na Capela Menino Deus. A devoção ao orago, como já foi sinalizada, tem relação direta com a atuação da Irmandade no Hospital de Caridade da cidade, ponto singular desta devoção que se espraiava pela cidade e outros estados na medida em que a Procissão, a cidade e a atuação do hospital vão se expandindo.

### *Referências*

ABREU, J. L. N. (2005). Difusão, produção e consumo das imagens visuais: o caso dos ex-votos mineiros do século XVIII. *Revista Brasileira de História*, vol.25, n.49. São Paulo, jan./jun, 2005.

ALVES, Elza Daufenbach. *Nos bastidores da cúria: desobediências e conflitos relacionais no intra-clero catarinense (1892-1955)*. Florianópolis, 2005. 325 p. (Doutorado em História) – UFSC.

ALVES, Márcia. *Entre a folia e a sacristia: As (re)significações e intervenções da elite clerical e civil na Festa do Divino em Florianópolis (1896 -1925)*. Florianópolis, 1999. 117 p. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC.

AZZI, Riolando. *A cristandade colonial: mito e ideologia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

AZZI, Riolando. Catolicismo popular e autoridade eclesiástica na evolução histórica do Brasil. *Religião e Sociedade*, v.1, n.1, p. 125-149, maio, 1977.

BARROS, Manuel J. *A beleza do catolicismo: um guia*, Lisboa, Guerra & Paz, 2007.

BAUMGARTEN, Christina Elisa. *Imperial Hospital de Caridade de Florianópolis: uma obra construída com amor e altruísmo: 220anos*. Blumenau: HB Editora, 2008.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. 22. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FONTES, Henrique da Silva. *A Irmandade do Senhor dos Passos e o seu hospital e aqueles que os fundaram*. Florianópolis, 1965.

FREITAS, Patrícia de. *A presença do negro nas esculturas de Franklin Cascaes*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes; MINC/Iphan/SC, 1996.

GROSSI, Ramon Fernandes. A religiosidade nas Minas setecentistas. In: *Varia História* UFMG. Belo Horizonte, nº 24, 2001, p. 90-106.

HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro: 1550-1800*. Petrópolis: vozes, 1974

KRÜGER, Aline Carmes. *Fragments de uma coleção: as obras de arte em papel de Franklin Joaquim Cascaes*. Florianópolis, 2011. 275 p. Dissertação (mestrado em Artes) - UDESC.

LAUREANO, Rogério João. Irmandade Senhor dos Passos. In: PEREIRA, Nereu do Vale (org.) et al. *A ilha de Santa Catarina: espaço, tempo e gente*. Vol.2. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2002. p. 331-337.

LIMA, José da Silva. Verbete: Festas. *Dicionário de História Religiosa de Portugal*: Lisboa, Círculo de Leitores, 2000.

MAMIGONIAN, Beatriz G. (org.) VIDAL, J. Z. (org.) *História diversa: africanos e afrodescendentes na ilha de Santa Catarina*: Florianópolis, Editora da UFSC, 2013.

MATTOSO, Kátia M. De Queirós. *Bahia, século XIX: Uma província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. Livro V: A Igreja, p. 293-413.

MOURA, Carlos Augusto Souto de. *Hassis e a Procissão do Senhor dos Passos*. Florianópolis: Tempo editoria, 2013.

NASCIMENTO, Mara Regina do. *Irmandades Leigas em Porto Alegre: Práticas funerárias e experiência urbana. Séculos XVIII-XIX*. Porto Alegre, 2006. Tese (Doutorado em história) – UFRGS.

NEVES, Annie Larissa Garcia. *A Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos: Festas, Procissões e funeral*. Natal, 2003. Monografia (Graduação em História) -UFRGN.

NIERO, Lidiane. A construção sócio-histórica de devoção a Nossa senhora de Guadalupe. *Revista Sacrilégens*. Juiz de Fora, v.9, n.1. p. 97-112, jan-jun/2012.

OLIVEIRA, Pedro A. R. *Religião e dominação de classe: Gênese, estrutura e função do catolicismo organizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.

PEREIRA, Moacir. *Senhor dos Passos: Protetor de Florianópolis*. Florianópolis: Insular, 2004.

PEREIRA, Nereu do Vale (og.). *Memorial histórico da Irmandade do Senhor dos Jesus dos Passos*. Vol. I e II. Florianópolis: Ministério da Cultura: 1997.

PEREZ, Léa Freitas. *Passos de uma pesquisa nos passos das procissões lisboetas*. Centro de investigações de estudos de Sociologia. Lisboa, 2010.

PONTES, Annie Larissa Garcia Neves. *A Irmandade do senhor bom Jesus dos passos: festas e funerais na Natal oitocentista*. João Pessoa, 2008. Dissertação (Mestrado em História) – UFPB

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

SÁ, Isabel dos Guimarães. *Quando o rico se faz pobre: Misericórdias, caridade e poder no império português, 1500-1800*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses:1998

SCARANO, Julita. *Devoção e Escravidão: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Distrito Diamantino no Século XVIII*. São Paulo: Editora Nacional, 1976. (Brasiliana, 357).

SCHERER, Luciane Zanenga. A Procissão dos Nosso Senhor Jesus dos Passos segundo Franklin Cascaes. In: JUNIOR, Hermes José Graipel (Org.). *Franklin Cascaes outros olhares*. Florianópolis, Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, 2001.

SILVA, André Luis da. *O Campo Santo da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos*. Florianópolis: Irmandade do Senhor Jesus dos passos, 2013.

SIMÕES, Paula. *ECCE HOMO - Festividades do Senhor Santo Cristo dos Milagres*. São Miguel - Açores: Foletras, 2003.

STAKONSKI, Michele Maria. *Tramas da Sacristia, Táticas do Consistório: Modernidade e Romanização na irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (Florianópolis, 1905-1925)*. Florianópolis, 2010. 144 p. Dissertação (Mestrado em História) – UDESC.

VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina – a Ilha*. Florianópolis: IOESC, 1984. [Edição original: 1900]

#### ARQUIVOS CONSULTADOS

*Museu de Arqueologia da universidade Federal de Santa Catarina:*

Pasta 04, n. 131, p. 16-19, sem data. Arquivo Elizabeth Pavan Cascaes

Pasta 13, n. 400, p. 02-02, 1975. Arquivo Elizabeth Pavan Cascaes

*Centro de Memória Professor Henrique da Silva Fontes:*

Livro de Ação de Graças n. 001 (01/01/2002 a 20/06/2002)

Livro de Ação de Graças n. 002 (22/06/2002 a 19/10/2002)

Livro de Ação de Graças n. 003 (20/10/2002 a 06/04/2003)

Livro de Ação de Graças n. 004 (07/04/2003 a 22/07/2003)

Livro de Ação de Graças n. 005 (23/07/2003 a 14/11/2003)

Livro de Ação de Graças n. 006 (17/11/2003 a 21/03/2004)

Livro de Ação de Graças n. 007 (21/03/2004 a 11/07/2004)

Livro de Ação de Graças n. 008 (12/07/2004 a 25/11/2004)

Livro de Ação de Graças n. 009 (25/11/2004 a 28/03/2005)

Livro de Ação de Graças n. 010 (29/03/2005 a 16/08/2005)  
Livro de Ação de Graças n. 011 (16/08/2005 a 06/03/2006)  
Livro de Ação de Graças n. 012 (06/03/2006 a 26/06/2006)  
Livro de Ação de Graças n. 013 (28/06/2006 a 30/10/2006)  
Livro de Ação de Graças n. 014 (31/10/2006 a 23/03/2007)  
Livro de Ação de Graças n. 015 (24/03/2007 a 23/07/2007)  
Livro de Ação de Graças n. 016 (24/07/2007 a 23/12/2007)  
Livro de Ação de Graças n. 017 (23/12/2007 a 10/04/2008)  
Livro de Ação de Graças n. 018 (10/04/2008 a 12/09/2008)  
Livro de Ação de Graças n. 019 (13/09/2008 a 29/12/2008)  
Livro de Ação de Graças n. 020 (30/12/2008 a 08/04/2009)  
Livro de Ação de Graças n. 021 (09/04/2009 a 10/03/2010)  
Livro de Ação de Graças n. XX (13/09/2014 a 25/10/2014)  
Livro de Ação de Graças n. XXa (26/10/2014 a 13/01/2015)  
Livro de Ação de Graças n. XXb (13/01/2015 a 21/03/2015)  
Livro de Ação de Graças n. XXc (21/03/2015 a 21/05/2015)  
Livro de Ação de Graças n. XXd (23/05/2015 a 06/09/2015)  
Livro de Ação de Graças n. XXe (24/10/2015 a 05/04/2016)  
Livro de Ação de Graças n. XXf: (10/04/2017 a 13/11/2017)

#### *SITES E SÍTIOS ELETRÔNICOS*

<http://notes.ufsc.br/aplic/MUSEU.NSF/1d4db731ef1fda378025632b0056fe2d/e6b3a51a9b84ba6a832572d50065fcea?OpenDocument&TableRow=3.0#3>

[https://www.youtube.com/watch?v=tl\\_J7DTYdY0](https://www.youtube.com/watch?v=tl_J7DTYdY0)

<https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/procissao-do-senhor-dos-passos-da-graca-pelas-ruas-de-lisboa-desde-1587-veja-as-imagens>

<http://semanasantabraga.com/programa/procissoes/>

<http://www.igreja;brava.com/procissao-dos-passos-2/>

<http://olharpovoacense.blogspot.com.br/2015/03/a-solene-procissao-dos-passos-na-vila.html>

<https://www.igrejaacores.pt/senhor-dos-passos-celebrado-este-fim-de-semana-na-ribeira-grande/>

[http://olharpovoacense.blogspot.com.br/2018/02/procissao-do-senhor-dos-passos-na\\_23.html](http://olharpovoacense.blogspot.com.br/2018/02/procissao-do-senhor-dos-passos-na_23.html)

<http://www.jf-viladoporto.com/index.php?op=textos&codtexto=6>

<http://www.tribunadasilhas.pt/index.php/local/item/13016-cidade-da-horta-celebra-solenidade-do-senhor-dos-passos>

<https://www.youtube.com/watch?v=9rMEjRQUPYc>

<https://cronicasmacaenses.com/2018/02/23/em-macau-a-procissao-de-nosso-senhor-dos-passos-realizada-pela-igreja-catolica-apostolica-romana/>.

<https://www.agendadosacores.publicor.pt/event/procissao-do-senhor-dos-passos-na-graciosa-2018/>

<http://www.chapadanews.com/lencois-festa-do-nosso-senhor-bom-jesus-dos-passos-padroeiro-dos-garimpeiros-vai-ate-2-de-fevereiro/>

<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/familias-se-unem-para-manter-tradicao-de-bom-jesus-dos-passos-no-piaui.ghtml>

<http://ihgt.blogspot.com.br/2016/03/a-festa-de-passos-atraves-dos-tempos.html>

## ENTREVISTAS

Padre Pedro José Koehler, entrevista Iphan, 2014.



## Apêndice 3

### ***A sacralização do espaço urbano: a procissão do Senhor Jesus dos Passos e as transformações urbanas de Florianópolis/SC (1765-2018)***

Karla F. da Fonseca Sagás

*“[...] discutir as peculiaridades de nossa sociedade é estudar também essas zonas de encontro e mediação, essas praças e adros dados pelos carnavais, pelas procissões e pelas malandragens, zonas onde o tempo fica suspenso e uma nova rotina deve ser repetida ou inovada, onde os problemas são esquecidos ou enfrentados; pois aqui – suspensos entre a rotina automática e a festa que reconstrói o mundo – tocamos o reino da liberdade e do essencialmente humano. É nessas regiões que renasce o poder do sistema, mas é também aqui que se pode forjar esperança de ver o mundo de cabeça para baixo.” (DAMATTA, 1997, p. 18)*

Refletir sobre as cidades e suas complexidades, implica reconhecer que estas não se limitam a meras demarcações territoriais e construções humanas erigidas ao longo do tempo. É necessário reconhecer que como espaço privilegiado de trocas simbólicas, elas trazem consigo e em torno de si uma gama de significados e representações, entre os quais figuram os eventos capazes de “suspender a passagem tempo”.

A cidade, concebida como uma produção de que participa ativamente um imaginário que se constitui no jogo das relações sociais, a partir de uma experiência histórica específica. A cultura aparece como um aspecto relevante no emolduramento do espaço urbano. Esse espaço resulta não apenas do emprego da técnica e da arte pelos grupos assentados no poder, mas compreende também as relações entre indivíduos e classes, que o revestem de simbologias, projetando nele identidades coletivas. A cidade é integrada não só pelos atos que recebem investidura de fato histórico, como também por aqueles gestos cotidianos, repetitivos e obscuros. (ARRAIS, 2002, p. 168)

O cotidiano dos espaços públicos é constantemente afetado por atividades que eventualmente extrapolam as rotinas diárias: passeatas, competições esportivas, manifestações religiosas. São atividades que, por períodos limitados de tempo, transformam áreas públicas de circulação e lazer em locais de espetáculo, emprestando-lhes significação diferente. Sandra Pesavento (1995) considera que as cidades são espaços por excelência para a construção significados socialmente estabelecidos, expressos em bens culturais, tais como as manifestações religiosas.

É nos registros policiais, nas entrelinhas dos jornais, nas colunas do povo dos periódicos, nas festas populares e nas manifestações de rua, nos acontecimentos singulares que quebram a rotina da vida urbana que podemos encontrar suas vozes ou resgatar os indícios do que seria a sua ordem, chegando às representações coletivas de uma “outra cidade”. (PESAVENTO, 1995, p. 11)

As procissões em suas diversas dimensões estão inseridas no rol das celebrações católicas onde devotos manifestam publicamente sua fé. Na concepção de FERREIRA (2009, p. 17), a comemoração religiosa “é um momento de celebração da vida, que rompe o ritmo monótono do cotidiano, e permite a vivência de afetos e emoções”. Sua realização é, portanto, indissociável do contexto social e urbano em que acontece.

A procissão simboliza o pertencimento dos fiéis à Igreja, mas é feita no espaço externo ao templo, nas ruas e não em seu interior, o que demonstra a ambiguidade inerente ao ritual: cerimônia ao mesmo tempo eclesíastica e profana, controlada pela Igreja e absorvendo elementos profanos. **Ao mesmo tempo, a procissão afirma a autoridade da fé sobre o espaço profano, incorpora à autoridade da Igreja e faz com que a identidade cristã dos que dela participam seja afirmada perante eles próprios e perante quem se mantenha alheio à fé.** (SOUZA, 2013, p. 44. Grifo nosso)

O objetivo deste relatório é identificar as relações da Procissão do Senhor Jesus dos Passos com o espaço urbano de Florianópolis, através do reconhecimento de características que evidenciem sua relevância para além da comunidade de devotos, bem como as influências recíprocas quanto às transformações urbanas operadas ao longo dos séculos de sua realização.

Tradicionalmente as procissões do Senhor Jesus dos Passos reproduzem o percurso de Jesus para o Calvário. Tratando-se de um evento público, objetiva por meio da dramatização a manutenção da memória e da fé dos fiéis, bem como a conversão de novos, pelo realismo e a teatralidade do evento. VAZ (1991, p. 94) considera que “toda cerimônia é evocativa e busca comunicar mensagens e ensinamentos, como num texto teatral onde a repetição do episódio lembrado contribui à acentuação do caráter mítico do fato.” As ruas das cidades onde a procissão é realizada ganham novos significados e para aqueles que participam do ritual as vias públicas são convertidas simbolicamente na *via crucis*.

Para expressar a sua piedade cada região vai reproduzir esse caminho da paixão numa *via crucis* onde são narrados os principais acontecimentos bíblicos que antecederam a Morte de Cristo, segundo uma ordem cronológica. Cada uma destas cenas

desenvolve-se numa pequena capela, estação ou *passo*, onde se detinham os penitentes vivendo *passo a passo* a dor sofrida por Cristo. (ROCHA, 1992, p. 66)

A primeira procissão do Senhor Jesus dos Passos de Florianópolis ocorreu em 1766 e no decorrer de 252 anos sofreu poucas alterações em seu trajeto original, mantendo-se praticamente o mesmo.

Ao longo dos quase 250 anos de realização da procissão, a Imagem do Senhor dos Passos tem sido conduzida por um trajeto que pouco mudou entre a Capela do Menino Deus, que a abriga ao longo de todo o ano, e a Igreja Matriz de Florianópolis, de onde sai a Procissão tão aguardada, no domingo. (IPHAN, 2015, p. 07)

O percurso do cortejo, nos três momentos em que ocorre<sup>1</sup>, acontece nas principais ruas do centro histórico da cidade, local onde teve origem o povoado de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis e “cenário, por excelência, destes eventos, graças à tradição de abrigá-los, mas também por conter, em suas edificações e em seus espaços abertos, os elementos da memória histórica da cidade.” (VAZ, 1991, p. 76).



Imagem 1 – Foto do Centro Histórico de Florianópolis. No primeiro plano, casario da Praça XV de Novembro. Ao fundo, o Morro da Boa Vista e a Capela Menino Deus. Acervo Casa de Memória.

O ponto de partida é a Capela Menino Deus, localizada junto ao Complexo do Hospital de Caridade. Nas cerimônias que ocorrem no sábado, “Procissão do Carregador” e “Procissão da Transladação”, os devotos percorrem um trajeto de aproximadamente 1,5 km entre a Capela até a Catedral Metropolitana de Florianópolis, transitando pelas ruas Menino Deus, Bulcão Viana (antiga Rua do

---

<sup>1</sup> A saber: “Procissão do Carregador”, quando os objetos utilizados na procissão são levados da Capela do Menino Deus à Catedral da cidade; “Transladação das imagens” do Senhor Jesus dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, que seguem o mesmo trajeto; e “Procissão do Encontro”, que segue trajeto da Catedral para a Capela do Menino Deus.

Vinagre/ Largo 13 de maio), Tiradentes (antiga Rua da Cadeia), contornando a Praça XV de novembro até chegar à Catedral Metropolitana, onde as imagens ficam guardadas até o dia seguinte.

Na “Procissão do Encontro”, celebrada no domingo, o trajeto realizado parte da Catedral Metropolitana e percorre os seguintes pontos: Rua Tenente Silveira, Rua Deodoro parando em frente à Igreja de São Francisco, Rua Conselheiro Mafra, contorno da Praça XV de Novembro até alcançar a frente da escadaria da Catedral onde acontece o ponto alto da celebração: o encontro das imagens de Jesus e Nossa Senhora das Dores.

É o ápice da procissão: as imagens representando mãe e filho são colocadas frente a frente, e ficam cercadas por um verdadeiro mar de fiéis que escutam, atentos e emocionados, ao canto da Verônica e ao Sermão do Encontro, proferido por uma autoridade eclesiástica especialmente convidada para o evento. (IPHAN, 2015, p. 35)

Após a reunião o cortejo prepara-se para retornar à Capela Menino Deus, refazendo o mesmo percurso realizado no dia anterior.



Imagem 2 – Trajeto da Procissão do Senhor Jesus dos Passos.  
Acervo da Irmandade do Senhor dos Passos.

Embora não se verifique alterações significativas no percurso, a cidade como palco no qual a dramatização acontece se transformou ao longo desses 252 anos. Se nos primeiros anos do cortejo Desterro era uma pequena vila com pouco mais de 9.000 habitantes<sup>2</sup>, com um centro formado por choupanas de pau-a-pique e casinhas

<sup>2</sup> “Ao fim do século XVIII, conforme os dados obtidos pelo governo da capitania de Santa Catarina e 1795, a vila de Desterro contava com 3751 moradores, distribuídos em 666 fogos,

de tijolo e telhas de barro<sup>3</sup>, partir do século XIX e, principalmente no século XX, a cidade passou por mudanças significativas, que alteraram seu traçado urbano e afetaram não só o tradicional percurso da Procissão, mas todas as relações sociais que envolvem a celebração.

Compreender a cartografia<sup>4</sup> da cidade de Florianópolis, a partir da sua história urbana, em especial sua área central, com enfoque na apropriação coletiva do espaço urbano durante a realização da Procissão do Senhor dos Passos é fundamental para mensurar a importância desta celebração para os devotos e demais habitantes da região.

### *De Nossa Senhora do Desterro a Florianópolis*

A fundação de Nossa Senhora do Desterro ocorreu no ano de 1662 por iniciativa do bandeirante Francisco Dias Velho. A partir da fundação, o povoamento litorâneo aumentou lentamente e o território sofreu diversas modificações, tanto no meio urbano quanto na sua composição demográfica.

Em 1726 Desterro foi elevada à categoria de Vila e em 1738 foi denominada capital da capitania de Santa Catarina. Neste período foram edificadas construções que simbolizavam a soberania político-administrativo portuguesa: o pelourinho e a Câmara Municipal, as primeiras edificações oficiais, como o Palácio do Governo (1765), além das primeiras casas de alvenaria. Essas construções encontravam-se em ruas estreitas, que em sua maioria partiam do Largo da Matriz e iam de encontro às fontes de água e das cariocas. (VEIGA, 2008, p. 27)

A análise da historiografia sobre a cidade, evidencia que as mudanças do centro urbano passaram a ocorrer de fato com a chegada dos primeiros imigrantes açorianos, a partir de 1748<sup>5</sup>. O aumento populacional demandou investimentos na

---

sendo que a população da Ilha de Santa Catarina totalizava 9160 habitantes.” (OLIVEIRA, 1990, p. 20)

<sup>3</sup> SANTOS aponta que até a elevação à Vila de Nossa Senhora do Desterro, em 1726, era formada por choupanas de pau-a-pique cobertas com palha. No início do século XVII foram substituídas por casinhas de tijolo e telhas de barro. O marco desta mudança teria acontecido com a chegada de imigrantes açorianos entre 1748 e 1756. A partir deste período, “as casas passaram a ser construídas de forma alinhada com telhas e barro e estuque ou tijolos das olarias multiplicadas ao redor e no sopé dos Morros, e com pedras da Pedreira ao Sul da Praça Matriz.” (SANTOS, 2009, p. 66)

<sup>4</sup> Cartografia, não no sentido de mapa, mas no sentido de descrição/mapeamento da história da cidade.

<sup>5</sup> Hermes Reis Araújo estima que “Do número total de imigrantes enviados, cerca de 4 mil fixaram-se na Ilha de Santa Catarina e arredores, vindo densificar consideravelmente a população de Nossa Senhora do Desterro[...]” (ARAÚJO, 1989, p. 69)

estruturação urbana para atender aos novos moradores da cidade. Contudo, o crescimento da área urbana foi bastante lento. Em 1796 o número total de edificações existentes era de 666, oitenta anos depois, em 1876, estes somavam 1775, por exemplo.

Em 1823, após a declaração de Independência do Brasil, a vila foi elevada à categoria de cidade. “Mas, por quase toda a primeira metade do século XIX continuou mantendo as características de uma vila-cidade, uma povoação militar onde esta última função desempenhava um papel fundamental na estruturação das atividades locais, sobrepujando as administrativas e comerciais” (ARAÚJO, 1989, p. 73)

Em meados do século XIX e a partir da segunda metade do oitocentos, a cidade passou por emblemáticas transformações urbanas por meio da edificação de novos prédios e reformas, a abarcarem o crescimento contínuo da população desterrense. Este se apresenta por meio do número de edificações construídas ao longo do século XIX na cidade: em 1832, Desterro contava com 29 quarteirões em seus limites, com a população estimada em 5.000 pessoas. Em 1866, já na segunda metade do século, contavam-se 41 quarteirões e 852 prédios de moradia. Já em 1871, Desterro possuía 1.542 edificações habitacionais, sendo destas 1.360 casas térreas (VEIGA, 2008, p. 80-82)

Acrescida a densidade populacional, conseqüentemente as camadas mais pobres da cidade também aumentaram ao longo da segunda metade do oitocentos. Estes grupos permaneciam concentrados em áreas específicas da cidade, em bairros marginais ao núcleo central, tais como a Toca, a Pedreira e a Figueira.

No fim do século XIX, foram aplicados gradualmente projetos políticos que procuravam atender ao discurso modernizante do início do período republicano. A cidade se consolidou como capital do Estado de Santa Catarina e, adquiriu outra fisionomia, “desenvolvendo-se e progredido mais no decênio de 1890-1900 do que durante os sessenta e sete anos experimentados como Província do Império.” (VEIGA, 2008, p. 72) Neste período foram realizadas diversas obras de remodelações no traçado urbano da cidade, que se refletiram principalmente em políticas higienistas, “melhoramentos urbanos” e “reajustamento social”. Segundo Hermetes Reis Araújo,

As manifestações em torno da remodelação da cidade e também, de seus habitantes, envolveram aspectos bastante amplos como demolições de habitações na época julgadas insalubres,

construções de edifícios públicos, abertura e pavimentação de ruas e avenidas, ajardinamento de praças e, também, além de outras obras e serviços públicos, a instalação das primeiras redes de água encanada, energia elétrica e esgotos. (ARAÚJO, 1989, p. 16)

A descrição de Virgílio Várzea sobre Florianópolis na virada do século XIX evidencia características do cotidiano da cidade e de sua população:

A capital catarinense é talvez um pouco triste, para os que estão acostumados nas cidades movimentadas e ruidosas [...]. Com uma pequena população que não passa de 15.000 almas, disseminada em grande parte por arrabaldes longínquos, com casas comerciais, oficinas e fábricas quase todas acumuladas em um ponto determinado e central, ela só apresenta movimento e bulício do alvorecer ao meio-dia, hora em que as ruas do comércio (Altino Correa e João Pinto principalmente) e a Praça Quinze de Novembro na parte do cais, transbordam de povo, em afluência contínua, sobrelevada duas vezes por semana pela feira dos alemães e nacionais, acudindo á cidade com seus gêneros e mercadorias, trazidos das colônias e sítios próximos do continente e da Ilha. À tarde o aspecto é mais triste; e à noite, com a falta de iluminação a eletricidade ou a gás (o que é incompreensível, hoje, em um centro que tanto tem progredido ultimamente), reina certa melancolia, particularmente se o rebojo do sul bate a cidade, embocando furioso nas ruas e uivando em rajadas.” (VÁRZEA, 1984, p. 33)

O desenvolvimento urbano de Florianópolis teve sua consolidação a partir do início do século XX, com a afirmação da cidade como centro administrativo, econômico e comercial da região. A principal obra que marcou esta mudança foi a construção da primeira ponte de ligação da Ilha com o Continente, a Ponte Hercílio Luz<sup>6</sup>.

A partir de 1950, Florianópolis passou por um período de importantes transformações, que assinalaram novos rumos para a cidade na década de 1960. Após um período de estagnação econômica, entre 1920 e 1940<sup>7</sup>, a cidade ganhou um novo impulso proporcionado por mudanças significativas. Entre elas, podemos apontar a construção da BR 101 e a implantação, em 1956, do campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

---

<sup>6</sup> Inaugurada em 1926, a Ponte Hercílio Luz foi a primeira ligação rodoviária entre a ilha e o continente.

<sup>7</sup> Nereu do Vale Pereira identifica períodos de prosperidade e estagnação econômica em Florianópolis, antiga Nossa Senhora do Desterro, desde a sua fundação. O período entre os anos de 1920 e 1940 foi marcado, segundo o autor, por um inexpressível crescimento da construção civil, crises no abastecimento de água e luz e falta de apoio do governo central. PEREIRA, Nereu do Vale. *Desenvolvimento e modernização: um estudo de modernização em Florianópolis*. Florianópolis: Lunardelli, s/d. p. 58-65.

A primeira facilitou o acesso à região e possibilitou o desenvolvimento de uma atividade ainda pouco explorada: o turismo. A segunda contribuiu para essas mudanças, trazendo para a cidade um número considerável de intelectuais e estudantes oriundos das diversas regiões do estado e do país. A instalação da UFSC movimentou a economia da cidade através da geração de 267 novos empregos e a injeção de recursos através de um orçamento três vezes maior que o da Prefeitura Municipal (PEREIRA, s.d, p. 102)

Nereu do Vale Pereira atribui à instalação do campus universitário da UFSC o “botão de arranque” para o processo de modernização da cidade. Por sua condição geográfica, Florianópolis, ao contrário de outras capitais, não desenvolvera atividades ligadas ao setor secundário da economia. Essa limitação se refletia na economia da cidade e fazia com que esse processo estivesse até 1960 ligado a fatores externos.

A partir dessas mudanças, houve um reordenamento da cidade, marcado pelo aumento da população urbana, ampliação das atividades do setor terciário, incremento nos índices de construção civil, que não só quantificou, como modificou sua tipologia. As casas térreas não atendiam a nova demanda do centro da cidade, onde se concentravam a maior parte do comércio e dos órgãos administrativos. Foi preciso aumentar a oferta e, tratando-se de uma ilha, com limites geográficos claramente delimitados, a solução encontrada para o problema foi “crescer para a cima”.

No início da década de 1970, o centro da capital catarinense já apresentava uma nova configuração. Mas outras obras ainda foram realizadas. A ilha, que iniciara seu desligamento com o mar desde a construção da Ponte Hercílio Luz, tornava-se cada dia mais rodoviária. A construção da Avenida Beira Mar Norte, a exemplo da orla de Copacabana, e o aterramento da Baía Sul são obras que marcaram essa época<sup>8</sup>.

Estas transformações contribuíram para modificar o aspecto da cidade e implicaram também na produção de novos hábitos, representações e comportamentos dos moradores da capital catarinense, inclusive nas manifestações religiosas.

---

<sup>8</sup> Sobre o aterramento da Baía Sul e a perda da sociabilidade marítima no centro da cidade ver SANTOS, Paulo César dos. *Espaço e memória: o aterro da Baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis*. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em História UFSC, 1997. (dissertação de mestrado)



Para apresentar uma cartografia específica da área central, onde a Procissão do Senhor Jesus dos Passos acontece, foram selecionados referenciais urbanos, divididos em quatro áreas: 1) Capela Menino Deus e Hospital de Caridade; 2) Ladeira Menino Deus, Rua Bulcão Viana e Rua Tiradentes; 3) Largo da Matriz; 4) Rua Tenente Silveira, Ruas Deodoro e Rua Conselheiro Mafra.

### *A Capela Menino Deus e o Hospital de Caridade*

*A igreja primitiva, ereta a meia encosta do Morro do Antão, cuja subida, por ladeira quase íngreme iniciada na fimbria da praia antiga que lhe ia lançar as ondas sonoras ao pé – hoje ali onde havia a praia há uma bela avenida[...] dizia muito de religiosidade cristã e possuía o ar piedoso como aroma circundante.<sup>9</sup>*

Na crônica de 1971, o escritor Amaro de Seixas Neto ao grafar sobre a Procissão do Nosso Senhor dos Passos em Florianópolis faz referências à religiosidade cristã no local onde o cortejo tem início e ao ambiente “piedoso” formado pela igreja e a ladeira. Ao escrever sobre a procissão, o cronista recorreu ao cenário urbano onde a celebração acontece.

A Capela Menino Deus abriga a imagem do Senhor Jesus dos Passos e é o local onde os rituais litúrgicos que antecedem a procissão acontecem. Quando esta etapa é concluída, os fiéis preparam-se para o cortejo e a partir deste momento o que estava restrito ao espaço privado da igreja torna-se público e os devotos expõem suas crenças e sua adoração à imagem do Senhor dos Passos.

As igrejas de Florianópolis destacam-se nas descrições de viajantes que percorreram a cidade no início do século XIX, pois inserem-se de forma significativa na paisagem material da cidade. Essas edificações influenciaram de tal modo o traçado urbano, que era a partir delas que se orientava a disposição das ruas e logradouros que se desenhavam nas suas proximidades.

Na irregularidade usual e ao longo do serpenteado de construções percebemos a existência dos estabelecimentos religiosos, que desempenharam importante papel sócio-cultural no passado. Muitas vezes sua presença e influência superaram a de qualquer outra instituição, incluindo o governo local ou metropolitano. Em torno das capelas e irmandades surgiram concentrações urbanas pioneiras. As igrejas e outras construções das ordens religiosas regulares e seculares deram o tom na composição da nossa paisagem urbana tradicional. Na vida pacata de então, esses prédios cumpriram um importante papel, pelas atividades que

---

<sup>9</sup> SEIXAS NETTO, Amaro de. “A procissão de Passos”. *Jornal O Estado*. 26 de maio de 1971.

abrigavam e que promoviam, como os cultos, a assistência social, o ensino, as concentrações no adro, as procissões e os autos-de-fé. **Foi o caso da igreja Menino Deus, de seu casario e hospital.** (VEIGA, 2008, p. 48. Grifo nosso.)

Segundo Osvaldo Cabral, a Capela Menino Deus foi construída em meados do século XVII pela Beata Joana de Gusmão, que teria recebido “(...) em 1762, a doação de um terreno de 10 braças em quadro [444 metros quadrados], na encosta do morro a leste da vila, deu início a construção da sua sonhada capela e de uma casa anexa, onde passara a morar com suas companheiras” (CABRAL, 1968, p. 77). Em 1768 o conjunto recebeu intervenção com o acréscimo lateral da capela, construído para abrigar a imagem de Nosso Senhor Jesus dos Passos. Esta, em 1764, estava sendo levada para o Rio Grande num navio que, por três vezes, tentou seguir viagem, mas foi impedida devido às condições climáticas desfavoráveis, permanecendo da Ilha de Santa Catarina. Esta intervenção foi realizada em aproximadamente um ano e meio por serventes e escravos. (FONTES, 1954, p. 12)

A localização da Capela, situada no alto do Morro da Boa Vista, desempenha papel fundamental para a encenação da procissão, pois simbolicamente aproxima-se da imagem do monte onde Jesus foi crucificado.

É válido notar que a localização da Capela do Menino Deus que abriga a imagem acabou tendo papel importante para o simbolismo da procissão: a subida da colina da Boa Vista, acabou por representar o caminho em subida ao Gólgota, monte que testemunhou o flagelo de Cristo. (IPHAN, 2015, p. 05)

Após a morte da beata Joana de Gusmão, em novembro de 1780, a Capela do Menino Deus foi entregue aos cuidados Irmandade do Senhor Jesus dos Passos<sup>10</sup>, que assumiu as obras de misericórdia aos enfermos fundando a “Caridade dos Pobres”, além de continuar com o culto do Senhor dos Passos, a manutenção da capela e a organização de solenidades. (NUNES, 1994, p. 146).

Em 1788 foi edificado junto à igreja o Hospital de Caridade dos Pobres, que compôs o imponente conjunto arquitetônico no alto da colina, transformando-se em um ícone da paisagem urbana da cidade. Formado por diversas repartições – hospital, botica, cemitério, casa dos expostos, capela – o Hospital de Caridade se constituiu no maior complexo assistencial de Florianópolis (COMERLATO, 2003, p. 69).

---

<sup>10</sup> Fundada em 1765, a Irmandade do Nosso Senhor Jesus dos Passos foi a terceira associação religiosa a ser fundada em Desterro.



Imagem 3 – Hospital de Caridade e Ladeira Menino Deus, S/D. Acervo da Casa da Memória.

O Hospital de Caridade foi a primeira Santa Casa de Misericórdia da Capitania de Santa Catarina e o primeiro hospital civil da Vila de Desterro<sup>11</sup>. O fato da cidade necessitar de uma instituição com a finalidade de atender doentes, expostos e pobres pode ser considerado um indício de que a cidade vivenciava problemas tipicamente urbanos.

A princípio, a criação de uma irmandade de Misericórdia revela, quase sempre explicitamente, que uma vila ou cidade que carece de sua instalação já possui um grupo social economicamente influente e que existe nesta um desenvolvimento urbano em andamento. Sua fundação relaciona-se de maneira incondicional à organização e manutenção de hospitais, enfermarias, atendimento a presos, doentes mentais, velhos e inválidos e a crianças abandonadas. Tal público alvo tem sua ocorrência na cidade, acarretam e se constituem de problemas tipicamente urbanos. (NASCIMENTO, 2014, p. 96)

A piedade e a devoção eram princípios básicos das irmandades, sendo que algumas também promoviam a assistência social, como é o caso da Irmandade do Senhor dos Passos em Desterro. Após assumir a administração do complexo religioso e hospitalar, a entidade passou a ter maior destaque na Vila, pois ampliou suas tarefas de alcance social, transferindo uma parte das responsabilidades do governo da Capitania para essa instituição religiosa.

Estar presente e atuante em espaços sociais e políticos significativos, o que poderia abranger um leque variado da vida urbana, desde a sociabilidade, o assistencialismo até a religiosidade, revela que as irmandades podem, sem exagero, ser

---

<sup>11</sup> A construção de uma Santa Casa era uma reivindicação desde 1753, quando os pobres e indigentes eram tratados no Hospital Militar pela falta de outro.

caracterizadas como unidades constituintes da cidade, fazendo parte mesmo de seu tecido, suas entranhas e pulsação. (NASCIMENTO, 2014, p. 116)

Com o crescimento da cidade e o conseqüente aumento da demanda hospitalar, a instituição necessitou ampliar suas instalações e a última década do século XIX e o começo do século XX foi marcado por diversas obras de reformas e construções de acréscimos.

No hospital eram atendidos pacientes afetados por diversas enfermidades, entre elas a lepra e a tuberculose. Além da função hospitalar, a partir de 1828 as crianças rejeitadas ou abandonadas na cidade passaram a ser atendidas no complexo assistencial, através da criação da Roda dos Expostos<sup>12</sup>. Antes dessa data os expostos eram recolhidos em casas de particulares e a responsabilidade de fiscalizar o bom trato ficava era Câmara.

No início do século XIX, os hospitais de caridade e as Santas Casas de Misericórdia atendiam os mais pobres e indigentes, pois àqueles que possuíam condições financeiras eram tratados em suas casas. SANTOS (2009, p. 115-117) analisou os registros dos internos no Hospital de Caridade entre os anos de 1801 e 1810 e considera que apesar de não servir como dado para se comparar com total da população, por não conter registros dos não pobres, os prontuários do Hospital de Caridade revelam algumas informações sobre quem eram e como viviam os mais pobres na cidade.<sup>13</sup> Este mapeamento revela dados interessantes que podem nos fornecer informações acerca da comunidade do entorno do Hospital:

Os mais pobres eram mendigos, indigentes, pessoas degradadas, abandonadas que não tinham onde morar, que perambulavam pelo porto, pelas ruas, Igrejas e tavernas tentando arranjar a sobrevivência diária. Muitas dessas pessoas acabavam debilitadas ou doentes pela falta de alimentação, vícios, e, violências. Eram os mais expostos às doenças e epidemias e acabavam passando pelo Hospital para tentar alívio para suas feridas e doenças ou para não morrer na rua. Eram chamados de homens pobres, pobres degradados ou simplesmente degradados, Salvadores, Xavieres, Bernardos, muitos eram velhos vindos de outras províncias

---

<sup>12</sup> Sobre o assunto ver: OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira. *Os filhos da falha: assistência aos expostos e remodelação das condutas em Desterro (1828-1887)*. São Paulo, 1990. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo. O autor investigou as correlações entre as formas como foi problematizada a questão das crianças recém-nascidas expostas e o sistema assistencial a elas destinado e os investimentos na remodelação das condutas da população no espaço urbano de Desterro – atual cidade de Florianópolis – durante os anos de 1828 a 1887, período em que funcionou assistência aos expostos junto ao Hospital de Caridade.

<sup>13</sup> O autor faz uma extensa análise dos dados coletados na pesquisa dos prontuários e identifica que no através destes dados, como era composta a população pobre de Desterro no século XIX.

através do porto. Uma grande parte dos atendidos era de marítimos, Jerônimos, Franciscos, Jovêncios, gente de longe sem recurso, com chagas, escorbuto, com venéreas. Marinheiros velhos livres, libertos ou escravos que não serviam mais ao mar, eram então abandonados no porto, acabavam recolhidos ao Caridade. Outros entregues à bebida e as brigas eram levados estropiados, doentes, surrados, esfaqueados. (SANTOS, 2009, p. 117)

No entorno da Capela e do Hospital, formou-se um dos primeiros bairros de Florianópolis e um dos pontos, depois da matriz, por onde a cidade começou a edificar-se: o bairro da Toca. (VÁRZEA, 1984, p. 51)



Imagem 4 – Bairro da Toca. Sopé do Morro da Boa Vista, com o Hospital de Caridade. Vista do aterro da Praia do Menino Deus. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Por se tratar de uma região próxima ao mar, o bairro da Toca era habitado por pescadores e pessoas que viviam embarcando para alto-mar que moravam em pequenas casas, que apesar do reduzido espaço, abrigavam um grande número de indivíduos. O bairro foi caracterizado por Cabral como o “mais doentio” da cidade, pois nele se localizava o cemitério do Hospital de Caridade e se concentravam os maiores focos de epidemias. SANTOS (2009) considera que o bairro da Toca foi o primeiro lugar segregado de Desterro.

[...] Pelo isolamento do local ao Sul da Fonte Grande, amparada do vento ao sopé da Boa Vista, na saída da cidade para o Sul da Ilha, era um lugar de uma população específica: pescadores, que tinham na Toca o local ideal para viver à praia – a parte principal do restante do Porto era destinada às embarcações de grande porte e ao movimento que demandavam. Na Toca havia uma

concentração de pescadores num território determinado.  
(SANTOS, 2009, p. 82)

Os cronistas descrevem que a população desses bairros vivia dos trabalhos mais pesados, destinados aos escravos e aos pobres. Cada bairro abrigava uma determinada população pobre com seus ofícios específicos.

Durante o século XIX, os bairros Tronqueira, Figueira e Toca, eram vistos como “os bairros tenebrosos de Desterro”. Esta visão ocorria devido a esses bairros serem habitados em sua maioria por pessoas pobres<sup>14</sup>. Segundo Virgílio Várzea:

Eram os três bairros sujos, em que não se conhecia limpeza nem sossego, bairros palpitantes de vida, movimentados, agitados, com suas paixões e seus sofrimentos, com seus ciúmes e seus crimes, com as suas venditas, com as suas intrigas e ajustes de contas.  
(VÁRZEA, 1984, p. 33-34)

Como o Hospital foi criado inicialmente para atender as demandas mais carentes da cidade, isso aproximou a devoção à imagem e a participação na procissão das camadas mais populares, apesar do caráter elitista da Irmandade que o fundou. O tratamento dos enfermos, as súplicas de curas e os ex-votos demonstram que os muitos fiéis utilizam a procissão como um momento para cumprir promessas por graças alcançadas, o que contribui para a popularidade da procissão.

A relação de dependência entre a cidade e o hospital é intrínseca quando observamos que as suas etapas de construção ocorreram e relação ao crescimento populacional e suas práticas modificaram-se em relação as alterações na vida cotidiana da população. As manifestações religiosas que cercam o hospital marcam a sua história, seu lugar na cidade e sua relação com a devoção ao Senhor Jesus dos Passos.

### *Ladeira Menino Deus, Rua Bulcão Viana e Rua Tiradentes*

Após realização da missa na Capela Menino Deus, o cortejo é conduzido pela descida da Ladeira do Morro da Boa Vista e percorre as ruas Bulcão Viana e Tiradentes.

---

<sup>14</sup> Essa configuração urbana tem reflexos nos dias atuais, o Hospital de Caridade está incrustado entre algumas das principais comunidades que formam o Maciço do Morro da Cruz, um aglomerado urbano formado por 16 comunidades, que apesar de estar situado numa área central do atual núcleo urbano, a região é considerada periférica à cidade.



Imagem 5 – Ladeira Menino Deus, s/d. Acervo da Casa da Memória.

A Ladeira Menino Deus ainda preserva atualmente algumas construções do início do povoamento, com casas comerciais e residenciais. A Rua Bulcão Viana é margeada pelo Instituto Estadual de Educação e pelo Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina. A Rua Tiradentes, por sua vez, é uma rua comercial que concentra lojas de produtos variados, bares e restaurantes.

Esta região no início do povoamento formava o bairro da Tronqueira,

[...] para onde os pobres foram aos poucos se exilando, quando o comércio mais forte foi tomando de assalto as ruas do centro.(...) Marginando o rio da Fonte Grande, os cortiços habitados por gente ainda mais pobre, quase sempre nova na cidade, soldados, suas famílias, suas companheiras e filhos” (CABRAL, 1979, p. 195 e 196).

Nela estava situado o Largo 13 de Maio que ocupava toda a área que vai da Ladeira do Menino Deus à Ponte do Vinagre, o que equivale atualmente ao espaço entre duas das principais avenidas de cidade: a Av. Hercílio Luz e a Av. Mauro Ramos.

A partir de meados do século XIX, esta região foi alvo das ações políticas de saúde pública e controle policial. Em 1845 foi aprovado o Código de Posturas da cidade, que tinha por objetivo principal estimular mudanças no contexto social por meio da implantação de normas relativas à higiene e sanidade médicas dentre os sujeitos do espaço urbano, a partir de marcos jurídicos e legais a imporem controles e

punições pautados em visões da elite e das autoridades políticas (SANTOS, 2009, p. 84-95).

Os casos de epidemias e moléstias ocorridas na cidade, justificavam as medidas adotadas pelo Código, pois causavam alarde entre as autoridades que atentavam aos perigos de doenças contagiosas e à relação destas com a higiene e a saúde da população em geral. Assim, novos padrões para a sanidade urbana em relação aos dejetos, esgoto, lixo e circulação de água pautavam as preocupações políticas, por representarem potenciais perigos à propagação de doenças.

Neste contexto, foram realizadas obras de remodelação urbana da região e entre as medidas de maior impacto visual destaca-se o aterro da praia do Menino Deus e do Forte de Santa Bárbara, o saneamento do canal do Rio da Bulha e a urbanização da Avenida Hercílio Luz (VEIGA, 2008, p. 203).



Imagem 6 – Foto aérea do Aterro da Prainha (1938), com destaque para a edificação do Complexo do Hospital de Caridade. Acervo do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis.

No que tange o efeito destas construções na realização da procissão do Senhor Jesus dos Passos é possível inferir que as elas influenciaram em alguma medida o percurso do cortejo, tendo em vista o tempo de duração, dimensão das obras e as alterações no traçado urbano que elas representaram. As medidas adotadas pelo poder público, impactaram diretamente a população pobre que vivia na região do entorno da Capela Menino Deus e do Hospital de Caridade, que já que aos poucos, as áreas que eram essencialmente residenciais, transformaram-se em comerciais, afastando esta população da região.



### *Largo da Igreja Matriz*

O Largo da Igreja Matriz representa um marco simbólico para a cidade, pois foi a partir dele que Florianópolis se desenvolveu. Seguindo o modelo das demais cidades coloniais de origem portuguesa, onde a praça central desempenha um papel de destaque, foram edificadas neste local a Igreja Matriz e as construções que representam o Estado: o palácio do governo, a Câmara municipal e a cadeia pública. “Ali, num primeiro momento, destacaram-se os edifícios de cunho oficial e religioso, de arquitetura imponente e mais elaborada, denunciando sua maior importância no contexto da época” (VEIGA, 2008, p. 156).

No percurso da Procissão do Senhor Jesus dos Passos, além da Igreja Matriz, outra construção situada neste espaço ganhou destaque nos primeiros anos do cortejo: a Casa de Câmara e Cadeia.

[...] diversos historiadores e cronistas referem-se, com nostalgia, à passagem da Imagem em frente à Casa de Câmara e Cadeia, na entrada do cortejo na praça principal da cidade. Construída a partir de 1771 e inaugurada em 1780, a construção abrigava detentos que, através das grades, acendiam longos pavios nos fogos da procissão e fitavam a Imagem que interrompia brevemente seu avanço para contemplar-lhes. (IPHAN, 2015, p. 06)

Segundo Cabral, esta parada foi suprimida, pois a edificação deixou de abrigar os presos a partir de 1890, quando foram transferidos para outro local, afastado do centro da cidade. Em 1979, ao descrever esta passagem, o historiador lembra com certa nostalgia a época em que a procissão percorria esta região e recomenda que a parada em frente a Cadeia não deveria ser esquecida, ainda que a edificação tenha mudado de função ao longo dos anos.

Hoje [1979], já não há mais ali a Cadeia, já não se ouvem partidas do seu interior as preces dos desgraçados que a habitavam... Mas, a tradição daquela parada deveria ser conservada, o Senhor deveria ainda voltar-se para aquelas janelas que perderam as grades, as luzes e as lágrimas – em memória de quantos ali sofreram nestes séculos todos e para os quais Ele, e só Ele, era a única esperança – de perdão, de justiça, de misericórdia. A sua Imagem poderia, ainda que por breves instantes, parar, voltar-se para o velho edifício, que é o mesmo daqueles dias, como se estivesse ainda a ouvir as vozes, os lamentos dos seus filhos infelizes daquelas eras.

O Largo da Igreja Matriz é um espaço muito importante na realização da procissão, pois é um local aberto onde se realizam os sermões e onde se os fiéis se aglomeram para ver a encenação do encontro das imagens do Senhor Jesus dos

Passos e Nossa Senhora das Dores. Durante os dias da procissão, o espaço é ocupado pelos devotos e pela estrutura montada para a realização da celebração, alterando a rotina do local e criando neste espaço um ambiente sacralizado.

### *Ruas Tenente Silveira, Deodoro e Conselheiro Mafra*

Ao sair da Catedral Metropolitana, no cortejo de domingo, a imagem do Senhor Jesus dos Passos é conduzida por três ruas que atualmente compõem o centro comercial da cidade: Rua Tenente Silveira, Rua Deodoro e Rua Conselheiro Mafra.

A Rua Conselheiro Mafra é herdeira de uma cultura marítima oriunda do período portuário de Florianópolis, por onde circulavam grupos da população que praticavam atividades desenvolvidas na região do porto, que ao ser desativado alterou a rotina de parte desses grupos marginais que sobreviviam dos trabalhos informais nas imediações do cais. Era um lugar que abrigava práticas e hábitos insalubres e não condizentes com a vocação de uma cidade que pretendia ser desenvolvida como as grandes capitais brasileiras. Na altura da Rua Conselheiro Mafra ocorreu uma das alterações urbanas que interferiram no trajeto da procissão: a construção do aterro da Baía Sul. Esta obra configurou uma nova espacialidade para o centro da capital catarinense e, segundo o historiador Paulo César dos Santos “esta intervenção urbano-arquitetônica da década de (19)70 implicou numa grande inversão semântica e intensa mudança nos usos e funções da orla marítima costeira ao centro histórico da cidade.” (SANTOS, 1997, p. 15 e 16)

O Aterro da Baía Sul trouxe mudanças profundas para a região central de Florianópolis. Trata-se de um aterro hidráulico com 600.000 m<sup>2</sup> de extensão que avançou sobre o mar e criou algo exterior à cidade. Antes da construção da Ponte Hercílio Luz, o centro urbano tinha seu traçado voltado para o mar e somente por ele é que se entrava e saía do povoado.

Florianópolis, até o início dos anos 70, tinha o mar junto ao centro histórico. O mar, seu ritmo, seu cheiro, seu “temperamento”, as práticas, usos e técnicas por ele demandados, implicam na maneira das pessoas relacionarem-se com este meio. [...] O Aterro não só afastou o centro histórico do mar, mas fundamentalmente, anulou a maritimidade desta parte da ilha. (SANTOS, 1997, p. 25)



Imagem 6 – Imagem aérea do Aterro da Baía Sul (1977), com destaque para a edificação do Complexo do Hospital de Caridade. Acervo do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis.

Com o afastamento desta região do mar, a procissão do Senhor dos Passos também perdeu seu contato com este elemento natural. Existem relatos que apresentam informações sobre a presença de pequenas embarcações que acompanhavam a procissão quando ela atingia este ponto.

Ao chegar à Rua Altino Correa (antiga do Príncipe) [...] – o espetáculo é extraordinário e único talvez no Brasil.

Uma multidão de embarcações miúdas, como canoas de remo-de-pá e de voga, batelões, botes e lanchas, vindas de todos os sítios marítimos do continente e da Ilha, coalham a baía, entre a linha do litoral e o cordão afastado dos grandes navios, que põem ao longe no horizonte, com a cordoalha alterosa, como um estranho tecido de renda sobre os cascos quase unidos, no ancoradouro sereno todo espelhado em anil. Dessas embarcações pequeninas, mudadas em lar ao momento, pois transbordam de famílias, fisionomias de todas as idades, desde a criança de colo até ao ancião secular, umas pálidas de doenças, outras rubras de saúde – debruçam-se ansiosamente da borda, acompanhamento sofregamente com os olhos a Imagem adorada. E à proporção que o préstito avança, sempre diante do mar, elas vogam para vante, seguindo-o na sua imensa flotilha. (VÁRZEA, 1984, p. 77-80)

Não foram localizados outros registros sobre esta prática, porém em alguns depoimentos de pessoas entrevistados durante a pesquisa, o contato com o mar é citado como uma lembrança da procissão. Eles relembram que em dias de vento sul o mar lançava suas ondas sobre os fiéis. Essas características da procissão se perderam em virtude da construção do referido aterro.

### *A sacralização do espaço urbano*

A Procissão do Senhor Jesus dos Passos é uma tradição secular entre os catarinenses e estende sua influência para outros estados além de Santa Catarina e, apesar da existência da mesma procissão em outros municípios vizinhos ou nas proximidades<sup>15</sup>, a procissão de Florianópolis é a que possui maior número de participantes, configurando-se como a maior manifestação religiosa do Estado de Santa Catarina.

A análise de seus elementos constituintes (andores, esculturas, alfaias e elementos decorativos), dos seus participantes (clero, organizações religiosas, entre as quais irmandades, autoridades civis, militares e devotos) e dos seus percursos, nos permite compreender e analisar aspectos simbólico-artísticos, urbanísticos, religiosos e socioeconômicos marcantes na história local.

Diferentemente das celebrações litúrgicas resguardadas nos interiores das igrejas, a procissão ocorre em espaço aberto, conduzindo as imagens sagradas de um templo a outro, em cortejo solene. A Irmandade do Senhor dos Passos de Florianópolis preocupou-se no decorrer deste um quarto de século em representar a *via crucis*, convertendo as ruas do centro da capital em cenários deste episódio. Para transmitir aos penitentes e envolve-los nesta representação é montado de forma efêmera os passos da paixão de Cristo, para o qual é mobilizado um aparato cênico com velas, castiçais, atores, cantores, decoração e sonoridades. O silêncio, a contrição, as rezas, o luto por Nosso Senhor transforma a fisionomia do centro da capital catarinense.

No momento em que acontece, o trajeto da procissão reveste o espaço de um sentido sagrado. Deslocando-se pelo espaço aberto, o séquito que acompanha o pódio com a imagem do Senhor Jesus do Passos, realiza um percurso revestido de sentidos, conduzindo seres simbolicamente sagrados através de espaços profanos. Nesse sentido, a celebração não se destina somente aos devotos, mas também aos membros da coletividade.

Por se tratar de uma manifestação pública, não são apenas os católicos os envolvidos pela procissão. Mesmo aqueles que não participam diretamente do ato

---

<sup>15</sup> A região metropolitana de Florianópolis, popularmente conhecida como "Grande Florianópolis" é constituída principalmente pelos municípios de São José, Biguaçu, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, Antônio Carlos, São Pedro de Alcântara e Paulo Lopes e conta com aproximadamente um milhão de habitantes atualmente. A Procissão do Senhor dos Passos é realizada também em São José.

são afetados por ela, na medida em que a região central da cidade se mobiliza para a realização da celebração. As ruas e alguns prédios públicos são decorados com as cores da procissão, o trânsito na região central é modificado, o comércio fecha e a população acompanha a passagem dos devotos que tomam conta das ruas, praças e avenidas, fazendo com que aqueles que circulam por esta região nos dias da procissão tenham algum contato com os elementos que constituem o rito.

A procissão do Senhor Jesus dos Passos apresenta práticas coletivas da Igreja Católica e da sociedade local, revela vivências religiosas e festivas da comunidade que nela se espelha e ilustra sua devoção. O ato de celebrar uma devoção religiosa remete ao patrimônio vivo, que é constantemente atualizado, mas mantém em sua essência a tradição.

## Referências

### Documentos

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Superintendência de Santa Catarina. *Procissão do Senhor dos Passos de Florianópolis – dossiê de registro [1ª. versão]*. Florianópolis, 2015. Arquivo do Iphan-SC, Florianópolis.

### Referências bibliográficas

ARRAIS, Raimundo. Matriz, Freguesias e Procissões: o Sagrado e o Profano nos delineamentos do Espaço Público do Recife do Século XIX. In: *Revista Projeto História*. n. 24, São Paulo: EDUSC, 2002, p.167-188.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

COMERLATO, Fabiana. Hospital de caridade: parte da história de Santa Catarina. *Biblos: revista do departamento de biblioteconomia e história*, Rio Grande, RS, v. 15, p. 69-85, 2003.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FERREIRA, Lorene Dutra Moreira. *Festas religiosas: uma manifestação cultural de Mariana*. Ouro Preto: ETFOP, 2009.

FONTES, Henrique da Silva. *A Irmandade do Senhor dos Passos e o seu hospital e aqueles que os fundaram*. Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 1965.

NASCIMENTO, Mara Regina do. *A Irmandade do Senhor dos Passos e a Santa Casa de Misericórdia: história, caridade e experiências de urbanidade em Porto Alegre/RS. Século XVIII-XIX*. In: *Paralelus*. Recife, v. 5, n. 9, p.93-118, jan/jul 2014.

NUNES, Lélia Pereira da Silva. *Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, um estudo em Santa Catarina*. In: Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 13. Anais. Curitiba: SBPH, 1994.

OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira. *Os filhos da falha: assistência aos expostos e remodelação das condutas em Desterro (1828-1887)*. São Paulo, 1990. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo

PEREIRA, Nereu do Vale. *Desenvolvimento e modernização: um estudo de modernização em Florianópolis*. Florianópolis: Lunardelli, s/d. p. 58-65.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995.

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira. Construção de Capelas pela Irmandade do Senhor dos Passos – uma via crucis no espaço urbano. *Revista Polígrafia*. 1992. p. 62-85

SANTOS, André Luiz. *Do mar ao morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis*. Florianópolis, 639 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2009.

SANTOS, Paulo César dos. *Espaço e memória: o aterro da Baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis*. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em História UFSC, 1997. (dissertação de mestrado)

VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina – a Ilha*. Florianópolis: IOESC, 1984. [Edição original: 1900]

VAZ, Nelson Popini. *O centro histórico de Florianópolis: espaço público do ritual*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1991. 108 p.

VEIGA, Eliane Veras da. *Florianópolis – memória urbana*. 2. ed. rev. e ampl. Florianópolis: Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, 2008.

## ACERVOS

Casa da Memória

Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis

Irmandade do Senhor Jesus dos Passos

## JORNAIS

SEIXAS NETTO, Amaro de. “A procissão de Passos”. *Jornal O Estado*. 26 de maio de 1971.

## Apêndice 4

### ***Memórias e vivências – Pesquisa de Fontes Orais***

Tati Lourenço da Costa

A devoção religiosa que se materializa numa procissão pode ser compreendida como uma “arte do aqui-agora”, que catalisa esforços humanos que se potencializam e se dissolvem no transcorrer do tempo de sua própria performance. O evento então se compõe da reunião de memórias individuais, mantendo-se como experiência coletiva pelo vínculo afetivo criado, preservado e recriado ao longo dos anos. A construção e a transmissão das narrativas para outras gerações dependem de ouvintes que as registrem – na memória, no som, no vídeo – e que as compartilhem, recontem, refaçam, que as recriem a seu modo.

A realização de entrevistas proporciona encontros em que, com o tempo apropriado para sua audição, as narrativas orais podem ser expressas. A autora Maria Cecília Londres Fonseca, destaca a importância dos registros para o patrimônio imaterial, visto que na maioria das vezes se tratam destas “artes do aqui-agora”, a exemplo dos repentistas, que ela menciona. Segundo a autora, nas manifestações do patrimônio imaterial, como é o caso da Procissão do Senhor dos Passos de Florianópolis,

(...) o que se pode preservar são registros (escritos, sonoros, visuais, etc) dessas formas de expressão e informações sobre o contexto em que ocorrem, assim como os sentidos que têm para os diferentes produtores e destinatários, o que tem um interesse evidente para a sociedade (FONSECA, 2003, p. 71).

Neste “encontro das diferenças” que toda entrevista representa, como destacou o cineasta documentarista brasileiro Eduardo Coutinho (2003, 216) - haja vista as possíveis disparidades sociais e culturais entre entrevistados, pesquisadores e equipe de filmagem – promove-se uma função colaborativa de destaque que se aproxima com o que Fonseca propõe: “(...) os sujeitos dos diferentes contextos culturais têm um papel não apenas de informantes como também de intérpretes de seu patrimônio cultural” (FONSECA, 2006, p. 89)

A coleta e registro de depoimentos orais foi um dos instrumentos para a compreensão do rito da Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis, bem

como dos sentidos e sentimentos que diferentes grupos sociais expressam acerca desta manifestação cultural religiosa.

Para embasar a elaboração do dossiê de registro da Procissão do Senhor dos Passos de Florianópolis junto ao Iphan, entre os anos de 2008 e 2018 foram realizadas ao todo quarenta e uma entrevistas, com trinta e seis depoentes, registradas em áudio e vídeo, conduzidas por quatro grupos diferentes de entrevistadores e equipes de filmagem. Para uma visualização do quadro geral de entrevistas, segue abaixo tabela com informações.

**Tabela 1 - Quadro geral de entrevistas realizadas para elaboração do Dossiê**

<i>Entrevistada (o)</i>	<i>Envolvimento com a devoção</i>	<i>Gravação</i>	<i>Duração</i>	<i>Ano</i>
Aloísio Acácio Piazza	Membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, foi também provedor.	Áudio	66 min.	2008
Aparecida Mariano Vieira	Devota do Senhor Jesus dos Passos.	Vídeo	4 min.	2014
Bernardina da Silva Martins e Maria Bernadete Martins Correa	Devotas do Senhor Jesus dos Passos (mãe e filha). Residentes no distrito do Ribeirão da Ilha, Florianópolis-SC.	Vídeo	43 min.	2018
Carlos Roberto Santos	Mordomo do culto da procissão.	Áudio	111 min.	2008
Carmen Wendhausen Fraga	Devota do Senhor Jesus dos Passos.	Vídeo	5 min.	2014
Claudete Reis Machado (Mãe Déti)	Mãe de Santo responsável pelo Centro de Umbanda Maria de Mina – Morro do Mocotó, Florianópolis-SC.	Vídeo	81 min.	2018
Eli Faustino da Silva	Interpretou por 39 anos o canto da Verônica.	Vídeo	70 min.	2018
Gelci José Coelho - “Peninha”	Historiador.	Vídeo	40 min.	2014
Gertrudes Marchese	Funcionária da Capela Menino Deus.	Vídeo	22 min.	2014
Gertrudes Marchese	Funcionária da Capela Menino Deus.	Áudio	53 min.	2008
Hamilton Roveri do Valle Pereira	Devoto do Senhor Jesus dos Passos. Trabalha na organização da procissão. Músico (organista).	Vídeo	8 min.	2014
Hermes Roberto Guedes da Fonseca	Devoto do Senhor Jesus dos Passos. Reside na Rua Menino Deus.	Vídeo	20 min.	2014
João Deodoro da Conceição	Funcionário aposentado do Imperial Hospital de Caridade	Vídeo	40 min.	2014
Joi Guedes da Fonseca Sobrinho	Devoto do Senhor Jesus dos Passos. Reside na Rua Menino Deus	Vídeo	35 min.	2014



José Carlos Pacheco	Provedor da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos	Áudio	46 min.	2012
Valter Brasil Konell	Membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, também foi provedor	Áudio	54 min.	2008
Luiz Mário Machado	Provedor em exercício da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos em 2014	Vídeo	27 min.	2014
Marcos Rogério de Souza	Membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos	Vídeo	4 min.	2014
Maria de Lourdes Correa de Oliveira Gonçalves	Devota do Senhor Jesus dos Passos	Vídeo	12 min.	2014
Maria Paulina de Amorim da Silva	Funcionária da Capela Menino Deus	Vídeo	33 min.	2014
Maria Teresa Santos Cunha	Historiadora. Frequentadora da procissão desde 1965	Vídeo	119 min.	2018
Maurino Aristides da Silva “Seu Branco”	Funcionário do Imperial Hospital de Caridade. Narra o processo de confecção das velas artesanais utilizadas na procissão	Vídeo	29 min.	2014
Maurino Aristides da Silva “Seu Branco”	Funcionário do Imperial Hospital de Caridade	Áudio	40 min.	2008
Nélio Schmidt	Presidente e músico da Banda Amor à Arte	Vídeo	50 min.	2018
Nereu do Vale Pereira	Sociólogo e membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos	Vídeo	36 min.	2014
Nereu do Vale Pereira	Sociólogo e membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos	Áudio	79 min.	2008
Nerilda Mafra Maia	Devota do Senhor Jesus dos Passos. Residente de um dos prédios no trajeto da procissão, onde confeccionam os tapetes, processo do qual ela participava na ocasião da entrevista.	Vídeo	23 min.	2014
Padre Pedro José Koehler	Padre da Capela Menino Deus	Vídeo	43 min.	2014
Padre Pedro José Koehler	Padre da Capela Menino Deus	Áudio	92 min.	2008
Raquel Mara Martins Weiss	Membro da Irmandade Senhor Jesus dos Passos	Vídeo	4 min.	2014
Regina Helena Meirelles Santiago	Historiadora técnica do Iphan-SC	Vídeo	33 min.	2014
Rita Peruchi	Mordoma do culto, foi coordenadora da procissão até 2013	Áudio	81 min.	2008
Rogério João Laureano	Membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos	Vídeo	33 min.	2014
Rogério João Laureano	Membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos	Áudio	75 min.	2008
Rogério Márcio Wendhausen Fraga	Devoto do Senhor Jesus dos Passos	Vídeo	4 min.	2014

Shirlei Maria Carvalho Geraldo	Devota do Senhor Jesus dos Passos	Vídeo	3 min.	2014
Silvia Ana Rodrigues	Devota do Senhor Jesus dos Passos. Residente em Biguaçu-SC (Região da Grande Florianópolis)	Vídeo	28 min.	2018
Terezinha Gonçalves Garcia	Funcionária da Capela Menino Deus	Vídeo	16 min.	2014
Valdir Cristóvão de Oliveira	Coordenador da procissão, membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos	Vídeo	40 min.	2014
Vitoria Soares da Silva	Devota do Senhor Jesus dos Passos	Vídeo	1 min.	2014

Conforme se observa na tabela acima, os personagens entrevistados pertencem a grupos sociais bastante distintos, encontrando-se dentre eles devotos e devotas e pessoas que de alguma forma se relacionam com a procissão. O perfil de entrevistados contemplou donas de casa, rendeiras, funcionários públicos, pesquisadores e professores universitários, músicos e a cantora que interpreta a Verônica. A classe geracional predominante foi a de adultos, concentrou-se na faixa etária de pessoas com idade acima dos quarenta anos. Nota-se diversidade quanto aos níveis de escolarização e renda.

Para esta pesquisa com fontes orais foram consideradas seis entrevistas gravadas em 2018 junto a sete depoentes na pesquisa complementar realizada entre 2017 e 2018. Foram trabalhados, ainda, os arquivos digitais de vídeo e áudio fornecidos pela Superintendência do Iphan em Santa Catarina, referentes a trinta e quatro entrevistas realizadas em 2008, 2012 e 2014 junto a vinte e nove depoentes por três equipes diferentes de pesquisadores.

O universo dos entrevistados foi definido a partir do contato direto da equipe do Iphan com a Irmandade e com as atividades da procissão entre 2012 e 2014. Nestes materiais de arquivo, verifica-se que o perfil dos entrevistados é composto por onze devotos que participam das celebrações, dez membros da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e cinco funcionários da Capela Menino Deus e do Hospital de Caridade que desempenham funções de organização da procissão, o padre responsável pela Capela, dois moradores da Rua Menino Deus (rua onde está localizado o Hospital de Caridade) e por três pesquisadores de referência para as questões que se relacionam com a devoção ao Senhor Jesus dos Passos em Florianópolis.

Para a ampliação da pesquisa em 2017-2018, buscou-se sete entrevistados que não estivessem diretamente ligados às atividades da Irmandade ou ao Hospital de

Caridade com o objetivo de ampliar a compreensão sobre a importância da procissão para outros grupos sociais que não aqueles ligados diretamente à organização da mesma.

Como orientação de composição do quadro de entrevistados procurou-se pessoas que vivessem fora do centro de Florianópolis-SC, de modo a observar como moradores da cidade, para além daqueles que residem na região onde acontece a procissão, se relacionam com a celebração. A fim de abarcar as percepções e as relações que se estabelecem entre as pessoas e a cidade, foram entrevistadas duas devotas, Bernardina da Silva Martins e Maria Bernadete Martins Correa, que moram no Distrito do Ribeirão da Ilha, sudoeste de Florianópolis, e Sílvia Ana Rodrigues, devota residente em Biguaçu, região metropolitana de Florianópolis.

Outras duas entrevistas foram realizadas intencionando abranger o universo musical relacionado à procissão: com Eli Faustino da Silva, que cantou e interpretou o papel de Verônica na Procissão do Senhor dos Passos de Florianópolis entre 1950 e 1989, e outra com Nélio Schmidt, presidente da Banda Amor à Arte, grupo musical atuante desde o século XIX e que acompanha a procissão anualmente.

A fim de perceber relações que se estabelecem entre o rito católico e outras práticas religiosas, a quinta entrevista foi realizada com Claudete Reis Machado, umbandista e mãe de santo, que além de ser também uma devota, se relaciona com a celebração ao Senhor dos Passos através da utilização da água proveniente da lavagem da imagem em ritos sagrados. A sexta entrevista foi realizada com Maria Teresa Santos Cunha, historiadora que participa da procissão desde 1965.

De modo geral, as perguntas realizadas durante as entrevistas gravadas entre 2008 e 2014 estiveram focadas na relação objetiva e subjetiva do indivíduo com a Procissão do Senhor dos Passos de Florianópolis, desde a narração de memórias e saberes acerca do rito, como também as motivações e sentimentos envolvidos. Detalhes sobre a trajetória de vida (biografia familiar, nascimento, infância, juventude, casamento, profissão), foram deixados em segundo plano. A duração das entrevistas foi diversa, contando com entrevistas de profundidade, com mais de uma hora de duração, até entrevistas rápidas de poucos minutos, realizadas junto a devotos e fiéis durante os dias das celebrações do Senhor Jesus dos Passos.

Conforme pode ser observado nos registros de áudio e vídeo disponibilizados, as entrevistas realizadas entre 2008 e 2014 seguiram questões que versaram sobre:

- Como se estrutura a organização e coordenação da procissão, desde sua preparação até a realização;
- Mudanças ocorridas ao longo do tempo - neste caso cabe considerar que os depoimentos abrangem um período relativamente curto, relativo ao tempo presente, diante do longo período histórico de ocorrência da procissão;
- As experiências vivenciadas na procissão, de acordo com a forma de participação nela, tal como o apoio na organização ou as práticas de fé;
- Trajetória de participação na procissão ao longo dos tempos;
- Como se estrutura a Irmandade do Senhor Jesus dos Passos;
- A relação do percurso com a estrutura urbana da cidade;
- Os desafios para o futuro da procissão e a continuidade pelas novas gerações;
- Relatos sobre pagadores de promessas e graças alcançadas;
- Relatos sobre a utilização da água dos Passos;
- História familiar com relação à procissão;
- A relação das pessoas que vivem no centro da cidade com a passagem da procissão, as Bandas e a feitura de tapetes;
- Descrição da estruturação simbólica que a procissão representa;
- As práticas dos funcionários da Capela Menino Deus para preparação das imagens para a procissão, confecção de velas artesanais e toque dos sinos.

As entrevistas concedidas por membros da Irmandade organizadores da procissão demonstram mais o aspecto estrutural do rito religioso, enquanto que aquelas feitas com funcionários da capela trazem olhares mais específicos sobre seu funcionamento. Por outro lado, as narrativas dos devotos expressam nuances mais ligadas ao sentimento, à fé, revelando as motivações e as particularidades devocionais de cada indivíduo.

A entrevista é uma relação dialógica (PORTELLI, 2001, 10), portanto a presença, o comportamento, as falas dos entrevistadores (e mesmo da equipe de filmagem) atuaram na construção da narrativa pelos entrevistados e entrevistadas. Neste sentido, o roteiro das questões realizadas junto aos personagens pautou de sobremaneira os resultados.

Para a realização das seis novas entrevistas para a pesquisa, em 2018, buscou-se aprofundar também os sentidos que as práticas de fé adquirem, o circuito cultural da prática devocional, bem como as diversas experiências e vivências associadas ao

rito pelas pessoas nas diferentes formas com que se relacionam com ele. Com este intuito orientaram as reflexões sobre as entrevistas as seguintes questões:

- Como está sendo representada a procissão do Senhor dos Passos de Florianópolis;
- O que significa falar sobre a procissão do Senhor dos Passos de Florianópolis;
- Discurso oficial e os trechos que escapam a essa oficialidade;
- Limites dessa fonte na pesquisa;
- Quais os grupos que se articulam dentre os registrados;
- A importância da memória, dos relatos de vivências para dar suporte ao patrimônio imaterial.

O roteiro das entrevistas de 2018 foi definido conforme o envolvimento do personagem com o rito, acolhendo sugestões da equipe de pesquisadores envolvidos na pesquisa complementar para o dossiê de registro da Procissão do Senhor Jesus dos Passos de Florianópolis junto ao Iphan. Algumas questões gerais foram comuns a todos os entrevistados e entrevistadas, outras foram direcionadas especificamente a determinados entrevistados de acordo com a característica de participação na procissão, conforme segue abaixo:

**Questões gerais:**

- Como foi sua primeira experiência na Procissão do Senhor dos Passos?
- O que é lembrado de maneira mais forte?
- Já fez alguma promessa?
- Pode contar alguma história sobre milagres?
- Frequenta a procissão hoje em dia?
- Quais atividades?
- Que mudanças na procissão observas desde que a frequenta?
- Como se deslocava de seu lugar de moradia até o centro? Isso se alterou ao longo do tempo? (No caso de a pessoa residir no centro: Que modificações acontecem no cotidiano nos dias da procissão?)
- Chegava a ficar na casa de alguém durante a procissão?
- Observa mudanças na cidade ao longo do trajeto da procissão?
- Tem lembrança se a construção do aterro interferiu na procissão?
- Que tipos de músicas são executadas na procissão?
- E o som dos sinos, como o percebe?

- Como é o canto da Verônica? Onde acontece?
- Conhece alguém que canta como Verônica?
- O que representa o Senhor dos Passos? E o sofrimento de Jesus?
- Por que a cor púrpura?
- Que ponto da procissão é mais importante para você?
- Faz uso da água distribuída depois da lavagem da imagem?
- Tem conhecimento sobre os ex-votos que as pessoas levam em agradecimento? Sabe de alguém que já tenha feito ou que faça? Algum artesão?
- Como você se prepara para a procissão?
- O que significa “fé”?
- As roupas para se vestir de santo, teve uma época que as próprias pessoas faziam? Ou sempre foram trajes alugados?
- E a alimentação nos dias da procissão?
- Quais são os cheiros da procissão? Usam incenso ou algum defumador?

**Questões direcionadas especificamente a Claudete Reis Machado, Mãe Déti, Mãe de Santo:**

- Considera que existe uma integração religiosa com a procissão?
- Utiliza a água do Senhor dos Passos para algum ritual? Vai buscar pessoalmente a água ou alguém traz? Pode descrever como é usada?

**Questões direcionadas especificamente a Eli Faustino da Silva, que interpretou Verônica na procissão dos Passos de Florianópolis-SC entre 1950 e 1989:**

- Qual o papel da Verônica?
- Conhece a história desta figura?
- Onde costumava cantar a Verônica?
- Como é o canto e o que significa?
- Como aprendeu? De onde vem sua história de representar a Verônica?
- Lembra-se da primeira vez que cantou, como foi?
- Além da procissão dos Passos, canta como Verônica em outras ocasiões? Quais as diferenças entre cantar na procissão e em outras ocasiões?

**Questões direcionadas especificamente a Nélio Schmidt, músico e regente da Banda Amor à Arte, que atua na Procissão do Senhor dos Passos de Florianópolis:**

- Como se dá a escolha do repertório?
- Houve diferenças nesse modo de seleção do repertório ao longo do tempo, quais?
- Como se organiza a Banda Amor à Arte e outras bandas no trajeto da procissão?
- Lembra-se a primeira vez que tocou na Procissão dos Passos?
- Há alguma história pessoal relacionada ao Senhor dos Passos?

Dentre os aspectos relativos às memórias e vivências provenientes dos depoimentos, destaca-se a presença de relatos descrevendo graças recebidas, especialmente no tocante à saúde. A imagem do Senhor Jesus dos Passos integra a capela do Hospital de Caridade. Senhor Jesus dos Passos está associado a milagres, superações, principalmente no que diz respeito a curas, bom parto, o que também se relaciona com a tradição das Irmandades em oferecer apoio aos enfermos.

Maurino Aristides da Silva, funcionário do Hospital de Caridade narra o caso de sua filha acidentada, ele considera que Jesus dos Passos devolveu a ela a possibilidade de caminhar. Outro relato de cura é aquele mencionado por Gertrudes Marchese, funcionária da Capela Menino Deus, que narra emocionada a história de sua filha, grávida e internada com hepatite:

No dia da procissão eu pedi pra ele com tanta fé e tinha um buquê de rosas na frente, e não sei, aquilo me passou na cabeça, pegar três rosas, ferver e fazer o chá e levar para ela. E eu fiz isso, no sábado, peguei as três rosas, fervi, e no domingo eu levei pra ela. Quando eu entreguei, o Frei Tito, que já partiu, que ele pegou o copo, entregou pra ela, uma voz no meu ouvido disse assim: amanhã às dez horas ela vai sair do hospital. E no outro dia, ela não tinha mais hepatite, não tinha mais nada e está ali com saúde até hoje. Então são várias curas... [*Em seguida, se emociona e chora*]. (Entrevista, Gertrudes Marchese, 2014).

Há também os dois casos citados por Maria Paulina de Amorim da Silva, um sobre sua filha nascida com problemas na vista e curada após uma prece ao Senhor Jesus dos Passos, outro sobre a sobrinha com paralisia, cuja irmã fez promessa de acompanhar e ajudar na Procissão do Senhor dos Passos em busca da cura.

Maria Bernadete Martins Correa narrou sobre a cura de seu filho quando tinha um ano e meio de idade. Para pagar a promessa que fez ao Senhor Jesus dos Passos, confeccionou a roupa para ele, seu pai fez a cruz e a coroa de cipó. Este conjunto ela guarda até hoje e empresta aos parentes e conhecidos quando objetivam pagar uma promessa vestindo suas crianças. Relatos sobre graças de nascimentos estão presentes também dentre outras entrevistadas, como Raquel Mara Martins Weiss e Aparecida Mariano Vieira.

Conforme a tradição cristã, o próprio Jesus sofreu sacrifícios em seu corpo – as chagas. É uma imagem “machucada”. Aí estaria uma representação da cor púrpura, como a coloração das chagas de Jesus, de acordo com o relato que abre o vídeo sobre a Procissão do Senhor dos Passos em Oeiras, Piauí.<sup>1</sup> Também o manto que teria sido colocado sobre Jesus após sua condenação tinha a cor púrpura. Dentre os entrevistados, a representação da cor púrpura aparece associada ao sofrimento de Jesus. Padre Pedro José Koehler, capelão da Capela Menino Deus, discorre sobre a cor púrpura relacionada à dor, sofrimento, penitência e sacrifício, voltada à interiorização. O historiador Gelci José Coelho menciona a prática de contrição durante a quaresma em relação com a cor púrpura:

Porque na quaresma tem aquela coisa toda, mística, misteriosa que eles vedavam todos os altares com tecido roxo, as imagens ficavam todas cobertas durante toda a quaresma, só voltariam a ser descobertas na Páscoa. Isso era tradição até nos oratórios domésticos, as pessoas tinham esse hábito, durante toda a quaresma os santos ficavam velados ficavam sob, atrás desse tecido, ficavam cobertas com esse tecido sempre roxo, que é a cor da quaresma, é a cor do Senhor dos Passos. (Entrevista, Gelci José Coelho, 2014)

Maria Bernadete Martins Correa também expressa sua relação sagrada em respeito ao período da quaresma, observando: “É tão incrível, porque quando chega a época da quaresma, Senhor dos Passos, pode ver: os espinhos, pé de espinhos, tudo dão flores, porque Jesus foi crucificado com espinhos.” (Entrevista, Maria Bernadete Martins Correa, 2018).

Vale destacar o depoimento da mãe de santo Mãe Déti, Claudete Reis Machado, que indica a presença do sincretismo na religiosidade popular vinculada à Procissão do Senhor dos Passos de Florianópolis. Mãe Déti nasceu e se criou no

---

<sup>1</sup> *Passos de Oeiras*. Direção: Douglas Machado. Roteiro: Aurea Pinheiro. Oeiras/PI: Trinca Filmes, 2008. Duração: 25:54 minutos. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/videos/detalhes/65/passos-de-oeiras>>. Acesso em: 26 jan. 2018.



Morro do Mocotó, em Florianópolis-SC. Foi criada pela madrinha, na religião católica e por volta de 32 anos de idade adoeceu, buscando a religião da umbanda, que integra até hoje sendo a responsável pela direção do Centro de Umbanda Maria de Mina, aos 70 anos de idade. Ela utiliza a água proveniente do ritual de lavar a imagem do Senhor Jesus dos Passos para uso na umbanda. A respeito da devoção, ela expressa:

Então às vezes eles riem porque eu digo: eu sou meio barro, meio tijolo. Porque a gente é na umbanda mas também acredita na religião católica. Porque o problema é o seguinte: o Deus é um só, se o Deus da católica fosse um, da umbanda outro, do evangélico outro, mas ele é onipotente, ele é um só, então não faz mal. Eu acho que a partir do momento que eu estou nessas duas religiões, porque para mim uma é religião, mas pro católico uma não é, é folclore. A gente praticando o bem, fazendo a caridade, ajudando sempre os nossos irmãos que estão ao nosso redor, eu acho que não tem nada ruim, estamos no caminho certo. Porque eu, pelo menos, daqui eu não espero nada. Eu espero a minha recompensa de tudo que eu faço aqui é com ele, porque ele é que vai me julgar, ele é que vai me dar a minha nota, a minha recompensa, porque aqui a gente só leva o pau, a gente só tropeça, então o que eu fizer é feito.

(Entrevista, Claudete Reis Machado, 2018)

Em sua fala, Claudete Reis Machado simplifica e desfaz eventuais contradições acerca do sincretismo religioso. As religiões se institucionalizam socialmente como fenômeno coletivo, mas a religiosidade é construída, vivida, sentida e apropriada individualmente. Claudete menciona a participação na procissão desde a infância:

Quando criança, eu não perdia uma procissão. Eu podia estar com meu sapato furado, mas eu ia descalça fazendo que estava pagando promessa... Porque nós, por qualquer coisa a gente pagava promessa. E pagar promessa para o Senhor dos Passos é descalço ou vestida de Senhor dos Passos.

(Entrevista, Claudete Reis Machado, 2018)

Mãe Déti narra também sobre a utilização ritual da água do Senhor dos Passos, combinada com águas coletadas em outras fontes para constituir o amacis, utilizado para lavar as guias e cabeças dos filhos de santo na semana santa. O amacis é preparado sempre na quinta-feira santa e as guias são colocadas no amacis na sexta-feira santa, permanecendo ali até o sábado de aleluia. O amacis produzido na semana santa é guardado e utilizado ao longo de todo o ano para lavar as guias, em batizados e obrigações dos médiuns.

Pra fazer amacis a gente usa água do Senhor dos Passos, água da cachoeira, água da praia, entende? E a primeira chuva de trovoadas de janeiro. Então a gente prepara isso e traz, então a gente pega, ó, a gente pega em coisinha assim, porque a gente usa pra fazer amacis. Aí amacis a gente faz também, guarda assim, isso aqui são as ervas que a gente soca, na quinta-feira a gente vem pra cá com os filhos de santo tudo de branco, a gente soca as ervas tudo aqui ó, nesse pilão, aí nesse pilão aqui a gente vai socando as ervas, a gente bota as águas que eu lhe falei e a bebida de cada santo. (Entrevista, Claudete Reis Machado, 2018)

Constata-se em seu depoimento, ainda, a apropriação de sentidos e a relação entre as imagens presentes no rito da Procissão do Senhor dos Passos e a sua realidade social, quando o mito serve como referência para compreender e explicar o presente. Aqui, a simbologia do atemporal espelha o contemporâneo, o distante torna-se íntimo, o mito expressa a realidade. Após ver a foto da Verônica expondo o santo sudário, Claudete estabeleceu uma relação com o sofrimento das mães ao verem seus filhos vítimas da violência policial.

Aqui, olha, é como uma mãe, um filho que caiu nessa vida e ela mostrando a foto dele ensanguentado... Como tem mães que pegam os seus filhos assim que a polícia arrastou, além de ele estar já baleado, a polícia carrega de arrasto. E a mãe ver um filho assim, numa situação assim, é doído, muito doído. Então isso aqui é o dia a dia de hoje. Eu digo pro meu pessoal: o que está escrito na Bíblia que aconteceu há anos atrás, é a realidade de agora que está acontecendo, só que é com o povo, com nós. Naquela época foi só um e agora está sendo é com todos que a gente vê esse sofrimento, essa tristeza que dói o coração da gente. Porque dá um tiroteio, eles baleiam, eles botam no coiso, sai arrastando assim como um animal, além de morto. Então é muito triste para uma mãe, sabe? Tem, pode ter o defeito, mas é seu sangue, é sua carne, dói. Então essa, essa foto aqui, quando ela levanta cantando, mostrando isso aqui, é como se fosse a Maria mostrando a foto do filho. É muito, muito doído. (Entrevista, Claudete Reis Machado, 2018)

Esta fala demonstra o quanto passado e presente se integram no ato da narração. As águas do passado interferem nas representações do presente tanto quanto o clima do aqui-agora interfere na construção de narrativas sobre o passado. Isto confirma a ideia de que a memória é um fenômeno construído, pois organizada em função das preocupações pessoais, sentimentais e políticas do momento. Segundo Michael Pollak, “os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”. (POLLAK, 1992, 204).

Vale destacar que este trabalho de organização realizado pelos entrevistados e entrevistadas respondeu a uma demanda objetiva da atualidade (a constituição de um dossiê ao Iphan visando o registro de um bem cultural como patrimônio nacional), solicitada por diferentes instituições e diferentes atores sociais, cada qual com suas motivações, o que reforça ainda mais o caráter da memória enquanto processo, construção, seleção e descarte. Segundo Ecléa Bosi:

Mal termina a percepção, as lembranças já começam a modificá-la: experiências, hábitos, afetos, convenções vão trabalhar a matéria da memória. Um desejo de explicação atua sobre o presente e sobre o passado, integrando suas experiências nos esquemas pelos quais a pessoa norteia sua vida. (BOSI, 1994, p.419)

A despeito das subjetividades implícitas no trabalho com fontes orais, Pollak defende que “a história de vida apareceu como um instrumento privilegiado para avaliar os momentos de mudança, os momentos de transformação” (POLLAK, 1992, 211).

Neste sentido, a história oral se confirma como importante ferramenta para a compreensão das transformações acerca das modificações ocorridas ao longo dos anos nas procissões do Senhor dos Passos de Florianópolis. Nas entrevistas realizadas entre 2008 e 2018, diversos detalhes foram mencionados a esse respeito. Uma das alterações foi a suspensão da distribuição de cartuchos de amendoim para as crianças, como citado nas entrevistas de Gertrudes Marchese, Rita Peruchi, José Carlos Pacheco e Maria Teresa Santos Cunha. Outra diferença se refere à descida das imagens na transladação, que costumava ser feita em separado e atualmente as duas imagens descem juntas, como apontam Gertrudes Marchese, Nerilda Mafra Maia, João Deodoro da Conceição, Joi Guedes da Fonseca Sobrinho, Valdir Cristóvão de Oliveira, Maria Bernadete Martins Correa. A respeito da transladação, o depoimento de Valter Brasil Konell relembra que a procissão do sábado era também chamada de procissão às escondidas, pois era rápida e silenciosa, mas que com o passar do tempo aumentou a presença do público.

Gertrudes Marchese identifica, ainda, em entrevista concedida em 2008, que outra mudança de pouco tempo antes da entrevista, ocorreu em relação à montagem de um calvário que existia como um cenário onde ficavam as figuras de Jesus morto, Maria Madalena, Nossa Senhora das Dores e São João:

O calvário era feito na semana também do Senhor dos Passos e ficava até passar a sexta-feira santa. Sexta-feira santa, sábado

santo, domingo que ele ressuscitava, então a gente desmanchava isso no sábado, isso era lá na frente quando tinha aquele cristo que está aqui embaixo do Senhor dos Passos. (Entrevista, Gertrudes Marchese, 2008)

Mudança também relatada foi a opção pela sonorização do percurso por onde passa a procissão, com caixas de som espalhadas pelo trajeto. Esta alteração da ambiência sonora incide em modificação sobre a prática devocional, uma vez que os cânticos durante o trajeto agora se unificam ao que foi sonorizado e anteriormente as pessoas entoavam cânticos separadas ao longo do percurso. A respeito da sonorização do trajeto da procissão, João Deodoro da Conceição, que trabalhou no Hospital de Caridade desde 1962 até se aposentar, afirma preferir ser como era antes:

Porque não tinha aquele som que é mais uma coisa pra aglomerar e não deixar o pessoal ir junto. Porque antes o pessoal mesmo ia cantando, tinha um no meio que puxava e o pessoal ia cantando até lá, cantando, rezando. (Entrevista, João Deodoro da Conceição, 2014)

Em relação à musicalidade, Nélio Schmidt, que integra há mais de cinquenta anos a Banda Amor à Arte, indica também uma modificação na composição do repertório que as bandas<sup>2</sup> executam no acompanhamento à procissão. Segundo ele, anteriormente as execuções eram dedicadas a músicas instrumentais, marchas de caráter sinfônico, mas desde 2003 a orientação passou a ser que as bandas executem músicas religiosas que podem ser acompanhadas pelos devotos cantando junto durante a procissão. Esta reorganização se deu com a assinatura de uma parceria entre a Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, a Associação Comercial e Industrial de Florianópolis, Câmara dos Dirigentes Lojistas e grupos empresariais de Florianópolis com destaque para o grupo Koerich, pois segundo indicou Nélio Schmidt, a família Koerich coordena a reunião de organização da procissão com a participação das bandas.

Acerca da participação da Banda Amor à Arte na procissão, Nélio destaca a prática da banda tocar, após o encerramento da procissão, na tarde de domingo, em homenagem às casas da rua Menino Deus e outras residências do percurso desta rua até a sede da banda, na Rua Tiradentes. Esta prática é também lembrada pelos

---

<sup>2</sup> Dentre as bandas que atualmente integram a procissão, podemos citar: Banda Amor à Arte, Philarmônica Comercial e Banda da Polícia Militar. Segundo Nélio Schmidt, houve a participação da Banda do Exército e também a Banda Nossa Senhora da Lapa, como relatam Maria Bernadete Martins Correa e Aloísio Acácio Piazza.

moradores da rua Menino Deus nas entrevistas concedidas ao Iphan em 2014<sup>3</sup>. Segundo a narrativa de Nélio:

A gente faz isso há muitos anos, foi o mestre Adolfo Matos de Lima [...] Ele que criou, quando nós íamos descer, a gente desce tocando dobrado, dobrado é aquela música que se usa pra marchar, aí o que ele fez? Ele começou a parar na frente das casas e quando nós estávamos descendo ele parava a banda e fazia com o braço assim [*indica com o braço estendido a orientação para a banda*], então a banda girava nesse sentido, tocava como se estivesse homenageando aquela família. Porque eles ficavam ali em cima, naquelas sacadas, aí mandava virar pra outro lado e criou uma tradição que eles chegam a correr atrás da banda pra dizer qual é a casa que tem que parar. Até hoje se esperar ali vai ver que eles, olha... Dá bafafá, se o cara não para na frente da casa deles pra tocar, porque aí deu preferência pro A, pro B, pro C e não deu pro D, entendeste? Virou uma tradição, é obrigado a fazer isso [...] a gente tem que tocar e o povo aplaude e gosta e vem nos acompanhando e às vezes vem até meio que marchando, batendo palma. E quando a gente encerra aqui eles dão aqueles gritos de guerra e batem palma, aí nós adentramos aqui o prédio [da sede da Banda Amor à Arte]. (Entrevista, Nélio Schmidt, 2018)

Hermes Roberto Guedes da Fonseca é um dos moradores da Rua Menino Deus, dentre as poucas residências que permanecem naquela rua (atualmente preponderantemente uma rua comercial). A casa é antiga, a família vive ali há gerações, desde 1910 quando foi adquirida pelo avô de Hermes. Ele relata vivências e lembranças de infância em relação à presença da banda de música na procissão do Senhor Jesus dos Passos de Florianópolis<sup>4</sup>. Expressa no relato, está a referência ao “nós”, como uma comunidade da infância compartilhada entre familiares, amigos e a vizinhança na rua Menino Deus:

Eu me lembro dela desde quando eu me conheço por gente, desde que eu sou eu, eu vejo essa procissão. E ela tem um significado muito grande pra nós, talvez mais do que pra comunidade de maneira geral, porque além da questão religiosa, tem também a questão da união dos colegas, dos amigos de infância, que nós, por exemplo, quando passava a banda, quando a banda voltava do cortejo, que descia o Hospital de Caridade ou a capela, nós íamos atrás, marchando como se fosse soldado, atrás da banda. (Entrevista, Hermes Guedes da Fonseca, 2014)

Nos relatos está presente também a mudança em relação à participação das mulheres na Irmandade. Os relatos de Carlos Roberto Santos, Rita Peruchi, Rogério

---

<sup>3</sup> Entrevistas de Hermes Roberto Guedes da Fonseca e Joi Guedes da Fonseca Sobrinho.

<sup>4</sup> Não foi sistematizada informação sobre a idade do entrevistado, mas por sua aparência no vídeo, estima-se que a época a que ele se refere como infância seria por volta da década de 1970.

João Laureano e Gelci José Coelho pontuam uma separação de gênero. Apesar da participação das mulheres estar prevista nos compromissos da Irmandade, os relatos indicam que mesmo integrando a procissão, seu papel estava mais concentrado como acompanhantes, não participando, por exemplo, da mesa e das decisões da Irmandade.

Outra modificação está relacionada à participação de negros na Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, atualmente com participação efetiva. João Deodoro da Conceição expressa que na sua juventude havia muita separação, ele menciona que foi um dos primeiros negros a participar da Irmandade<sup>5</sup>:

Depois era assim, eu acho que o pessoal tinha medo, tinha medo de chegar e dizer assim, eu quero entrar na Irmandade, quer dizer que eles não viam ninguém. Mas depois que eu comecei a entrar, porque também antes eu, antes eu disse isso pra eles: por que não tem negro? É porque não veio ninguém e não vem. Aí quer dizer, aí eu entrei na Irmandade e aí outros começaram a entrar também e hoje tem bastante. (Entrevista, João Deodoro da Conceição, 2014)

Um aspecto para a análise das entrevistas são os relatos em relação às práticas de fé associadas à procissão, dos quais vale destacar algumas singularidades. Maria Paulina de Amorim da Silva, funcionária da Capela Menino Deus, oferece em seu relato um olhar sobre a procissão por um viés de quem fica na própria capela Menino Deus, o local de abrigo da imagem do Senhor dos Passos ao longo do ano todo e de onde ele é retirado para os eventos ligados à Procissão do Senhor Jesus dos Passos. Ao ser indagada sobre o momento mais importante da procissão, inicialmente responde que é o momento do encontro das imagens de Senhor Jesus dos Passos e Nossa Senhora das Dores. Contudo, para sua experiência pessoal, o momento mais importante é o momento da saída e do retorno à Capela. Ela relata:

Olha, falam pra gente aqui que o encontro deles é muito emocionante, dá muita emoção no povo. Eu não vou falar isso pra vocês porque eu só vi um ano, quando eu tinha sete anos. Hoje eu não sei se é igual quando eu vi a primeira vez, então pra mim, a emoção maior que eu choro um monte, é quando ele vai pra Catedral, que ele vai pra lá, que ele fica descendo aquela ladeira, aí eu choro, eu choro porque eu disse, meu Deus ele está abandonando nós, o que vai ser? Ele está indo pra outra igreja e a nossa igreja como é que vai... Então ele é uma pessoa como se fosse um membro familiar, um membro da família. E outra, quando ele chega também. É as duas emoções que eu sinto: é

---

<sup>5</sup> Desde o século XVIII, a reunião dos negros se concentrava na Irmandade Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos. A respeito desta Irmandade, ver STAKONSKI, 2010.

quando ele vai, que eu acho que ele está abandonando nós, está deixando nós. E quando ele volta a emoção é maior ainda, porque ele está voltando pra casa dele. (Entrevista, Maria Paulina de Amorim da Silva, 2014)

Hermes Guedes da Fonseca destaca a diferença representada pela transladação da imagem, quando o transporte da imagem do Senhor Jesus dos Passos é realizado pelas pessoas que não fazem parte da Irmandade, considerando-se que na ocasião da Procissão do Encontro, na tarde de domingo, quem faz o transporte da imagem são somente os membros da Irmandade. Outros entrevistados como Carlos Roberto dos Santos e Rogério João Laureano, se referem a essa ocasião como o momento em que a imagem é carregada pelo “povo”, onde nota-se uma diferenciação social entre a Irmandade e o povo propriamente dito. Assim Hermes descreve:

Porque no sábado, quem leva a imagem da capela Menino Deus para a Catedral é o povo. O santo é do povo e tu vê as pessoas lutando, esperando o momento de carregar o santo no seu ombro e o rosto destas pessoas. Guarda, a gente percebe que ali é uma fé, é uma fé... Uma gratidão e também é muito emocionante esse momento, quando tu olha pra pessoa, às vezes carregando o santo, quem tem essa acessibilidade, esse olhar de perceber que a pessoa está ali, está concentrada e muitos percebem que está fazendo isso porque atingiu uma graça. Outros fazem promessa, levam tijolos e, sei lá, todo o evento da procissão, se tu vê, tem pessoas que não, tem pessoas que passam conversando, é um direito, mas tem pessoas que estão ali sentindo mesmo aquele momento. Então é também uma coisa bastante comvente esse momento. (Entrevista, Hermes Roberto Guedes da Fonseca, 2014)

Padre Pedro Koehler narra sobre pagadores de promessas que arrancavam paralelepípedos das ruas do centro histórico para carregar na cabeça, como pagamento de promessa, levando até a capela Menino Deus e depositando aos pés do Senhor Jesus dos Passos. Ele explica que fez um trabalho educativo para que as pessoas não retirassem as pedras das ruas, pois isso comprometia o espaço público, e que, se fosse o caso, trouxessem pedras dos morros, que não comprometeriam a cidade. Em contraponto, incentivava que as promessas e devoções mais importantes para Jesus dos Passos não era tanto carregar um peso, mas sim comprometer-se a uma mudança de atitude ética em sua vida, com o comprometimento de mudar comportamentos tais como fumar, beber ou ser violento com a família.

Valdir Cristóvão de Oliveira participa desde 1995 da Irmandade e desde 1999 tem a função de coordenador da procissão, atuando na montagem e condução da velocidade do andamento da procissão. Ele relata tecnicamente como se dá o preparo da procissão, com reunião de equipe e observação sobre as condições de mobilidade no trajeto da procissão, se existe algum obstáculo tais como obras e providências que devam ser tomadas a respeito. No seu relato destaca-se um aspecto emotivo relacionado ao toque do sino:

Aí bate o sino, esse sino é muito triste... Na minha concepção, o sino é muito triste. Eu me lembro mesmo que eu perdi um pai aqui no Hospital e bem na hora que estava saindo o enterro dele o sino bateu, aquilo ali ficou marcado pra mim. Então eu chego a chorar, eu chego a me emocionar. (Entrevista, Valdir Cristóvão de Oliveira, 2014)

A vivência de Maria Bernadete Martins Correa testemunha a respeito das práticas devocionais associadas ao Senhor Jesus dos Passos. Dentro de casa, um altar com a imagem de Jesus e variados terços. Entre imagens santas e velas, apoiada aos pés da imagem repousa uma página de jornal amarelecido. O papel que ela tomou nas mãos para mostrar à equipe de pesquisadores e cinegrafistas, é sobre a Procissão do Senhor dos Passos, reportagem especial de 2006 anunciando o reconhecimento como patrimônio imaterial do estado de Santa Catarina. É a partir desta matéria que ela narra a história da imagem do Senhor dos Passos, que escolheu permanecer na Ilha ao invés de seguir para o Rio Grande.

Maria Bernadete relembra a participação na procissão da Banda da Lapa, da qual seu filho é integrante e destaca que “Vitória” é a música mais emocionante, que a Banda executa no momento do encontro. Ela possui guardado o material impresso pela Irmandade contendo os cânticos entoados na procissão. A vela para a procissão do Senhor Jesus dos Passos, ela adquire todos os anos em uma loja especializada, dentro de uma galeria localizada na rua Felipe Schmidt. O protetor para que a vela, de um metro de comprimento, não queime suas mãos - e para proteger do vento para que a chama não se apague -, é feito de bocal de garrafa pet recortado e enfeitado com sianinha prateada. Ela o guarda consigo e reutiliza ano a ano. A mesma vela é utilizada à noite, na transladação da imagem, e no domingo à tarde, na Procissão do Senhor Jesus dos Passos. Depois, leva para casa e corta a vela em pedaços, que vai acendendo ao longo do ano dentro da capelinha construída logo à entrada da residência:



Eu acompanho à noite e aí outro dia até a moça perguntou, quando terminou a novena da noite: a senhora quer deixar aqui? Porque tem gente que deixa na Catedral, ou a senhora vai acompanhar a procissão amanhã? Eu disse, sim, eu vou acompanhar a procissão amanhã, mas também depois eu vou levar porque eu acendo ali na minha grutinha. Daí eu pego, às vezes corto em três pedaços, porque ela é grande, no caso ano passado era um metro e meio, aí eu corto em três pedaços e vou acendendo aos poucos ali. (Entrevista, Maria Bernadete Martins Correa, 2018).

A respeito dos modos de se locomover para a procissão, Maria Bernadete conta que ia de ônibus, antes de se casar, quando seu pai era vivo, agora com o marido vai de carro. Sua mãe, Dona Bernardina, narra que foi à procissão pela primeira vez aos dezesseis anos, na década de 1950, o trajeto era feito do Ribeirão da Ilha ao Saco dos Limões a pé, onde residia uma prima. Ela partia do Ribeirão da Ilha na sexta-feira e dormia na casa da família para acompanhar as procissões de sábado e domingo e voltar no dia seguinte. Ao longo do ano, ao caminharem pela cidade, dizem se lembrar da procissão. Claudete Reis Machado também relata lembranças sobre a modificação da cidade:

E como isso aqui cresceu, até nós mesmo, porque até onde é o terminal, tudo aquilo ali era água, nós tirava berbigão ali e hoje a gente fica ali de ônibus. Eu digo, o que é as coisas, a gente passava ali na calçada ali do terminal velho, no vento sul, você tinha que passar cá bem encostadinho porque se passasse ali, quando dava a onda a água vinha lhe molhava toda, porque no vento sul a maré é forte, né? Aquilo tudo ali era água, agora a gente olha aquilo tudo ali (Entrevista, Claudete Reis Machado, 2018)

Outro aspecto da relação entre a cidade e o trajeto da procissão é narrado pela historiadora Maria Teresa dos Santos Cunha, ela viveu toda a infância até seu casamento, em 1974, na residência com a família, localizada na Praça XV de Novembro e assistia a movimentação nos dias das celebrações ao Senhor Jesus dos Passos da sacada de sua casa. Seus pais eram membros da Irmandade e ela frequentou a procissão desde 1965. Depois de casada, passou a concentrar sua participação na transladação noturna de sábado. Ela reflete sobre a relação da devoção a Jesus dos Passos com o desenvolvimento da cidade:

Era uma procissão bem tradicional de uma cidade que era muito pequena, Florianópolis se cosmopolitiza a partir dos anos setenta, com a Universidade Federal, com a construção da BR 101, com a vinda da Eletrosul. Até então era uma ilha, como eu já te falei uma vez, por ilha ninguém passa, ou chega ou sai, então a cidade era aquilo. A procissão era uma coisa icônica, hoje como professora

de História eu entendo isso, que reunia a população, tanto os políticos que participavam para se dar a ver, quanto as populações dos arredores da ilha, os chamados, hoje bairros, naquela época arredores mesmo, arrabaldes, Lagoa, Canasvieiras, que vinham com bastante dificuldade para assistir a procissão. Na minha casa, eu era a filha mais velha e para a Procissão de Passos se ganhava uma roupa nova, um vestido novo, um sapato novo, para acompanhar a procissão, então era todo um ritual como se fosse uma coisa de debutantes. (Entrevista, Maria Teresa Santos Cunha, 2018)

Silvia Ana Rodrigues, nascida em Biguaçu na década de 1950, descreve a modificação urbana sobre este local onde nasceu, se criou, reside atualmente e onde foi realizada a entrevista em 2018. Região densamente urbanizada, na sua infância constituía-se por chácaras e ruas de terra. Silvia conta que são vários vizinhos da redondeza que frequentam a procissão. A primeira vez que se lembra de ter ido à procissão tinha por volta de dez anos de idade e foi à procissão para levar a irmã por uma promessa de sua mãe – a irmã fora curada de mal de sete dias. Ao longo de sua vida manteve a participação na procissão e a devoção se renovou com o nascimento de sua neta aos seis meses de gestação. Desde a juventude tem preferência pela procissão noturna da transladação das imagens.

A respeito das perspectivas futuras para a celebração do Senhor Jesus dos Passos, indagado sobre os desafios para a continuidade da procissão, a visão do sociólogo Nereu do Vale Pereira é contrastante, por exemplo, com a visão de Maria Paulina de Amorim da Silva, para quem a tradição da procissão não sofre riscos uma vez que os fiéis não deixariam que ela se enfraquecesse. Já a percepção de Nereu está mais relacionada aos processos de modernização da sociedade, neste sentido, é possível tecer uma reflexão sobre os processos de mudança social que ele próprio vivenciou em sua trajetória de vida. Ele observa:

Nós estamos num momento em que a sociedade, não só brasileira, mas universal, ela está um pouco chamada secularizada. As religiões, principalmente cristãs, elas estão um pouco esquecidas, dificilmente você vê o pensamento do povo ligado numa igreja, num sino de uma catedral, nem se ouve mais o sino da Catedral em Florianópolis. Então são certos momentos, depois isso vê uma retomada com o tempo e vai a ciclos. (Entrevista, Nereu do Vale Pereira, 2014)

Este ponto destaca-se como ponto de tensão, pois muitos depoentes consideram que a procissão sofre o risco de não ser renovada, por ser cada vez menor a participação de jovens. Outros, porém, atestam sua presença. Há, inclusive,

entre as depoentes, uma entrevistada jovem que acompanha a procissão com sua mãe, Vitória Soares da Silva, e o relato de uma devota, Maria de Lourdes Correa de Oliveira Gonçalves, de que costuma trazer sua filha à procissão como agradecimento.

Eli Faustino, que cantou como Verônica na Procissão do Senhor Jesus dos Passos de Florianópolis entre 1950 e 1989, se emocionou ao ver fotos da procissão em que aparecem crianças vestidas de Nossa Senhora das Dores e de Senhor Jesus dos Passos:

Isso aqui me emocionava muito, as promessas, as crianças vestidas de Senhora das Dores e de Senhor dos Passos. Agora, a procissão em si tem momentos assim, tocantes, tocantes. Eu estava mostrando pra ela nas fotografias ali, as crianças vestidas de Nossa Senhora das Dores ou de Senhor dos Passos, aquele garotinho pequenininho, desse tamanho, carregando a cruz sem ter a menor noção do que que era aquilo, porém uma atitude ótima que os pais tomavam de vesti-los de Senhor dos Passos, hoje vestir uma meninazinha de Nossa Senhora das Dores porque já vai introjetando uma sensibilidade à religião, então eles não sabiam que papel estavam interpretando, provavelmente os pais em casa contavam, mas em se sentindo vestidos de Senhor dos Passos ou vestidos de Nossa Senhora das Dores. Isso deve ter marcado essas crianças... Eram coisas que me comoviam quando eu tomava parte na procissão, que eu via essas crianças vestidas assim, era uma coisa lindíssima. (Entrevista, Eli Faustino, 2018)

Os depoimentos orais registrados indicam que a experiência do convívio intergeracional, compartilhado presencialmente durante a Procissão do Senhor dos Passos, figura como uma das principais formas de transmissão cultural da prática.

O trabalho com relatos de quem vivencia a devoção possibilitou acessar nuances dos significados que a fé assume em diferentes contextos sociais. As narrativas expressam singularidades dos modos como as pessoas se apropriam do ritual, a exemplo das relações com as bandas de música ou com a devoção ao longo de todo o ano. Estas vivências oferecem olhares de como a ritualística está presente nas práticas do cotidiano e as trocas sociais.

Os depoimentos registrados indicam sentidos e sentimentos conferidos individualmente à experiência de participar da Procissão do Senhor dos Passos. O conjunto de entrevistas registradas permite compreender semelhanças, repetições, traços comuns e destoantes nas narrativas, constituindo-se como expressão da memória coletiva sobre a celebração.

Como destaca a historiadora Maria Teresa Santos Cunha: “Não é a procissão em si que conta para nós na história, o que conta é como a procissão vai atribuindo

sentido a muitas outras coisas e fazendo com que a vida da cidade gire ali em torno” (Entrevista, Maria Teresa Santos Cunha, 2018). A continuidade da celebração garante às pessoas que participam um espaço comum para fortalecimento de vínculos com o sagrado. Da mesma forma, fortalece-se a relação com a religião como uma comunidade de pertencimento.

## *Referências*

### *Referências bibliográficas*

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COUTINHO, Eduardo. O documentário como encontro: entrevista com o cineasta Eduardo Coutinho. Entrevistadores: FIGUEIRÔA, Alexandre, BEZERRA, Cláudio, FECHINE, Yvana. *Galáxia* - Revista transdisciplinar de comunicação, semiótica e cultura/Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, São Paulo: Edusc; Brasília:Cnpq, n.6, out. 2003, p.213-229

FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências culturais. Base para novas políticas de patrimônio. In: BRASIL. *Patrimônio Imaterial: O registro do patrimônio imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial*. 4. ed. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2006, p. 85-95.

\_\_\_\_\_. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina, CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 56-76.

PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. *Projeto História*, São Paulo, p. 09-28, 2001.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p. 200-212, 1992.

STAKONSKI, Michelle Maria. *Tramas da sacristia, táticas do consistório: Modernidade e romanização na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (Florianópolis, 1905-1925)*

### *Referências audiovisuais*

*Passos de Oeiras*. Direção: Douglas Machado. Roteiro: Aurea Pinheiro. Oeiras/PI: Trinca Filmes, 2008. Duração: 25:54 minutos. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/videos/detalhes/65/passos-de-oeiras>. (Acesso em 26/01/2018).

### *Entrevistas*

COELHO, Gelci José (Peninha), historiador. Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 40 minutos. Acervo: Iphan.

CONCEIÇÃO, João Deodoro da, funcionário aposentado do Imperial Hospital de Caridade. Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 40 minutos. Acervo: Iphan.

CUNHA, Maria Teresa Santos, historiadora e frequentadora da Procissão desde 1965. Entrevista concedida a Tati Costa e Volo Filmes & Fotografia. Florianópolis, 2018. Gravação em vídeo, 119 minutos. Acervo: Iphan.

FONSECA Sobrinho, Joi Guedes da, devoto do Senhor Jesus dos Passos, residente na Rua Menino Deus. Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 35 minutos. Acervo: Iphan.

FONSECA, Hermes Roberto da, devoto do Senhor dos Passos, residente na Rua Menino Deus. Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 20 minutos. Acervo: Iphan.

FRAGA, Carmen Wendhausen, devota do Senhor Jesus dos Passos. Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 5 minutos. Acervo: Iphan.

FRAGA, Rogério Márcio Wendhausen, devoto do Senhor Jesus dos Passos. Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 4 minutos. Acervo: Iphan.

GARCIA, Terezinha Gonçalves, funcionária da Capela do Menino Deus. Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 16 minutos. Acervo: Iphan.

GERALDO, Shirlei Maria Carvalho, devota do Senhor Jesus dos Passos. Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 3 minutos. Acervo: Iphan.

GONÇALVES, Maria de Lourdes Corrêa de Oliveira, devota do Senhor Jesus dos Passos. Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 12 minutos. Acervo: Iphan.

KOEHLER, Pedro José, padre, capelão da Capela do Menino Deus. Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 43 minutos. Acervo: Iphan.

KOEHLER, Pedro José, padre, capelão da Capela do Menino Deus. Entrevista concedida a Marcos Rabelo e André Luís da Silva. [Florianópolis], 2008. Gravação em áudio, 92 minutos. Acervo: Iphan.

KONELL, Valter Brasil, membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, ex-provedor. Entrevista concedida a Marcos Rabelo e André Luís da Silva. [Florianópolis], 2008. Gravação em áudio, 54 minutos. Acervo: Iphan.

LAUREANO, Rogério João, membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 33 minutos. Acervo: Iphan.

LAUREANO, Rogério João, membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. Entrevista concedida a Marcos Rabelo e André Luís da Silva. [Florianópolis], 2008. Gravação em áudio, 75 minutos. Acervo: Iphan.

MACHADO, Claudete Reis (Mãe Dete), mãe de santo responsável pelo Centro de Umbanda Maria de Mina, no Morro do Mocotó. Entrevista concedida a Tati Costa, Danielle Souza e Volo Filmes & Fotografia. Florianópolis, 2018. Gravação em vídeo, 81 minutos. Acervo: Iphan.

MACHADO, Luiz Mário, então provedor em exercício da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 27 minutos. Acervo: Iphan.

MAIA, Nerilda Mafra, devota do Senhor Jesus dos Passos, residente em rua do trajeto da Procissão do Senhor dos Passos onde confeccionam tapetes, processo do qual participava. Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 23 minutos. Acervo: Iphan.

MARCHESE, Gertrudes, funcionária da Capela do Menino Deus. Entrevista concedida a a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 22 minutos. Acervo: Iphan.

MARCHESE, Gertrudes, funcionária da Capela do Menino Deus. Entrevista concedida a Marcos Rabelo e André Luís da Silva. [Florianópolis], 2008. Gravação em áudio, 53 minutos. Acervo: Iphan.

MARTINS, Bernardina da Silva; CORRÊA, Maria Bernardete Martins, mãe e filha, devotas do Senhor Jesus dos Passos, residentes no distrito do Ribeirão da Ilha. Entrevista concedida a Tati Costa e Volo Filmes & Fotografia. Florianópolis, 2018. Gravação em vídeo, 2018. Acervo: Iphan.

OLIVEIRA, Valdir Cristóvão de, membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, então coordenador da Procissão do Senhor dos Passos. Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 40 minutos. Acervo: Iphan.

PACHECO, José Carlos, então provedor da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. Entrevista concedida a Mônica Arnt. Florianópolis, 2012. Gravação em áudio, 46 minutos. Acervo: Iphan.

PEREIRA, Hamilton Roveri do Vale, músico e organista, devoto do Senhor Jesus dos Passos, envolvido na organização da Procissão promovida pela Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 8 minutos. Acervo: Iphan.

PEREIRA, Nereu do Vale, sociólogo e membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. São José, 2014. Gravação em vídeo, 36 minutos. Acervo: Iphan.

PEREIRA, Nereu do Vale, sociólogo e membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. Entrevista concedida a Marcos Rabelo e André Luís da Silva. [Florianópolis], 2008. Gravação em áudio, 79 minutos. Acervo: Iphan.

PERUCHI, Rita, mordoma do culto da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. Entrevista concedida a Marcos Rabelo e André Luís da Silva. [Florianópolis], 2008. Gravação em áudio, 81 minutos. Acervo: Iphan.

PIAZZA, Aloísio Acácio, membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, ex-provedor. Entrevista concedida a Marcos Rabelo e André Luís da Silva. [Florianópolis], 2008. Gravação em áudio, 66 minutos. Acervo: Iphan.

RODRIGUES, Sílvia Ana, devota, residente em Biguaçu, Grande Florianópolis. Entrevista concedida a Tati Costa e Volo Filmes & Fotografia. Florianópolis, 2018. Gravação em vídeo, 28 minutos. Acervo: Iphan.

SANTIAGO, Regina Helena Meirelles, historiadora e técnica do IPHAN-SC. Entrevista concedida a Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 33 minutos. Acervo: Iphan.

SANTOS, Carlos Roberto, Mordomo do Culto da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. Entrevista concedida a Marcos Rabelo e André Luís da Silva. [Florianópolis], 2008. Gravação em áudio, 111 minutos. Acervo: Iphan.

SCHMIDT, Nélio, presidente e músico da Sociedade Musical Amor à Arte. Entrevista concedida a Tati Costa e Volo Filmes & Fotografia. Florianópolis, 2018. Gravação em vídeo, 50 minutos. Acervo: Iphan.

SILVA, Eli Faustino da, intérprete da Verônica por 39 anos, na Procissão do Senhor dos Passos de Florianópolis. Entrevista concedida a Tati Costa, Izomar Lacerda e Volo Filmes & Fotografia. Florianópolis, 2018. Gravação em vídeo, 70 minutos. Acervo: Iphan.

SILVA, Maria Paulina de Amorim da, funcionária da Capela do Menino Deus. Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 33 minutos. Acervo: Iphan.

SILVA, Maurino Aristides da (Seu Branco), funcionário do Imperial Hospital de Caridade, responsável pela confecção artesanal das velas utilizadas na Procissão do

Senhor dos Passos. Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 29 minutos. Acervo: Iphan.

SILVA, Maurino Aristides da (Seu Branco), funcionário do Imperial Hospital de Caridade, responsável pela confecção artesanal das velas utilizadas na Procissão do Senhor dos Passos. Entrevista concedida a Marcos Rabelo e André Luís da Silva. [Florianópolis], 2008. Gravação em áudio, 40 minutos. Acervo: Iphan.

SILVA, Vitória Soares da, devota do Senhor Jesus dos Passos. Entrevista a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 1 minuto. Acervo: Iphan.

SOUZA, Marcos Rogério de, membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 4 minutos. Acervo: Iphan.

VIEIRA, Aparecida Mariano, devota do Senhor dos Passos. Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 4 minutos. Acervo: Iphan.

WEISS, Raquel Mara Martins, membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. Entrevista concedida a Regina Santiago, Mariela Silveira e Ray Produtora. Florianópolis, 2014. Gravação em vídeo, 4 minutos. Acervo: Iphan.



## Apêndice 5: Cronologia

<b>1753</b>	<p>Início da construção de uma nova igreja matriz na Vila de Nossa Senhora do Desterro, na Ilha de Santa Catarina, com projeto do brigadeiro José da Silva Paes.</p> <p>(CABRAL, 1979, v. 1, p. 49; FONTES, 1997-1998a, p. 66; VEIGA, 2008, p. 162)</p>
<b>1756</b>	<p>Chegada, à vila de Nossa Senhora do Desterro, da santista Joana Gomes de Gusmão (*1688-<sup>+</sup>1780).</p> <p>(CABRAL, 1979, v. 1, p. 427; FONTES, 1997-1998b, p. 112 e 180)</p>
<b>1762</b>	<p>Início da construção da Capela do Menino Deus, na Vila de Nossa Senhora do Desterro, promovida por Joana de Gusmão com o auxílio de esmolas e com o apoio de André Vieira da Rosa, que doou para esse fim terreno de aproximadamente dez braças no Morro da Boa Vista.</p> <p>(CABRAL, 1979, v. 1, p. 427; FONTES, 1997-1998<sup>a</sup>, p. 64-65; FONTES, 1997-1998b, p. 91, 112-113; FONTES, 1997-1998c, p. 207; VÁRZEA, 1984, p. 52-53)</p>
<b>1764</b>	<p>Inauguração da Capela do Menino Deus.</p> <p>Chegada da imagem do Senhor dos Passos à capital da Capitania de Santa Catarina, em embarcação vinda da Bahia que seguia para o Rio Grande do Sul. Narra-se que as condições marítimas não permitiram à embarcação avançar pela barra do Rio Grande, por três vezes retornando à Ilha de Santa Catarina. Após as três tentativas frustradas de seguir a viagem prevista, a população local e a tripulação teriam acreditado que a imagem se recusava a prosseguir, sendo ela deixada em Nossa Senhora do Desterro. Atribui-se a autoria da imagem ao escultor baiano Francisco da Chagas.</p> <p>(CABRAL, 1979, v. 1, p. 428; FONTES, 1997-1998a, p. 66; FONTES, 1997-1998b, p. 19-20; FONTES, 1997-1998c, p. 207; VÁRZEA, 1984, p. 54)</p>
<b>1765</b>	<p>Fundação da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, por 25 irmãos fundadores ou instituidores.</p> <p>(CABRAL, 1979, v. 1, p. 429; FONTES, 1997-1998b, p. 21; FONTES, 1997-1998c, p. 207)</p>
<b>1766</b>	<p>Provável data da primeira Procissão do Senhor dos Passos. Os primeiros registros de despesa da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, feitos em 1767, deixam incerto se ela ocorreu naquele mesmo ano ou no anterior; Baumgarten entende que a primeira procissão é de 1766; Cabral, porém, optou pelo ano de 1767. Quanto às despesas observadas em 1766 e 1767, Henrique Fontes (1997-1998b, p. 109) destacou “3 sermões, 2 da procissão e 1 do dia da festa”, “Missa cantada da festa”, “4 libras de cera da procissão”, “Mais cera para a festa”, “Feitio do balandrau”, “Uma cabeleira do Senhor”, “Dinheiro para a cera para a procissão de 1767”. Pelos registros, é provável que uma parte dessas despesas se refira, portanto, à festa do orago da Irmandade, em 1º. de janeiro (dia de instituição da Irmandade) e outra</p>

	<p>parte, à procissão do Senhor dos Passos <i>stricto sensu</i>. (BAUMGARTEN, 2008, p. 297; CABRAL, 1979, v. 2, p. 256; FONTES, 1997-1998b, p. 109-110; FONTES, 1997-1998c, p. 207)</p>
1767	<p>Permissão concedida à Irmandade do Senhor Jesus dos Passos para construir uma capela anexa à do Menino Deus. Ingresso, na Irmandade, de dez mulheres, entre elas Joana de Gusmão. (BAUMGARTEN, 2008, p. 297; FONTES, 1997-1998a, p. 66; FONTES, 1997-1998b, p. 104; FONTES, 1997-1998c, p. 207)</p>
1768	<p>Início da construção da capela do Senhor Jesus dos Passos, junto à Capela do Menino Deus, de modo a formar com ela um só corpo. Henrique Fontes (1997-1998b, p. 117) destacou informações contidas em livro de registro da despesa da Irmandade entre 1767-1768, referentes à procissão dos Passos: “Uma Verônica do Senhor pintada para a procissão dos Passos”, “Uma túnica, que veio do Rio de Janeiro, para vestir um anjo para a procissão dos Passos”, “Dois sermões para o dia da procissão dos Passos, que pagou ao Padre Frei Antônio das Chagas Foz”, “Pago a José de Almeida pela música para a procissão dos Passos” e “Doces aos anjos para a procissão dos Passos.” Henrique Fontes interpreta os dados da seguinte maneira: “a Irmandade mandou pintar uma Verônica para a procissão dos Passos e aí terá inaugurado a representação do lenço com que piedosa mulher, no caminho do Calvário, enxugou o rosto de Jesus, que nele ficou impresso; a procissão passou a ter música, e desta era regente José de Almeida; aos anjos da procissão foram dados doces, e aí, certamente, começaram os tradicionais cartuchos de amendoim coberto de açúcar”. Contudo, ressalte-se que a anotação no livro de registro da despesa não permite afirmar que os doces distribuídos aos anjos fossem amendoins cobertos de açúcar. (BAUMGARTEN, 2008, p. 297; FONTES, 1997-1998b, p. 112, 117-118)</p>
1769	<p>Inauguração, no final do ano, da capela do Senhor Jesus dos Passos, integrada à Capela do Menino Deus. De acordo com Henrique Fontes, a maior parte dos recursos arrecadados pela Irmandade entre 1768 e 1769, com esmolas e outros donativos, foi empregada na construção da capela. (BAUMGARTEN, 2008, p. 297; FONTES, 1997-1998b, p. 120-122; FONTES, 1997-1998c, p. 98)</p>
1773	<p>Conclusão da construção da igreja matriz de Desterro. (CABRAL, 1979, v. 1, p. 49; VEIGA, 2008, p. 162)</p>
1777	<p>Ocupação militar da Ilha de Santa Catarina por forças espanholas. A ocupação se estendeu até 1778. Conforme Fontes, durante a ocupação houve desaparecimento de livros de registro da Irmandade. (FONTES, 1997-1998b, p. 173)</p>
1779	<p>Joaquim Francisco da Costa (*1761-<sup>+</sup>1829), o Irmão Joaquim, passou a ser responsável pela Capela do Menino Deus, função por ele desempenhada até 1781. Joaquim Francisco da Costa pouco mais tarde alteraria seu nome para Joaquim Francisco do Livramento. (FONTES, 1997-1998c, p. 93, 98, 212)</p>

1780	<p>Morte de Joana de Gusmão; foi sepultada na Capela do Menino Deus. Com sua morte, a Capela ficou sob a responsabilidade de Dona Jacinta Clara, que convivera durante muitos anos com Joana e com ela compartilhara afazeres religiosos.</p> <p>(FONTES, 1997-1998b, p. 180; FONTES, 1997-1998c, p. 207; VÁRZEA, 1984, p. 53).</p>
1781	<p>Deliberação de entregar a Capela do Menino Deus à Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, conforme ordem do Vice-Rei, após a morte de Dona Jacinta Clara.</p> <p>(FONTES, 1997-1998a, p. 69; FONTES, 1997-1998b, p. 191; VÁRZEA, 1984, p. 53)</p>
1782	<p>Instituição, pela Irmandade, da “Caridade dos Pobres”, de modo a dar assistência aos necessitados, com remédios e o que lhes desse sustento ou, conforme o caso, sepultura. A Irmandade manifestou a expectativa de conseguir autorização para estabelecer uma Santa Casa de Misericórdia.</p> <p>Adoção do “Compromisso da Irmandade”. O documento, porém, se extraviou do arquivo da Irmandade já no século XIX.</p> <p>(BAUMGARTEN, 2008, p. 299; FONTES, 1997-1998a, p. 69; FONTES, 1997-1998b, p. 201-202 e 208; FONTES, 1997-1998c, p. 111 e 208)</p>
1783	<p>Doação, à Irmandade, de uma imagem de Nossa Senhora das Dores, por dois irmãos.</p> <p>(FONTES, 1997-1998b, p. 227)</p>
1787	<p>Deliberação de construção de um hospital da “Caridade dos Pobres”, com recursos arrecadados a partir da coleta de esmolas. O Irmão Joaquim foi incumbido de arrecadá-las. A edificação seria erguida em terreno doado por André Vieira da Rosa, vizinho ao da Capela do Menino Deus.</p> <p>(FONTES, 1997-1998b, p. 272-273 e 295; FONTES, 1997-1998c, p. 116, 208)</p>
1788	<p>Concessão suplementar, pelo Vice-Rei, de terras adjacentes às da Capela Menino Deus, para atender às necessidades de construção do hospital. Conclusão do hospital, em dezembro.</p> <p>(BAUMGARTEN, 2008, p. 301; FONTES, 1997-1998b, p. 278 e 282; FONTES, 1997-1998c, p. 208)</p>
1789	<p>Inauguração, em 1º. de janeiro, do Hospital construído pela Irmandade, sendo transferidos para ele os doentes antes tratados pela “Caridade dos Pobres”. Segundo Baumgarten, o hospital foi primeiramente denominado Jesus, Maria, José; contudo, Henrique Fontes (1997-1998b, p. 301) cita documento de 1789 (uma petição da Irmandade à rainha, Dona Maria I) em que se assinala ter o hospital “o título de Santa Casa da Caridade dos Pobres”.</p> <p>(BAUMGARTEN, 2008, p. 297; FONTES, 1997-1998b, p. 282, 301; FONTES, 1997-1998c, p. 208; PEREIRA, 1997-1998, p. 393; VÁRZEA, 1984, p. 54)</p>
1791	<p>Concessão, por decreto da rainha D. Maria I datado de 29 de novembro, de uma pensão anual de 300 mil réis ao hospital da Irmandade.</p> <p>(BAUMGARTEN, 2008, p. 300; FONTES, 1997-1998b, p. 330; FONTES, 1997-1998c, p. 208)</p>

<b>1794</b>	Deliberação de construção de uma casa para o capelão da Capela do Menino Deus, cuja obra teve início no ano seguinte. (FONTES, 1997-1998b, p. 350, 359)
<b>1796</b>	Conclusão da casa do capelão. (FONTES, 1997-1998b, p. 359)
<b>1826</b>	Organização de área de terreno no Morro da Boa Vista (nos fundos do Hospital de Caridade) para os sepultamentos “gerais” ligados à Irmandade do Senhor dos Passos. (PEREIRA, 1997-1998, p. 384)
<b>1828</b>	Deliberação da Câmara de Desterro de passar à Irmandade do Senhor Jesus dos Passos a responsabilidade de cuidar dos “expostos” (crianças abandonadas). Instituição, junto ao Hospital da Caridade dos Pobres, da “roda dos expostos”, que funcionou até 1894. (BAUMGARTEN, 2008, p. 303; PEREIRA, 1997-1998, p. 386)
<b>1829</b>	Morte do Irmão Joaquim (Joaquim Francisco do Livramento), com 68 anos de idade, em Marselha, França. (FONTES, 1997-1998c, p. 212; VÁRZEA, 1984, p. 58).
<b>1840</b>	Publicação, pela Typographia Provincial, de Compromisso da Irmandade. (BAUMGARTEN, 2008, p. 265 e 302; COMPROMISSO, 1840)
<b>1843</b>	Deliberação do provedor (João Antônio Lopes Gondim) de que os restos mortais de Joana de Gusmão fossem recolhidos a uma urna, a ser guardada na sacristia da Capela Menino Deus. Segundo Fontes, tais restos estavam “reduzidos só ao crânio e fêmures”. (BAUMGARTEN, 2008, p. 302; FONTES, 1997-1998a, p. 71-72; FONTES, 1997-1998b, p. 180)
<b>1845</b>	Início da construção de novo prédio para o Hospital, cuja pedra fundamental foi lançada na presença do imperador Dom Pedro II e da imperatriz Teresa Cristina. (BAUMGARTEN, 2008, p. 303; FONTES, 1997-1998b, p. 401)
<b>1846</b>	Autorização do imperador para que o Hospital de Caridade adotasse o título “Imperial”. (BAUMGARTEN, 2008, p. 303; FONTES, 1997-1998b, p. 401)
<b>1855</b>	Inauguração do novo prédio do Hospital, agora denominado Imperial Hospital de Caridade. (FONTES, 1997-1998b, p. 401)
<b>1858</b>	Publicação de novo Compromisso da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, pela Typ. Desterrense de J.J. Lopes. (COMPROMISSO, 1858)
<b>1885</b>	Aprovação de novo Compromisso da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, publicado no ano seguinte. (COMPROMISSO, 1886).
<b>1891</b>	Alteração do nome do hospital: segundo Nereu do Vale Pereira, passou a ser denominado “Santa Casa da Misericórdia de Santa

	Catarina”; para Baumgarten, “Hospital de Caridade de Santa Catarina”. (BAUMGARTEN, 2008, p. 305; PEREIRA, 1997-1998, p. 393)
1894	Desativação da “roda dos expostos”, no Hospital de Caridade. (BAUMGARTEN, 2008, p. 303; PEREIRA, 1997-1998, p. 386)
1921	Adoção oficial do nome “Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e Hospital de Caridade de Florianópolis”. (PEREIRA, 1997-1998, p. 394)
1923	Organização do atual Cemitério da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. (PEREIRA, 1997-1998, p. 384)
1929	Inauguração do Pavilhão Josefina Boiteux, do lado direito da Capela, voltado para o tratamento de tuberculosos. (BAUMGARTEN, 2008, p. 305; PEREIRA, 1997-1998, p. 383)
1973	Aprovação de novo Compromisso da Irmandade. (COMPROMISSO, 1974).
1986	Projeto de recuperação da memória histórica do Hospital de Caridade, uma parceria entre a Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF). Em dezembro, a Capela do Menino Deus e o complexo do Hospital de Caridade foram inseridos entre os bens contidos em conjuntos urbanos tombados em nível municipal (Decreto municipal n. 270/1986). (ADAMS, 2002, p. 72 e 171; BAUMGARTEN, 2008, p. 308; DECRETO, 1986)
1992	Aprovação de novo Compromisso da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. (COMPROMISSO, 1992).
1993	Aprovação de novo Compromisso da Irmandade. (COMPROMISSO, 1994).
1994	Incêndio de grandes proporções atingiu o Hospital de Caridade, na noite de 5 para 6 de abril. Bombeiros lutaram contra as chamas por várias horas; pacientes foram transferidos para outros hospitais da cidade, em caráter emergencial. Houve a confirmação de nove mortos, mas apenas sete corpos foram localizados. Cerca de 70% da área construída foi atingida pelo fogo, inclusive a Secretaria e a Procuradoria da Irmandade, com perda significativa de documentos de arquivo. A Capela não foi atingida pelo incêndio, muito embora o fogo tenha se iniciado em ala que fazia contato direto com ela. Durante o incêndio, as imagens da Capela foram retiradas, sendo que a do Senhor dos Passos foi carregada por populares, morro abaixo, e acomodada na garagem de uma residência; a de Nossa Senhora das Dores, a do Menino Deus e a de Nossa Senhora do Livramento ficaram em uma oficina, “no início da ladeira” (PEREIRA, 1997-1998, p. 322). Dias depois, as imagens foram transferidas para o SESC e, em 13 de abril, em procissão noturna, a do Senhor dos Passos e a de Nossa Senhora das Dores foram trasladadas do SESC para a

	<p>Catedral. O hospital foi reaberto apenas em agosto, mas as obras de reconstrução continuariam por anos. (BAUMGARTEN, 2008, p. 309; PEREIRA, 1997-1998, p. 319-334)</p>
<b>1995</b>	<p>Criação da Fundação Senhor dos Passos. (BAUMGARTEN, 2008, p. 308)</p>
<b>1997</b>	<p>Inauguração da Biblioteca do Hospital de Caridade. (BAUMGARTEN, 2008, p. 308)</p>
<b>1998</b>	<p>Tombamento estadual da Capela do Menino Deus. (GONÇALVES, 2016, p. 295)</p>
<b>2002</b>	<p>Inauguração, em janeiro, do Museu Sacro da Capela Menino Deus. Em substituição aos <i>ex-votos</i>, adoção dos Livros de Ação de Graças, ou Livros de Graças, na Capela do Menino Deus, para registro de graças alcançadas ou de pedidos ao Senhor dos Passos, já a partir de 1º. de janeiro. Inauguração, em dezembro, do Centro de Memória Professor Henrique da Silva Fontes, no complexo do Hospital. Parceria entre a Irmandade e a Associação Comercial e Industrial de Florianópolis para ampla divulgação da Procissão do Senhor dos Passos. (BAUMGARTEN, 2008, p. 311; Livro de Ação de Graças, 2002)</p>
<b>2005</b>	<p>Encaminhamento, pela Associação Comercial e Industrial de Florianópolis, de proposta de registro da Procissão do Senhor dos Passos como bem imaterial integrante do patrimônio cultural de Santa Catarina. (FUNDAÇÃO, 2005-2006, fl. 1)</p>
<b>2006</b>	<p>Aprovação de novo Compromisso da Irmandade, em conformidade com o Código Civil vigente. Registro, em novembro, no Livro de Celebrações da Fundação Catarinense de Cultura, da Procissão do Senhor Jesus dos Passos. Com isso, a Procissão formalmente passou a integrar o patrimônio cultural catarinense, como bem imaterial, na modalidade de “celebração”. (BAUMGARTEN, 2008, p. 310, 312; FUNDAÇÃO, 2005-2006)</p>
<b>2008</b>	<p>Alteração do nome do hospital, que passa novamente a ser Imperial Hospital de Caridade. (BAUMGARTEN, 2008, p. 314)</p>
<b>2017</b>	<p>Revalidação, em março, do registro da Procissão do Senhor dos Passos como bem imaterial integrante do patrimônio cultural de Santa Catarina, pelo período de 2016 a 2026.</p>

Referências

ADAMS, Betina. *Preservação urbana: gestão e resgate de uma História – patrimônio de Florianópolis*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

BAUMGARTEN, Christina Elisa. *Imperial Hospital de Caridade de Florianópolis: uma obra construída com amor e altruísmo – 220 anos*. Blumenau: HB Editora, 2008.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. 2v.

*Compromisso da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e do Imperial Hospital de Caridade [1886]*. Desterro: 1886. (impresso). Centro de Memória Prof. Henrique da Silva Fontes/Imperial Hospital de Caridade, Florianópolis.

*Compromisso da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e Hospital de Caridade [1840]*. Cidade do Desterro: Typographia Provincial, 1840. Centro de Memória Prof. Henrique da Silva Fontes/Imperial Hospital de Caridade, Florianópolis.

*Compromisso da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e Hospital de Caridade da cidade do Desterro [1858]*. Cidade do Desterro: Typ. desterrense de J.J. Lopes, [1858]. Centro de Memória Prof. Henrique da Silva Fontes/Imperial Hospital de Caridade, Florianópolis.

*Compromisso da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e Hospital de Caridade [1973]*. Florianópolis: 1974. (impresso). Centro de Memória Prof. Henrique da Silva Fontes/Imperial Hospital de Caridade, Florianópolis.

*Compromisso da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e Hospital de Caridade [1992]*. Florianópolis: 1992. (impresso). Centro de Memória Prof. Henrique da Silva Fontes/Imperial Hospital de Caridade, Florianópolis.

*Compromisso da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e Hospital de Caridade [1993]*. Florianópolis: 1994. (impresso). Centro de Memória Prof. Henrique da Silva Fontes/Imperial Hospital de Caridade, Florianópolis.

DECRETO municipal n. 270/1986 – Tomba, como patrimônio histórico e artístico do município, conjuntos de edificações existentes na área central do território municipal. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

FONTES, Henrique. A Beata Joana Gomes de Gusmão. In: PEREIRA, Nereu do Vale (Org.). *Memorial histórico da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos*. Florianópolis: Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, 1997-1998a. v. 2, p. 57-82. [Edição original: 1954]

FONTES, Henrique. A Irmandade do Senhor dos Passos e o seu Hospital e aqueles que os fundaram. In: PEREIRA, Nereu do Vale (Org.). *Memorial histórico da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos*. Florianópolis: Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, 1997-1998b. v. 1. [Edição original: 1965]

*Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis, SC*

FONTES, Henrique. O Irmão Joaquim, o Vicente de Paulo brasileiro – biografia. In: PEREIRA, Nereu do Vale (Org.). *Memorial histórico da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos*. Florianópolis: Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, 1997-1998c. v. 2, p. 87-221. [Edição original: 1958]

FUNDAÇÃO Catarinense de Cultura. *Processo de registro da Procissão do Senhor Jesus dos Passos*. Florianópolis, 2005-2006.

GONÇALVES, Janice. *Figuras de valor: patrimônio cultural em Santa Catarina*. Itajaí, SC: Casa Aberta, 2016.

*Livro de Ação de Graças* [n.1], de 01/01/2002 a 20/06/2002. Centro de Memória Prof. Henrique da Silva Fontes/Imperial Hospital de Caridade, Florianópolis.

PEREIRA, Nereu do Vale. A origem das Santas Casas, das Irmandades e do Senhor Jesus dos Passos e tópicos das principais atividades da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos de Santa Catarina. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Memorial histórico da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos*. Florianópolis: Ministério da Cultura, 1997-1998. v. 2. p. 359-394.

VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina – a Ilha*. Florianópolis: IOESC, 1984. [Edição original: 1900]

VEIGA, Eliane Veras da. *Florianópolis – memória urbana*. 2. ed. rev. e ampl. Florianópolis: Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, 2008.



## Apêndice 6: Glossário<sup>1</sup>

**Andor:** No século XVIII, o dicionário de Bluteau (1712-1728, v. 1, p. 369-370) registrou, entre as acepções da palavra, a de “instrumento com quatro braços em que nas procissões se levam as imagens ou relíquias dos Santos”. Moraes Silva (1789, v. 1, p. 106), décadas mais tarde, definiu o andor, entre outras acepções, como “leito de madeira com varas atravessadas por baixo, que servem de o levar aos ombros”, para carregar as imagens dos santos nas procissões. Um século depois, Caldas Aulete (1881, v. 1, p. 133) assinalou igualmente a acepção relacionada às procissões, caracterizando o andor como um “estrado ou trono assente sobre duas varas paralelas”. Na Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis, são utilizados dois andores, destinados à imagem do Senhor dos Passos e à de Nossa Senhora das Dores, tanto para realizar a procissão de Transladação para a Catedral, no sábado, como para a Procissão do Encontro, no domingo. Em 1900, Virgílio Várzea, ao descrever a Transladação, indicou que a imagem do Senhor dos Passos, coberta por um biombo, era colocada “sobre um andor ornado de ramos de cedro verde”. Ainda segundo o mesmo autor, pendiam fitas do andor usado na Transladação, fitas essas seguradas pelos *anjos* que formavam alas ao seu redor; o andor também era circundado e iluminado por “altas lanternas” (VÁRZEA, 1984, p. 75).

**Anjo:** Figura que aparece em grande número na Procissão do Senhor dos Passos já em 1767, conforme Henrique Fontes (1997-1998, p. 117). Como destacou Oswaldo Rodrigues Cabral (1979, v. 2, p. 257), os anjos eram representados por crianças. Por volta de 1900, segundo Várzea, formavam alas nas procissões do sábado e do domingo: na do sábado, os anjos seguravam as fitas do andor que carregava a imagem do Senhor dos Passos; na do domingo, seguiam próximos às *virgens*, carregando “os objetos do Suplício Divino” (VÁRZEA, 1984, p. 75, 77-78). Esses objetos aparecem discriminados em registro de bens da Irmandade do Senhor dos Passos feito em 1781, designados como “insígnias dos anjos”: “um açoute, uma coluna, uma cruz, um cálix, uma coroa de espinhos, uma escada, uma cana-verde, uma lança, um martelo, três cravos, duas verônicas do Senhor” (FONTES, 1997-1998, p. 194). Crispim Mira (1920, p. 166) mencionou a procissão de domingo aberta por “alas de virgens e graciosos anjos vestidos de Senhor dos Passos, São Sebastião, São Miguel, Santo Antônio, Santa Luzia, Maria Madalena, Santa Filomena etc.” Gertrudes Marchese, em entrevista concedida em 2008, mencionou que os anjos, juntamente com as *virgens*, faziam a recepção às imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, quando retornavam à Capela do Menino Deus, no domingo, e cantavam assim que se abriam as portas. Atualmente não há alas de anjos na Procissão do Senhor dos Passos, em Florianópolis, embora haja crianças assim vestidas, em meio ao público participante. Fontes e Cabral também comentaram o hábito da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos de distribuir doces aos anjos (CABRAL, 1979, p. 257; FONTES, 1997-1998, p. 118).

---

<sup>1</sup> As palavras em itálico também compõem o Glossário. As citações das fontes tiveram sua ortografia modernizada.

**Arauto:** Assim referido por Cabral (1979, v. 2, p. 257) e Várzea (1984, p. 77). Também denominado *Buzina*, *Corneta* ou *Farricoco*. Em dicionários do século XVIII e XIX (de Bluteau, Moraes Silva e Caldas Aulete), o arauto foi remetido à função de representante dos monarcas, especialmente enviados a outros países para formalizar declarações de guerra; mais amplamente, Moraes Silva (1789, v. 1, p. 131) destacou o arauto como alguém enviado para levar um recado e Caldas Aulete (1881, v. 1, p. 168), como um “pregoeiro, proclamador”. O arauto compunha a Procissão do Senhor dos Passos, especificamente a procissão realizada no domingo. Em registro dos bens da Irmandade do Senhor dos Passos efetuado em 1781, foram assinalados “uma trombeta, com capa e vestimenta da figura” (FONTES, 1997-1998, p. 195). Várzea (1984, p. 77), em publicação de 1900, mencionou sua “toga de púrpura” e “um grande porta-voz dourado” (supõe-se, a trombeta, também chamada de buzina ou corneta), com que apregoava o trajeto e “o suplício de Jesus, às esquinas das ruas.” Cabral (1979, v. 2, p. 257) assinalou que o arauto “era, desde os mais recuados tempos, cercado pela molecada, ávida de descobrir-lhe as feições por baixo da viseira do elmo que usava. De quando em quando, durante o trajeto, soprava a trombeta, dela tirando um som grave e profundo.” Ver também *Farricoco*.

**Beú:** Nome geralmente atribuído a cada uma das mulheres que acompanha a *Verônica*, geralmente na Procissão do Senhor Morto, por responderem a ela com um canto que se inicia com a palavra latina “Heu”. Da Procissão do Senhor dos Passos, em Florianópolis, participam também figuras designadas como beús, mas apenas a *Verônica* canta.

**Balandrau:** Bluteau, Moraes Silva, Caldas Aulete e Silva Pinto informaram que era a veste usada pelos irmãos da Misericórdia, ao tempo em que cada um daqueles autores escreveu seus dicionários. Bluteau (1712-1728, v. 2, p. 19) indicou que a palavra deriva do termo italiano *palandrana*, que por sua vez designava uma veste longa e larga. Moraes Silva (1789, v. 1, p. 183) salientou (assim como Caldas Aulete e Silva Pinto, em seus respectivos dicionários), que essa veste era dotada de “capuz e mangas largas”. Caldas Aulete (1881, v. 1, p. 234) acrescentou que a vestimenta era “abotoada adiante” e também a denominou *opa*.

**Biombo:** Na Transladação, da Capela do Menino Deus para a Catedral, a imagem do Senhor dos Passos é transportada encerrada em um biombo. O biombo é somente descerrado no interior da Catedral; para a procissão de domingo, é totalmente retirado. Em 1900, Virgílio Várzea descreveu o invólucro da imagem do Senhor dos Passos como “uma espécie de biombo oitavado de damasco vermelho” (VÁRZEA, 1984, p. 75). Crispim Mira (1920, p. 162) o descreveu como um “pavilhão, com as cortinas literalmente corridas”, durante a Transladação.

**Buzina:** um dos nomes atribuídos ao *arauto*.

**Cabeleira:** No dicionário de Bluteau (1712-1728, v. 2, p. 238-239), a cabeleira aparece como “um barretinho a modo de rede, com cabelos unidos e atados com tal artifício que cobrem e ornem a cabeça com cabelos naturais.” Moraes Silva (1789, v. 1, p. 230), Caldas Aulete (1881, v. 1, p. 292) e Silva Pinto (1832, p. 184) convergem, em linhas gerais, para a mesma definição. A imagem do Senhor dos Passos é dotada de uma cabeleira, justaposta à escultura de madeira, penteada e tratada por cabeleireiro profissional à época da Procissão. Gertrudes Marchese,

em entrevista concedida em 2008, informou haver duas cabeleiras do Senhor dos Passos: uma com cabelos naturais e outra sintética.

**Cartucho de amendoim:** Entre as acepções da palavra “cartucho”, os dicionários da língua portuguesa dos séculos XVIII e XIX apontam para “envoltório de papel com doces” (Moraes Silva, 1789, v. 1, p. 264), “invólucro de papel ou cartão: um cartucho de amêndoas” (Caldas Aulete, 1881, v. 1, p. 333) e “envoltório de papel com doces, dinheiro etc.” (Silva Pinto, 1832, p. 216). No jornal *O Mercantil*, editado na então vila de Nossa Senhora do Desterro, ou simplesmente Desterro, a edição de 14 de fevereiro de 1869 publicou anúncio do Mordomo do Culto da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, então Luiz d’Araújo Figueiredo, no qual informava receber, até o dia 15 de fevereiro, propostas para “fornecimento de amêndoas para a procissão do Senhor Jesus dos Passos; devendo conter os cartuchos amêndoas do reino, coco, amendoim e confeitos, e terem peso [de] uma libra cada um.” Conforme Oswaldo Cabral (1979, v. 2, p. 257), os “cartuchos de amendoim cobertos de açúcar” eram distribuídos pela Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, durante a procissão, às crianças que representavam os *anjos*. Em descrição em tom memorialístico, Cabral deu a entender que os cartuchos de amendoim eram distribuídos ao término da procissão do Encontro, na noite de domingo: “os Irmãos despiam as suas opas, o povo todo regressava às suas casas, os anjos cansados, derreados da caminhada, eram carregados ao colo ou puxados pelas mãos apressadas, mal podendo alcançar as suas passadas, a boca entupida do amendoim coberto dos cartuchos coloridos, de papel recortado, que sempre chegavam em casa já vazios...”. (CABRAL, 1979, v. 2, p. 258). Posteriormente, a entrega de cartuchos de amendoim passou a ser feita apenas a irmãos e irmãs, ao término da Procissão do Senhor dos Passos. Há poucos anos, a Irmandade deliberou não mais realizar essa entrega.

**Colcha:** Material geralmente elaborado para servir de coberta de cama e que era utilizado, pelos moradores das ruas que compunham os itinerários da Procissão do Senhor dos Passos, para ornamentar o caminho. Virgílio Várzea, em texto publicado em 1900, descreveu as colchas penduradas nas janelas e sacadas das casas por onde passava a procissão de domingo: de acordo com o autor, eram “grandes colchas de damasco de seda”, de variadas cores, predominando “o escarlata, o amarelo cor de ouro e o alvadio” (VÁRZEA, 1984, p. 78).

**Corneta:** um dos nomes atribuídos ao *arauto*.

**Esmola:** Ao tratar da capital de Santa Catarina nos séculos XVIII e XIX, Oswaldo Cabral indicou que, nas diversas paradas da procissão do Senhor dos Passos, eram depositadas esmolas para a Irmandade do Senhor Jesus dos Passos (CABRAL, 1979, v. 2, p. 257). Conforme relatado por Virgílio Várzea, em publicação de 1900, após o último momento da procissão de domingo (o Sermão do Calvário), o Hospital de Caridade, o Hospital da Marinha e o Hospital do Exército eram visitados, sendo distribuídas “abundantes esmolas aos doentes” (VÁRZEA, 1984, p. 79-80).

**Farricoco:** um dos nomes atribuídos ao *arauto*, conforme Cabral (1979, v. 2, p. 257). A consulta a dicionários do século XVIII e XIX, porém, indica que a figura do farricoco (ou farricouco, ou ainda ferricoco) possuía outras funções, geralmente associadas aos enterramentos. Assim, em Bluteau (1712-1728, v. 4, p. 55), é

descrito como “o gato pingado que traz a tumba e trazia mascareta, e os que encomendam os enforcados”; em Moraes Silva (1789, v. 1, p. 624), caracterizado como “gato pingado que carrega a tumba da Misericórdia”; em Caldas Aulete (1881, v. 1, p. 811), “homem dos que carregam com a tumba ou com os caixões nos enterramentos; gato pingado”; em Silva Pinto (1832, p. 521), que prefere a grafia “ferricoco”, foi definido como “o que leva a tumba da Misericórdia, em que vão os cadáveres dos pobres.” Contudo, interessa destacar que, à definição mais geral, Caldas Aulete acrescentou: “O que acompanha as procissões de penitência vestido de hábito escuro com um capuz a cobrir-lhe a cara tocando n’uma trombeta de quando em quando.”

**Guião:** Nos dicionários de Bluteau, Moraes Silva, Caldas Aulete e Silva Pinto, o guião foi destacado como estandarte ou bandeira levado à frente dos exércitos, mas que também designa o que é levado à frente de uma procissão. O guião da Procissão do Senhor dos Passos foi descrito por Várzea, em 1900, da seguinte maneira: “todo de damasco roxo, estaiado adiante e atrás por longos cordões de seda [...], muito alto na vara negra e em cruz rematando em três rútilas maçanetas douradas”, cujo pano largo caía “em pontas esguias orladas de franjas de ouro, com grossas borlas riquíssimas e o poderoso lema romano reluzindo ao centro nestas iniciais expressivas de pujança e domínio – S.P.Q.R., Senatus Populusque Romanus: *o Senado e o Povo romano*” (VÁRZEA, 1984, p. 77). De acordo ainda com Várzea (1984, p. 75), à frente da procissão realizada no sábado o guião era carregado, “deitado e ferrado nos seus braços em cruz”, por seis irmãos da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. Na procissão realizada no domingo, era carregado erguido, “o pano largo e custoso enfunado pelo vento como um redondo de galé antiga” (VÁRZEA, 1984, p. 77). Esses procedimentos (guião abaixado na procissão do sábado, guião levantado na do domingo) continuam a ser adotados. Oswaldo Cabral (1979, v. 2, p. 257) destacou que o guião não aparece descrito no Inventário dos bens da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos elaborado em 1781.

**Heú:** ver *Beú*.

**Juiz da festa:** Mencionado por Várzea (1984, p. 76), na procissão de domingo: “Preparado tudo, debaixo da direção do juiz da festa, dos mordomos e irmãos dos Passos, movendo-se em atividade incessante, a procissão entra a caminhar lentamente e na melhor ordem, num silêncio profundo, só dominado pelo compasso triste das *músicas* tocando uma marcha fúnebre.”

**Lanterna:** Artefato utilizado na Procissão do Carregador, na procissão da Transladação e na procissão de domingo (do Encontro). Há lanternas altas, de vidro, que ao menos desde 1900 tinham a função de iluminar o andor, no sábado e no domingo (neste último dia, especialmente quando a imagem do Senhor dos Passos retornava à Capela do Menino Deus - VÁRZEA, 1984, p. 75 e 78). Duas grandes lanternas de metal, ladeando a cruz processional, são carregadas à frente da Procissão do Carregador. Há também lanternas menores, com cabo curto, de madeira, e invólucro de papel celofane em tons de púrpura (roxo ou violeta), usadas nas procissões pelas irmãs da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. Com a redução do percurso da procissão, no domingo, as lanternas atualmente não chegam a ser acesas, uma vez que a procissão é toda realizada durante o dia.

**Música:** O termo “música” pode designar uma peça musical, a partitura de uma peça ou ainda um conjunto musical. No caso da Procissão do Senhor dos Passos, é frequente, na documentação, que o termo “música” apareça designando as bandas musicais que a acompanhavam (e ainda hoje a acompanham).

**Opa:** Designação dada à vestimenta dos irmãos da Irmandade do Senhor dos Passos, na cor púrpura, usada sobre terno escuro e gravata; vestida em ocasiões solenes, inclusive na Procissão do Senhor dos Passos. Assim mencionada por Cabral (1979, v. 2, p. 258). Os dicionários de Bluteau (1712-1728) e Silva Pinto (1832) convergem na sua definição: veste solta e comprida, colocada sobre outra. Silva Pinto, assim como Moraes Silva e Caldas Aulete, caracterizam a opa também como uma capa de irmandade. Caldas Aulete (1881, v. 2, p. 257) especificou que seria uma capa “sem mangas e com aberturas, por onde passam os braços, e que os devotos e irmãos de confrarias vestem para assistir a festividades religiosas, para acompanhar as procissões etc.” Cabe observar que Bluteau (1712-1728, v. 6, p. 96), tendo como referência um costume na cidade do Porto, assinalou que ali eram “impropriamente” chamadas opas “as vestiduras das confrarias”, sendo que, naquela cidade, à época em que escreveu seu dicionário ou “vocabulário”, “os irmãos do Senhor quando saem trazem opas vermelhas, opas brancas os irmãos da Virgem do Rosário, e os das Almas, opas azuis.” Na trajetória da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, em Florianópolis, a opa é por vezes também denominada *balandran*.

**Oratório de rua:** Também chamado de “estação” ou “passo”, assinala as *paradas* da procissão do domingo, em que deve cantar a *Verônica*.

**Pálio:** Estrutura sob a qual deve caminhar, na procissão de domingo da Procissão do Senhor dos Passos, a maior autoridade eclesiástica presente, geralmente ladeada por autoridades políticas e/ou militares (que carregam o pálio). Em publicação de 1900, Virgílio Várzea indicou que o pálio era conduzido, na procissão de domingo, pelo vigário, “em contrição íntima”, ladeado por dois padres vestidos em casulas (VÁRZEA, 1984, p. 77). O mesmo autor ainda informou que o pálio era feito “de brocado, crivado de passamanes, abrindo-se sobre as varas prateadas suspensas em mãos devotas, em proteção ao Santíssimo” (VÁRZEA, 1984, p. 77). Note-se que, nos dicionários de Bluteau, Moraes Silva, Caldas Aulete e Silva Pinto, o pálio foi caracterizado como um “sobrecéu”. Para Caldas Aulete (1881, v. 2, p. 284), especificamente, o pálio é “um quadrilongo de pano de seda”, “sustentado por varas para ser levado à mão, e que serve para cobrir como sinal de distinção e honra, nos cortejos ou procissões solenes, a pessoa ou o objeto que mais se pretende honrar, e é particularmente empregado nas procissões religiosas para cobrir a hóstia consagrada ou a imagem do Senhor morto”. Um século antes de Caldas Aulete, Moraes Silva (1789, v. 2, p. 154) indicou que sob o pálio seguia “o Sacramento à rua, ou Santo Lenho.”

**Parada:** A parada é o momento em que, na procissão realizada no domingo, interrompe-se a caminhada e se faz alusão aos “passos” da Via Sacra (ou Via Crucis). Seu local é geralmente indicado por um *oratório de rua*. Ao longo do tempo, as paradas da Procissão do Senhor dos Passos sofreram alterações, assim como seu itinerário. Já foram catorze paradas, em alusão às catorze estações ou passos da Paixão de Cristo; na procissão de domingo realizada em 2018, as paradas foram cinco.

**Promessa:** Na documentação consultada, aparece como um compromisso estabelecido pelo devoto com o Senhor dos Passos e também como artefato que demonstra o cumprimento desse compromisso. Veja-se que, tal como as mencionou Virgílio Várzea, em publicação de 1900, as promessas podem ser assimiladas aos ex-votos (“Chegando o préstito à Matriz, na qual se aglomera o povo depois de entrar o andor para a entrega das ‘promessas’ e as orações habituais [...]” – VÁRZEA, 1984, p. 76). Conforme a definição fornecida por Caldas Aulete (1881, v. 1, p. 796), o ex-voto era “quadro, painel, imagem etc., que se coloca em igreja ou capela, para comemorar um voto ou promessa feita em ocasião de doença ou perigo.”

**Santo Lenho:** Oswaldo Cabral, ao se referir à Procissão do Senhor dos Passos, quando realizada nos séculos XVIII e XIX, na capital de Santa Catarina, indicou que “o Vigário, ou outro Sacerdote, carregava o Santo Lenho.” (CABRAL, 1979, v. 2, p. 256-257). Ver, a respeito, o verbete sobre o *pálio*.

**Sermão do Calvário:** Segundo Cabral, o Sermão do Calvário compunha a celebração dos Passos desde seus inícios (1979, v. 2, p. 257). De acordo com Virgílio Várzea (1984, p. 79), era proferido, por volta de 1900, ao término da procissão realizada no domingo, já na Capela do Menino Deus. Gertrudes Marchese, em entrevista concedida em 2008, igualmente mencionou o Sermão do Calvário, além do cenário especialmente construído para a ocasião. Esse cenário também foi comentado pelo artista e pesquisador da cultura popular Franklin Cascaes.

**Sermão do Encontro:** Segundo Oswaldo Rodrigues Cabral, compunha a celebração dos Passos desde seus inícios (1979, v. 2, p. 257); contudo, o próprio Cabral alerta que “a cerimônia do encontro” (das imagens) era provavelmente menos antiga do que a Procissão de Passos em si, pois a imagem de Nossa Senhora das Dores foi recebida pela Irmandade somente em 1783 (CABRAL, 1979, v. 2, p. 257). O Sermão do Encontro era realizado, por volta de 1900, em frente à Igreja de São Francisco, quando a imagem do Senhor dos Passos se encontrava com a de Nossa Senhora das Dores, e durava, então, cerca de meia hora (VÁRZEA, 1984, p. 78). Há várias décadas ocorre em frente à Catedral.

**Tapete de rua:** Ornamentação de rua a que se dedicam os devotos do Senhor dos Passos, que atualmente preparam os tapetes no domingo de manhã. Os tapetes geralmente ocupam as ruas Menino Deus, Bulcão Viana e Tiradentes. Virgílio Várzea, em 1900, descreveu a ornamentação realizada em algumas ruas pelas quais passava a procissão do domingo: as ruas eram forradas, formando tapetes temporários que deixavam “o chão afogado de folhagens e flores, que trituradas pelos pés saturam o ambiente de aromas, onde sobressai o eflúvio do alecrim e do manjeriço” (VÁRZEA, 1984, p. 78).

**Tocha:** Vela de grandes proporções, portada por irmão da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, durante a Procissão do Senhor dos Passos (tanto na Transladação como na Procissão do Encontro). As tochas são produzidas em grande número (atualmente, cerca de duas mil), de forma artesanal.

**Verônica:** De acordo com Cabral (1979, v. 2, p. 257), em cada *parada* da procissão de domingo (“passos” ou estações da Via Crucis), “cantava a Verônica algumas estrofes dolorosas, acompanhada por música singela, igualmente comovente”. Na história da Procissão do Senhor dos Passos, em Florianópolis, há duas acepções,

ao menos, para a palavra: a que designa o próprio lenço com a efigie de Jesus e a que se refere à mulher que teria limpado seu rosto, durante a Paixão, e que na procissão canta um lamento relacionado a esse caminho doloroso. Como registram os dicionários de Bluteau, Moraes Silva, Caldas Aulete e Silva Pinto, em sentido amplo a palavra “verônica” pode designar apenas a imagem ou feição de um rosto, embora geralmente seja remetida à imagem do rosto de um santo – impressa em tecido, cera ou metal, como destacam Moraes Silva (1789, v. 2, p. 519) e Caldas Aulete (1881, v. 2, p. 863). Caldas Aulete explicita a associação entre o lenço com a efigie de Cristo e a personagem da representação da Paixão: a “mulher da Verônica” seria popularmente conhecida como “uma das três mulheres que nas procissões do enterro de Cristo vão entoando os *Heus*”, e que a intervalos mostraria ao povo a Verônica sagrada cantando o versículo “O vos, omnes etc.” Na primeira metade do século XVIII, Bluteau (1712-1728, v. 8, p. 465-466) assinalou que a palavra era uma junção de duas: “vera” e “icon”, indicando a “verdadeira imagem”, empregada para “o lenço que Berenice, ou (como mais vulgarmente lhe chamam) Verônica, mulher judia, lançou ao nosso Divino Redentor, Jesus Cristo, para enxugar o suor e o sangue que lhe corriam do rosto, quando ia com a Cruz às costas para o Calvário. Há opinião, que o dito lenço tinha três dobras, e que em cada uma delas ficara impresso o sagrado rosto do Senhor, e uma delas se guarda em Roma, outra em Castela e outra em Jerusalém. A cada uma delas ficou o dito nome Veronica”. Acrescenta ainda Bluteau: “Costumam os pintores representar a Santa Verônica nas mãos de uma mulher, e ao povo ignorante lhe parece que esta mulher, inventada pelos pintores, é a que se chama Verônica.”

**Virgens:** Conforme Várzea, em publicação de 1900, mulheres figurando virgens participavam da procissão de domingo, próximas às alas de *anjos*, que carregavam “os objetos do Suplício Divino” (VÁRZEA, 1984, p. 77-78). Gertrudes Marchese, em entrevista concedida em 2008, menciona que as virgens eram representadas por três moças vestidas de branco; elas e os *anjos* recebiam, cantando, as imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores no seu retorno à Capela do Menino Deus, no domingo.

### Referências

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico* [...] autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 10v. Disponível em: <<http://purl.pt/13969>>. Acesso em: 12-30 mar.-abr. 2018.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. v. 1-2.

CALDAS AULETE, F. J. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881. Disponível em: <<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26034>>. Acesso em: mar.-abr. 2018.

CASCAES, Franklin. *Caderno pequeno n. 37*. Acervo Elizabeth Pavan Cascaes, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal de Santa Catarina (MARQUE/UFSC).

FONTES, Henrique. A Irmandade do Senhor dos Passos e o seu Hospital e aqueles que os fundaram. In: PEREIRA, Nereu do Vale (Org.). *Memorial histórico da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos*. Florianópolis: Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, 1997-1998. v. 1. [Edição original: 1965]

MARCHESE, Gertrudes, funcionária da Capela do Menino Deus. *Entrevista concedida a Marcos Rebelo e André Luís da Silva*. [Florianópolis], 2008. Gravação em áudio, 53 minutos. Acervo: Iphan-SC.

MIRA, Crispim. *Terra Catharinense*. Florianópolis: Livraria Moderna, 1920.

MORAES SILVA, Antonio. *Dicionário da Língua Portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro*. Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. 2 v. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/>>. Acesso em: 12-30 mar. 2018.

*O Mercantil*, Desterro, Ano IX, n. 809, 14 fev. 1869. Disponível em: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

SILVA PINTO, Luiz Maria. *Dicionário da Língua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Província de Goyaz*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/>>. Acesso em: 12-30 mar.-abr. 2018.

VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina – a Ilha*. Florianópolis: IOESC, 1984. [Edição original: 1900]



## Apêndice 7:

### Catálogo de orações, cânticos e partituras

*O presente catálogo, além de partituras, reúne uma oração, o cântico da Verônica (em latim) e vários cânticos que são usuais na Procissão do Senhor dos Passos, nos anos mais recentes.*

*Quanto às partituras, na sua maioria são reproduções fotográficas das adotadas pela Sociedade Musical Amor à Arte. Mais propriamente, são partes de uma partitura geral – as partes destinadas ao intérprete de um instrumento específico (trompete, trombone etc.). Reproduzir todas as partes de uma única partitura de peça musical para banda faria com que o catálogo ficasse imenso, e a opção, então, foi apresentar aquilo que a própria banda considerasse mais significativo. Para isso foi possível contar com a colaboração do sr. Nélio Schmidt, presidente da Amor à Arte.*

*O catálogo é, assim, no que tange às partituras (com uma exceção), apenas uma amostragem do repertório de uma das bandas que mais regularmente têm tocado na Procissão do Senhor dos Passos, há várias décadas.*

*No curto período da pesquisa complementar realizada entre 2017 e 2018, não foi possível proceder a levantamentos de partituras junto às bandas Comercial, da Polícia Militar e do Ribeirão da Ilha. Um levantamento sistemático de todos esses acervos musicais, caso venha a ser feito, certamente demandará uma pesquisa longa. Espera-se que o presente catálogo possa estimular uma pesquisa dessa envergadura e, em alguma medida, oferecer a ela um suporte seguro. Igualmente, que estimule mais reflexões e estudos sobre o lugar da música na Procissão do Senhor dos Passos.*

---

## Sumário

### Oração

Oração ao Senhor Jesus dos Passos .....	277
---	-----

### Cânticos

A ti, meu Deus .....	278
Ao Senhor dos Passos .....	279
Bendita e louvada seja .....	280
Dai-nos a benção .....	281
Eu confio em Nosso Senhor .....	282
Faz um milagre em mim .....	283
Hino à Virgem Nossa Senhora das Dores .....	284
Noites traiçoeiras .....	285
Se as águas do mar da vida .....	286
Senhor meu Deus .....	287
Ó meu Jesus amado .....	288
O povo de Deus .....	289
Pelos prados e campinas .....	290
Porque ele vive .....	291
Queremos Deus .....	292
Tu te abeiraste da praia .....	293
Virgem dolorosa Nossa Senhora das Dores .....	294
Vitória, tu reinarás .....	295

<b>Canto da Verônica</b> .....	296
--------------------------------	-----

### Partituras

A ti, meu Deus .....	297
Ao Senhor dos Passos .....	298
Em nome do Pai .....	299
Felipe Schmidt .....	301
Graças vos damos, Senhora .....	305
Marcha n. 2 .....	306
Marcha 11 A .....	307
Meu coração é para ti .....	309
Notti de Veglie .....	310
Pelos prados e campinas .....	311
Sacro egoísmo .....	312
Sinfonia Onore al Merito .....	313
Um coração para amar .....	315
Viva Mãe de Deus e nossa .....	316



## Oração ao Senhor Jesus dos Passos

Meu Jesus, Senhor dos Passos, açoitado, coroadado de espinhos, escarnecido e cuspidado, condenado à morte, carregado com a cruz, caído por terra, pregado no madeiro, Vós sois a vítima das nossas iniquidades.

Eu quero acompanhar os Vossos dolorosos PASSOS rumo ao Calvário, em cujo cimo consumiu-se a Vossa vida. Mas do Vosso sacrifício brotou a nossa salvação.

Senhor do Passos, perdoai as minhas maldades e apagai os pecados de todo o mundo.

Meu Jesus, Senhor dos Passos, Tende piedade de nós!

Vós que sois Deus, com o Pai, na unidade do Espírito Santo.

Amém!

Fonte: PEREIRA, Nereu do Vale (Org.). *Memorial histórico da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos*. Florianópolis: Ministério da Cultura, 1997-1998. v.2. p. 410.

## **A ti meu Deus<sup>1</sup>**

A ti, meu Deus, elevo meu coração /  
elevo as minhas mãos/  
meu olhar, minha voz.

A ti, meu Deus, eu quero oferecer.  
meus passos e meu viver /  
meus caminhos, meu sofrer.

**A tua ternura, Senhor, vem me abraçar /  
e a tua bondade infinita, me perdoar /  
vou ser o teu seguidor e te dar  
o meu coração /  
eu quero sentir o calor de tuas mãos.**

A ti, meu Deus, que és bom e que tens amor /  
ao pobre e ao sofredor  
vos servir e esperar.

Em ti, Senhor, Humildes se alegrarão /  
cantando a nossa canção  
de esperança e de paz.

---

<sup>1</sup> Em folheto distribuído na Procissão do Senhor dos Passos realizada em Florianópolis em 2017, intitulado “Folha de cantos”, este cântico aparece como o segundo de dezessete a serem entoados.

## **Ao Senhor dos Passos<sup>2</sup>**

1. Senhor, os vossos passos / queremos  
imitar, tirai nosso cansaço, / fazei-nos  
caminhar!

**//: Senhor dos Passos, Bom Jesus,  
Por nosso amor levando a cruz,  
Senhor Jesus! Senhor Jesus ://**

2. Dissestes no Evangelho: /quem quer vir  
após mim, que tome a cruz às costas,/  
Caminhe até o fim!

3. A vós nós adoramos, /porque, por vossa  
Cruz, do mundo os crimes tantos / remistes,  
Bom Jesus!

4. Ao vosso encontro, aflita, Maria  
Caminhou, Bendita Mãe das Dores:/  
Que exemplo nos deixou!

5. Quem vos seguir fielmente, na Cruz,  
trunfará, banhado em vosso sangue, /  
também ressurgirá!

---

<sup>2</sup> Em folheto distribuído na Procissão do Senhor dos Passos realizada em Florianópolis em 2017, intitulado “Folha de cantos”, este cântico aparece como o quinto de dezessete a serem entoados.

### **Bendita e louvada seja<sup>3</sup>**

1. Bendita e louvada seja no céu a divina luz.

//: E nós também cá na terra,

Louvemos a Santa Cruz://

2. Os céus cantam a vitória de Nosso Senhor

Jesus. //: Cantemos também na terra

Louvores à Santa Cruz://

3. Sustenta gloriosamente nos braços o bom

Jesus, //: sinal de esperança e vida,

o lenho da Santa Cruz://

4. humildes e confiantes levemos a nossa

cruz, //: seguindo o sublime exemplo de Nosso

Senhor Jesus://

5. Cordeiro imaculado, por todos morreu

Jesus, //: remindo as nossas almas,

é Rei pela Santa Cruz://

6. É arma em qualquer perigo, é raio de eterna

luz, //: bandeira vitoriosa, o santo Sinal da Cruz ://

7. Ao povo aqui reunido, dai graça, perdão e

luz! //: Salvai-nos, ó Deus clemente,

em nome da Santa Cruz!://

---

<sup>3</sup> Em folheto distribuído na Procissão do Senhor dos Passos realizada em Florianópolis em 2017, intitulado “Folha de cantos”, este cântico aparece como o décimo primeiro de dezessete a serem entoados.



**Dai-nos a bênção<sup>4</sup>**

**Dai-nos a bênção, ó mãe querida**

**Nossa Senhora Aparecida**

**Dai-nos a bênção, ó mãe querida**

**Nossa Senhora Aparecida**

Sobre esse manto o azul do céu

Guardai-nos sempre no amor de Deus (2 vezes)

Eu me consagro ao vosso amor

Ó mãe querida do Salvador (2 vezes)

Sois nossa vida sois nossa luz

Ó mãe querida do meu Jesus (2 vezes)

---

<sup>4</sup> Em folheto distribuído na Procissão do Senhor dos Passos realizada em Florianópolis em 2017, intitulado “Folha de cantos”, este cântico aparece como o último de dezessete a serem entoados.

## **Eu confio em Nosso Senhor<sup>5</sup>**

**//: Eu confio em Nosso Senhor com fé, esperança e amor://**

1. Creio em Deus uno, trino e eterno,  
que criou o céu, a terra e o mar.  
Sou católico, crente e sincero.  
A meu Deus aprendi a adorar.

2. Eu espero salvar a minh'alma,  
com o auxílio da graça de Deus.  
Cumprirei sempre os Dez Mandamentos,  
que abram as portas do céu.

3. Amo a Deus sobre todas as coisas  
e lhe dou este meu coração.  
Amo o próximo como a min mesmo,  
pois o próximo é nosso irmão.

4. Sou feliz, pois eu tenho na terra,  
Alimento divino: Jesus!  
Hóstia Santa, Deus vivo humanado.  
Meu conforto na luta e na cruz.

5. Medianeira de todas as graças,  
Salve Mãe de Jesus Redentor!  
Interceda por nós redimidos!  
Leva os filhos à Pátria do amor!

---

<sup>5</sup> Em folheto distribuído na Procissão do Senhor dos Passos realizada em Florianópolis em 2017, intitulado “Folha de cantos”, este cântico aparece como o nono de dezessete a serem entoados.

### **Faz um milagre em mim<sup>6</sup>**

1. Como Zaqueu eu quero subir,  
O mais alto que eu puder, só pra te ver,  
olhar para ti, e chamar sua  
atenção para mim.

2. Eu preciso de ti Senhor, eu preciso  
de ti, ó pai, sou pequeno demais,  
Me dá a tua paz, largo tudo pra te seguir.

3. Entra na minha casa,  
entra na minha vida, mexe com minha  
estrutura, sara todas as feridas,  
Me ensina a ter santidade, quero amar  
somente a ti. Porque o Senhor é meu  
bem maior, faz um milagre em mim.

---

<sup>6</sup> Em folheto distribuído na Procissão do Senhor dos Passos realizada em Florianópolis em 2017, intitulado “Folha de cantos”, este cântico aparece como o décimo sexto de dezessete a serem entoados.

## Hino à Virgem Nossa Senhora das Dores [Salve ó Virgem dolorosa!]<sup>7</sup>

*Salve ó Virgem dolorosa!  
Amparo dos pecadores!  
Dai-nos pelas vossas dores  
A dor dos nossos pecados.*

Infundi em nossos peitos  
Vosso amor tão grande e puro,  
Seja ele no futuro  
O ostensor da nossa fé.

Dai-nos Virgem santa, santa,  
Vossa dor, vossa agonia;  
- Seja o pranto de Maria  
Nossa grata expiação –

Que o pranto, que se desliza  
Em vossa divina face,  
Os nossos peitos repasse  
Orvalhando a contrição.

Sede lume e santo espírito  
Na geena tenebrosa,  
Sede estrela generosa  
Nesta nossa escuridão.

Virgem mãe, sagrado asilo  
Da esperança e caridade,  
Amparai, por piedade,  
Nosso amor ardente e fé.

Ah! Bani de nosso peitos  
Todo o mal e todo o erro,  
E fazei deste Desterro  
A mansão do amor e paz.

Venham tempos de harmonia,  
Marquem dias de bonança  
Esta hora de esperança,  
De humildade, amor e fé.

---

<sup>7</sup> Hino transcrito no jornal *O Cruzeiro do Sul*, publicado em Desterro, edição de 14 de abril de 1859. De acordo com o jornal, esse hino foi entoado ao ser devolvida a imagem de Nossa Senhora das Dores à Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Esclareceu-se ainda ser “composição poética” de Manoel de Araújo Porto-Alegre e “musical” do ex-ministro João Francisco de Souza Coutinho. Disponível em: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/O%20cruzeiro%20do%20sul%20-%20Desterro/OCD1859108.pdf>>. Acesso em 14 dez. 2017.

## Noites traiçoeiras<sup>8</sup>

Deus está aqui neste momento.

Sua presença é real em meu viver.

Entregue sua vida e seus problemas.

Fale com Deus, Ele vai ajudar você.

**Deus te trouxe aqui**

**Para aliviar o teu sofrimento.**

**É Ele o autor da Fé**

**Do princípio ao fim,**

**Em todos os seus tormentos.**

**E ainda se vier noites traiçoeiras,**

**Se a cruz pesada for, Cristo estará contigo.**

**O mundo pode até fazer você chorar,**

**Mas Deus te quer sorrindo (*bis*)**

Seja qual for o seu problema

Fale com Deus. Ele vai ajudar você.

Após a dor vem a alegria,

Pois Deus é amor e não te deixará sofrer.

---

<sup>8</sup> Em folheto distribuído na Procissão do Senhor dos Passos realizada em Florianópolis em 2017, intitulado “Folha de cantos”, este cântico aparece como o primeiro de dezessete a serem entoados.

## **Ó meu Jesus amado<sup>9</sup>**

1. Ó meu Jesus amado, ao vosso coração\*  
/:arrepido eu peço \*a graça do perdão!/:
2. Tão inocente e puro, / meu Deus e  
meu Senhor, /:vós, padecer quisestes  
\*por mim tão pecador/:
3. A cruz, os duros pregos cravados,  
\*a sede, amargo fel \*/: o triste desamparo,  
\*a morte, enfim, cruel”/:
4. E não contente ainda, \*de tão cruel  
penar, \*/: na hóstia consagrada  
\*deixastes-vos no altar:/
5. Memorial perene \*da morte e da paixão.  
/: Manancial da vida \*na santa comunhão!/:

---

<sup>9</sup> Em folheto distribuído na Procissão do Senhor dos Passos realizada em Florianópolis em 2017, intitulado “Folha de cantos”, este cântico aparece como o décimo quinto de dezessete a serem entoados.

## O povo de Deus<sup>10</sup>

O povo de Deus no deserto andava  
Mas à sua frente Alguém caminhava  
O povo de Deus era rico de nada  
Só tinha a esperança e o pó da estrada  
**Também sou teu povo, Senhor,  
e estou nessa estrada.  
Somente a Tua graça me basta e mais nada!**

O povo de Deus também vacilava  
Às vezes custava a crer no amor  
O povo de Deus, chorando, rezava  
Pedia perdão e recomeçava  
**Também sou teu povo, Senhor,  
e estou nessa estrada.  
Perdoa se às vezes não creio em mais nada!**

O povo de Deus também teve fome  
E Tu lhe mandaste o pão lá do céu.  
O povo de Deus, cantando deu graças,  
provou teu amor. Teu amor que não passa.  
**Também sou teu povo, Senhor,  
e estou nessa estrada.  
Tu és alimento na longa jornada!**

O povo de Deus ao longe avistou  
a terra querida que o amor preparou.  
O povo de Deus corria e cantava  
e nos seus louvores seu amor proclamava  
**Também sou teu povo, Senhor,  
e estou nessa estrada.  
Cada dia mais perto da terra esperada!**

---

<sup>10</sup> Em folheto distribuído na Procissão do Senhor dos Passos realizada em Florianópolis em 2017, intitulado “Folha de cantos”, este cântico aparece como o quarto de dezessete a serem entoados.

## **Pelos prados e campinas<sup>11</sup>**

1. Pelos prados e campinas verdejantes, eu vou!  
É o Senhor que me leva a descansar.  
Junto às fontes de águas puras, repousantes, eu vou!  
Minhas forças o Senhor vai animar!

**//: Tu és, Senhor, o meu pastor!  
Por isso nada em minha vida faltará! ://**

2. Nos caminhos mais seguros, junto d'Ele, eu vou!  
E pra sempre o seu nome eu honrarei.  
Se eu encontro mil abismos, nos caminhos, eu vou!  
Segurança sempre tenho em suas mãos.

3. No banquete em sua casa, muito alegre, eu vou!  
Um lugar em sua mesa me preparou!  
Ele unge minha fronte e me faz ser feliz,  
e transborda a minha taça em Seu amor

4. Bem à frente do inimigo, confiante eu vou!  
Tenho sempre o Senhor junto de mim.  
Seu cajado me protege e eu jamais temerei.  
Sempre junto do Senhor eu estarei.

5. Co'alegria e esperança, caminhando eu vou!  
Minha vida está sempre em suas mãos.  
E na casa do Senhor eu irei habitar.  
E este canto para sempre irei cantar!

---

<sup>11</sup> Em folheto distribuído na Procissão do Senhor dos Passos realizada em Florianópolis em 2017, intitulado “Folha de cantos”, este cântico aparece como o oitavo de dezessete a serem entoados.



## **Porque ele vive<sup>12</sup>**

Deus enviou seu Filho amado,  
para morrer em meu lugar.  
Na cruz pagou por meus pecados,  
mas o sepulcro vazio está, porque Ele vive.

**Porque Ele vive, eu posso crer no amanhã.  
Porque Ele vive, temor não há,  
mas eu bem sei, que o meu futuro  
está nas mãos do meu Jesus,  
que vivo está.**

Um dia eu vou cruzar os rios  
e verei então um céu de luz  
e verei que lá, em plena glória,  
vitorioso, vive e reina  
o meu Jesus.

---

<sup>12</sup> Em folheto distribuído na Procissão do Senhor dos Passos realizada em Florianópolis em 2017, intitulado “Folha de cantos”, este cântico aparece como o terceiro de dezessete a serem entoados.

## Queremos Deus<sup>13</sup>

1. Queremos Deus, povo escolhido,

\*em Jesus Cristo Salvador,

\*que em Seu amor tem reunido

assim o justo e pecador.

**Da nossa fé ó Virgem \*o brado abençoai.**

**//:Queremos Deus, que é nosso Rei**

**Queremos Deus que é nosso Pai://**

2. Queremos Deus! A caridade

\*é nossa lei de bons cristãos.

\*Pois nisto está toda verdade:

\*“Amar-nos sempre como irmãos” .

3. Queremos Deus! E na esperança

\*peregrinamos sem temor.

\*Pois nossa fé e segurança

\*nos vêm da Igreja do Senhor!

4. Queremos Deus, na sociedade,

\*na lei, na escola e em nosso lar.

\*Justiça e paz, fraternidade,

\*então no mundo há de reinar.

5. Queremos Deus! Todos queremos

\*o sangue dar por suas leis.

\*Cristãos leais, nós seguiremos

\*a Jesus Cristo, Reis dos reis.

Queremos Deus! \* Pronto juramos

\*ao Pai divino obedecer. \*E de O servir

nos ufanamos: \*queremos Deus até morrer!

---

<sup>13</sup> Em folheto distribuído na Procissão do Senhor dos Passos realizada em Florianópolis em 2017, intitulado “Folha de cantos”, este cântico aparece como o décimo de dezessete a serem entoados.

## Se as águas do mar da vida<sup>14</sup>

1. Se as águas do mar da vida, quiserem te afogar

\*segura na mão de Deus e vai.

\*Se as tristezas desta vida quiserem te sufocar,

\*segura na mão de Deus e vai.

**//: Segura na mão de Deus://, pois ela, ela te sustentará.**

**Não temas, segue adiante, e não olhes para trás;**

**\*segura na mão de Deus e vai.**

2. Se a jornada é pesada, e te cansas da caminhada.

\*segura na mão de Deus e vai.

\*Orando, jejuando, confiando e confessando,

\*segura na mão de Deus e vai.

3. O Espírito do Senhor sempre te revestirá,

\*segura na mão de Deus e vai.

Jesus Cristo prometeu que jamais te deixará,

\*segura na mão de Deus e vai.

---

<sup>14</sup> Em folheto distribuído na Procissão do Senhor dos Passos realizada em Florianópolis em 2017, intitulado “Folha de cantos”, este cântico aparece como o sétimo de dezessete a serem entoados.

## **Senhor meu Deus<sup>15</sup>**

1. Senhor meu Deus, quando eu maravilhado/  
fico a pensar nas obras de tuas mãos/  
no céu azul de estrelas pontilhado/  
o teu poder mostrando a criação.

**//: Então minh'alma canta a ti, Senhor:/  
Quão Grande és Tu! Quão Grande és Tu://**

2. Quando a vagar nas matas e florestas/  
o passaredo alegre ouço a cantar / olhando  
os montes, vales e campinas/  
em tudo vejo o teu poder sem par.

3. Quando eu medito em teu amor tão grande/  
seu Filho dando ao mundo pra salvar/  
na cruz vertendo o seu precioso sangue/  
minh'alma pode assim purificar.

4. Quando enfim, Jesus vier em glória/  
e ao lar celeste então me transportar/  
te adorarei, prostrado e para sempre/  
quão grande és tu, meu Deus, hei de cantar.

---

<sup>15</sup> Em folheto distribuído na Procissão do Senhor dos Passos realizada em Florianópolis em 2017, intitulado “Folha de cantos”, este cântico aparece como o sexto de dezessete a serem entoados.

## Tu te abeiraste da praia<sup>16</sup>

1. Tu te abeiraste da praia, \*não buscaste  
nem sábios nem ricos,  
\*somente queres que eu te siga.

**Senhor, Tu me olhaste nos olhos,  
\*a sorrir, pronunciaste meu nome.  
\*Lá na praia, eu larguei o meu barco,  
\*junto a ti buscarei outro mar.**

2. Tu, sabes bem que em meu barco  
\*eu não tenho nem ouro nem espadas,  
\*somente redes e o meu trabalho.

3. Tu, minhas mãos solicitas,  
\*meu cansaço que a outros descansa;  
\* amor que almeja seguir amando.

4. Tu, pescador de outros lagos,  
\*ânsia eterna de almas que esperam,  
\*bondoso amigo que assim me chamas.

---

<sup>16</sup> Em folheto distribuído na Procissão do Senhor dos Passos realizada em Florianópolis em 2017, intitulado “Folha de cantos”, este cântico aparece como o décimo quarto de dezessete a serem entoados.

## **Virgem dolorosa Nossa Senhora das Dores<sup>17</sup>**

**Bendita sejais!\* Senhora das Dores,\***

**//: ouvi nossos rogos, Mãe dos pecadores://.**

1. Virgem dolorosa\* que aflita chorais\*

Repleta de angústia, \* bendita sejais!

2. De Simeão as vozes\* no templo escutais,\*

Cruéis profecias!\* Bendita sejais!

3. Manda o céu um anjo\* dizer que fujais\*

Do sevo tirano. \*Bendita sejais!

4. Volvendo do templo\* Jesus não achais,\*

Que susto sofrestes! \* Bendita sejais!

5. Que dor indizível\* quando o encontrais\*

Com a cruz às costas! \*Bendita sejais!

6. A dor ainda cresce\* quando contemplais\*

Jesus expirando! \*Bendita sejais!

7. No vosso regaço\* seu corpo abrigais,\*

Com Ele abraçada! \*Bendita sejais!

8. Sem Filho, e tal Filho! Então suportais\*

Cruel soledade! \*Bendita sejais!

---

<sup>17</sup> Em folheto distribuído na Procissão do Senhor dos Passos realizada em Florianópolis em 2017, intitulado “Folha de cantos”, este cântico aparece como o décimo segundo de dezessete a serem entoados.

## **Vitória, tu reinarás<sup>18</sup>**

//: Vitória! Tu reinarás, \*Ó Cruz!

Tu nos salvarás!://

1. Brilhando sobre o mundo \*que vive sem  
tua luz, \*tu és um sol fecundo  
\*de amor e de paz, ó Cruz.

2. Aumenta a confiança  
\*do pobre e do pecador, \*confirma nossa  
Esperança \*na marcha para o Senhor.

3. À sombra dos teus braços  
\*a Igreja viverá, \*por ti no eterno abraço  
\*o Pai nos acolherá.

---

<sup>18</sup> Em folheto distribuído na Procissão do Senhor dos Passos realizada em Florianópolis em 2017, intitulado “Folha de cantos”, este cântico aparece como o décimo terceiro de dezessete a serem entoados.

## **Canto da Verônica**

*O vos omnes qui transitis per viam:*

*Attendite et videte si est dolor sicut dolor meus. (2 vezes)*

*Attendite, universi populi, et videte dolorem meum.*

*Si est dolor similis sicut dolor meus.*

[Ó, todo vós que passais pelo caminho  
Parai e vede se há dor como a minha dor.

Parai, todas as pessoas, e vede a minha dor  
Se há dor como a minha dor.]



## A ti, meu Deus

Para Sax Alto.

Cópia de 2010.

Acervo: Sociedade Musical Amor à Arte, Florianópolis, SC.

Handwritten musical score for Sax Alto, titled "A ti, meu Deus". The score is written on a single sheet of paper with a red border. It features ten staves of music. The first staff is in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a time signature of 6/8. The music is written in a cursive, handwritten style. The title "A ti, meu Deus." is written at the top, and "SMA Mús" is written to the left. A circled number "12" is in the top right corner. The score concludes with a double bar line and a fermata. Below the main staff, there are three empty staves. The date "10/11/10" and the name "Diana C" are written in the lower right area. The number "02" is written at the bottom right of the page.

## Ao Senhor dos Passos

Padre Ney Brasil (letra e música)

Para voz.

Fonte: PEREIRA, Nereu do Vale (Org.). *Memorial histórico da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos*. Florianópolis: Ministério da Cultura, 1997-1998. v.2. p. 411.

**AO SENHOR DOS PASSOS**  
*Letra e Música: Pe. Ney Brasil*

1. Se-nhor, os vos-sos pas-sos que-re-mos i-mi-tar. Ti-rai nos-so can-sa-ço, fa-zel-nos ca-mi-nhar. Refrão Se-nhor dos Pas-sos, bom Je-sus, por nos-so a-mor le-van-do a cruz, Se-nhor Je-sus, Se-nhor Je-sus.

1. Senhor, os vossos passos queremos imitar / tirai nossos cansaço, fazei-nos caminhar.

**SENHOR DOS PASSOS, BOM JESUS, POR NOSSO AMOR  
LEVANDO A CRUZ, SENHOR JESUS, SENHOR JESUS.**

2. Dissestes, no Evangelho: Quem quer vir após Mim / que tome a Cruz às costas, caminhe até o fim!
3. A vós nós adoramos, porque, por vossa Cruz / do mundo os crimes tantos remistes, bom Jesus!
4. Ao vosso encontro, aflita, Maria caminhou / bendita Mãe das Dores que exemplo nos deixou!
5. Quem vos seguir fielmente, na Cruz triunfará / banhado em vosso Sangue, também ressurgirá!

## Em nome do Pai

Arranjo: Mário João Daniel.

Parte para 1º Clarinete.

Acervo: Sociedade Musical Amor à Arte, Florianópolis, SC.

Em Nome Do Pai

Arranjo: Mário João Daniel

1º Clarinete

D.S.

## Em nome do Pai

Arranjo: Mário João Daniel.

Parte para Flugelhorn.

“Versão para Procissão de Senhor dos Passos 2016”

Acervo: Sociedade Musical Amor à Arte, Florianópolis, SC.

The image shows a musical score for Flugelhorn. The title is "Em Nome Do Pai" and it is a "Versão para Procissão de Senhor dos Passos 2016". The arranger is "Arranjo: Mário João Daniel". The score is written in treble clef with a 12/8 time signature. It consists of five staves of music. The first staff starts with a treble clef and a 12/8 time signature. The second staff has a first ending bracket. The third and fourth staves are similar in rhythm. The fifth staff ends with a double bar line. At the bottom of the page, there is contact information for the Sociedade Musical Amor a Arte.

Em Nome Do Pai  
Versão para Procissão de Senhor dos Passos 2016  
Arranjo: Mário João Daniel

Flugelhorn

Sociedade Musical Amor a Arte  
Cópia: Jonathas Barcelos Simas  
jonathasbsimas@gmail.com  
Cópia 01/03/2016

## Felipe Schmidt

(Marcha triunfal)

*P. Pavão*

Parte para 1º. Piston.

Cópia de 1957.

Acervo: Sociedade Musical Amor à Arte, Florianópolis, SC.

I. PISTON. MARCHA TRIUMPHAL FELIPPE SCHMIDT. POR P. PAVÃO.

TELLER LIMA 1930

Cópia de [signature] 4-4-957

## Felipe Schmidt

(Marcha)

Acervo: Sociedade Musical Amor à Arte, Florianópolis, SC.

The image shows a handwritten musical score on aged paper, titled "Marcha" by Felipe Schmidt. The score is written in black ink and features ten staves of music. The notation includes various rhythmic values, accidentals, and dynamic markings. The score is divided into sections marked with red letters A through H. The paper has some wear and tear, particularly at the top right corner. The title "Marcha" and the composer's name "Felipe Schmidt" are written in cursive at the top of the page. The score is set against a red background.

## Felipe Schmidt

(Marcha triunfal)

Cópia de 1963.

Acervo: Sociedade Musical Amor à Arte, Florianópolis, SC.

A handwritten musical score for a triumphal march. The title is "Marcha Triunfal" by Felipe Schmidt. The score is written on ten staves of music. It begins with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The music is marked with various dynamics and articulations, including accents and slurs. There are several sections marked with letters A through H in red ink. Section A is the beginning of the piece. Section B is marked with a first ending bracket. Section C is marked with a second ending bracket. Section D is marked with a first ending bracket. Section E is marked with a first ending bracket. Section F is marked with a first ending bracket. Section G is marked with a first ending bracket. Section H is marked with a first ending bracket. The score concludes with a double bar line and a signature "Felipe Schmidt" and the date "7-1-63".

## Felipe Schmidt

(Marcha triunfal)

Parte para 1º. Trompete.

Cópia de 1984.

Acervo: Sociedade Musical Amor à Arte, Florianópolis, SC.

**1º TROMPETE - MARCHA TRIUNFAL - FELIPE SCHMIDT**

The musical score is written on ten staves. It begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a common time signature (C). The score is divided into sections labeled A through H. Section A starts with a dynamic marking 'f'. Section B includes a dynamic marking 'p'. Section C includes dynamic markings 'p' and 'ff'. Section D includes a dynamic marking 'p'. Section E includes a dynamic marking 'f'. Section F includes dynamic markings 'f' and 'p'. Section G includes dynamic markings 'p' and 'ff'. Section H includes dynamic markings 'p' and 'ff'. The score concludes with the date 'cópia N. Schmidt 20-11-84'.



## Graças vos damos, Senhora

Parte "Mestre".

Acervo: Sociedade Musical Amor à Arte, Florianópolis, SC.

The image shows a photograph of a sheet of musical notation for the piece "Graças Vos Damos Senhora". The sheet is titled "MESTRE" and "Graças Vos Damos Senhora". It features a tempo marking of  $\text{♩} = 75$  and a key signature of two flats (B-flat and E-flat). The notation is written on a single staff in treble clef. The piece consists of seven lines of music, with measure numbers 6, 11, 16, 21, 25, and 29 indicated. The final line (measures 29-30) includes first and second endings. At the bottom of the page, the text reads "Sociedade Musical 'Amor a Arte'" and "Cópia: Renato Silveira".

## Marcha n. 2

Parte para 1º. Piston.

Acervo: Sociedade Musical Amor à Arte, Florianópolis, SC.

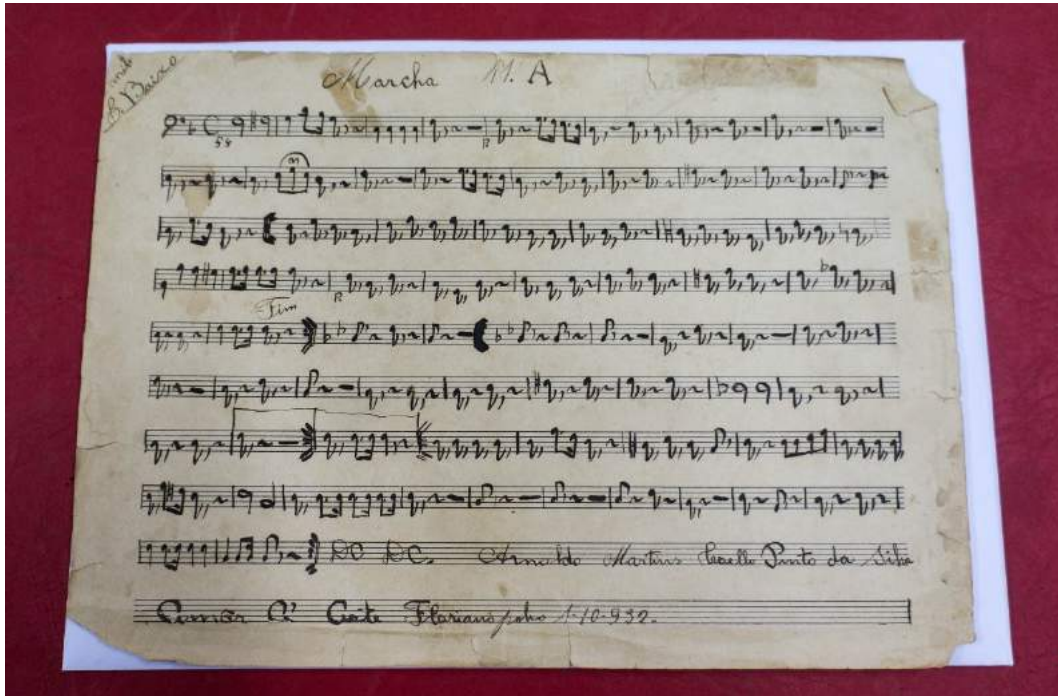


## Marcha 11 A

Parte para Baixo.

Cópia de 1932.

Acervo: Sociedade Musical Amor à Arte, Florianópolis, SC.



### Marcha 11 A

Parte para 3º. Clarinete.

Acervo: Sociedade Musical Amor à Arte, Florianópolis, SC.

Handwritten musical score for Clarinet 3, titled "Marcha 11 A" by R. Gonzaga. The score is written on ten staves with various musical notations, including dynamics like *ff*, *pp*, and *f*. It includes a key signature of one flat and a common time signature. The manuscript is on aged paper with some staining and a white repair strip.

## Meu coração é para ti

Parte para 2º. Saxofone (Alto).

Acervo: Sociedade Musical Amor à Arte, Florianópolis, SC.

2º Alto Saxophone " Meu Coração é para Ti "

♩ = 75

Cópia:  
Renato Silveira

5

10

15

20

25

31

37

42

47

50

D.S.

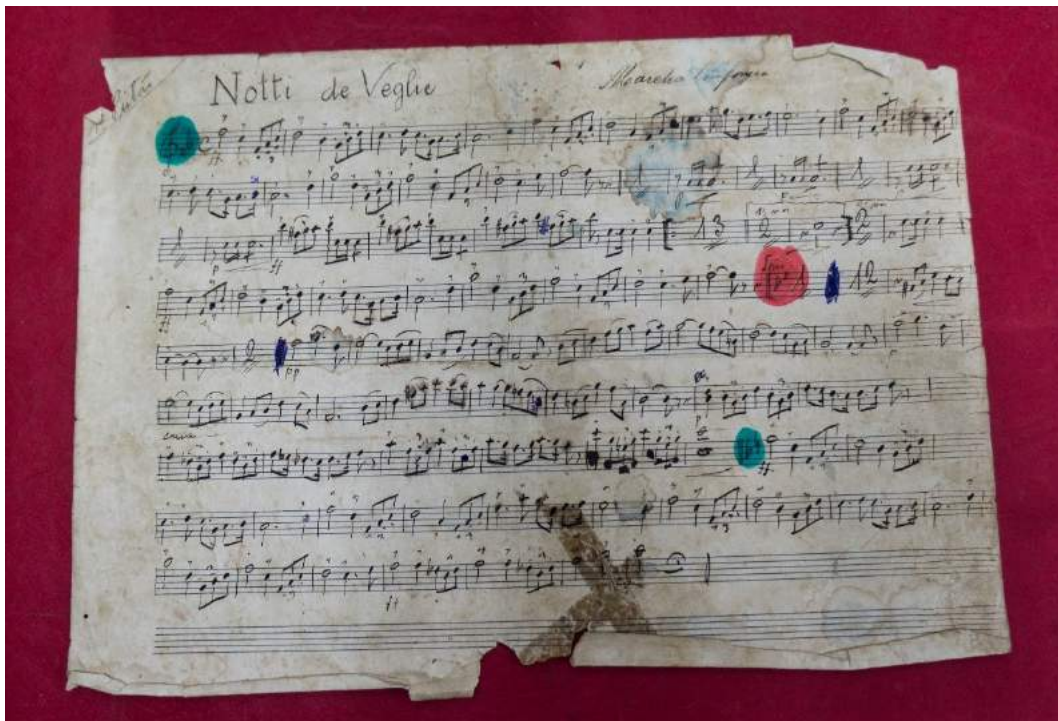
The image shows a page of musical notation for the 2nd Alto Saxophone part of the song "Meu Coração é para Ti". The score is written in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a common time signature (C). The tempo is marked as quarter note = 75. The score consists of ten staves of music, with measure numbers 5, 10, 15, 20, 25, 31, 37, 42, 47, and 50 indicated at the beginning of their respective staves. The music features a melodic line with various rhythmic patterns, including eighth and sixteenth notes, and rests. A double bar line with repeat dots is used at the end of the piece, with the marking "D.S." (Da Seguinte) above it.

## Notti de Veglie

(Marcha sinfônica)

Parte para 1º. Pistão.

Acervo: Sociedade Musical Amor à Arte, Florianópolis, SC.



## Pelos prados e campinas

Parte para Trombone.

Cópia de 1996.

Acervo: Sociedade Musical Amor à Arte, Florianópolis, SC.

The image shows a handwritten musical score on a piece of paper with a red border. The title "PELOS PRADOS E CAMPINAS" is written in a stylized, cursive font at the top. The score is written in treble clef with a common time signature (C). It consists of five staves of music. The first staff begins with a treble clef and a common time signature. The second staff has a section marked with a large letter "A". The third staff has a section marked with a Roman numeral "I". The fourth staff has a section marked with a Roman numeral "II". The fifth staff has a section marked with a Roman numeral "III" and a section marked with a Roman numeral "IV". The score ends with a double bar line, a key signature change to one flat (B-flat), and a common time signature. The date "Em 26.03.96" is written at the bottom right. The word "RALL" is written below the final staff. There are some handwritten notes and markings throughout the score, including "Vocant:" and "Vocant:".

## Sacro egoísmo

(Marcha sinfônica)

Parte para 3°. Trombone.

Acervo: Sociedade Musical Amor à Arte, Florianópolis, SC.

Handwritten musical score for the 3rd Trombone part of the piece "Sacro egoísmo". The score is written on aged, yellowed paper with ten staves. The title "Marcha Sinfônica Sacro Egoísmo" is written in cursive at the top, with "3.º Trombone" written vertically on the left. The music is in 3/4 time and features a variety of rhythmic patterns, including eighth and sixteenth notes, rests, and dynamic markings such as *p*, *pp*, and *allegro*. The notation includes stems, beams, and various articulation marks.



## Sinfonia Onore al Merito

Parte para Trombone.

Acervo: Sociedade Musical Amor à Arte, Florianópolis, SC.



## Sinfonia Onore al Merito

Parte para Baixo.

Cópia de 1957.

Acervo: Sociedade Musical Amor à Arte, Florianópolis, SC.

The image shows a handwritten musical score for the Bass part of a piece titled "SINFONIA ONORE AL MERITO." The score is written on aged, yellowed paper and is arranged in ten staves. The notation includes various musical symbols such as clefs, time signatures, and dynamic markings. The piece is in 2/4 time. The score begins with a treble clef and a key signature of one flat (B-flat). The first staff is marked with a forte dynamic (ff) and a tempo marking of "molto". The second staff is marked with a piano dynamic (p) and a tempo marking of "allegro". The third staff is marked with a piano dynamic (p) and a tempo marking of "moderato". The fourth staff is marked with a piano dynamic (p) and a tempo marking of "allegro". The fifth staff is marked with a piano dynamic (p) and a tempo marking of "molto". The sixth staff is marked with a piano dynamic (p) and a tempo marking of "allegro". The seventh staff is marked with a piano dynamic (p) and a tempo marking of "molto". The eighth staff is marked with a piano dynamic (p) and a tempo marking of "allegro". The ninth staff is marked with a piano dynamic (p) and a tempo marking of "molto". The tenth staff is marked with a piano dynamic (p) and a tempo marking of "allegro". The score concludes with a double bar line and a fermata. At the bottom right of the page, there is a handwritten note: "Cópia de Osvaldo Batista 14-9-1957." The paper is slightly wrinkled and has some discoloration, particularly at the bottom edge.

## Um coração para amar

Parte para "Tenor".

Acervo: Sociedade Musical Amor à Arte, Florianópolis, SC.

Handwritten musical score for Tenor, titled "Um coração para amar". The score is written on a single sheet of paper with a red border. It features ten staves of music in treble clef, 3/4 time signature. The lyrics "TENOR um coração para amar" are written above the first staff. A circled number "11" is in the top right corner. The notation includes various note values, rests, and dynamic markings. The score concludes with a double bar line and a fermata on the final note.

## Viva Mãe de Deus e nossa

Parte para 1º. Flugelhorn.

Acervo: Sociedade Musical Amor à Arte, Florianópolis, SC.

The image shows a page of musical notation for the 1st Flugelhorn part of the piece "Viva Mãe de Deus e nossa". The score is written in 4/4 time with a tempo marking of quarter note = 80. It consists of eight staves of music. The first staff starts with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 4/4 time signature. The tempo is marked as quarter note = 80. The first staff begins with a dynamic marking of *f* (forte) and ends with *mf* (mezzo-forte). The second staff starts with a repeat sign and a dynamic marking of *f*. The third staff starts with a dynamic marking of *f*. The fourth staff starts with a dynamic marking of *f*. The fifth staff starts with a dynamic marking of *mf*. The sixth staff starts with a dynamic marking of *f*. The seventh staff starts with a dynamic marking of *f*. The eighth staff starts with a dynamic marking of *mf* and includes first and second endings. The score is published by Sociedade Musical "Amor a Arte" and adapted for band by Renato Silveira in Florianópolis, SC, on 07/07/2016.

•1º Flugelhorn  
♩ = 80

VIVA Mãe de Deus e nossa

*f* *mf*

6 10 14 20 25 30 35

*f* *mf* *f* *mf*

1. 2.


Sociedade Musical "Amor a Arte"  
Adap. p/ Banda-Arr.-Cópia: Renato Silveira  
Florianópolis-S.C., 07/07/2016.



## Apêndice 8: Catálogo de artefatos


*O presente catálogo de artefatos é resultado de levantamento realizado sobretudo junto à Capela do Menino Deus, em algumas das dependências do Hospital de Caridade e no Museu Sacro instalado naquela área. Cabe agradecer a funcionários e funcionárias que ao longo de algumas manhãs e tardes se dispuseram a abrir armários e gavetas e a vasculhar salas e porões. Foram fotografados e brevemente descritos os artefatos que para isso se encontravam disponíveis no momento da pesquisa, entre outubro de 2017 e abril de 2018. Entende-se que este catálogo de artefatos poderá ser paulatinamente ampliado e aperfeiçoado, de modo a contribuir para mais bem compreender as dimensões materiais da Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis, SC, podendo ainda subsidiar ações de caráter educativo associadas a essa celebração.*

## Acervo: Irmandade do Senhor Jesus dos Passos

Rua Menino Deus, 376, Centro, Florianópolis, SC, CEP 88020-210.

<b>Denominação usual do artefato: ANDOR</b>	
<b>Vínculo com a devoção:</b> Plataforma que porta a imagem do Senhor dos Passos, na Transladação das Imagens e na Procissão do Encontro.	
<b>Descrição do artefato:</b> Feito de madeira, o andor tem várias de suas partes sujeitas a encaixes com outras peças.	
	
(parte inferior)	(parte superior)
<b>Responsável pelo preenchimento da ficha:</b> Diogo César da Rocha (08/11/2017).	
<b>Responsável pela captação das imagens:</b> Gabriel Ferreira Albino (08/11/2017)	
<b>Revisão:</b> Janice Gonçalves.	


<b>Denominação usual do artefato: BALANDRAU DO PROVIDOR</b>	
<b>Outras denominações:</b> Opa do provedor.	
<b>Vínculo com a devoção:</b> O balandrau é usado pelo provedor da Irmandade em ocasiões solenes, o que inclui a Procissão do Senhor dos Passos.	
<b>Descrição do artefato:</b> Em cetim roxo, com insígnia (cruz estilizada). Confeccionado pelo setor de lavanderia e costura do Hospital de Caridade. Peça recente.	
	
<b>Responsável pelo preenchimento da ficha e captação das imagens:</b> Gabriel Ferreira Albino (26/10/2017)	
<b>Revisão:</b> Janice Gonçalves.	


<b>Denominação usual do artefato: CAJADO DO PROVIDOR</b>
<b>Vínculo com a devoção:</b> Usado e carregado pelo provedor da Irmandade, durante a Procissão do Senhor dos Passos; símbolo de liderança e pastoreio.
<b>Descrição do artefato:</b> De metal. Na ponta do cajado há a identificação (também em metal), da Irmandade: “Irmandade do Senhor Jesus dos Passos”/“MDCC LXV”/“Florianópolis – SC – Brasil”. Na mesma placa de metal, que encima o cajado, pode-se ver a representação da cruz e dos demais elementos que se referem à Paixão de Cristo: além da cruz, três pregos (ou cravos), lança, coroa de espinhos, cana (ou caniço) com fel na ponta. Contém uma fita em cetim roxo, formando um laço.

<b>Responsável pelo preenchimento da ficha e captação das imagens:</b> Gabriel Ferreira Albino (26/10/2017)
<b>Revisão:</b> Janice Gonçalves.


<b>Denominação usual do artefato: CAMISA DO SENHOR DOS PASSOS</b>
<b>Vínculo com a devoção:</b> Veste a imagem sacra do Senhor dos Passos, que está abrigada na Capela do Menino Deus. A camisa é colocada sob o manto (ou túnica) da imagem.
<b>Descrição do artefato:</b> Há um conjunto de camisas. As camisas são na cor branca, de mangas longas e sempre com furos para encaixe do parafuso da cruz, na altura de um dos ombros. A gola geralmente é abotoada. As camisas podem ter enfeites, como babados e rendas.


<b>Responsável pelo preenchimento da ficha e captação das imagens:</b> Gabriel Ferreira Albino (31/10/2017)
<b>Revisão:</b> Janice Gonçalves.



<b>Denominação usual do artefato: CAMISOLA DE N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. DAS DORES</b>
<b>Vínculo com a devoção:</b> Veste a imagem sacra de Nossa Senhora das Dores, abrigada na Capela do Menino Deus, que guarda estreita relação com a imagem do Senhor dos Passos: ocupam as capelas laterais da Capela do Menino Deus, que ficam uma em frente à outra; as duas imagens são transladadas no sábado, durante a Procissão do Senhor dos Passos, se “encontram” no domingo e retornam à Capela do Menino Deus. A camisola é colocada sob o manto (ou vestido) da imagem.
<b>Descrição do artefato:</b> Há mais de uma camisola; as camisolas são na cor branca, geralmente de mangas longas. Podem ter enfeites, como rendas e babados.

<b>Responsável pelo preenchimento da ficha e captação das imagens:</b> Gabriel Ferreira Albino (31/10/2017)
<b>Revisão:</b> Janice Gonçalves.

<b>Denominação usual do artefato: CAPA</b>
<b>Outras denominações:</b> Capa de acompanhante.
<b>Vínculo com a devoção:</b> Na Procissão do Senhor dos Passos, é usada pelos acompanhantes oficiais do préstito, que carregam as lanternas e o crucifixo. Estes acompanhantes não são necessariamente vinculados à Irmandade do Senhor Jesus dos Passos.
<b>Descrição do artefato:</b> em cetim roxo. Contém uma identificação bordada do Hospital de Caridade. No momento de realização da pesquisa, existiam 18 capas do mesmo tipo.

<b>Responsável pelo preenchimento da ficha e captação das imagens:</b> Gabriel Ferreira Albino (26/10/2017)
<b>Revisão:</b> Janice Gonçalves.

<b>Denominação usual do artefato: CORNETA</b>
<b>Outras denominações:</b> Buzina, trombeta.
<b>Vínculo com a devoção:</b> era utilizada na Procissão do Senhor dos Passos (a procissão de domingo) por uma figura chamada “arauto” (ou buzina, corneta, trombeta, farricoco), que anunciava as paradas ou “passos”.
<b>Descrição do artefato:</b> De metal, apresenta uma empunhadura em seu corpo. As informações da vitrina indicam as dimensões: 77x16x16 cm.

<b>Observação:</b> a peça integra o acervo do Museu Sacro, situado no complexo do Hospital de Caridade.
<b>Responsável pelo preenchimento da ficha:</b> Diogo César da Rocha (08/11/2017).
<b>Responsável pela captação das imagens:</b> Gabriel Ferreira Albino (08/11/2017)
<b>Revisão:</b> Janice Gonçalves.

<b>Denominação usual do artefato: CRUZ PROCESSIONAL</b>
<b>Outras denominações:</b> Crucifixo.
<b>Vínculo com a devoção:</b> A cruz é levada nos cortejos processionais (abrindo, por exemplo, a Procissão do Carregador).
<b>Descrição do artefato:</b> De metal, banhada em prata, com ornamentos que figuram frutos, folhas e flores.

<b>Responsável pelo preenchimento da ficha e captação das imagens:</b> Gabriel Ferreira Albino (26/10/2017)
<b>Revisão:</b> Janice Gonçalves.

<b>Denominação usual do artefato: ESCADINHA DA VERÔNICA</b>
<b>Vínculo com a devoção:</b> Usada pela personagem Verônica ao entoar seu canto ( <i>O vos omnes</i> ) e desenrolar o sudário com a efigie de Cristo, nos pontos de parada da Procissão do Senhor dos Passos, no domingo.
<b>Descrição do artefato:</b> De madeira, pintada de roxo e com alguns detalhes em dourado. O quarto (e último degrau) tem uma proteção ou encosto; é no alto dele que canta a Verônica.

<b>Responsável pelo preenchimento da ficha:</b> Diogo César da Rocha (08/11/2017).
<b>Responsável pela captação das imagens:</b> Gabriel Ferreira Albino (08/11/2017)
<b>Revisão:</b> Janice Gonçalves.

<b>Denominação usual do artefato: ESTANDARTE DA IRMANDADE</b>
<b>Vínculo com a devoção:</b> Símbolo da Irmandade, é conduzido em procissão.
<b>Descrição do artefato:</b> A parte de tecido é em cetim roxo com ornamentos dourados; a armação é de madeira. Esta peça, especificamente, foi feita em 2008.

<b>Responsável pelo preenchimento da ficha e captação das imagens:</b> Gabriel Ferreira Albino (26/10/2017)
<b>Revisão:</b> Janice Gonçalves.

<b>Denominação usual do artefato: EX-VOTOS</b>
<b>Outras denominações:</b> Placas de agradecimento de graças alcançadas.
<b>Vínculo com a devoção:</b> O termo costuma designar artefatos que representam graças alcançadas e ao mesmo tempo manifestam o agradecimento de quem as recebeu. A Irmandade não dispõe, atualmente, de um acervo de <i>ex-votos</i> , inclusive porque instituiu, em 2002, um registro, em livro, das graças alcançadas e dos pedidos de graças. Contudo, algumas placas são pontualmente deixadas sobre o altar do Senhor dos Passos, como as que puderam ser fotografadas na ocasião da pesquisa.
<b>Descrição do artefato:</b> De mármore (a maioria), de madeira ou de metal.

<b>Responsável pelo preenchimento da ficha e captação das imagens:</b> Gabriel Ferreira Albino (13/12/2017)
<b>Revisão:</b> Janice Gonçalves.

**Denominação usual do artefato: IMAGEM DO SENHOR DOS PASSOS**

**Vínculo com a devoção:** A imagem do Senhor dos Passos ocupa o centro da devoção.

**Descrição do artefato:** Trata-se de escultura em madeira, policromada, medindo 1,37m, à qual está acoplada uma cruz de 1,88m. Vestida (camisa e manto), possui cabeleira e, sobre ela, é ajustado um resplendor metálico.



**Observação:** A imagem chegou à capital de Santa Catarina em 1764. Na foto, vê-se o retábulo que compõe uma das capelas laterais da Capela do Menino Deus, preparado para abrigar a imagem do Senhor dos Passos; na parte central inferior foi instalada a imagem do Senhor Morto. As portas nas laterais do retábulo dão acesso a uma escada que contorna a parte posterior do retábulo e permite tocar o pé esquerdo da imagem, bem como ver o conjunto mais de perto, por um vidro.

**Responsável pelo preenchimento da ficha e captação das imagens:**  
Janice Gonçalves.

**Denominação usual do artefato: IMAGEM DE NOSSA SENHORA DAS DORES**

**Vínculo com a devoção:** A imagem de Nossa Senhora das Dores tem um importante papel complementar, na devoção, bem como na Procissão do Senhor dos Passos; ambas as imagens (do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores) são alvos dos cuidados da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e dos devotos em geral, embora em grau menor no caso da imagem de Nossa Senhora das Dores.

**Descrição do artefato:** Trata-se de imagem esculpida em madeira, policromada, datada do século XVIII; de roca, foi adquirida pela Irmandade por doação de dois irmãos, em 1783. Na Procissão do Senhor dos Passos, a imagem é carregada com um punhal cravado em seu coração. Apresenta-se com vestido, sobre camisola, e com um véu. Uma auréola metálica é justaposta ao véu, junto à cabeça.



**Observação:** Ocupa a capela lateral defronte à do Senhor dos Passos, na Capela do Menino Deus.

**Responsável pelo preenchimento da ficha e captação das imagens:**  
Janice Gonçalves.

<b>Denominação usual do artefato: LANTERNA</b>
<b>Vínculo com a devoção:</b> Utilizada nos cortejos da Procissão do Senhor dos Passos.
<b>Descrição do artefato:</b> Mais de uma lanterna de metal é utilizada na Procissão. Há duas no modelo das fotos, sendo que cada uma é adornada com signos católicos (cruz, anjos); ambas têm, no seu interior, lugar para a vela.

<b>Responsável pelo preenchimento da ficha e captação das imagens:</b> Gabriel Ferreira Albino (26/10/2017)
<b>Revisão:</b> Janice Gonçalves.

<b>Denominação usual do artefato: MANTO DO SENHOR DOS PASSOS</b>
<b>Outras denominações:</b> Túnica do Senhor dos Passos.
<b>Vínculo com a devoção:</b> A imagem está sempre com o seu manto, mas ele é substituído a cada Procissão anual; é sempre colocado sobre uma camisola. Na Paixão de Cristo, umas das humilhações a que foi submetido envolveu cobri-lo com um manto púrpura para fazê-lo parecido a um rei, já que supostamente seria o “rei dos judeus”.
<b>Descrição do artefato:</b> A Irmandade dispõe de mais de um manto, inclusive porque são feitas doações periódicas, em cumprimento de promessas. Geralmente o manto é confeccionado nas cores que compõem o leque do púrpura (roxo, lilás, violeta), com ornamentos dourados, quase sempre bordados. Abaixo são mostrados três mantos.




**Responsável pelo preenchimento da ficha:** Diogo César da Rocha (31/10/2017).

**Responsável pela captação das imagens:** Gabriel Ferreira Albino (31/10/2017)

**Revisão:** Janice Gonçalves.

**Denominação usual do artefato:** PÚLPITO

**Vínculo com a devoção:** Utilizado na Procissão do Senhor dos Passos, para o Sermão do Encontro.

**Descrição do artefato:** De madeira, pintado na cor roxa com detalhes dourados.



**Responsável pelo preenchimento da ficha:** Diogo César da Rocha (08/11/2017).

**Responsável pela captação das imagens:** Gabriel Ferreira Albino (08/11/2017)

**Revisão:** Janice Gonçalves.

**Denominação usual do artefato:** SUPORTE PARA O ANDOR

**Vínculo com a devoção:** Utilizado nos vários momentos em que a imagem do Senhor dos Passos está fora do seu altar mas não está em movimento, na procissão (por exemplo: Lavação da Imagem, Missa prévia à Transladação, chegada da imagem à Catedral).

**Descrição do artefato:** Móvel de madeira com tampo preparado para ser encaixado no andor, de modo a deixar a imagem segura. Pintado na cor roxa, com detalhes em dourado.





<b>Responsável pelo preenchimento da ficha:</b> Diogo César da Rocha (08/11/2017).
<b>Responsável pela captação das imagens:</b> Gabriel Ferreira Albino (08/11/2017)
<b>Revisão:</b> Janice Gonçalves.

**Denominação usual do artefato:** URNA

**Outras denominações:** Cofre.

**Vínculo com a devoção:** Usado para depósito das ofertas que os devotos oferecem ao Senhor dos Passos e à Nossa Senhora das Dores.

**Descrição do artefato:** A urna é de madeira, pintada de roxo com elementos dourados (entre eles, uma cruz). No momento da pesquisa, a Irmandade dispunha de sete urnas.



<b>Responsável pelo preenchimento da ficha:</b> Diogo César da Rocha (08/11/2017).
<b>Responsável pela captação das imagens:</b> Gabriel Ferreira Albino (08/11/2017)
<b>Revisão:</b> Janice Gonçalves.

<b>Denominação usual do artefato: PORTA-TOCHA</b>
<b>Outras denominações:</b> Tocheiro.
<b>Vínculo com a devoção:</b> Os suportes protetores são utilizados pelos irmãos da Irmandade, na Procissão do Senhor dos Passos (no sábado e no domingo), pois são eles que carregam as tochas (velas de grande extensão). Para que as tochas possam ser guardadas e/ou distribuídas mais comodamente, existem suportes para várias delas, simultaneamente (tocheiros ou porta-tochas).
<b>Descrição do artefato:</b> Os suportes pequenos, para as tochas, são de metal; os porta-tochas maiores, para muitas tochas ao mesmo tempo, são de madeira.
  
<b>Observação:</b> As tochas são feitas aos milhares, artesanalmente, pelo Sr. Maurino Aristides da Silva , o Sr. “Branco”.
<b>Responsável pelo preenchimento da ficha:</b> Diogo César da Rocha (08/11/2017).
<b>Responsável pela captação das imagens:</b> Gabriel Ferreira Albino (08/11/2017)
<b>Revisão:</b> Janice Gonçalves.

<b>Denominação usual do artefato: VESTIDO DE NOSSA SENHORA DAS DORES</b>
<b>Vínculo com a devoção:</b> Muitos devotos do Senhor dos Passos são também devotos de Nossa Senhora das Dores; as duas imagens compartilham o mesmo corredor (um altar fica em frente ao outro) e ambas participam dos cortejos processionais de sábado e domingo, na Procissão do Senhor dos Passos.
<b>Descrição do artefato:</b> Veste colocada sobre a imagem, trocada duas vezes ao ano. Há mais de um vestido da imagem de Nossa Senhora das Dores, mas os vestidos usados na época da Procissão do Senhor dos Passos são em tons de roxo ou lilás. Abaixo, seguem registros fotográficos de dois deles.

<b>Responsável pelo preenchimento da ficha:</b> Diogo César da Rocha (31/10/2017).
<b>Responsável pela captação das imagens:</b> Gabriel Ferreira Albino (31/10/2017)
<b>Revisão:</b> Janice Gonçalves.

<b>Denominação usual do artefato: VÉU DE NOSSA SENHORA DAS DORES</b>
<b>Vínculo com a devoção:</b> Muitos devotos do Senhor dos Passos são também devotos de Nossa Senhora das Dores; as duas imagens compartilham o mesmo corredor (um altar fica em frente ao outro) e ambas participam dos cortejos processionais de sábado e domingo, na Procissão do Senhor dos Passos.
<b>Descrição do artefato:</b> O véu é um complemento indispensável da vestimenta de Nossa Senhora das Dores. Para essa imagem, há vários, mas, à época da Procissão do Senhor dos Passos, dá-se preferência para aqueles nos tons de roxo ou violeta.



**Responsável pelo preenchimento da ficha:** Diogo César da Rocha (31/10/2017).

**Responsável pela captação das imagens:** Gabriel Ferreira Albino (31/10/2017)

**Revisão:** Janice Gonçalves.

## Acervo: Arquivo pessoal de Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, SC. E-mail de contato: mariatsc@gmail.com

<b>Denominação usual do artefato: FLÂMULA COMEMORATIVA</b>
<b>Vínculo com a devoção:</b> A flâmula foi preparada no contexto das comemorações do Bicentenário da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, em 1965.
<b>Descrição do artefato:</b> Em cetim roxo com impressão <i>silk-screen</i> de dizeres alusivos ao bicentenário, com destaque para a imagem do Senhor dos Passos e o complexo do Hospital de Caridade. Um cordão vermelho indica que ela deveria ser pendurada, contribuindo para estimular a lembrança da data comemorativa. Dimensões: 24,5 x 15 cm.
<b>Observação:</b> A flâmula foi ofertada a irmãos e irmãs da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, em 1965. Os pais de Maria Teresa Santos Cunha pertenciam à Irmandade. O artefato compõe os guardados do pai de Maria Teresa, o jornalista Waldyr de Oliveira Santos, falecido em 1978. Maria Teresa Santos Cunha é a guardiã desse acervo.
<b>Responsável pelo preenchimento da ficha:</b> Janice Gonçalves (09/04/2018).
<b>Responsável pela captação das imagens:</b> Janice Gonçalves (09/04/2018).

Acervo: Museu de Arqueologia e Etnologia (MARquE) /

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Campus Universitário, Trindade, Florianópolis, SC, CEP 88036-020.

<b>Denominação usual do artefato:</b> <b>CONJUNTOS ESCULTÓRICOS DE FRANKLIN CASCAES</b>
<b>Vínculo com a devoção:</b> No acervo do MARquE há dois conjuntos escultóricos de autoria de Franklin Cascaes diretamente relacionados à devoção ao Senhor dos Passos: o conjunto “A Procissão do Nosso Senhor dos Passos” e o conjunto “A Procissão da Mudança”.
<b>Descrição do artefato:</b> O conjunto escultórico “A Procissão do Nosso Senhor dos Passos” é formado por 206 peças, esculpidas entre 1964 e 1975. As peças maiores, representando pessoas, geralmente medem entre 36 e 38 cm e são feitas em argila policromada; há um grupo complementar de outras pequenas peças, geralmente em madeira, metal e/ou tecido, que compõem o que poderiam ser considerados os adereços das esculturas: guião, cruz, escadinha da Verônica, cruz, lanternas, tochas. As esculturas representam as próprias imagens sacras (Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores), os irmãos da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, autoridades eclesiásticas, a Verônica e as beús, bem como os devotos (entre eles, promesseiros carregando pedras na cabeça ou cruz). Cascaes também representa algumas pessoas em especial, que fez questão de nomear (Ivo Bode, Heitor Farias, Monsenhor Hobold, Dom Joaquim Domingues de Oliveira, Padre Bauer, Ildefonso Juvenal, entre outros). O conjunto escultórico “A Procissão da Mudança” é composto por 105 peças, compostas entre 1960 e 1964. De forma similar ao outro conjunto, as peças de maior dimensão representam pessoas, mas são complementadas por uma profusão de pequenas peças, confeccionadas em outros materiais (tecido, madeira, metal), e que representam as alfaías transportadas (cofres, baús, oratórios, tocheiros, almofadas, vassouras, entre outros objetos).
<b>Observações:</b> - No processo de pesquisa, não foi permitido acesso direto às esculturas que, portanto, não foram fotografadas. Por outro lado, as fichas individuais (de inventário) das esculturas em questão podem ser consultadas <i>online</i> , no sítio eletrônico do Museu: < <a href="http://notes.ufsc.br/aplic/MUSEU.NSF/Elisabeth%20Pavan%20Cascaes?OpenView&amp;Start=1.2">http://notes.ufsc.br/aplic/MUSEU.NSF/Elisabeth%20Pavan%20Cascaes?OpenView&amp;Start=1.2</a> >. - Há ainda dois outros conjuntos escultóricos de Cascaes que tematizam a Paixão de Cristo ou procissões a ela relacionadas: “O Calvário”, com 8 peças; “A Procissão de Nosso Senhor Morto”, com 91 peças, e que reúne esculturas em geral datadas de 1975. Associado à história da Irmandade e da Capela do Menino Deus, cabe acrescentar o pequeno conjunto, formado por 10 peças, relativo à “Beata Joana de Gusmão” (esculturas elaboradas em 1964).
<b>Responsável pelo preenchimento da ficha:</b> Janice Gonçalves (14/04/2018).

## Apêndice 9: Catálogo de imagens fotográficas

O catálogo de imagens fotográficas que compõe este apêndice foi elaborado a partir da documentação pertinente reunida na segunda fase da pesquisa para instrução do pedido de registro, em nível federal, da Procissão do Senhor dos Passos (basicamente, entre 2012 e 2014), com algumas complementações relativas à terceira fase (2017-2018). As imagens dizem respeito, principalmente, aos vários momentos do sistema ritual da Procissão do Senhor dos Passos, e dividem-se em dois grandes grupos:

a) Imagens fotográficas obtidas junto a repositórios documentais, relativos à cidade de Florianópolis (documentação fotográfica da Casa da Memória) ou à Irmandade do Senhor Jesus dos Passos (documentação fotográfica do arquivo da Irmandade, acessível por meio do Centro de Memória Prof. Henrique da Silva Fontes), cobrindo, com muitas lacunas, o período que se estende das décadas de 1920 a 1990;

b) imagens captadas diretamente, por meio de observação participante, entre 2012 e 2018, quer por técnicos do Iphan (Monica Arnt, Regina Santiago), quer por fotógrafos em colaboração com o Iphan (Carlos Goulart, Eduardo Arend, Jacira Padilha, Jaison James Silva, Juvita Santos, Mara Freire, Merly Costa, Sílvia Wagner), quer ainda pela equipe da terceira fase da pesquisa (em especial, pela Volo Filmes & Fotografia, tendo sido feita também a cessão de uso de fotografias de Fernanda Schröter Freitas, relativas ao ano de 2017).

Dado o grande número de imagens fotográficas envolvidas (cerca de 4 mil), seu alto grau de redundância (fotos idênticas ou sequências de fotos muito similares) bem como o não cumprimento, para parte delas, das exigências técnicas mínimas feitas pelo próprio Iphan para as imagens captadas e sua identificação, foi necessário realizar uma seleção de todo esse material, para que resultasse no catálogo.

Mesmo selecionadas, porém, as imagens restantes continuaram a envolver um grande volume de informações, característica que, juntamente com a necessidade de garantir a sua utilização de forma cotidiana e prática, tornou recomendável produzir o catálogo no formato de planilha eletrônica, disponibilizando-o em meio digital. Tal

planilha eletrônica realiza a identificação de cada imagem, conforme os seguintes campos:

. *Tema*: de forma geral, “Procissão do Senhor dos Passos”, podendo ser alterado conforme a imagem, em especial quando são registros de certos locais (por exemplo: Capela do Menino Deus, Hospital de Caridade) em momentos em que a procissão não estava ocorrendo;

. *Subtema*: considerado o tema “Procissão do Senhor dos Passos, surgiram subtemas como “Lavação da imagem”, “Transladação”, “Procissão do Encontro” etc;

. *Classificação*: código adotado para cada imagem, no catálogo. Esse código é composto por letras que identificam o bem cultural (PSP = Procissão do Senhor dos Passos), o acervo (CM = Casa da Memória) e o número da imagem fotográfica naquele conjunto, adotando-se quatro dígitos (0001, 0010, 0301 etc.).

. *Autor*: identificado com facilidade nas fotos captadas recentemente, diferentemente do que ocorreu em relação aos acervos institucionais consultados (não havendo identificação, registrou-se, no catálogo, “sem identificação”);

. *Local*: apenas indicação de cidade e unidade da federação (Florianópolis, SC), sendo que informações mais precisas e detalhadas constam, quando possível, no campo específicos de descrição;

. *Data*: foi registrado o ano ou, não havendo identificação, “sem data” (datas precisas, com dia, mês e ano, foram registradas quando havia indicação completa);

. *Tipo de imagem*: indicação de que se trata de imagem fotográfica (foto), com complemento de informação quanto a ser colorida ou preto e branco (Foto cor, Foto p&b);

. *Formato*: tipo de arquivo digital de imagem (JPG, TIF, PNG);

. *Tamanho*: número de pixels de largura por altura (exemplo: 800x900);

. *Descrição*: breve (preferencialmente uma frase), feita apenas de forma complementar, levando-se em conta o que já foi assinalado no tema e no subtema;

. *Acervo*: campo preenchido com dados do acervo de origem (se acervo institucional ou pessoal);

. *Cessão/autorização de uso*: indicação, caso já exista ou ainda deva ser obtida;

. *Localização no acervo*: campo preenchido apenas no caso dos acervos institucionais (Casa da Memória e arquivo da Irmandade do Senhor dos Passos);

. *Codificação no acervo*: idem item anterior;



- . *Identificação no acervo*: idem item anterior;
- . *Data da pesquisa no acervo*: idem item anterior;
- . *Responsáveis*: identificação de quem se incumbiu do levantamento do acervo (no caso da documentação fotográfica da Casa da Memória ou do arquivo da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos) ou ficou responsável pela identificação das imagens, na planilha, conforme o caso.

Todas as imagens fotográficas selecionadas receberam a classificação adotada no catálogo e poderão ser facilmente localizadas conforme variados tipos de busca, desde que esses estejam vinculados aos campos do catálogo. Saliente-se que, no caso de efetivação de registro do bem cultural em questão (a Procissão do Senhor dos Passos em Florianópolis), a planilha poderá ser facilmente realimentada e atualizada, considerada a necessidade de reavaliação periódica de bens culturais registrados.